SET

CINE

EDITORA AZUL

56330001 – Ed. 40 – Ano IV – Nº 10 – Cr$ 320,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

HARRISON FORD

UMA CONVERSA COM O ASTRO DE *ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA*

JULIA ROBERTS

A LINDA MULHER ALCANÇA O ESTRELATO

VÍDEO

A FOX CHEGA AO BRASIL
+ 40 LANÇAMENTOS DO MÊS

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnolo

DIGITAL
MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO
À venda na Zona Franca de Manaus

RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA

SÃO PAULO: ELECTRONICA PAL'M - Rua do Sumidouro, 305 - Pinheiros
CEP 04528 - Fone (011) 813-6300
RIO DE JANEIRO: VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA - Rua Olegário Maciel, 460 - Loja Barra - CEP 22600 - Fone (021) 399-1171
VIDEO MATIC LTDA - Rua General Polidoro, 177 - Loja D - CEP 22280
Fone (021) 295-3849
LONDRINA: ELECTRONICA HIGHTEC LTDA - Av. Higienópolis, 2002 - Loja 06
CEP 86015 - Fone (0432) 23-1813
BELÉM: VIDEO CHECK LTDA - Travessa 14 de Abril, 1674 - CEP 66030
Fone (091) 229-2761
BRASÍLIA: VIDEOTEC LTDA - SCRN 704/5 - Bloco H - Loja 9 - CEP 70730
Fone (061) 274-9085
MANAUS: VIDEOTRON - Rua Mundurucus, 114 - Centro - CEP 69003
Fone (092) 233-2633

Digital Audio & Video
AIWA®

iferença Digital

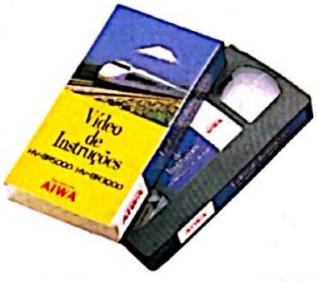
gia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)



Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

007 À BEIRA DA APOSENTADORIA

O próximo filme de James Bond, *The Property of a Lady*, deverá ser o último com **Timothy Dalton** no papel do herói. O ator inglês — que já foi 007 em *Marcado para a Morte* e *Licença para Matar* — tem contrato assinado para protagonizar três filmes da série e declarou que não pretende renová-lo.

UA

OBSESSÃO CHINESA

Bernardo Bertolucci continua obcecado pela China. Três anos depois de *O Último Imperador*, ele prepara agora uma adaptação do romance de André Malraux *A Condição Humana*, que trata da greve geral que agitou Shangai em 1928. O último rebento de Bertolucci, *The Sheltering Sky* (também conhecido como *A Tea in the Sahar*), já está pronto e deve estrear em breve na Europa e nos EUA.

"Eu queria interpretar Hamlet. Você sabe, com Shakespeare você usa aquelas roupas colantes, e todo mundo fica sabendo de que religião você é."

Robin Williams

SELECIONADOS PARA MATAR

Vem aí *Killer Tomatoes Strike Back*, a continuação dos aloprados *O Ataque dos Tomates Assassinos* e *A Vingança dos Tomates Assassinos*. Dirigido pelo mesmo John DeBello e estrelado pelo mesmo John Astin no papel do terrível Dr. Gangrene, o novo exemplar é uma avacalhação tão grande ou maior que seus predecessores: o Dr. Gangrene torna-se apresentador de TV com o intuito de "lavar o cérebro" do mundo inteiro. O mais interessante é que, quando ele substitui os comentaristas de telejornal por chimpanzés, o público não nota diferença nenhuma.

Warner

Evita Perón envergará o decote de Madonna

EVITA E MARILYN REENCARNAM EM GAROTA MATERIALISTA

Depois de sua aplaudida atuação em *Dick Tracy*, **Madonna** volta a ser cogitada pela Disney para estrelar a superprodução *Evita*. Oliver Stone, que deveria dirigir o filme com Meryl Streep no papel central, desistiu definitivamente do projeto. Outro plano audacioso de Madonna, segundo a revista francesa *Starfix*, seria o de produzir e estrelar um *remake* da comédia de Billy Wilder *Quanto Mais Quente Melhor* (1958), no papel que foi de Marilyn Monroe.

DE NIRO E KURT RUSSELL VÃO APAGAR INCÊNDIOS

Robert De Niro e **Kurt Russell** são os astros de *Blackdraft*, a história de dois irmãos bombeiros que Ron Howard está rodando em Chicago. No elenco estão também William Baldwin, Jennifer Jason Leigh e Scott Glenn.

JACQUELINE SE METE COM TERRORISMO

Jacqueline Bisset e Andrew McCarthy serão os protagonistas de *The Year of the Gun*, que o velho e bom John Frankenheimer (de *Grand Prix* e *Sob o Domínio do Mal*) está rodando em Roma. O tema é quente: o grupo terrorista italiano Brigadas Vermelhas. Jacqueline e McCarthy já trabalharam juntos em *Uma Questão de Classe*, de 1983.

Ronaldo Kohn

Fotos Paramount

DUBLAGEM PARA COROAS

Filme dublado deixou de ser atração exclusiva da TV. A partir de uma pesquisa, revelando que 5% dos clientes de locadoras têm mais de 60 anos, a Alvorada Vídeo decidiu investir no filão até agora só explorado em fitas para crianças. "Por falta de hábito ou deficiência visual, as pessoas de mais idade preferem os filmes dublados", diz Omar Jundi, diretor da Alvorada, que lançará todos os seus títulos em duas versões — dublada e original —, procurando, assim, atrair o público da terceira idade às locadoras. O primeiro pacote da distribuidora inclui dois musicais consagrados de **Elvis Presley:** *Garotas, Garotas e Mais Garotas* (1962) e *Seresteiro de Acapulco* (1963).

A pélvis de Elvis fala idiomas universais. Sua voz, porém, será dublada

Stills

Liza, aos 44, vai rebolar sob a sacristia

AULAS DE DANÇA: TRATAR COM O VIGÁRIO

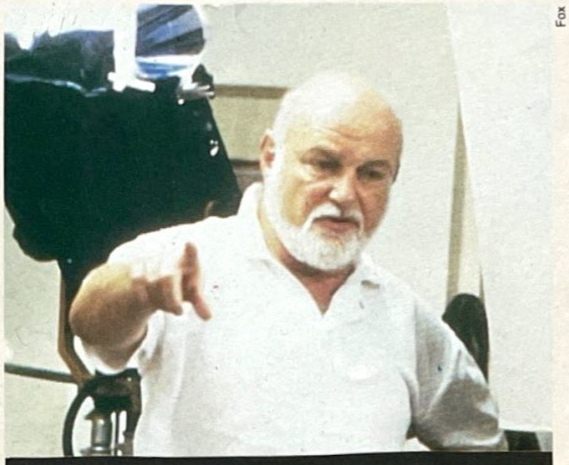
Liza Minnelli é uma professora de sapateado na comédia musical *Stepping Out*, que está sendo rodada no Canadá por Lewis Gilbert, o diretor de *Com 007 Só Se Vive Duas Vezes* e *O Despertar de Rita*. O interessante é que as aulas de dança são ministradas no porão de uma igreja.

Paramount

SEDUTOR DE MULHERES DE OLHO NA PROMOTORA

A bela **Sean Young** — que no ano passado andou às turras com o ex-namorado James Woods — é uma promotora de Justiça que se enfrenta com um sedutor de mulheres indefesas em *Love Crimes*, drama policial de Lizzie Borden. O conquistador é interpretado por Patrick Bergin (de *As Montanhas da Lua*). O ator não condena seu personagem por mentir às mulheres: "De que outro modo você pode levá-las para a cama?"

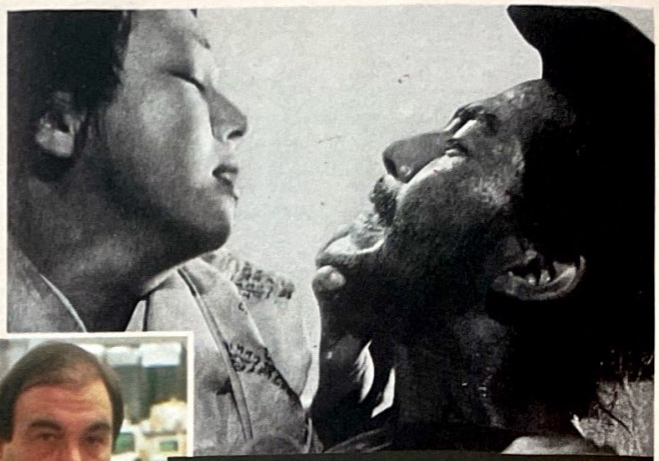
Ela tem 31 anos, é uma delícia, e só não estourou por amar demais

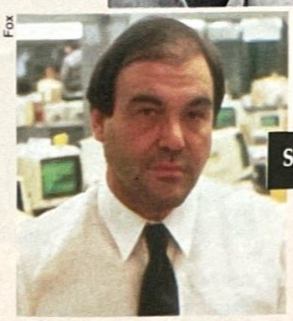

Fox

A câmera de Schlesinger contra o baixo-astral da doença

LIVE AND LET AIDS

O tarimbado **John Schlesinger,** realizador de obras marcantes, como *Perdidos na Noite*, *O Dia do Gafanhoto* e *Domingo Maldito*, vai enfrentar em seu próximo filme um tema polêmico: a Aids. O roteiro está sendo escrito pelo romancista David Leavitt, um ativo militante anti-Aids. Segundo Leavitt, não será um drama deprimente: "Será sobre pessoas *vivendo* com Aids e não *morrendo de Aids*".


Fox


Fox

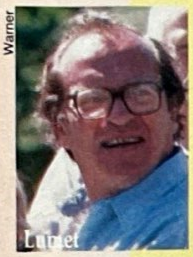
Stone e *Rashomon*, o original: agora numa usina

IMAGENS DO JAPÃO

Oliver Stone vai produzir uma refilmagem do clássico *Rashomon* (1950), primeiro sucesso internacional de Kurosawa. Dirigida pelo japonês Hiroaki Yoshida e estrelada por Jeff Fahey (de *Coração de Caçador*) e Bridget Fonda (de *Escândalo*), a nova versão será ambientada numa usina siderúrgica abandonada, no interior dos EUA. Yoshida, que trabalha para a TV japonesa, tem no currículo a elogiada fantasia de terror *Crepúsculo das Baratas*.

> "Eu odeio esses filmes com perseguições de carro e transeuntes inocentes sendo mortos enquanto o herói tenta capturar o viciado em drogas."
>
> **Jack Nicholson**

AGUARDE


Warner

Lumet

O francês **Jacques Deray** finaliza sua adaptação do romance *Netchaiev Está de Volta*, do espanhol **Jorge Semprun**. Nos papéis principais, **Vincent Lindon, Yves Montand** e **Miou-Miou.**

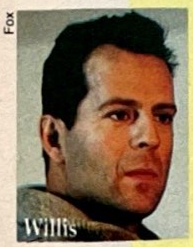
Sidney Lumet prepara-se para realizar *Prizzi's Family*, a continuação de *A Honra do Poderoso Prizzi*, dirigido por **John Huston** em 1985.

UIP

Donaldson

O ator **Forest Whitaker** *(Bird)* estréia na direção com *Re-Wash*, seqüência da comédia musical negra *Car Wash* (1976).

Roger Donaldson, diretor de *Sem Saída* e *Cadillac Man*, prepara uma cinebiografia do construtor de automóveis italiano **Enzo Ferrari.**


Fox

Willis

Duro de Matar 3 deverá ser estrelado ainda por **Bruce Willis** e ambientado desta vez no mar, segundo a produtora Silver Pictures.

Pyramide

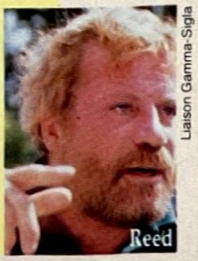
Miou-Miou

Oliver Reed, Anthony Perkins, Richard Bohringer e **Charles Aznavour** lideram o elenco de *The Antidote*, que está sendo dirigido por **Raffy Chart.**

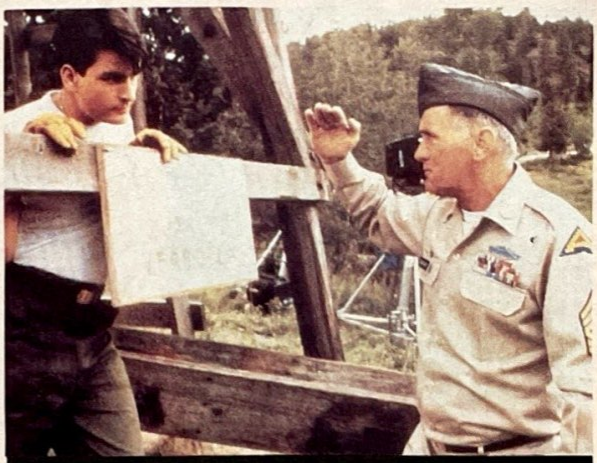
Warner

Whitaker

Jennifer Lynch, filha de 22 anos do cineasta **David Lynch,** vai estrear na direção com *Boxing Helena*, que ela define como "uma história de amor muito estranha, com várias obsessões". Tal pai...


Liaison Gamma-Sigla

Reed

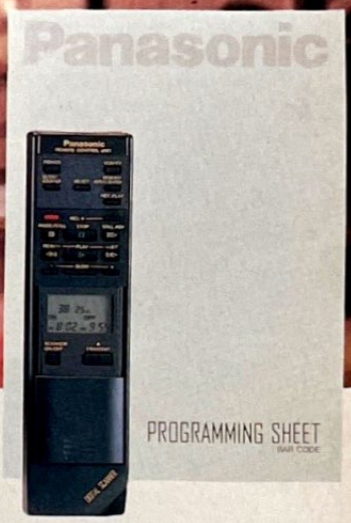


O pai Martin Sheen e o filho Charlie em duelo de caserna

A FAMÍLIA VAI À LUTA

Três anos depois de *Wall Street*, **Martin Sheen** contracena outra vez com seu filho **Chalie Sheen** em *Cadence*. O filme é dirigido pelo próprio Martin, que faz o papel de um sargento durão no comando de um campo militar. Charlie é o soldado preso por indisciplina que vive em guerra com o sargento.

CAPTE ESSA EMOÇÃO.



NV-J38BR

QUADRO-A-QUADRO, O VÍDEO PANASONIC J-38BR COM 4 SUPER-CABEÇAS NÃO DEIXA VOCÊ PERDER UM MOVIMENTO.

Com o original 4 cabeças Panasonic, você obtém clareza, cor e detalhes inigualáveis, mesmo quando o espetáculo é emocionante e tem movimentos rápidos. Até quando você usa slow e still.

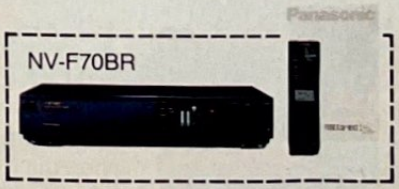
Seu conforto é ainda maior, graças ao famoso Controle Remoto/Digital Scanner-LCD Panasonic, que utiliza leitura em código de barras para

você operar e programar seu vídeo sem sair da poltrona.

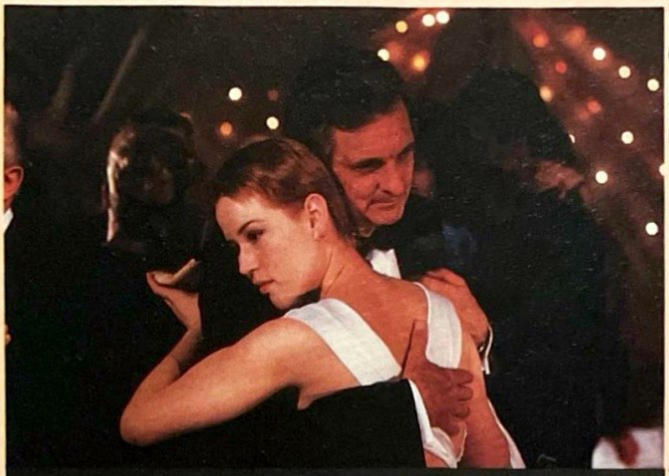
Para copiar o que você gravou. é só conectar a câmera diretamente no J-38

Panasonic J-38BR com 4 cabeças.
Para quem não quer perder um passo.

* E você ainda pode assistir fitas gravadas em Pal-Europeu.



Panasonic



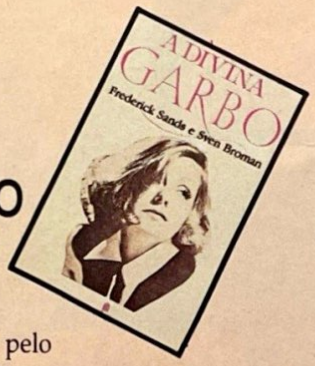
Touchstone Pictures

Alan Alda e la Ringwald: com a filha nos braços em *Betsy's Wedding*

UM PAI PARA PINK MOLLY

A garota rosa-choque **Molly Ringwald** está de volta em grande estilo. Além de contracenar com Peter Weller (a metade gente de *RoboCop)* no telefilme *Dusk Before Fireworks*, de Ken Russell, ela é a filhinha querida de Alan Alda em *Betsy's Wedding*, escrito e dirigido pelo próprio Alda.

BIOGRAFIA REVELA INTIMIDADE DE GARBO



Os fãs brasileiros de Greta Garbo terão prazer de ler que a estrela realmente teve seu coração dividido pelo amor de homens e mulheres (como a argumentista Mercedes de Acosta) e que dentro dela havia uma alma avarenta. *A Divina Garbo* (editora Nórdica, 200 págs), do jornalista Frederick Sands, traz à luz a vida íntima que Garbo guardou a sete chaves.

Um quê de Edgar em Rocky

POE COM CARA DE RAMBO

Sylvester Stallone deverá encarnar ninguém menos que o escritor americano Edgar Allan Poe, mestre da literatura fantástica e policial, num filme a ser dirigido pelo legendário realizador de *horror movies* Roger Corman. Antes disso, porém, o brutamontes vai estrelar *Oscar*, uma comédia dirigida pelo especialista John Landis. O filme acompanha um dia na vida de um azarado que organiza uma festa em que dá tudo errado.

SUBMISSÃO E REBELIÃO

por Luiz Nazário

Lutando para realizar suas concepções pessoais dentro das grades do realismo socialista, Sergei Eisenstein deixou uma obra singular, onde a arte e a propaganda se confundem.

Depois de seu primeiro filme, *A Greve* (1925), repleto de caricaturas violentas, Eisenstein realiza *O Encouraçado Potenkim* (1926), um triunfo estético e propagandístico, que o transforma no embaixador cinematográfico da URSS em todo o mundo. É com *Outubro* (1928), no entanto, que seus problemas começam. Do filme, são suprimidas todas as referências a Trotsky e outros revolucionários "caídos em desgraça". Em *A Linha Geral* (1926/1929), ele não pode mostrar o destino dos *kulaks*. Em 1930, convidado para fazer um filme em Hollywood, tem sua versão anticapitalista de *Uma Tragédia Americana* rejeitada. É contratado pelo escritor socialista Upton Sinclair para realizar um filme sobre o México. As dificuldades técnicas são imensas, as filmagens se arrastam e o contrato é rompido — com o material filmado serão feitas cinco versões diferentes de *Que Viva México!* (1931), incluindo aquela considerada definitiva, montada por Grigori Alexandrov.

Por não obedecer a Stalin, prorrogando sua estada no estrangeiro, Eisenstein não tem mais permissão para fazer filmes de sua escolha durante sete anos, só podendo lecionar. Oferecem-lhe, contudo, *O Prado de Bejin* (1936) mas, na metade do trabalho, a filmagem é interrompida. Depois de montado e remontado, o filme é criticado, proibido e, finalmente, destruído.

Após alguns anos na "geladeira", Eisenstein recebe outra incumbência: glorificar Stalin com *Alexandre Nevski* (1938), tarefa que leva a bom termo. Sua última missao foi mostrar *Ivã, o Terrível* (1944/1946) "sob uma luz positiva". Conseguiu essa proeza na primeira parte do filme. Na segunda parte, sua maravilhosa experiência com a cor, Eisenstein carrega nas tintas e a fita permanece proibida na URSS até dez anos depois de sua morte (1948).

Jorge Zahar Editor

Ser rebelde ou submisso, eis a questão para Sergei Eisenstein

FINALMENTE EM VÍDEO

ROBIN WILLIAMS

Alugue agora ou compre e tenha para sempre.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

UM FILME DE PETER WEIR

© Touchstone Pictures

Sociedade dos Poetas Mortos provocou em todos os países um forte impacto nas relações entre pais e filhos, e entre professores e alunos. Descubra você mesmo o quanto este maravilhoso filme poderá mudar a sua vida.
Este vídeo já está disponível em todas as locadoras e para adquiri-lo basta preencher o cupom abaixo:

TOUCHSTONE HOME VIDEO

abril video

Preço: **Apenas 85 BTNs**
FRETE GRÁTIS nas compras com cheque anexo

Atenção: Usar valor BTN "cheia" do dia da postagem.
Validade: 30.11.90

DISQUE PARA PEDIR
SP (011) 2601352 - RJ (021) 295 2089

Se preferir, envie o cupom ao lado para
Av. Ermano Marchetti, 1272 - Cep 05038
São Paulo - SP

SIM, desejo adquirir o vídeo Sociedade dos Poetas Mortos. Favor enviar ( ) fitas para o endereço abaixo:

☐ Cheque nominal à Distrivídeo - Distr. e Com. Ltda. **FRETE GRÁTIS** Valor em Cr$ _____
☐ Autorizo débito em meu cartão de crédito. (frete por minha conta)

Cartão _____ nº _____ Validade _____

Nome _____ CIC _____

Endereço _____ Cidade _____ Estado _____

CEP _____ Tel. _____ Data _____ Assinatura _____

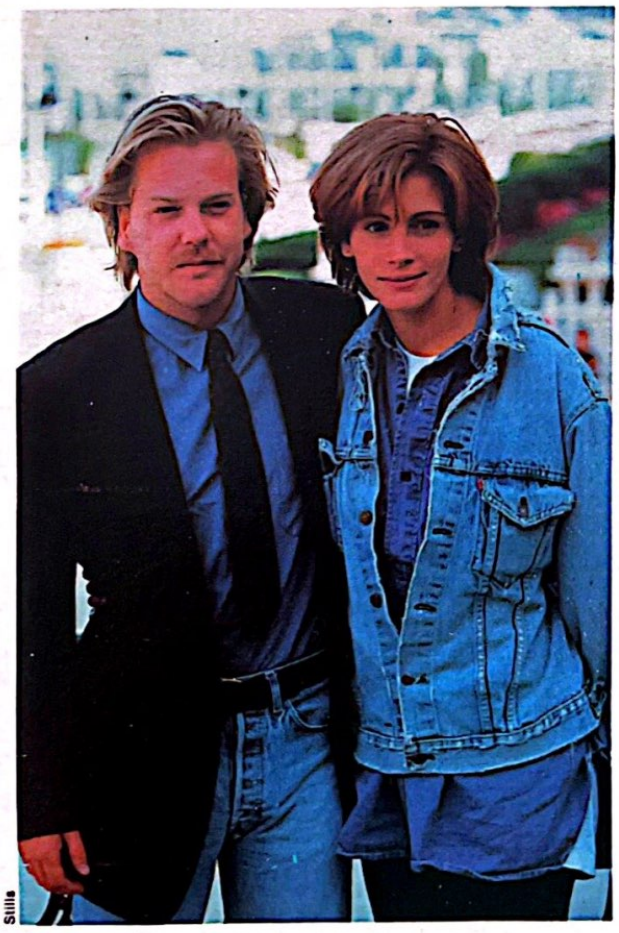
SET-40

CAMA DE GATA.

A Claudinha vem andando devagarzinho. Olha para a cama e vê o lençol Country Cat da Artex. Não resiste. Dá um salto e cai no macio. Aconchega-se confortavelmente no seu ninho. É mais uma noite gostosa na vida da gatinha.

ARTEX
Viver com Arte.

Greta Garbo amou de fato outra mulher? Tyrone Power foi namorado de Randolph Scott? Teria Bela Lugosi cometido suicídio por não conseguir mais papéis de Drácula? Qual a inspiração dos chifres no carrão de Tom Mix? Qual a cor do azulejo do banheiro de Meryl Streep? Astros e estrelas não têm direito à privacidade. Poucos estímulos são tão poderosos para excitar como aqueles que desvendam, ou fingem desvendar, as preferências mais secretas de seus ídolos. A esse respeito, Garbo não costumava falar. Nem rir. Quando podia, num filme ou não, pedia, lacônica: "I want to be alone". "To be or not to be, that is the question", arremataria Harrison Ford, que espumou com a reportagem da *Vanity Fair* que entregou ao grande público o endereço de seu doce lar. Não consta que Ford tenha perseguido repórteres a chicotadas, mas em 1960, Anita Ekberg chegou a ameaçar fotógrafos armada de arco e flecha. São aborrecimentos dessa ordem que aguardam a jovem Julia Roberts, cujo affair com Kiefer Sutherland tornou-se a fofoca da temporada. O rapaz abandonou a família por causa da moça. Vai entoar com os outros a conhecida lamúria implorando sossego. Ora, mas será que é sossego o que eles querem? Vá lá, a formidável Garbo insulou-se indevassável num apartamento novaiorquino. E não deu trelas a mais ninguém. A regra, no entanto, é outra: astros e estrelas não suportariam a condenação do anonimato. Esquecidos, depararíam com o vazio cruel a que fica reduzida a sua privacidade longe dos holofotes. Ela é feita em oposição ao burburinho, às fofocas, à publicidade de que se alimentam. Quanto mais secreta, mais a intimidade dos astros é objeto do domínio público. É uma peça essencial do showbusiness. Quanto mais devassada, mais ela é inútil à fama e à fortuna. A intimidade, na intimidade mesmo, é uma encenação grotesca. Tão grotesca que se tornaria tediosa se escancarada às grandes platéias.



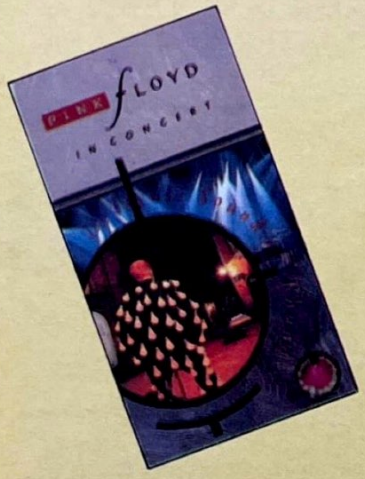
Stills

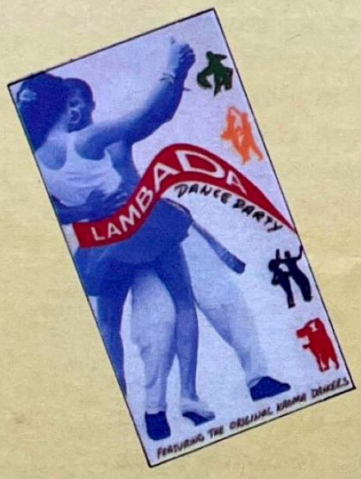
4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 MATÉRIA DE CAPA
Julia Roberts
22 VIDEO
LANÇAMENTOS
Fox no Brasil
Twin Peaks
30 OUTROS
LANÇAMENTOS
48 EM FILMAGEM
Afghan Breakdown
50 EM CARTAZ
Ata-me
52 OUTROS FILMES EM
CARTAZ
68 ENTREVISTA
Harrison Ford
74 SELEÇÃO DE VÍDEO
Filmes de Tribunal
78 MITO
Elizabeth Taylor
80 LIVROS
81 TRILHAS
82 EQUIPAMENTOS
Videocassete JVC
HR-SC1000
84 CARTAS
87 FILMOGRAFIAS
89 FILMOTECA
90 NOSTALGIA

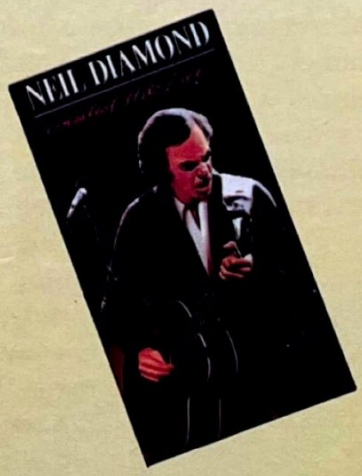
Na capa: Julia Roberts

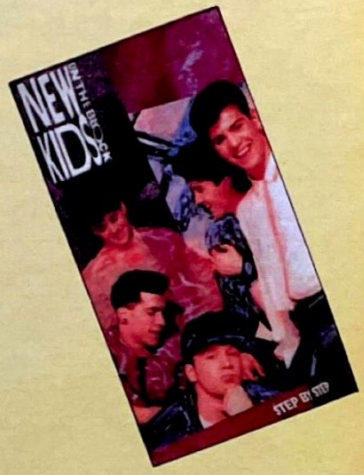
Foto de Capa: Stills

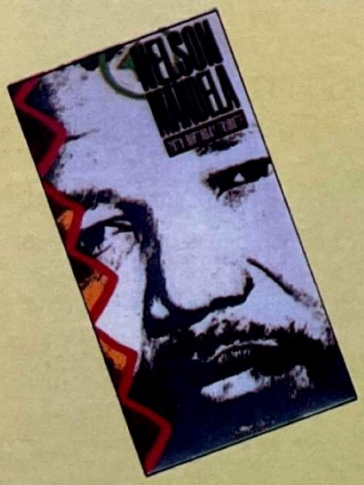
FINALMENTE A
A BARREIR

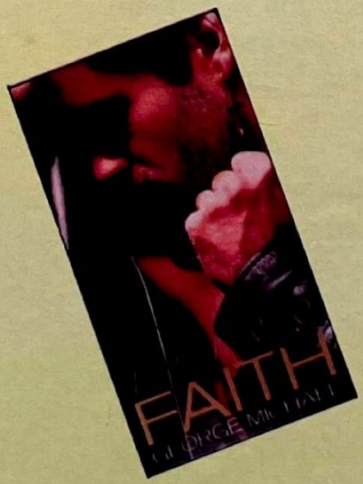


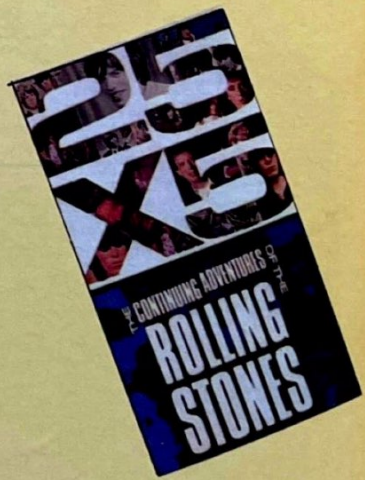








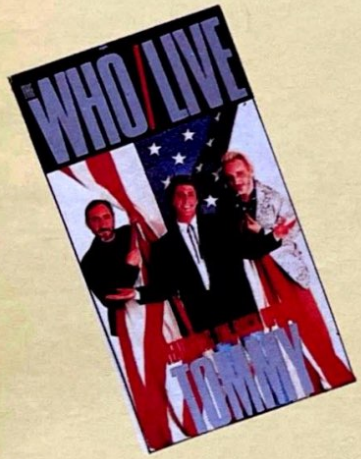




PHILCO - HITACHI

"Todos os vídeos musicais CBS são em Hi-Fi Stereo, o que promove um envolvimento com o som e com o realismo das imagens. Tudo isso fica ainda nos equipamentos de vídeo e TV Total Stereo Philco-Hitachi."

MÚSICA ROMPE A DO SOM



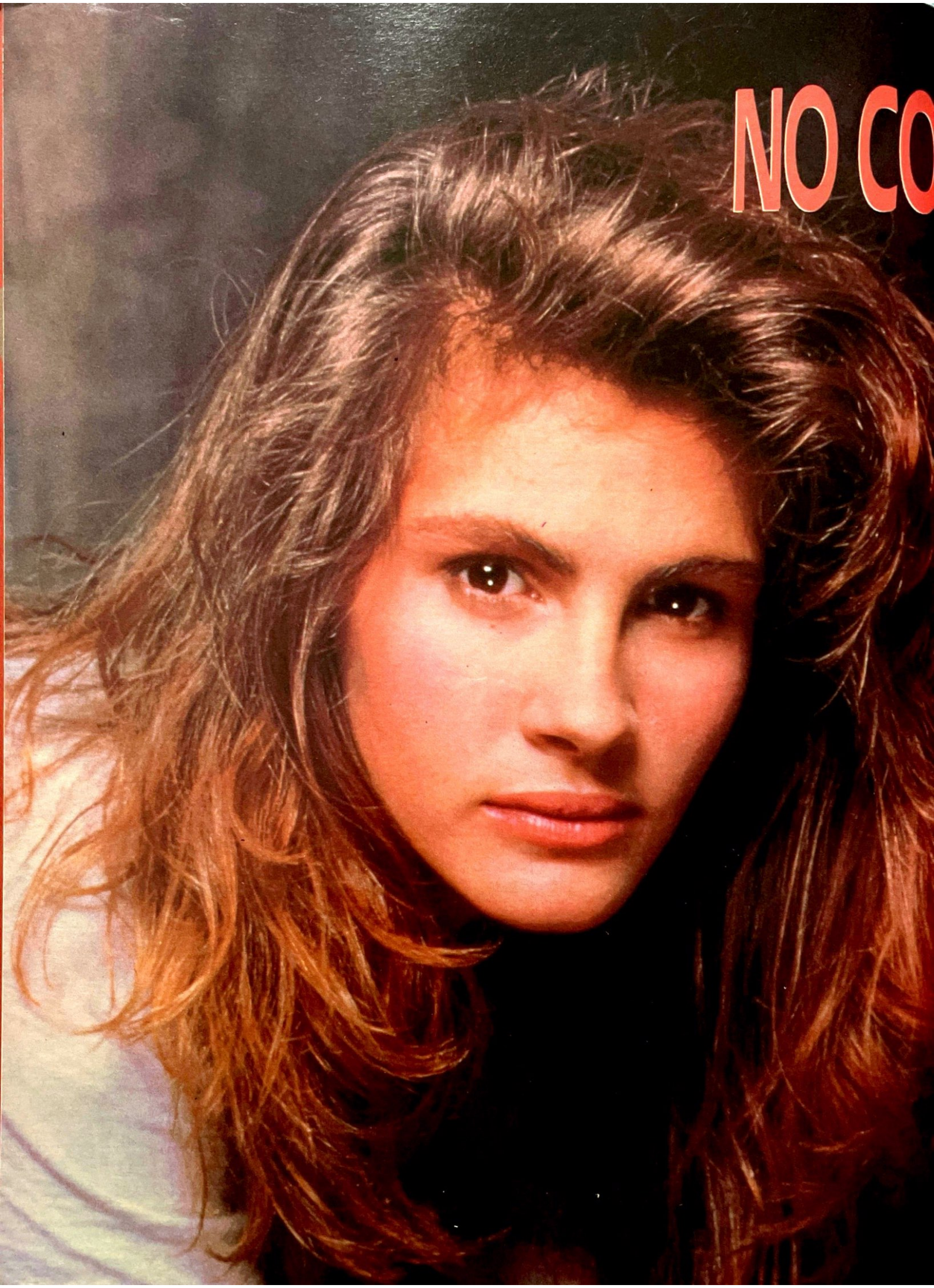
CBS MUSIC VÍDEO chegou no Brasil.
É a primeira distribuidora de vídeo especializada em música, numa combinação perfeita com a CBS Records.
Essa parceria já é vencedora em vários países do mundo.
Agora o Brasil está na rota deste sucesso.
Finalmente a música rompe a barreira do som.

A PARTIR DE NOVEMBRO EM TODAS AS LOJAS

UMA DISTRIBUIÇÃO CBS

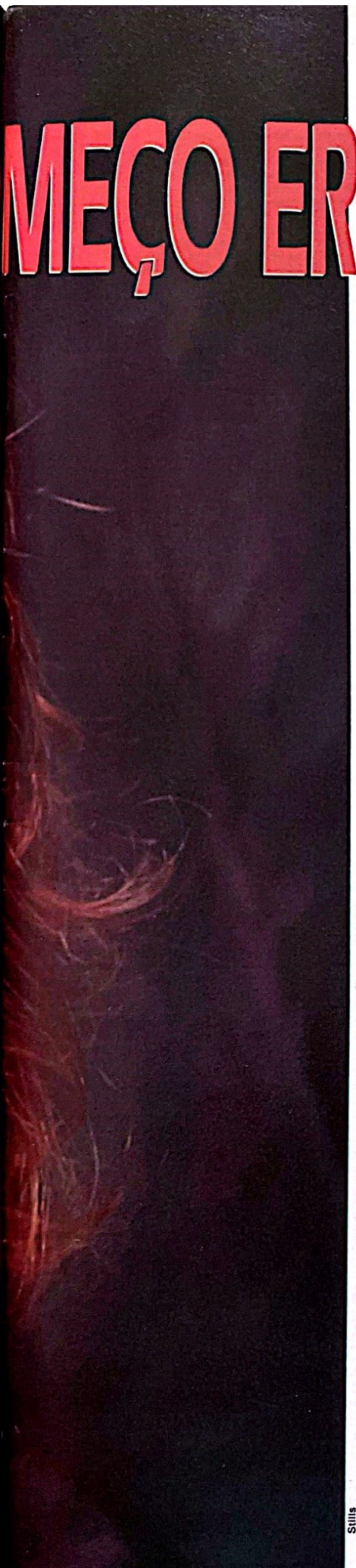
Para revendedores:
Central de Pedidos - Tels.: (021) 372.1131/(021) 372.8181

CMV ENTERPRISES
CBS Music Vídeo

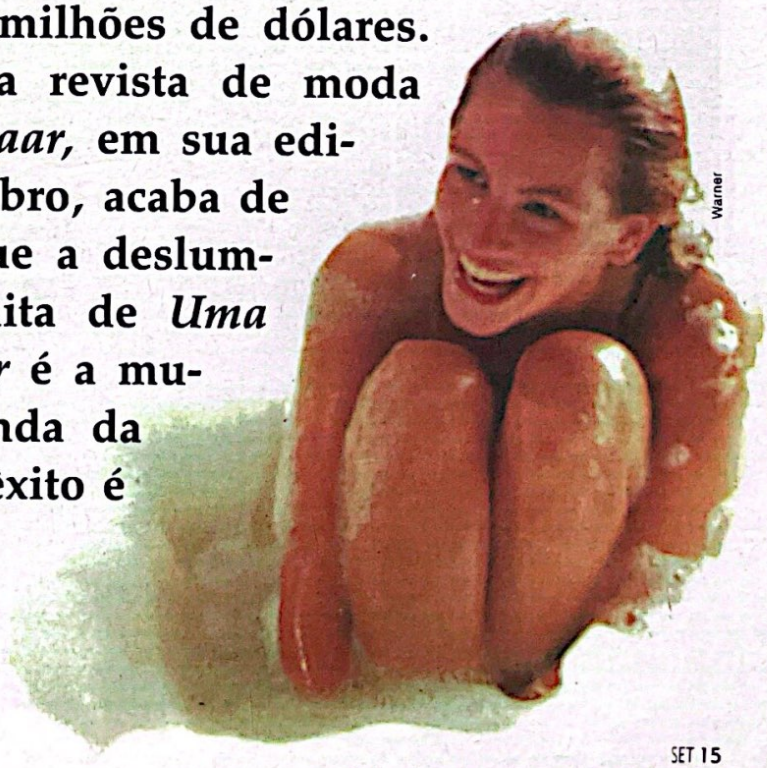

NO CO

MEÇO ERA JULIA ROBERTS

Aos 23 anos, faz-se a estrela. Seu cachê salta para uma fortuna entre três e cinco milhões de dólares. A prestigiosa revista de moda *Harper's Bazaar,* em sua edição de setembro, acaba de proclamar que a deslumbrante sirigaita de *Uma Linda Mulher* é a mulher mais linda da América. O êxito é o êxtase



Stills



Warner

JULIA ROBERTS

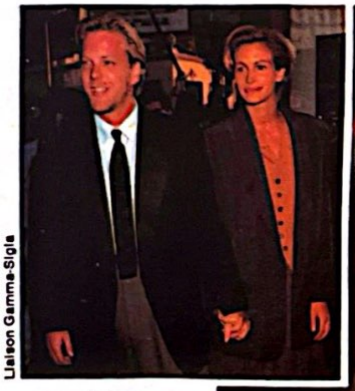
Ela parece bem mais esguia na tela que ao vivo. É dona de uma exuberância bastante rara nos dias que seguem. Os homens desejam sufocar aquela alegria nos braços, as mulheres invejam sua vivacidade estonteante. Dizem, porém, que, ao vivo, ela tanto pode estar linda de morrer no seu 1,66 m (que pode parecer monumental) quanto absolutamente amarelecida numa versão baixo-astral de vestido sem cintura que ela ostenta como que para refletir a tensão e a melancolia de ser famosa de uma hora para a outra.

Seja como for, a verdade é que ela esteve linda na entrega do Oscar deste ano — que quase abiscoitou como coadjuvante de *Flores de Aço* —, metida num totalmente escrutável vestido colante cor de chocolate. Julia Roberts é, enfim, uma estrela em franca ascensão. Pode-se desconhecer a cor real do seu cabelo (castanho-escuro), que ela colore de vermelho ou descolore de filme para filme — mas é certo que sua basta cabeleira próxima do ruivo como é vista em *Uma Linda Mulher* é uma de suas peças de resistência. Isso sem contar a boca imensa, os lábios cheios de promessas carnais, as colunas gregas chamadas pernas e aquela eletricidade esquisita que as futuras grandes divas vão liberando de uma película a outra.

Ela está aí há muito pouco tempo, mas de março a maio de 90 não houve quem não soubesse dela nos Estados Unidos. A não ser Kiefer Sutherland, seu atual namorado, que não tinha visto nenhum filme dela até atuarem juntos em *Linha Mortal*, uma história de jovens médicos brincando com a morte. Ao vê-la como uma onda em ação, pensou que tinha descoberto a América. Os dois acabaram consumando um *affair* que fez estremecer as colunas de fofoca de Hollywood. Na noite do Oscar, quando todos esperavam cada qual com seu respectivo, Kiefer e Julia saltaram da mesma limusine aos beijos e abraços sem fim. Kiefer deixou uma mulher doze anos mais velha e dois filhos por Julia. Quem quer que a tenha visto na tela em *Uma Linda Mulher* pode atirar a primeira pedra? Nossa correspondente em Los Angeles,

Warner

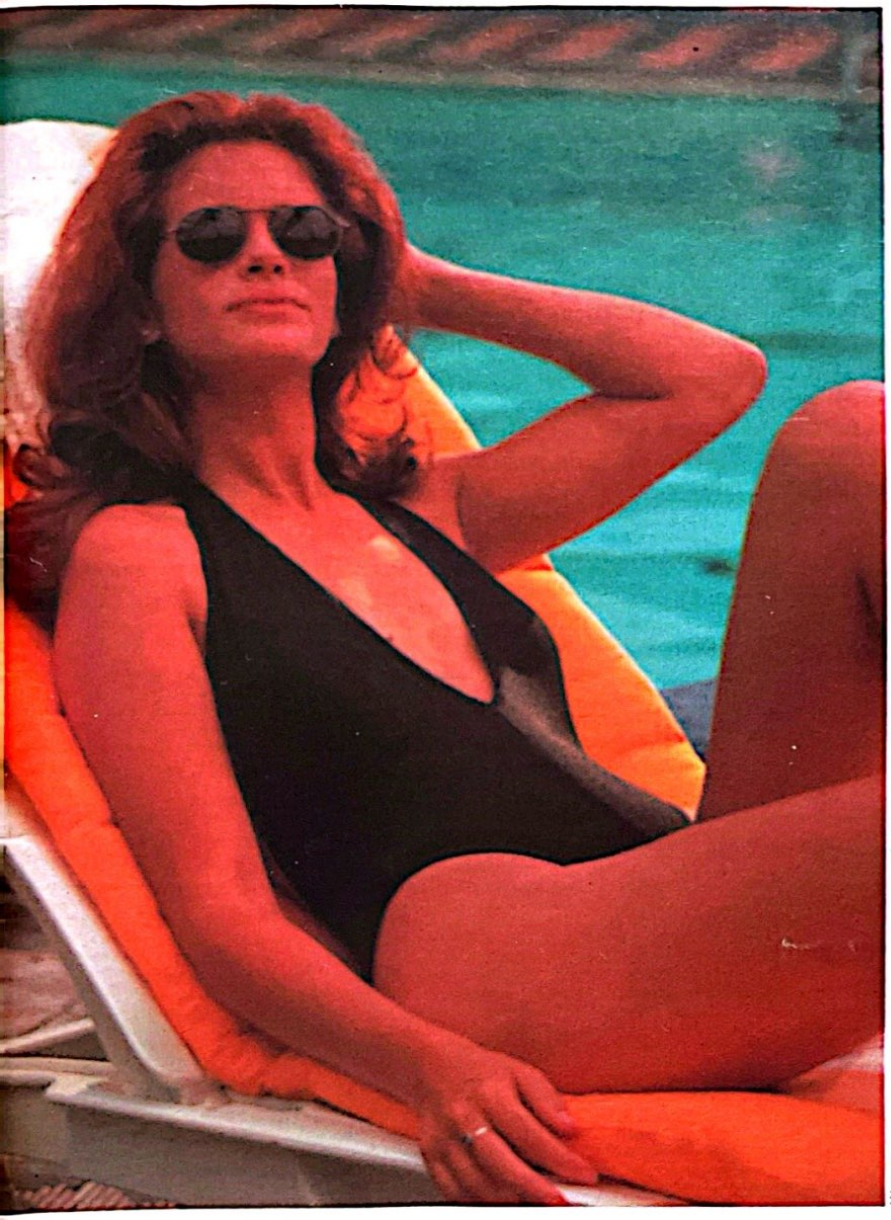
Com Richard Gere em *Uma Linda Mulher*: história de Cinderela com prostituição, pela ótica Disney (ao lado), uma fantasia barata, de 20 milhões de dólares, que amealhou 8 vezes mais só na América do Norte



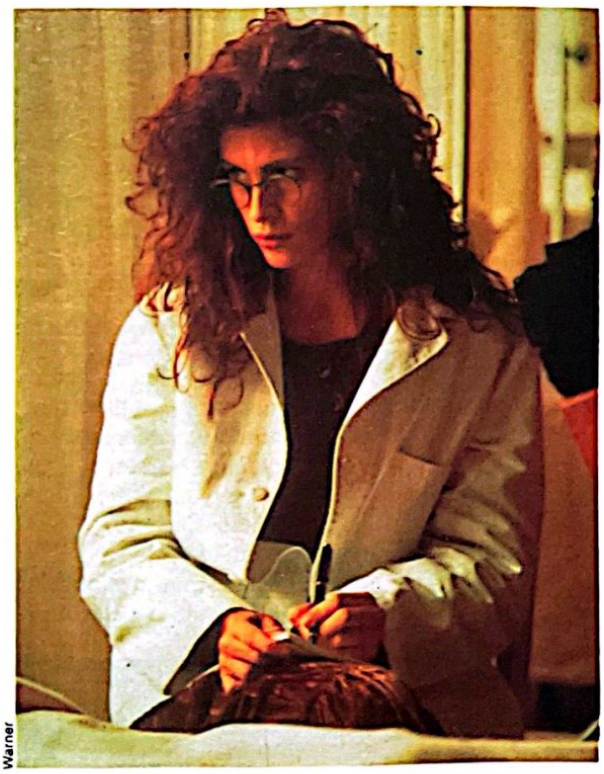
Liaison Gamma-Sigla

Warner

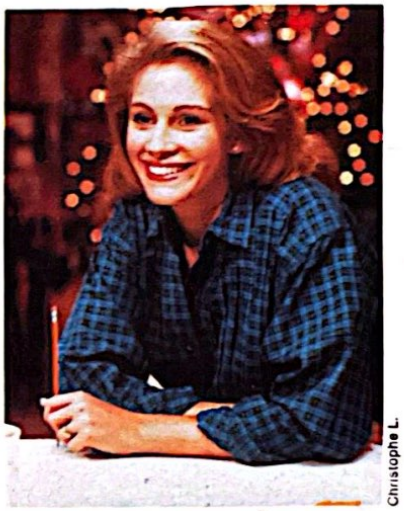
Acima, o caso duradouro: Kiefer Sutherland largou a família por ela. Ao lado, a meretriz feliz camuflada (de peruca) em *Uma Linda Mulher*



Warner



Warner



Christophe L.

Ao sol em *Uma Linda Mulher* (ao lado), doutora residente em *Linha Mortal* (acima), e diabética (na foto, em boa forma) em *Flores de Aço* (à direita)

Ana Maria Bahiana, teve o azar de entrevistá-la nesse momento de tensão, quando as fofocas pululavam como salmões na desova e Julia havia tosado os cabelos. "Ela trazia um imenso brilhante no dedo, um óbvio presente de Kiefer Sutherland. À simples menção do assunto, ela escondeu os braços rapidamente." Julia Roberts corre o perigo de estar ascendendo rápido demais. Tantos olhares alheios podem grudar nela à maneira da fábula do pavão, cuja cauda estaria ornada de olhares invejosos.

VAN GOGH — A carreira da atriz tem apenas três anos e meio de idade. Julia é filha de professores de arte dramática de uma pequena cidade da Georgia, no sul dos Estados Unidos. Deram-se tão bem na profissão que o pai virou vendedor de aspiradores de pó e a mãe, secretária. Mas foi o irmão, Eric, o primeiro filão cinematográfico da família — ator de relativos sucessos como *Coca-cola Kid* e *Expresso para o Inferno* — e uma espécie de mentor intelectual da garota. A crítica chegou a compará-los a Picasso e Van Gogh, como para caracterizar a técnica do irmão e a intuição da irmã. De fato, Eric sempre gostou de Picasso, e Julia, de Van Gogh. Foi o irmão quem insistentemente orientou-a no primeiro teste que fez, para o filme *Spenser: For Hire*. Seguiram-se três pequenos filmes na carreira dela, todos de 1988: *Satisfaction*, *Baja Oklahoma* (para a TV) e *Três Mulheres, Três Amores*, em que ela é ninguém mais, ninguém menos que uma imigrante portuguesa vivaz como uma potrinha, trabalhando numa pizzaria. Vivaz como uma potrinha. "Será por causa dos meus dentes?", ela brinca. Perdão, Julia.

A grande chance não veio a cavalo, veio na pele da adorável diabética de *Flores de Aço*, de 1989, quando Julia se viu cercada de vetustas magnólias do porte de Olympia Dukakis e Sally Field. Era o motor do melô: estava para se casar mas caía de cama dobrada pela doença. Já aparecia bastante bonitinha, embora provinciana como só o penteado e os seios de Dolly Parton deixavam entrever, e foi indicada para o Oscar. Sua performance dicotômica, chorosa e

fluorescente ao mesmo tempo, indicava um genuíno talento desabrochando.

Então chegamos a *Uma Linda Mulher*, já em 1990. O difícil foi Julia contar à mãe que ia fazer o papel de uma prostituta. "Mamãe trabalha para a Arquidiocese de Atlanta", ela diz. "Quer dizer, o chefe da minha mãe me batizou. Então eu liguei para ela e disse que tinha conseguido um trabalho. Ela perguntou do que se tratava, e eu respondi que era um papel num filme dos Estúdios Disney." O resto ela explicou mais tarde.

Pois foi neste estranho e moderno papel de prostituta pela ótica Disney que ela saiu do anonimato. Essa produção barata, aliás, não só rendeu os tubos como também tirou do ostracismo o galã Richard Gere. Duro é acreditar que atrás daquela pele apessegada, pernas torneadas por um concílio de faunos escultores, boca transitando entre a volúpia de uma Sophia Loren, a delicadeza de uma Fanny Ardant e a risada inenarrável da mais linda mulher que se possa imaginar... bem, difícil é acreditar que ali se esconde uma vadia de Los Angeles. Uma Cinderela inacreditável apanhada por um milionário de sorte.

É onde está concentrada a força primal da atriz Julia Roberts, aquilo que promete mover montanhas, uma espécie de força natural que empurra sua energia e beleza para fora do vulcão, para nossa admiração profunda. Ela tem o fôlego para o mergulho na alma dos personagens — aquilo que só as grandes atrizes possuem. Se não for domada pela indústria, pode vir a ser uma linda mulher inigualável. Seu último filme, *Sleeping with the Enemy*, em que ela vive uma mulher que apanha do marido, pode acabar lhe trazendo uma rápida e precoce maturidade para os seus 23 anos de beleza indomável. *Carlos Volpato*

CONSTELAÇÃO MILIONÁRIA

Barbra, mais de 5 milhões de dólares

Bette, de 3 a 5 milhões de dólares

Meryl, de 3 a 5 milhões de dólares

Julia, de 3 a 5 milhões de dólares

Sigourney, de 3 a 5 milhões de dólares

Em Hollywood, nada está escrito nas estrelas. Coitadas. As estrelas, elas sim, é que têm de escrever no livro-caixa de estúdios e agentes. E é bom que escrevam com batom. E é melhor que registrem ali números corpulentos. Foi isso que fez essa delícia de 23 anos, olhos tão abertos quanto oblíquos, lábios generosos, fartos e risonhos. Julia Roberts tem pernas de gazela, esguias, e está inscrevendo os registros de sua trajetória lucrativa no caixa do cinema com a mesma elegância que demonstrou ao repicar seu salto alto numa sarjeta de Los Angeles. Cinco meses de exibição no mercado norte-americano foram suficientes para seu filme Uma Linda Mulher *faturar 170 milhões de dólares nas roletas. No Brasil, em apenas cinco semanas (de 27 de julho a 2 de agosto) foi visto por um milhão de pessoas. Na América, o maior azarão da temporada bateu* Dick Tracy, Total Recall, RoboCop II, De Volta para o Futuro III, *e toda sorte de filmes com piruetas pirotécnicas da vida.* Só Duro de Matar II *promete alcançar Julia Roberts. Ela nem liga. É a predileta dos jovens americanos, ao lado de Tom Cruise, e a primeira a figurar na capa da revista* GQ, *famoso reduto de moda masculina.*

Ela figura hoje entre as cinco atrizes mais bem pagas dos Estados Unidos. Mais que ela, só mesmo a empresária Barbra Streisand, que pode pleitear mais de cinco milhões por filme. Depois, vêm aquelas que podem exigir algo entre 3 e 5 milhões. Ao lado da formosa Julia, as velhuscas Bette Midler, 44 anos, Meryl Streep, 39 , e a varapau Sigourney Weaver, 41. Esse pessoal tem mais anos de carreira do que Julia tem de sutiã.

Claro que no mesmo time das cinco atrizes mais bem pagas de Hollywood reluzem outras 28 estrelas: masculinas. Isso se explica. Hollywood tem ficado mais machista nos últimos dez anos. Papel pra mulher, bom papel, é tão difícil aparecer num roteiro comercial quanto é difícil um Schwarzenegger passar no buraco de uma agulha. Ou são coisas muito típicas, como Conduzindo Miss Daisy, *de 1989, que deu o Oscar de melhor atriz para Jessica Tandy, a decana, ou restam os velhos e manjados papéis daquilo: dona de vida fácil. Foi uma dessa que deu uma reanimada na vida difícil da maravilhosa e sofrida Michelle Pfeiffer. Com* Susie e os Baker Boys, *a deusa translúcida fulgurou de novo. Mas as mulheres não têm lá muita vez com os roteiristas americanos. O que se passa?*

Passe o que passar, Julia Roberts está passando ilesa. É preciso arranjar um bom papel para seguir passando bem, mas ela passa por cima. Pode reeditar nos anos 90 o que foi Louise Brooks nos anos 30, Rita Hayworth nos 40 e Marilyn Monroe nos 50. Prometer ela promete. Agora é ver para conferir. E.B.

Fonte: Revista *Studio*

QUICK VIDEO

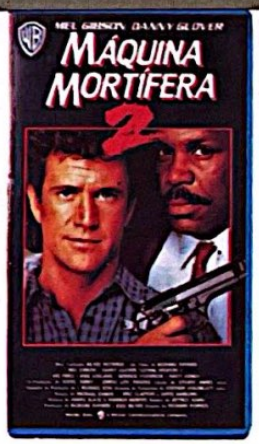
A MANEIRA MAIS PRÁTICA E ECONÔMICA DE VOCÊ MONTAR SUA VIDEOTECA.

QUICK VIDEO E AS MAIORES DISTRIBUIDORAS DO PAÍS ESTÃO COM UMA PROMOÇÃO ESPECIAL.
NÃO PERCA A OPORTUNIDADE DE TER EM SUA CASA OS MELHORES ATORES, DIRETORES E OS FILMES DE MAIOR SUCESSO DE PÚBLICO E CRÍTICA.
TUDO ISSO DE UMA FORMA PRÁTICA E ECONÔMICA COM A QUALIDADE QUE VOCÊ JÁ CONHECE.

WARNER HOME VIDEO

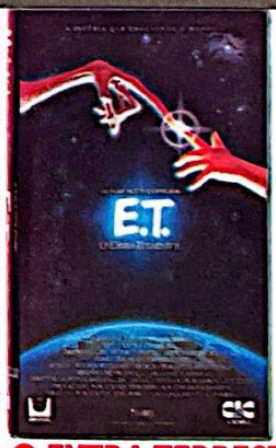
CIC VIDEO

ASES INDOMÁVEIS O filme que deu fama mundial a Tom Cruise. A história de um piloto que quer ser o melhor entre os melhores. Mistura muita ação, romance e uma incrível fotografia. Oscar de melhor filme. Imperdível.



MÁQUINA MORTÍFERA II. Desta vez a dupla mais explosiva das telas está bancando a babá de uma importante testemunha. Enquanto tentam prender os chefes de uma quadrilha de drogas vivem emoções em dose dupla.

BLADE RUNNER Um clássico da ficção científica, onde andróides rebelam-se contra seus criadores e um Blade Runner é designado para eliminá-los. Uma belíssima metáfora sobre a vida e a ânsia pela imortalidade.



E.T. O EXTRA TERRESTRE O extra terrestre. O maior sucesso da história do cinema. Assistido por mais de 350 milhões de pessoas em todo mundo. Efeitos especiais incríveis. Você vai rir e se emocionar com a história da amizade entre dois garotos com um extra terrestre e sua luta para voltar para casa.
Disponível dublado ou legendado.

VIRE A PÁGINA E VEJA COMO É FÁCIL RECEBER EM CASA A SUA VIDEOTECA

LIGUE AGORA MESMO PARA (011) 210.

AÇÃO

CHUVA NEGRA. Direção: Ridley Scott. Com Michael Douglas. Dois policiais incumbidos de escoltarem um prisioneiro até o Japão são enganados e o entregam a membros da máfia japonesa. Começa, então, uma louca perseguição pela cidade de Osaka, mostrando imagens de um Japão tradicional em choque com a violência dos tempos modernos, onde o perigo espera a cada esquina, em cada noite chuvosa.

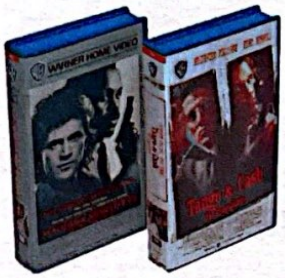
INDIANA JONES OS CAÇADORES DA ARCA Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford. A primeira grande aventura de Indiana Jones narra a luta entre duas nações (Estados Unidos e Alemanha) para apoderar-se de um estranho tesouro (A Arca da Aliança) que contém segredos extraordinários que podem mudar o curso de suas atividades políticas.

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO. Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford. Desta vez Indiana Jones sai em busca da Pedra de Ankara para salvar centenas de crianças escravizadas por um misterioso culto. Rodado em três continentes. É uma super aventura repleta de efeitos especiais.

MÁQUINA MORTÍFERA. Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson e Danny Glover. São dois policiais; Glover tem uma arma. Gibson é uma arma. Devido às suas tendências suicidas, ele é registrado como uma MÁQUINA MORTÍFERA. Violento, porém bem-humorado, ele dispara com precisão uma carga de emoção.

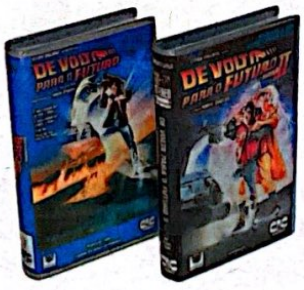
INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA. Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford. Neste episódio, Indiana Jones vem acompanhado de seu honorável pai (Sean Connery) numa aventura em busca do místico e todo poderoso Santo Graal - enfrentando numerosos perigos e escapando por fantásticas saídas, o que torna Indiana Jones e a Última Cruzada a maior de suas aventuras.

OS INTOCÁVEIS. Direção: Brian De Palma. Com Kevin Costner, Charles Martin Smith, Andy Garcia, Sean Connery e Robert De Niro. Chicago 1931. Em plena lei seca Al Capone se transforma no rei do crime organizado e ninguém pode detê-lo. Chega à cidade Eliot Ness e monta um esquadrão que arriscará tudo para acabar com seu reinado de terror e colocá-lo atrás das grades.



TANGO & CASH. Direção: Andrei Konchalovsk Com Sylvester Stallone e Kurt Russel. Dois policiais rivais entre si de repente se veêm na mesma situação quando são vítimas da armadilha de um chefão da cocaína. A partir daí os dois tem que se unir para escapar de uma cilada que os colocou na prisão. Com cenas de persiguição impressionantes e efeitos especiais que dão toques de ultra-realismo, este filme mistura ação e humor na dose certa.

FICÇÃO



DE VOLTA PARA O FUTURO. Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson e Crispin Glover. Marty, um adolescente dos anos 80 é enviado acidentalmente para 1955 numa máquina do tempo construída por Doc, um cientista louco. No passado, Marty se mete em uma série de confusões que podem alterar toda sua vida. Uma comédia deliciosa do mestre Spielberg.

DE VOLTA PARA O FUTURO PARTE II. Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson e Crispin Glover. Viajando para o futuro para impedir que aconteça uma catástrofe com seu filho, Marty e o Dr. Doc se envolvem em uma incrível aventura onde cada viagem se torna cada vez mais perigosa e irreversível. O Roteiro complexo é justamente o que da mais sabor a este filme.

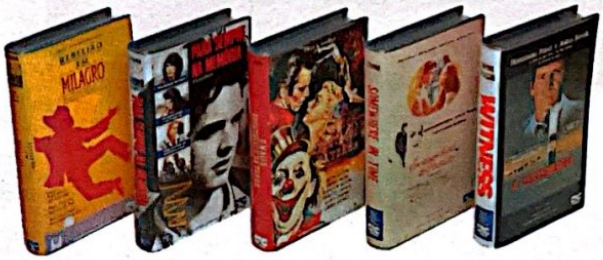
DRAMA

VIDAS SEM RUMO. Direção: Francis Coppola. Com C. Thomas Howell, Ralph Macchio, Patrick Swayze, Rob Lowe, Emilio Estevez, Tom Cruise e Matt Dillon. Com os grandes atores da nova geração, retrata a vida de um grupo de jovens rebeldes em conflitos nas ruas de Tulsa.

IMPÉRIO DO SOL. Direção: Steven Spielberg. Com John Malkovich, Nigel Havers e Christian Bale. Um menino cujo espírito invencível voa alto e livre, acima dos limites de um campo de concentração. Uma história verídica que se passa durante a II Guerra Mundial.

CASABLANCA. Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid. Na II Guerra, a cidade de Casablanca é a única saída para quem pretende fugir do Nazismo. O maior clássico do cinema, onde Bogart e Bergman vivem momentos inesquecíveis. "Oscar" de Melhor Filme, Diretor e Roteiro.

RAIN MAN. Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman e Tom Cruise. Charlie descobre que a herança de seu pai ficou para seu irmão Raymond, que é autista. Decidido a ficar com o dinheiro, ele rapta Raymond e juntos eles iniciam uma viagem que muda suas vidas. "Oscar" de Melhor Ator, Filme, Direção e Roteiro Adaptado.



REBELIÃO EM MILAGRO. Direção: Robert Redford. Com Ruben Blades, Richard Bradford, Sonia Braga. Milagro, Novo México. 426 habitantes. Nada mudou por aqui em 300 anos. Mas alguma coisa está prestes a acontecer. Um filme que mostra o conflito cultural entre camponeses e exploradores imobiliários. Com a brilhante direção de Robert Redford e participação especial de Sonia Braga.

PARA SEMPRE NA MEMÓRIA. Direção: Marisa Silver. Com Alan Boyce. Um estudante que tinha tudo na vida, uma linda namorada, um belo carro; se suicida durante uma festa de fim de ano onde estão todos os seus amigos. A partir daí a vida de todos eles se transforma. Uma narrativa comovente do destino das pessoas que David deixou para trás.

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA. Direção: Cecil B. De Mille Com Betty Hutton, Cornel Wilde, Charlton Heston, Dorothy Lamour, Gloria Grahame e James Stewart. "Oscar" de melhor filme. A mistura perfeita entre drama e espetáculo aparece aqui, mostrando os conflitos por trás dos bastidores e a glória dos artistas circenses diante do seu público. A vibração do circo com sua tragédia, seu humor, e sua alma. Revelando a maior história da face da terra.

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO. Direção: Jeannot Szwarc. Com Christopher Reeve, Jane Seymour, Christopher Plummer. Uma linda história de amor, além da fantasia... além da obsessão ...além do tempo. A história de um jovem que volta ao passado para resgatar um grande amor que por algum motivo foi interrompido. Um apaixonante e romântico filme de amor com uma trilha sonora inesquecível.

A TESTEMUNHA. Direção: Peter Weir. Com Harrison Ford. Um policial chega em uma cidade distante da civilização moderna para investigar a morte de um colega, onde a única testemunha é um garoto de oito anos que está na mira de três assassinos que querem silenciá-lo. Ele dará até sua vida para salvá-lo.

CIC VIDEO

"Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e artes Cinematográficas de Hollywood.

6598, OU PREENCHA O CUPOM ABAIXO

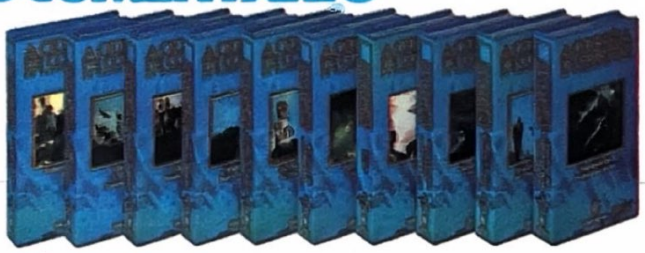
COMÉDIA

AS BRUXAS DE EASTWICK. Direção: George Miller. Com Jack Nicholson, Cher, Susan Sarandon e Michelle Pfeiffer. Três lindas mulheres vivem um tédio mortal, na cidade de Eastwick, até a chegada de um milionário excêntrico que vai mudar totalmente suas vidas. Uma comédia sobrenatural com um elenco do outro mundo.

ADORÁVEL SEDUTORA. Direção: Bruce Beresford. Com Tom Selleck e Paulina Porizkova. Phillip Blackwood, um escritor de sucesso, encontra em um tribunal, mais do que uma inspiração para seu próximo livro, uma linda mulher acusada de assassinato. Numa divertida comédia romântica Phillip tenta com toda sua criatividade, provar a inocência daquela linda mulher.

WARNER HOME VIDEO

DOCUMENTÁRIO



A ODISSÉIA DE COUSTEAU. Todas as aventuras do grande pesquisador francês reunidas nesta série que não pode faltar na sua videoteca. Você vai desvendar segredos e mergulhar em um show de imagens nos lugares mais bonitos e exóticos do mundo. Você não pode perder essa aventura.

CALYPSO EM BUSCA DO BRITANNIC
EM BUSCA DE ATLÂNTIDA
MERGULHO AO ENCONTRO DAS PILHAGENS ROMANAS
O NILO
CLIPPERTON: A ILHA QUE O TEMPO ESQUECEU
MEDITERRÂNEO: BERÇO OU TÚMULO?
MAMÍFEROS DAS PROFUNDEZAS DO MAR
RELÍQUIAS PERDIDAS DO MAR
OS PROFETAS CEGOS DA ILHA DE PÁSCOA
BOMBA RELÓGIO SUBMERSA

TERROR

O ILUMINADO. Direção: Stanley Kubrick. Com Jack Nicholson, Shelley Duvall e Danny Lloyd. Desempenho magistral de Jack Nicholson, no papel de um escritor que se isola com a família em um hotel cercado pela neve, sofrendo influências da força sobrenatural que o lugar exerce sobre ele.

OS PÁSSAROS. Diretor: Alfred Hitchcock. Com Rod Taylor, Jessica Tandy, Suzanne Pleshette. Do mestre do suspense. Pequenos acidentes envolvendo aves se transformam num terrível e inexplicável pesadelo na pacata cidade de Bodega Bay. Hitchcock ulitizou aves verdadeiras nas filmagens, resultando em um dos melhores filmes do diretor que consagrou o gênero suspense.

O BEBÊ DE ROSEMARY. Direção: Roman Polanski. Com Mia Farrow e John Cassavetes. É um envolvente filme de suspense e terror psicológico, onde o poder da bruxaria resume-se em destruir vidas. A gravidez de Rosemary traz acontecimentos sinistros que vão atormentarndo a vida do casal levando-os à loucura.

MUSICAL

IMAGINE. Direção: Andrew Solt. Narrado por John Lennon. Descubra John... o jovem rebelde, o músico, o radical, o marido, o pai, o amante, o idealista... através de suas próprias palavras e de sua coleção pessoal de filmes e músicas. Entre elas Help!, Come Together, I Want To Hold Your Hand. Comprove que o sonho não acabou.

INFANTIL

CORTA ESSA GAGUINHO

PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A MEL BLANC

PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A CHUCK JONES

Nestas três fitas você vai ter as histórias mais engraçadas e os desenhos mais malucos. Com toda a turma do Pernalonga em situações onde toda a família vai se divertir a valer.

PICA PAU E SEUS AMIGOS VOL IV. Oito desenhos com o pássaro mais maluco que existe e todos os seus amigos. Você vai rolar de dar risada com essa turma que apronta as maiores confusões e faz sucesso com a garotada.

VOCÊ NÃO PODE PERDER A CHANCE DE MONTAR UMA VIDEOTECA DA MAIS ALTA QUALIDADE.

POR APENAS
Cr$ 5.500,00
CADA FITA

VOCÊ RECEBERÁ EM SUA CASA OS MAIORES SUCESSOS DE TODOS OS TEMPOS. PREENCHA O CUPOM ABAIXO OU LIGUE PARA

(011) 210.6598

SIM, quero adquirir fitas de vídeo

Nome _____

CPF _____ RG _____

End. _____

CEP _____ Ass. _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Título	Quant.	Valor
TOTAL		

Caso o espaço não seja suficiente anexe ao cupom a relação dos filmes que você deseja receber.

ATENÇÃO: Custo do frete por fita Cr$ 450,00. Estou enviando cheque nominal à Quick Video no valor de Cr$ _____ incluso(s) o(s) custo(s) de frete. Recorte e coloque dentro de um envelope e envie-o para R. PROF. WOLF NETO, 62. CEP 01455 São Paulo SP. Prazo de entrega: 15 dias PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 17/11/90.

TIME COMPLETO

A Abril vídeo traz às locadoras os filmes da Fox, a única *major* americana que ainda faltava no Brasil

"O que faltava em seu vídeo agora não falta mais" — com esse *slogan* abstruso mas não mentiroso, a Abril Vídeo passa a despejar nas locadoras, neste mês, os títulos da CBS-Fox. Com sua entrada, o mercado de home vídeo brasileiro se complementa. Daí a propriedade do *slogan* da Abril. De fato, só os títulos da 20th Century Fox — produzidos e/ou distribuídos por ela — faltavam para rematar a filmografia americana disponível em vídeo no Brasil. A Abril Vídeo, que já distribui os títulos da Disney, da Playboy e da Touchstone, deu um jeito na situação. Muitas vezes você deve ter perguntado por que *Nove Semanas e Meia de Amor* (*9 1/2 Weeks*, Adrian Lyne, 1986), que permanece há três anos em cartaz em São Paulo, com sucesso estrondoso de bilheteria em todo o país, não havia ainda sido lançado em vídeo. Resposta: ele pertence ao catálogo da CBS-Fox. Mas se você é um dos cultuadores do filme, não tem motivo para lamentar sua ausência das prateleiras das locadoras — *Nove Semanas e Meia de Amor* está no primeiro pacote da Abril Vídeo — são seis títulos ao todo (ver box) —, com a marca CBS-Fox.

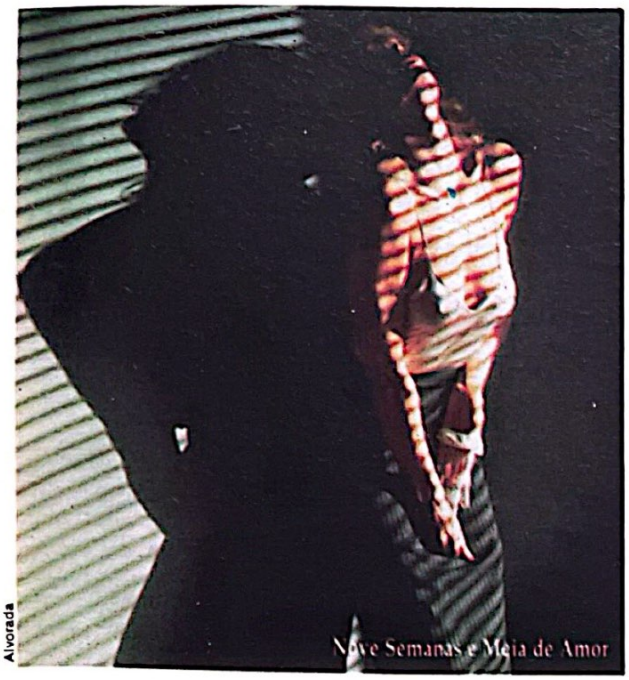
Esta marca representa a união de duas empresas, a Columbia Broadcasting System (a CBS, uma das três maiores redes de TV americana) e a Fox. Juntas, elas distribuem filmes de home vídeo da Fox na América do Norte. No Brasil, a Abril será licenciada para representação durante dois anos, num contrato renovável. Entre os títulos já negociados, fora os do primeiro pacote, estão *Guerra nas Estrelas* (*Star Wars*, George Lucas, 1977), *Nunca Fui Santa* (*Bus Stop*, Joshua Logan, 1956), *Cocoon* (Ron Howard, 1985), *Aliens, o Resgate* (*Aliens*, James Cameron, 1986) e *Wall Street* (Oliver Stone, 1987).

"Vamos dar prioridade aos filmes mais recentes", diz Enrico Rastelli, diretor-gerente da Abril Vídeo. O catálogo da Fox inclui obras antológicas do cinema americano, como *Paixão dos Fortes* (*My Darling Clementine*, John Ford, 1946), *Viva Zapata!* (Elia Kazan, 1952), *O Pecado Mora ao Lado* (*The Seven Year Itch*, Billy Wilder, 1955) e *Butch Cassidy* (*Butch Cassidy and the Sundance Kid*, George Roy Hill, 1969), mas eles não estão entre as prioridades dos pacotes da Abril Vídeo. "Vamos estudar o lançamento dos clássicos", diz Rastelli, "mas a maior expectativa do público se concentra em títulos novos."

OTIMISMO — Os filmes da Fox, na opinião de Rastelli, podem transformar a Abril na primeira distribuidora do mercado brasileiro, em termos de vendas.

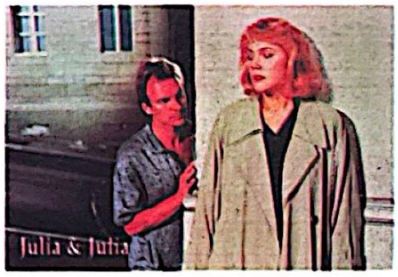
ABRIL APOSTA ALTO NO CONSUMIDOR FINAL

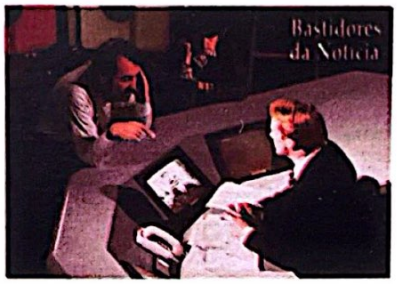
A venda direta ao consumidor final é acalentada há anos por várias distribuidoras de vídeo e a Warner já a testou com sucesso. A Abril Vídeo apostou alto no projeto: selou 60 mil fitas do clássico A Bela Adormecida *e mais 30 mil de coletâneas inéditas de desenhos animados, e coloca-as, a partir deste mês, à disposição do público em lojas de equipamentos, discos e grandes magazines em todo o país. O pacote, que recebeu o nome* Vídeo Collection Walt Disney *inclui, além de* A Bela Adormecida, *coletâneas dedicadas a três personagens da família Disney —* Meu Amigo Mickey, Meu Amigo Donald *e* Meu Amigo Pateta. *Dublados em português poderão ser comprados por preços que variam de Cr$ 3 000,00 a Cr$ 3 500,00. O Brasil é o primeiro país da América Latina em que a Disney autoriza o lançamento de suas fitas para o consumidor final. Este tipo de distribuição foi realizado, até agora, apenas nos Estados Unidos, no Japão, na Austrália e em países da Europa. Isso significa que o Brasil passa a fazer parte do seleto grupo de mercados suficientemente desenvolvidos para comportar vendas diretas ao consumidor final. Nos EUA, no ano passado, elas chegaram a 24 milhões de unidades, contra 3,5 milhões para as locadoras.* M.N.

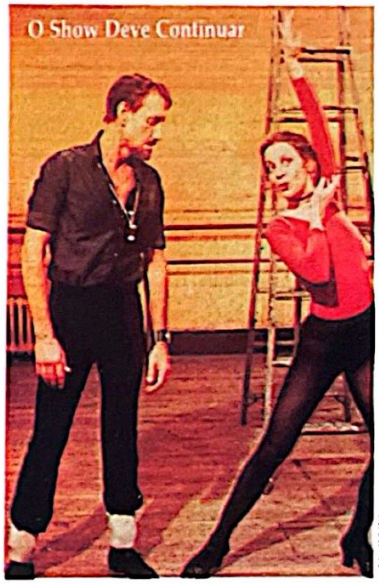


Alvorada

Fox







Abril Vídeo

Cenas dos seis filmes da CBS-Fox que chegam este mês às locadoras

Até o ano passado era a terceira, atrás da Warner e CIC. O diretor-gerente da empresa explica a razão do otimismo: "Fazer negócio com a Fox complementa muito bem o contrato que já temos com a Disney e Touchstone. Destas, oferecemos desenhos animados e filmes para a família, sem erotismo, nudez, violência ou terror. Mas esses atrativos estão nos filmes da Fox".

Quanto ao "negócio" a que se refere Rastelli, nenhum dado numérico foi divulgado. Ele explica por que: "Só tenho a perder declarando valores de contrato, investimentos etc. A concorrência está sempre de olho nesses números, mas não o público". Ele prefere falar sobre as características que diferenciarão a Fox de outras *majors* representadas no Brasil: "O fato de ela estar entrando por último faz com que muitos de seus filmes já tenham passado na TV. Nela, as películas são dubladas e cortadas, fazendo com que o público se interesse por vê-las em versão original e integral". A outra aparente desvantagem, do ponto de vista de Rastelli, é que muitos dos filmes da Fox já foram lançados em cópias piratas: "O público e as locadoras já aprenderam a diferenciar cópia pirata da legítima e o que vamos oferecer é a segunda opção".

Mario Nery

OS PRIMEIROS LANÇAMENTOS

DURO DE MATAR (*Die Hard*, EUA, 1988). Direção: John McTiernan. Com Bruce Willis, Alan Rickman, Bonnie Bedelia. Willis é um policial em visita a Los Angeles que, por acidente, acaba aprisionado num edifício tomado por terroristas. Filme de ação por definição, com o objetivo de prender o espectador do início ao fim, explorando ao máximo as possibilidades que o roteiro oferece. O êxito rendeu-lhe uma seqüência.

O SHOW DEVE CONTINUAR (*All That Jazz*, EUA, 1979). Direção: Bob Fosse. Com Roy Scheider, Jessica Lange, Ann Reiking. Musical autobiográfico de Fosse (*Cabaré*), diretor e coreógrafo americano que revalorizou o gênero nos anos 60 e 70. A visão fornecida pelo artista de sua vida é negativa, mas os números coreografados dão brilhantismo à obra, um canto de cisne do gênero musical e do próprio cineasta.

NOVE SEMANAS E MEIA DE AMOR (*9 1/2 Weeks*, EUA, 1986). Direção: Adrian Lyne. Com Mickey Rourke, Kim Bassinger, Margareth Whitton. Videoclipe de erotismo sadomasoquista *yuppie*, que alcançou desconcertante sucesso no Brasil (em São Paulo, em cartaz há três anos). Conto de amor fetichista entre um executivo e uma beldade, o filme não resiste a um olhar mais crítico — melhor rever *O Ultimo Tango em Paris*.

ALIEN, O OITAVO PASSAGEIRO (*Alien*, EUA, 1979). Direção: Ridley Scott. Com Sigourney Weaver, Tom Skerritt, John Hurt. O filme deu vida nova ao alienígena, personagem-emblema de clássicos de terror e ficção dos anos 50 — aqui, um monstro hediondo que parasita o tripulante de uma expedição espacial, se tornando indestrutível. Seu realismo futurista inspirou uma seqüência e muitas imitações. Para ter em videoteca.

NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA (*Broadcast News*, EUA, 1987). Direção: James L. Brooks. Com William Hurt, Albert Brooks, Holly Hunter. Hurt é um *anchorman* em ascensão que disputa espaço profissional e a atenção de Holly Hunter (uma produtora neurótica), com Brooks, um jornalista que não dá certo. Com excelentes performances, os três conferem vivacidade a um roteiro despretencioso, escrito pelo próprio Brooks.

JULIA & JULIA (Itália, 1987). Direção: Peter Del Monte. Com Kathleen Turner, Gabriel Byrne, Sting. Julia (Kathleen) é uma americana casada na Itália que, viúva, descobre a vida que poderia ter tido, caso seu marido (Byrne) não tivesse morrido. Sting é o amante; fotógrafo e pernicioso. Rodado em vídeo de alta definição, o roteiro é um jogo instigante de suspense e de probabilidades trágicas.

A SÃO LUIZ NESTLÉ

É PURA AVEIA. É PUR

CRIOU AVEIA E MEL.

O MEL.

São Luiz Nestlé®
Qualidade em biscoitos.

Qualidade e Confiança Nestlé.

NOVELÃO NOBRE

A telessérie que superou todas as telesséries vira uma fita condensada para o mercado mundial de vídeo

Cuidado com as matérias sobre a série *Twin Peaks* que o acaso atirar sob os teus olhos. Pouquíssima coisa pode ser dita sobre essa obra-prima de David Lynch e Mark Frost sem estragar o indescritível prazer de mergulhar numa teia de mil novelos, mais camadas que uma cebola e recheio suficiente para deliciar tanto *connaisseurs* da literatura policial quanto psicanalistas e outros interessados na multiforme riqueza da perversão humana.

Mas dá para afirmar que futuramente a história da televisão no século vinte provavelmente será dividida em antes e depois de *Twin Peaks*. Inicialmente, todos apostavam no fracasso da série. Na semana de estréia, Ken Tucker, da revista *Entertainment Weekly*, ao mesmo tempo que esgotava seu estoque de elogios e superlativos, avisava: "Não tem sequer uma chance de ser sucesso. É perturbador demais... e, por mais que eu tenha desfrutado esta perturbação, reconheço também que não é para isso que a maioria das pessoas assiste à TV, e aposto que uma gorda percentagem dos milhões que sintonizarem por mera curiosidade não suportará nem os primeiros quinze minutos de *Twin Peaks*". Algumas páginas depois, a mesma matéria citava um executivo da ABC, a cadeia americana responsável pela soltura dessa ovelha negra em pleno horário nobre: "A maioria das pessoas aqui não espera que *Twin Peaks* funcione. A crítica e o público nos enviam sinais do tipo: 'Estamos cansados de tudo o que já vimos, não nos dêem mais do mesmo'. Mas quando você se arrisca, não surgem muitos sintomas de aceitação do que é diferente". Os próprios autores, conscientes da Grande Preguiça Mental que despeja seres humanos no sofá diante da TV, venderam o projeto em dois formatos opcionais. No primeiro, um piloto de duas horas — o único capítulo efetivamente dirigido por Lynch — é seguido de seis episódios de uma hora. Se, por algum milagre, a série fizesse sucesso, o segundo roteiro levaria as subtramas até as últimas conseqüências, esticando *Twin Peaks* a um total de 22 capítulos.

Bastou a série entrar no ar para essa zebra chamada milagre transformar o pesadelo estilizado de Lynch e Frost no grande sucesso da temporada — junto a outro estranho no ninho, o humor cínico do desenho animado *The Simpsons*. "Quem matou Laura Palmer?" — o *whodunnit* essencial da trama — tornou-se assunto nacional e a febre escalou temperaturas máximas enquanto jornais populares como *USA Today* dedicavam a primeira página de seu caderno cultural a uma análise das ligações entre o modo de cada personagem se vestir e sua mais subterrânea psique. Consolidando a mania, veio à tona um merchandising tão excêntrico quanto a série, colocando à venda itens como o diário de Laura Palmer (peça-chave nas primeiras investigações) e a fita-cassete, que é uma espécie de agenda do inacreditável agente designado pelo FBI para desvendar o assassinato.

Twin Peaks — "Picos Gêmeos", uma expressão normalmente empregada para as glândulas mamárias femininas — é o nome de uma cidadezinha fictícia no noroeste dos EUA, quase encostada na fronteira com o Canadá. Sua poderosa economia gira em torno de uma madeireira. É num dos lagos que embelezam a região que amanhece o cadáver de Laura Palmer, uma loira adolescente que, além de namorada do capitão do time de futebol da escola, é adorada por todos os habitantes como um exemplo de generosa caridade.

Na definição de Lynch, a série é "sobre segredos", "uma mistura de *Blue Velvet* com *Peyton Place*" (exibida no Brasil com o título *A Caldeira do Diabo*). Sim, imagine a perversão estilizada de *Veludo Azul* com tempo de narrativa suficiente para desenvolver uma variação sinfônica de personagens secundários — e, nesse pacato pedaço do paraíso na Terra, cada cidadão tem algo a esconder, compondo uma pequena enciclopédia da psicopatologia contemporânea (não por acaso, o psiquiatra local — espécie de refu-

Fotos Warner

Ao lado, o cadáver da estudante Laura Palmer (Sheryl Lee), que descortina o mundo cão oculto no lugarejo pacato Twin Peaks

Acima, o agente Cooper (MacLachlan) e o xerife (Michael Ontkean). Ao lado, Donna (Lara Flynn) e James (James Marshall), colegas de Laura, conversam no dia em que seu corpo é encontrado

giado da contracultura, que circula com óculos em que uma lente é azul e a outra vermelha — é um dos mais excêntricos).

Entre esta fauna humana, o agente especial Dale Cooper (Kyle MacLachlan, de *Blue Velvet*, numa interpretação absurda de sublime) se infiltra maravilhado com a natureza do local e atrativos como café preto — "como a meia-noite numa noite sem lua" — com torta de cereja servida com sorvete de baunilha. Sua perversão no caso é exibir diante da polícia local seu poder de observação e sobre-humana agilidade cerebral, como Sherlock Holmes fazia com o pobre Watson.

A versão em vídeo lançada aqui e na Europa traz o piloto dirigido por Lynch acrescido de dezoito minutos, nos quais um sonho do agente Cooper resolve o caso. Esta seqüência onírica, originalmente incluída no terceiro capítulo, é uma das mais belas da história do cinema — não importa se feita para a televisão. Quem sabe, um dia, estudiosos possam eleger *Twin Peaks* o *magnum opus* de David Lynch. Entre assistir a essa "condensação" em vídeo e esperar a exibição completa pela Rede Globo (que já comprou os direitos da série, mas não tem data prevista para exibição), a escolha é sua. Seja como for, voçê nunca será o mesmo — desde os primeiros acordes da trilha assinada por Angelo Badalamenti, outra iluminada contribuição a esse passo decisivo na evolução humana que é transformar a televisão num veículo sensível e inteligente.

José Augusto Lemos

Twin Peaks, EUA, 1990 ■ Direção: David Lynch. Com Kyle MacLachlan, Sheryl Lee, Sherilyn Fenn, Joan Chen, Gracy Zabriski, Peggy Lipton, Lara Flynn Boyle, Michael Ontkean ■ ROTEIRO: David Lynch e Mark Frost ■ FOTOGRAFIA: Ron Garcia ■ MONTAGEM: Duwayne R. Dunhan ■ MÚSICA: Angelo Badalamenti ■ PRODUÇÃO: Lynch/Frost e World Vision Enterprise ■ DURAÇÃO: 105 min ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Warner

PARIS VÍDEO FILMES

PARA NÃO DESGRUDAR DA TELINHA!

VOCÊ VAI ASSISTIR UM FILME APÓS O OUTRO

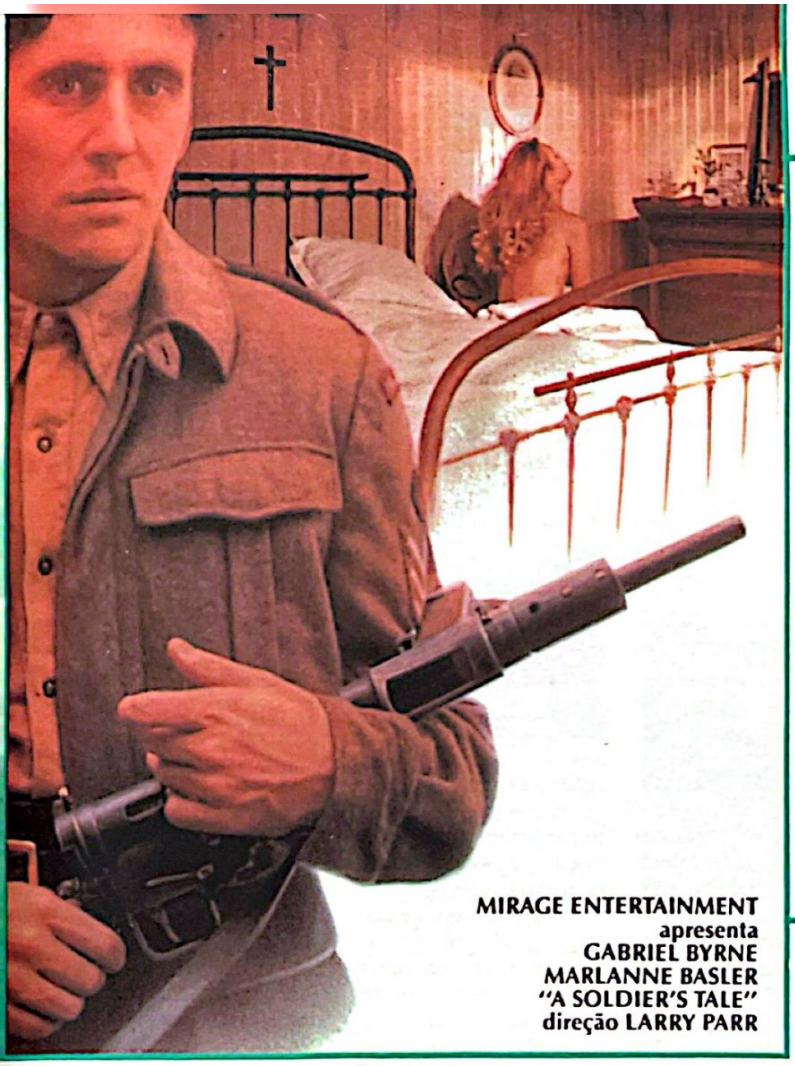
LANÇAMENTOS COM A QUALIDADE

PARIS
VIDEO FILMES

VÁ CORRENDO ATÉ A SUA LOCADORA

NUMA NOITE MALUCA EM HOLLYWOOD,
TUDO PODE ACONTECER.

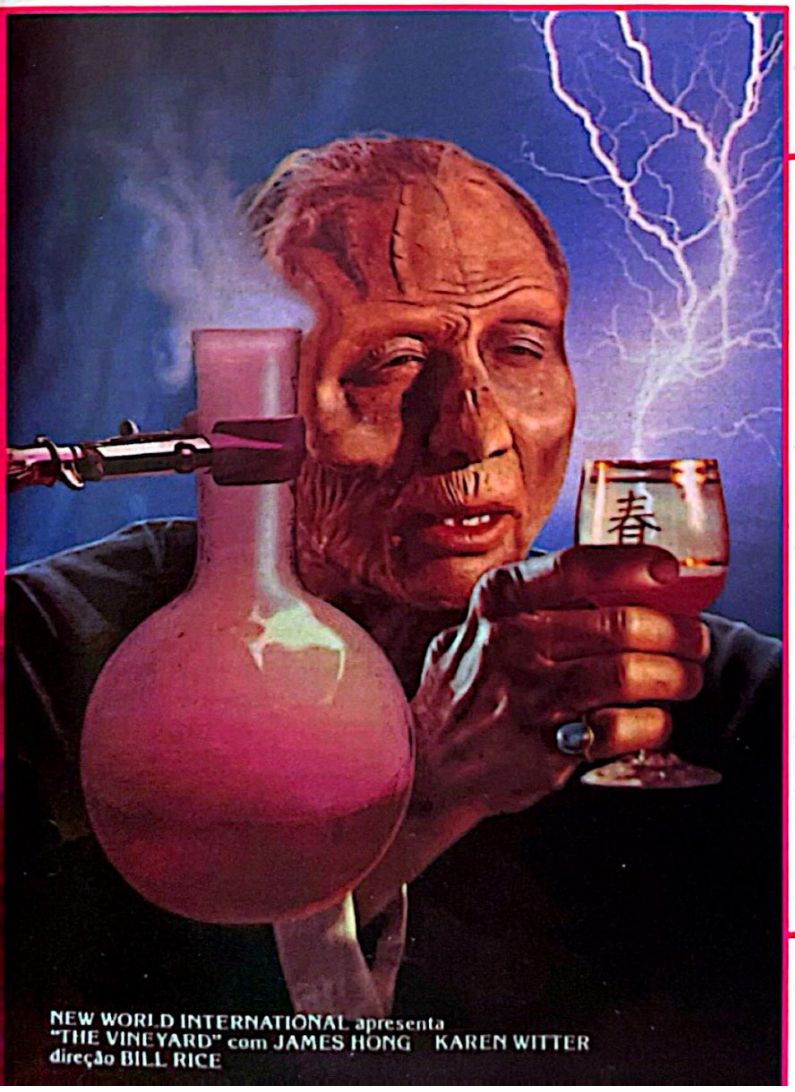
A CAÇA AOS FANTASMAS



Durante breve final de semana, o amor deles era tudo o que importava

UM SOLDADO UMA HISTÓRIA

Distribuição exclusiva em vídeo PARIS VÍDEO FILMES
Rua Itamarati, 204 - esq. Av. Pacaembú - F. 262.6717 - 864.1724
872.2885 - 872.0408 - S. Paulo - Capital.

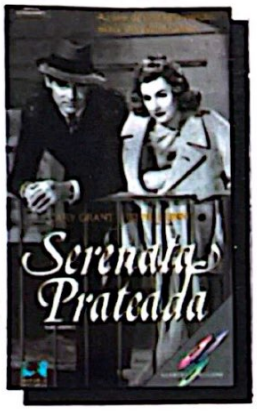


NADA TÃO MAL VIVE POR MUITO TEMPO

A MALDIÇÃO DOS ZUMBIS

NEW WORLD INTERNATIONAL

DRAMA

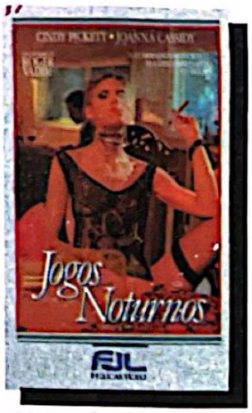


SERENATA PRATEADA ●●●●
(Penny Serenade, EUA, 1941)
Direção: George Stevens. Com Cary Grant, Irene Dunne. Herbert Richers.
O romance é água-com-açúcar — conta a história de um casal mediano (ele jornalista, ela balconista de uma discoteca) desde o primeiro encontro, passando pela perda de um bebê, a adoção de outro, até os desentendimentos conjugais. O sucesso desse enredo, com ingredientes sentimentalóides, deve-se sobretudo à performance dos protagonistas, Irene Dunne e Cary Grant, par vindo, na época, de comédias sofisticadas como *Cupido É Moleque Teimoso* (1937) e *Minha Esposa Favorita* (1940). Duas estrelas glamourosas em papéis ordinários, vivendo as alegrias e adversidades enfrentadas por pessoas comuns — este é o truque do filme. A direção clássica de George Stevens *(Um Lugar ao Sol)* contribui para fazer da fita uma convincente e delicada *love story*, com pitadas de humor e deliciosas canções de época. *M.N.*

AUSÊNCIA DE MALÍCIA ●●●
(Absence of Malice, EUA, 1981)
Direção: Sydney Pollack. Com Paul Newman, Sally Field, Bob Balaban. LK-Tel/Columbia.
Sally Field é a repórter de um grande jornal que, aparentemente, imune a uma coisa chamada sensibilidade jornalística, é levada a publicar uma notícia envolvendo um comerciante de bebidas (Paul Newman, ótimo) na morte de um líder sindical. Usando a jornalista, agentes do governo pretendem pressionar o acusado a contar tudo o que sabe sobre o caso. A morte de uma amiga fará com que o personagem de Newman utilize os mesmos métodos da imprensa e do governo para desmascarar ambos. Mesmo aparando as arestas em sua crítica às instituições — não é o governo nem a imprensa que estão no banco dos réus, mas sim elementos que os denigrem —, Pollack realizou um filme envolvente e provocativo. *P.C.*

Herbert Richers

Edgar Buchanan, Grant e Dunne no bucólico *Serenata Prateada*



JOGOS NOTURNOS ●●●
(Nigth Games, EUA, 1980)
Direção: Roger Vadim. Com Cindy Pickett, Joanna Cassidy. F.J. Lucas.
A assinatura de Roger Vadim, inventor do mito Brigitte Bardot, é garantia de (no mínimo) imagens fotogênicas e erotismo *soft*. Aqui, o diretor de *E Deus Criou a Mulher* e *Barbarella* entra na intimidade onírica de Valerie (Cindy Pickett), dona de casa rica que não consegue fazer sexo por ter sido violentada na adolescência. Enquanto o marido viaja, a frágil Valerie se defronta sozinha com seus fantasmas, seus sonhos e sua libido aos poucos destravada. Exalando uma lubricidade misteriosa, submersa, a bela Cindy comprova o bom gosto de Vadim para mulheres. O diretor, no entanto, não mostra a mesma competência de seus antigos trabalhos, enveredando pelo caminho da superficialidade. *A.Q.N*

A ENCRUZILHADA ●●●
(Crossroads, EUA, 1986)
Direção: Walter Hill. Com Ralph Macchio, Joe Seneca. LK-Tel Columbia.
Eugene Martone (Macchio), um jovem estudante de música erudita, sonha ser um *bluesman*, mergulhando no fogo melancólico do som negro. Segue o velho Willie Brown (Joe Seneca) pelo coração do Mississipi para absorver a alma do blues. Vivendo *on the road*, encontra a graciosa Frances (Jami Gertz) e arranja muita encrenca. Em sua juventude, o músico Willie Brown tomou lições de blues, fazendo um pacto com "alguém" muito especial à meia-noite numa encruzilhada. "Te vejo no Inferno, ceguinho" — exclamou naquele dia o empedernido satã negro. Eugene (na fossa) sente finalmente correr o sangue bluesístico em suas veias, pois, como ensina o velho, "Blues é um homem bom sentindo-se mal". Ele conhece também o "mal" e a marginalidade que o rondam, o blues, um dos mais vigorosos elementos da música norte-americana, sinceramente homenageado por Hill (apoiado numa trilha de blues tradicional e na fabulosa guitarra de Ry Coorder). *A.Q.N.*

LK-Tel Columbia

Macchio e Seneca em *A Encruzilhada*, sincero elogio ao blues

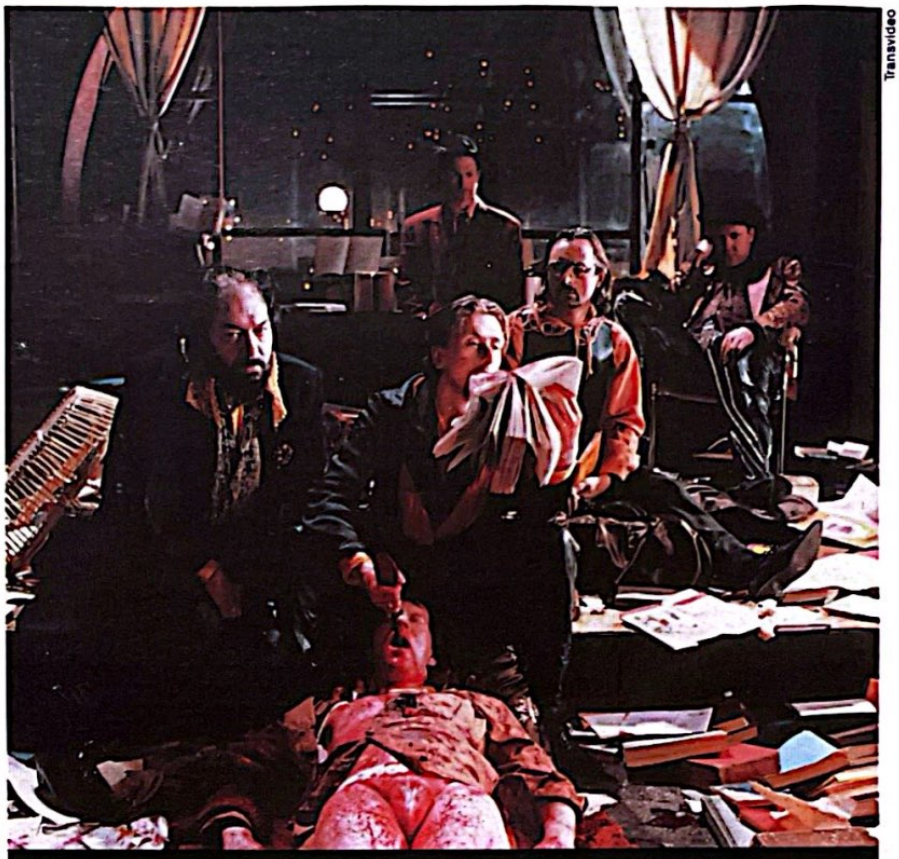
QUANDO O AMOR RENASCE ●●●
(Falling in Love Again, EUA, 1980)
Direção: Steven Paul. Com Elliot Gould, Susannah York. Mundial.
Em Los Angeles, Elliot Gould (o narrador) é o melancólico Harry Lewis, marido de meia-idade, bem-sucedido mas entediado. Vive brigando com a esposa, Sue (Susannah York) e os filhos, enquanto rememora os doces momentos do passado de adolescente do Bronx. O passado (que o atormenta em sonhos) é tanto mais perfeito quanto mais o presente parece sem graça e vazio. Viajando a

HENRIQUE V ●●●●
(Henry V, Inglaterra, 1989)
Direção: Kenneth Branagh. Com Kenneth Branagh, Derek Jacobi, Ian Holm, Paul Scofield, Emma Thompson. Paris Vídeo.
Kenneth Branagh, 29 anos, é um bravo. Ousou o que poucos ousariam: refilmar a versão considerada definitiva do clássico de Shakespeare feita por Sir Laurence Olivier em 1945. Seu *Henrique V* é despido de glamour, brutalmente realista, emocionante ao extremo. Trata com força surpreendente dos temas principais da peça: o isolamento do poder e o poder da palavra. Branagh reduziu os 240 minutos originais do texto para 150 sem retirar nada de sua essência, e cercou-se dos melhores atores que se possa imaginar, incluindo a própria mulher, Emma Thompson, no papel de princesa Catherine da França. Com um orçamento baixo (US$ 7,5 milhões) recriou o inferno da batalha de Agincourt como se ele próprio tivesse vivido, utilizando closes que não se perdem no vídeo. Só não é, por pouco, melhor ator que Olivier. *D.B.*

Nova York, ele se lembra das traquinagens juvenis e do amor intenso brotado por uma jovem enfermeira (Michelle Pfeiffer, luminosa) de rosto angelical. Recorda-se com amargura do primeiro beijo, do rival, e da generosa amiga que o ensina a arte de amar. A direção joga liricamente com as idas e vindas através do tempo, analisando sentimentalmente essas marcas que preenchem toda uma vida. *A.Q.N.*

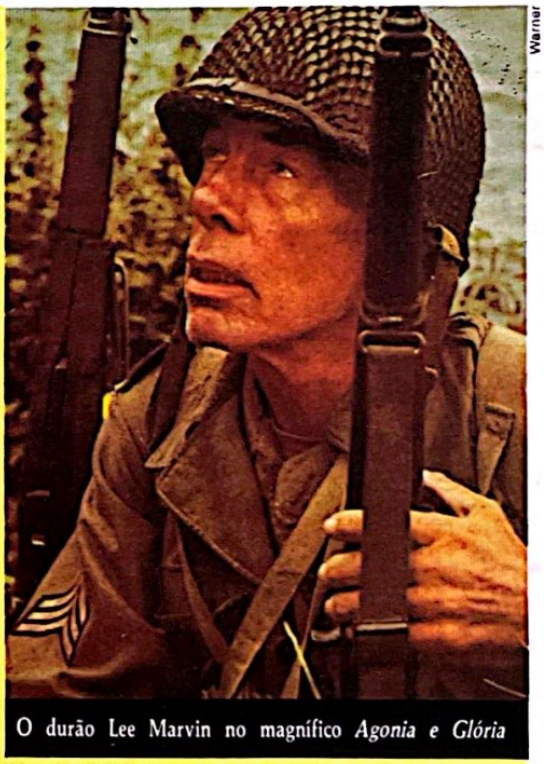
JOVEM SEM RUMO ●●●
(Reckless, EUA, 1984)
Direção: James Foley. Com Aidan Quinn, Daryl Hannah. Vídeo Arte.
Taciturno, reservado e raivoso, Aidan Quinn (estreando) encarna o motoqueiro Johnny Rourke. Espécie de James Dean pós-punk, Johnny vive numa provinciana e esfumaçada cidade industrial. Johnny é lacônico e atirado. Fica caidaço pela blonde Tracey (Daryl Hannah, absurdamente linda), que namora (por namorar) um chato filhinho de papai. Numa das melhores seqüências (registrada em panorâmica circular), ele dança com ela a ensandecida canção "Never Say Never" de Romeo Void, cortando o barato de um bailinho sub-brega. Esse primeiro longa de James Foley (*Caminhos Violentos, Quem É Essa Garota?*) é uma explosão cristalina, pura, econômica e sincera, sem ousadias formais. Uma celebração heróica da libido e do eterno espírito de rebeldia adolescente. *A.Q.N.*

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE ●●●
(The Cook, the Thief, his Wife & her Lover, França/Inglaterra, 1989)
Direção: Peter Greenaway. Com Richard Bohringer, Helen Mirren, Tim Roth, Michael Gambon. Transvídeo.
O cineasta e pintor Peter Greenaway é um artista perverso, obstinado pelos temas do sexo, da morte, da escatologia e da degeneração orgânica. Neste seu último filme, de beleza plástica e virtuosismo perturbadores, ele mostra sua obsessão pelo domínio dos corpos através do arbítrio e da violência. No cenário infernal do restaurante L'Hollandais, os personagens do título aparecem como figuras de Rembrandt. O ladrão, mestre de cerimônias (dono do lugar) impõe sua ferocidade tanto na cozinha, escravizando seu mestre-cuca, quanto no salão, tratando convidados como a própria mulher, que espanca diariamente. O horror é apresentado em cores quentes, em composições rigorosas, cuja frieza é levada ao ápice num banquete mórbido final. Poucas vezes o cinema foi tão formal ao descrever a sordidez. *M.N.*

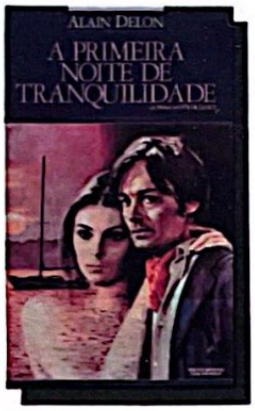

Transvideo

O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante — a sordidez sem concessões de Greenaway

AGONIA E GLÓRIA ●●●●
(The Big Red One, EUA, 1980)
Direção: Samuel Fuller. Com Lee Marvin, Mark Hamill, Robert Carradine, Kelly Ward. Warner.
Poucas guerras foram tão humanas. Baseado em suas recordações na Primeira Divisão de Infantaria, durante a Segunda Guerra, o mestre Samuel Fuller lança na década de 80 um épico que, pelo tom tão pungente quanto equilibrado, rapidamente virou clássico. Lee Marvin (um emblema dos filmes de guerra) é um veterano sargento, durão e paternal, que comanda sua patrulha de rapazes, peregrinando pelo norte da África, Normandia, Bélgica, Alemanha e Tchecoslováquia, numa espécie de cartografia do conflito que mudou a face do mundo.
No trajeto de Griff (Mark Hamill), Zab (Robert Carradine), Vinci (Bobby Di Cicco), Johnson (Kelly Ward) e seu sargento, não faltam momentos de camaradagem e alegria nos intervalos em que não são atacados pela natureza ou pelos inimigos. Tomadas curtas e incisivas (que jamais degringolam para a carnificina vazia ou o sentimentalismo exagerado) vão costurando um filme magnificamente decupado. Num pesadelo que cheira a morte, pólvora e heroísmo, detalhes como o *close* de um rato, ou a seqüência de um improvisado parto dentro de um tanque, revelam um mundo que ainda não embruteceu completamente.
Fuller, um ex-jornalista policial, é sem dúvida um dos cineastas americanos mais incensados pela crítica francesa (não por acaso, ele é homenageado no hipercultuado *Pierrot, Le Fou*, do revolucionário *monsieur* Jean-Luc Godard). O cinema foi, para ele, uma espécie de prolongamento do ofício de roteirista. Insatisfeito em ver histórias suas conduzidas por outras, resolveu ir para trás das câmeras, engendrando clássicos como *Matei Jesse James* (1949), *Baionetas Caladas* (1950), e *Mortos Que Caminham* (1961). A guerra, focalizada em *Agonia e Glória* (que praticamente recuperou sua carreira em declínio), como observa o crítico Olivier René Veillon, não representa um "destino". Ela apenas deve ser feita, apesar de ninguém ter sido talhado para ela. "No meio do inesperado e do heróico, todos sabem o que fazer para se agüentar até que a morte dê com eles, ou não."
Antonio Querino Neto


Warner

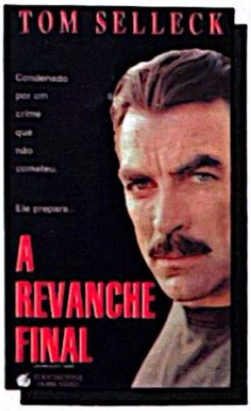
O durão Lee Marvin no magnífico *Agonia e Glória*



A PRIMEIRA NOITE DE TRANQÜILIDADE ●●●
(La Prima Notte de Quiete, Itália, 1972)
Direção: Valério Zurlini. Com Alain Delon, Giancarlo Giannini, Sonia Petrova. Sagres.
Retrato típico do início dos anos 70, ambientado em Rimini, litoral da Itália, na trilha das atmosferas decadentes criadas por Visconti. O filme cerca a figura de um professor, herói negativo na sua concepção romântica, que consome a tragédia de sua própria existência até a autodestruição, numa província a beira-mar afogada em tédio.
O alto nível de interpretação do *cast*, que reúne grandes nomes mesmo em papéis secundários — como Giancarlo Giannini, Léa Massari e Ricardo Montanari — compensa qualquer bocejo. Sonia Petrova, objeto de todo o desejo da história, tem aqui o primeiro e último papel importante de sua carreira. *I.R.S.*

POLICIAL

DIFÍCIL DE MATAR ●●
(Hard to Kill, EUA, 1990)
Direção: Bruce Malmuth. Com Steven Seagal, Kelly LeBrock, Bil Sadler. Warner.
Depois do sucesso de *Nico — Acima da Lei*, o quebra-ossos Steven Seagal está de volta às locadoras. Desta vez ele é o policial Mason Storm, que vai à luta contra os bandidos que mataram sua mulher e mandaram-no ao hospital crivado de balas de grosso calibre. Dado como morto, ele só conta praticamente com um aliado: a enfermeira Andy Stewart (Kelly LeBrock, mulher de Seagal na vida real), que cuidou dele durante os sete anos que passou em coma no hospital. Sua vingança é um festival de tiros e golpes de artes marciais, bem ao gosto dos aficcionados. *J.G.C.*



A REVANCHE FINAL ●●●
(An Innocent Man, EUA, 1989)
Direção: Peter Yates. Com Tom Selleck, F. Murray Abraham, Laila Robins, David Rasche, Richard Young. Abril Vídeo.
O Ponto de partida é hitchcockiano: um homem é condenado e punido por um crime que não cometeu. Mas o desenvolvimento do entrecho, ao contrário, tem muito mais a ver com o naturalismo brutal que domina o atual cinema americano. Jimmy Rainwood (Selleck) é um pacato mecânico de aviões baleado por engano em sua casa por uma dupla de policiais corruptos (Rasche e Young). Para acobertar o erro, os tiras "plantam" um pacote de cocaína na casa de Rainwood e declaram que ele atirou primeiro, reagindo à prisão. O que se segue é o julgamento de cartas marcadas do mecânico e seu calvário na prisão, enquanto sua mulher (Laila), do lado de fora, tenta provar sua inocência. O tema do falso culpado cede terreno, aos poucos, ao tema "fritzlanguiano" da vingança, e o filme cresce em tensão e violência. Surpreendente a atuação — sóbria e matizada — do "Magnum" Selleck. *J.G.C.*

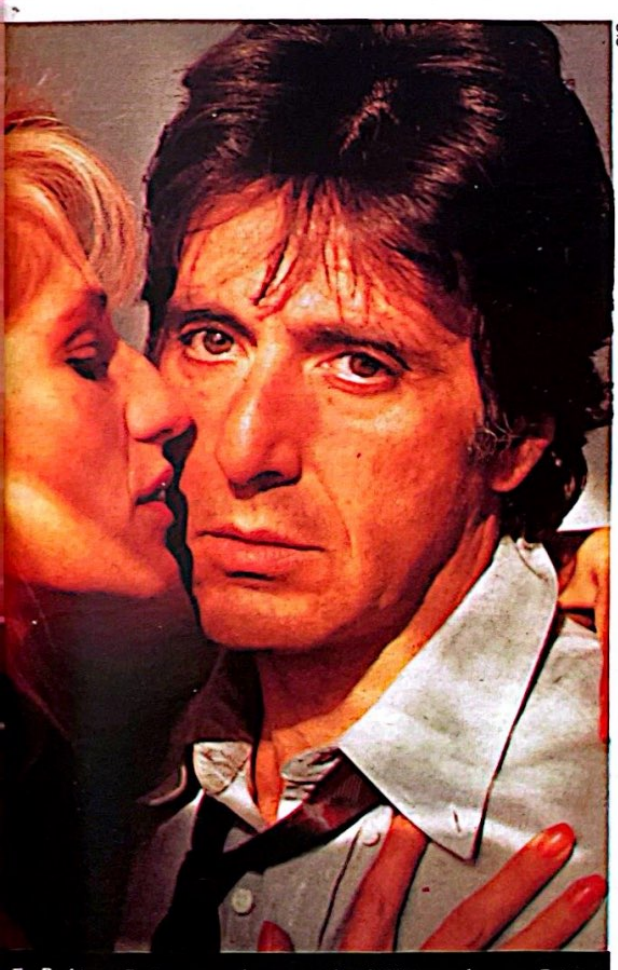
VÍTIMAS DE UMA PAIXÃO ●●●●
(Sea of Love, EUA, 1989)
Direção: Harold Becker. Com Al Pacino, Ellen Barkin, John Goodman. CIC.
O policial veterano Frank Keller deve investigar uma série de assassinatos de homens que colocaram anúncios pessoais em jornais. As pistas levam a Helen (Ellen Barkin), uma mulher atraente e solitária que escolhe os anunciantes mais românticos para, supõe-se, liquidá-los num encontro de amor ao som de um hit dos anos 50, *Sea of Love*, cuja versão, em 45 rotações, é deixada na cena dos crimes.
Com traços de policial *noir*, o filme então dá início à escalada de suspense. Keller se lança como isca e acaba sendo fisgado por Helen. Possível assassina de perfil calculista e frio, ela lhe proporciona um romance tórrido e ameaçador. A tensão explosiva — aliviada com doses certas de humor (para as quais contribui a participação do gozadíssimo John Goodman no papel do parceiro de Keller) — culmina num desfecho surpresa. Delicioso no cinema, o filme vale ainda mais como programa de vídeo, sem contar a performance de Pacino como Sérpico decadente que, por si, já vale o aluguel da fita. *Mario Nery*

A TRAPAÇA ●●●●
(Il Bidone, Itália/França, 1955)
Direção: Federico Fellini. Com Broderick Crawford, Giulietta Masina, Richard Basehart, Franco Fabrizi. Sagres.
Um olhar superficial a este quinto longa-metragem de Fellini tende a colocá-lo entre os filmes menores do diretor. De fato, *A Trapaça* não tem a exuberância de *A Doce Vida*, a complexidade narrativa de *Oito e Meio* ou o apelo nostálgico de *Amarcord*. A despeito disso, apresenta de maneira tão concentrada e paradigmática o pessimismo ético de Fellini que chega a ser iluminador do restante de sua obra. Nos melhores momentos desta, há sempre um homem à beira da queda que vislumbra uma possibilidade de redenção mas acaba se afastando dela e mergulhando em seu abismo pessoal e intransferível. Em *A Trapaça* esse personagem problemático se desdobra em dois: o jovem Carlo "Picasso" (Basehart) e o velho Augusto Rocca (Crawford), ambos companheiros de trapaça de Roberto Giorgio (Fabrizi), um delinqüente incorrigível. Os três se vestem de padres para enganar camponeses crédulos e de funcionários do ministério da habitação para ludibriar favelados. Seus golpes — sempre contra miseráveis — são ao mesmo tempo engraçados e melancólicos, e em algum momento eles vacilam, embaraçados por inesperados pruridos morais. O pólo "bom" a atrair "Picasso" é a sua esposa dedicada e inocente (Giulietta Masina), que o incentiva a ganhar a vida pintando quadros. Já o anjo que oferece uma chance a Augusto é sua filha adolescente, uma garota suburbana que trabalha e estuda para ter uma vida decente. Amargurado e cansado, Augusto é "Picasso" amanhã, e tenta convencê-lo a deixar os trambiques e endireitar-se enquanto é tempo. À medida que o filme avança, Fellini vai deixando de lado Roberto, "Picasso" e outros personagens secundários e se concentrando em Augusto. Essa metamorfose narrativa obedece claramente a um sentido moral: ao se tornar a elegia de um velho trapaceiro, o filme revela o vazio e a dor de toda existência marginal; ao deixar oculto o destino de "Picasso", permite entrever a esperança de que ele tenha se salvado, seguindo seu próprio anjo. *José Geraldo Couto*

SURPRESA DE SHANGHAI ●●
(Shanghai Surprise, EUA, 1987)
Direção: Jim Goddard. Com Madonna, Sean Penn, Paul Freeman, Richard Griffiths. Paris Vídeo.
Dois missionários (Madonna e Paul Freeman) contratam os serviços de um desconhecido (Sean Penn), na cidade de Shanghai em 1938, ocupada pelos japoneses. A missão do desco-

nhecido, que atende pelo nome de Glendon, é ajudá-los a obter uma enorme quantidade de ópio, que será usada para fins estritamente médicos. Os equívocos dessa produção começam no roteiro, que se apresenta como policial (mas descambra para a comédia), e terminam com a escolha de Madonna, que está longe de convencer como missionária. A surpresa fica por conta das canções de George Harrison, que também assina a produção e faz uma aparição relâmpago. *W.A.S.*

CHUVA NEGRA ●●●
(Black Rain, EUA, 1989)
Direção: Ridley Scott. Com Michael Douglas, Andy Garcia, Ken Takakura. CIC.
Nick (Michael Douglas), tira sacana e anti-regras, presencia uma ação da Yakuza, insidiosa e perfeccionista Máfia japonesa. Com o amigo Charlie (Garcia), o tira viaja à esfumaçada e pós-capitalista Osaka para levar o perigoso Sato, preso em Nova York. No Japão, o criminoso escapa. Em sua busca, o descontrolado e corrupto gaijin (estrangeiro) entra em choque com um mundo que não entende, e no qual não passará impune. Críticos viram aí o choque entre uma ética individualista (ocidental) e uma ética de grupo (oriental). Não é bem isso. O refinado Scott (esquadrinhando magnificamente a cultura urbana do Pacífico, onde Suzukis negras, néons e computadores, mesclam-se a rituais milenares) opera com a oposição entre um mundo sem ética e um mundo que (apesar de imerso em high-tech) ainda se guia por vetores como a honra. Pena que (como em Blade Runner) o diretor decaia num final sentimentalóide. *A.Q.N.*


CIC

E. Barkin e Pacino no saboroso policial *Vítimas de uma Paixão*

Paris

Sean Penn e senhora em *Surpresa de Shangai:* ruim como policial, pior como comédia

Vídeo Arte

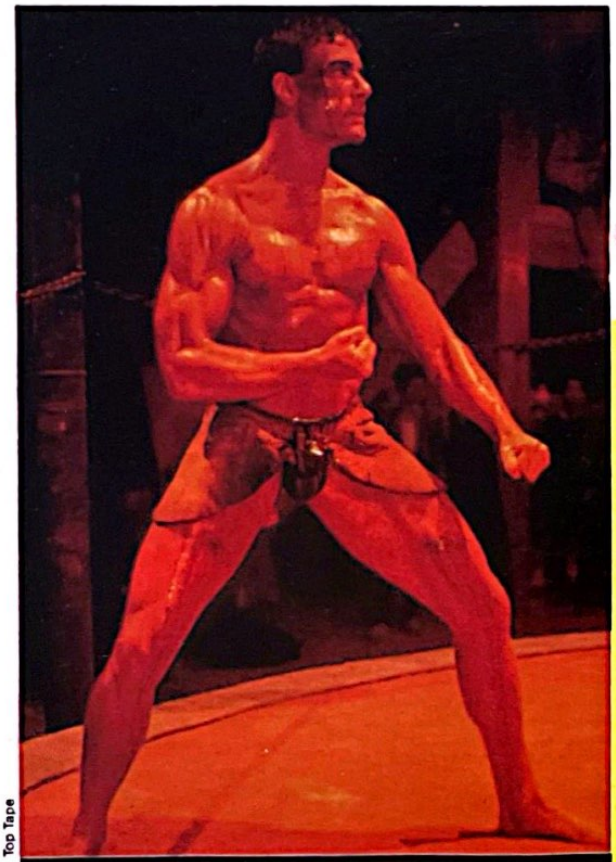
James Garner, em *Grand Prix*, tira o fôlego do espectador, no melhor filme de corridas

AVENTURA

GRAND PRIX ●●●
(Grand Prix, EUA, 1966)
Direção: John Frankenheimer. Com James Garner, Eva Marie Saint, Yves Montand, Toshiro Mifune. Vídeo Arte.
Se não o melhor, sem dúvida o mais espetacular filme jamais realizado sobre o mundo das pistas de alta velocidade. O diretor de *Sob o Domínio do Mal* ainda estava em forma quando rodou, a mais de cem quilômetros por hora, este miniépico sobre rodas.
As seqüências automobilísticas, com a câmara a bordo das velozes máquinas da época, são impecáveis, privilegiando-se de uma edição tão ágil quanto perfeita e de recursos óticos como o "split screen" (divisão da tela), que acentuam o ritmo vertiginoso das corridas. Contrariamente, há uma ruptura brutal de tom quando a câmera deixa as pistas para bisbilhotar a vida dos pilotos, flagrando-os em momentos íntimos. Esse intimismo, mais do que quebrar o ritmo, funciona, na verdade, como pausas respiratórias, dando tempo a que o espectador retome o fôlego antes de ser submetido a uma nova overdose de movimento e som hipnóticos. *Paulo Capuzzo*

TARZÃ, O FILHO DAS SELVAS ●●
(Tarzan, the Ape Man, EUA, 1981)
Direção: John Derek. Com Bo Derek, Miles O'Keeffe, Richard Harris. Vídeo Arte.
Versão soft e despudoradamente sexy do famigerado homem-macaco, o filme de John Derek tem a mulher "nota 10", Bo, no papel de Jane Parker, uma inocente lady vitoriana que viaja na expedição exploradora de seu pai (Richard Harris, soberbo até num filme fraco como este). A moçoila quase vira jantar de leões, é abraçada por serpentes, seqüestrada por nativos enfezados e encontra um bem-dotado Tarzã (O'Keeffe). Jane se apaixona pelo herói, que lhe mostra todos os prazeres da vida inóspita, incluindo viagens em cipós, banhos sem roupa e brincadeiras com chimpanzés. Derek realiza imagens de deslumbrantes cartões-postais naturais. *A.Q.N.*

FUGINDO DO INFERNO ●●●
(The Great Escape, EUA, 1963)
Direção: John Sturges. Com Steve McQueen, James Coburn, James Garner, Charles Bronson. Warner.
O norte-americano John Sturges (*Sem Lei e Sem Alma, Sete Homens e Um Destino*) revela aqui seu extraordinário *timing* para tramas de ação. Para ele, a Segunda Guerra (no ano de 1942, em que aliados estão detidos na Stalag 3, prisão alemã de máxima segurança) é apenas um pretexto para um vigoroso drama de aventura. O elenco é afiadíssimo, e inclui os britânicos Richard Attenborough (futuramente diretor de *Gandhi*) e Donald Pleasence, e os americanos Steve McQueen, Charles Bronson e James Coburn (que também estão no elenco de *Sete Homens...*). O malandro Hendley (James Garner), o neurótico Velinski (Bronson) e o cômico e durão Hilts (McQueen) juntos materializam (cavando túneis e forjando documentos falsos) o sonho de todo cativo: escapulir. "Só os fortes triunfam." *A.Q.N.*


Van Damme, em seu melhor papel, luta como guerreiro tailandês

Top Tape

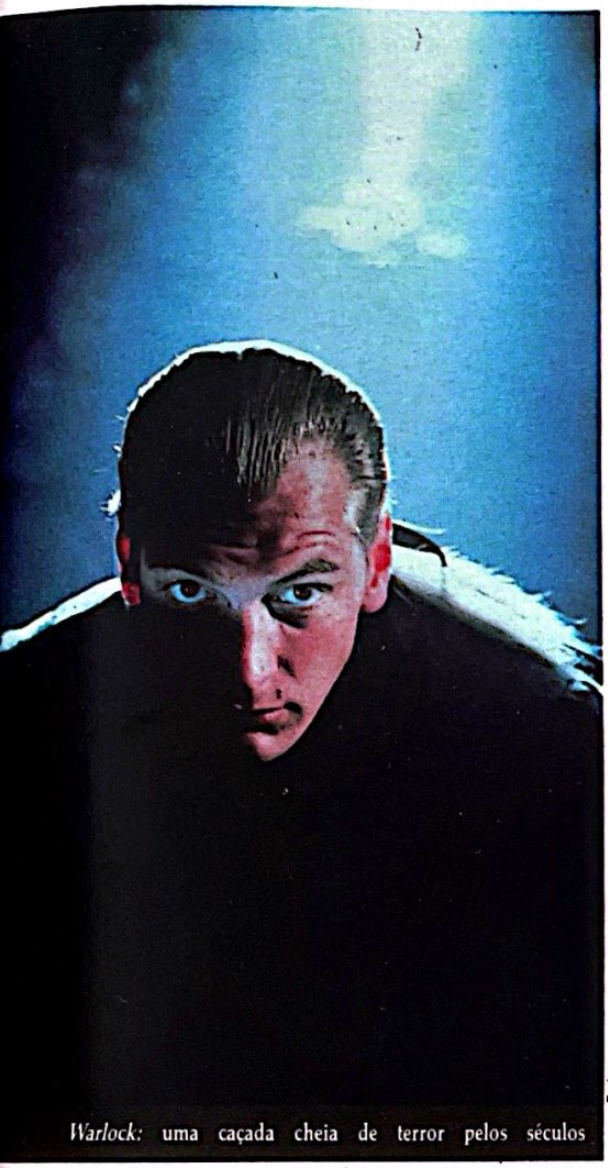
KICKBOXER — O DESAFIO DO DRAGÃO ●●●
(Kickboxer, Inglaterra, 1989)
Direção: Mark DiSalle. Com Jean-Claude Van Damme, Denis Alexio, Dennis Chan, Tong Po, Rochelle Ashana, Haskell Anderson. Top Tape.
O Grande Dragão Branco foi, surpreendentemente, a fita mais vendida do ano de 1989. Surpreendentemente porque fora lançado em novembro e também criou a "vandammemania" brasileira: jovens adolescentes encontraram o mais novo ídolo das artes marciais, o belga Jean-Claude Van Damme. Por mais que os cinéfilos mais radicais abominem seus filmes, que misturam aventura, socos e sanguinolência, não se pode negar que Van Damme traçou muito bem seu plano de carreira. Dividido entre o ballet clássico e o karatê, o ator (que também trabalhou como modelo fotográfico) optou pelo segundo e desembarcou na América disposto a se tornar um astro hollywoodiano. Iniciou fazendo uma ponta aqui, outra lá, em filmes inexpressivos e muitas vezes sem crédito, e hoje coreografa e dirige as cenas de luta — como em *Kickboxer*, onde se percebe que o rapaz tem jeito para a coisa. Se no início era um tanto quanto duro e truculento (como em *Retroceder*, e mesmo em *O Grande Dragão...*) e completamente inverossímel nas cenas de amor, em *Kickboxer* Van Damme se sente muito à vontade na frente da câmera, mostra seu talento de dançarino rebolando ao som de "disco" americana e amacia a rigidez muscular dos filmes anteriores entregando-se convincentemente aos desejos amorosos dos braços e lábios "perfumados" da bela tailandesa Mylee (Rochelle Ashana). *Kickboxer* segue a linha tradicional dos filmes de lutas marciais e não foge à regra de outros scripts: o protagonista — Kurt Sloane (Van Damme) — é bonzinho e quer vingança —, seu irmão, campeão americano de pesos-pesados de karatê, luta com o tailandês campeão de kickboxer (um estilo de luta em que vale tudo), Tong Po,e fica aleijado. Para vencer o brutamontes, Kurt é treinado por Xian Chow (Chan) na tradição filosófica dos guerreiros antigos. As cenas de treinamento nos campos da Tailândia e as de luta são os grandes momentos dessa aventura, que muito agradará aos fãs do ator. *Deborah Peleias*

TERROR

COMANDO ASSASSINO ●●●
(Monkey Shines: An Experiment in Fear, EUA, 1988)
Direção: George Romero. Com Jason Beghe, John Pankow. Globo Vídeo.
Em *Comando Assassino* (nos cinemas, *Instinto Assassino*), o monstro é uma aparentemente inofensiva macaquinha treinada para ajudar um jovem que ficou tetraplégico em conseqüência de um acidente. O que o infeliz rapaz não sabe e nem poderia saber é que o animal recebeu doses diárias de um soro feito à base de células cerebrais humanas. Ella, a macaquinha, é mais inteligente do que os de sua espécie. Afeiçoando-se ao jovem, manterá com ele uma estranha simbiose. O efeito imediato desse intercâmbio físico e mental entre homem e animal é que Ella dará vazão aos instintos mais agressivos do rapaz, transformando-se numa assassina. Nem tudo é plenamente digerível, a despeito do filme lidar, basicamente, com conceitos de razão e instinto. Na verdade, Romero colocou numa nova moldura o mito do "médico e o monstro". *P.C.*

GÊMEOS — MÓRBIDA SEMELHANÇA ●●●●
(Dead Ringers, Canadá, 1988).
Direção: Dovid Cronenberg. Com Jeremy Irons, Geneviève Bujold. F.J. Lucas.
Especialista em aberrações orgânicas, o cineasta canadense coloca de lado as monstruosidades explícitas para infiltrar-se num terreno mais sutil — a identidade sexual de dois irmãos gêmeos univitelinos. Ginecologistas famosos, eles dividem mais que a fama e uma clínica: partilham também suas parceiras sexuais, sem se envolver com nenhuma das mulheres que freqüentam suas camas. A situação complica quando Berverly, o mais emotivo, se apaixona por uma atriz portadora de três trompas (Geneviève Bujold). Eliot não quer perder o irmão e ambos passam a digladiar-se psicologicamente para decidir se devem (ou podem) romper o cordão umbilical que os une num amor passional, com tonalidades homossexuais. O terror resultante desse embate é mais que visceral: é uterino. *M.N.*

WARLOCK — O DEMÔNIO TAMBÉM TEM FILHO ●●●
(Warlock, EUA, 1988)
Direção: Steve Miner. Com Richard E. Grant, Julian Sands, Lori Singer, Kevin O'Brien. Paris Vídeo.
Salvo pelas forças do Mal de ser queimado vivo por seus inquisidores no século 16, o bruxo Warlock (Julian Sands) viaja no tempo e aporta na Los Angeles de 1988, na casa de Kassandra (Lori Singer), uma garota ultramoderna. Warlock está à procura das três partes do *Grand Grimoire*, um livro que, se reunido, lhe dará o poder absoluto de destruição da obra divina, o mundo criado por Deus. Atravessando também os séculos, seu caçador, Redferne (Richard E. Grant), tentará junto com Kassandra impedir o desastre. Com um roteiro bem arquitetado, que lembra a caçada medieval



Paris

Warlock: uma caçada cheia de terror pelos séculos

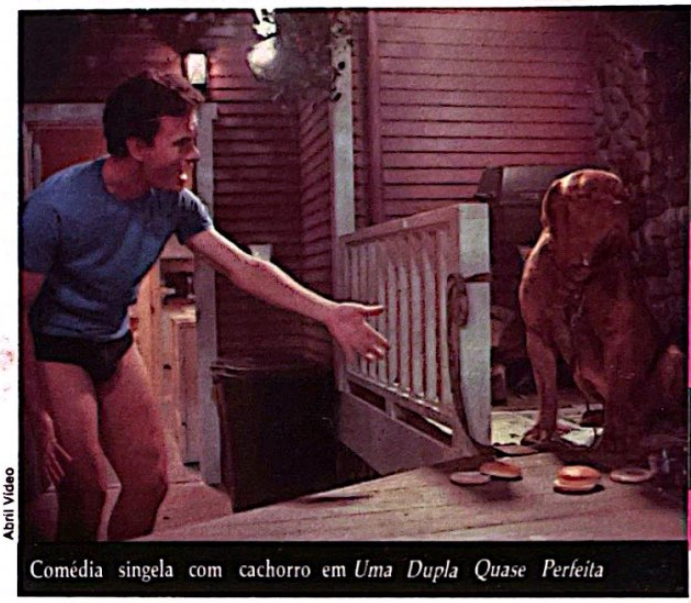
de *Highlander*, Steve Miner, o diretor de dois *Sexta-Feira 13*, surpreende ao construir, com originalidade e bom humor, seqüências que seduzem até o mais escolado espectador de filmes de terror. *W.A.S.*

A CÂMARA DE HORRORES DO ABOMINÁVEL DR. PHIBES ●●●
(Dr. Phibes Rises Again, Inglaterra, 1972)
Direção: Robert Fuest. Com Vincent Price, Robert Quarry, Peter Cushing, Valli Kemp. Globo Vídeo.
Retornando à vida graças a uma feliz conjunção dos astros, Phibes (Vincent Price) deseja a qualquer custo ressuscitar sua adorada esposa, nem que para isso tenha de seguir para o Egito em busca do rio da vida — mesmo destino de uma expedição liderada por um milionário (Robert Quarry), também obcecado com a idéia de viver eternamente. É a oportunidade que Phibes — sempre acompanhado de sua fiel assistente Vulnavia — esperava para, desfiando seu rosário de perversidades, eliminar os rivais com requinte e estilo. Sem nada a dever ao original, esta seqüência — com seu arsenal de mortes exóticas, diálogos saborosos e generosas pitadas de humor negro — conserva intacta a aura *camp* do primeiro filme. Phibes, a exemplo do escritor inglês Thomas De Quincey, elevou o assassinato à condição de arte. *P.C.*

COMÉDIA

TAL PAI, TAL FILHO ●●
(Like Father, Like Son, EUA, 1987)
Direção: Rod Daniel. Com Duddley Moore, Kirk Cameron, Margaret Colin. LK-Tel/Columbia.
Pai (Moore) e filho (Cameron) trocam, acidentalmente, de cérebros através de uma misteriosa poção indígena. Passando a assumir o comportamento de seu filho e este o de seu pai, um devotado médico, esta comédia trilha por suas previsíveis confusões. Argumento explorado inúmeras vezes, que, para fugir do trivial, deveria contar com um comediante mais eficiente. *W.A.S.*

QUANDO OS JOVENS SE TORNAM ADULTOS ●●●
(Diner, EUA, 1982)
Direção: Barry Levinson. Com Steve Guttenberg, Daniel Stern, Mickey Rourke. Vídeo Arte.
Ambientado nos anos 50, o primeiro filme de Levinson *(O Enigma da Pirâmide, Bom Dia, Vietnã)* consagrou-o definitivamente num gostoso painel de um grupo de velhos amigos de Baltimore, em vias de se tornarem adultos (mas não muito). Eddie (Guttenberg), Shrevie (Stern), Boogie (Rourke) e outros tentam segurar uma inocência fraterna que aos poucos vai escapando. Entre brincadeiras, rituais escolares, flertes, brigas e decepções, tentam repassar o passado, enquanto começam a construir o futuro. Há seqüências antológicas, como a do namoro no cinema onde se exibe *Candelabro Italiano*, acompanhado de *pop corn* e tudo! Num filme espirituoso e inteligente, repleto de cadillacs, rocks e baladas da pesada, Mickey Rourke (bem dirigido) delicia as fãs com sua fala macia e jeito *cool*, e mostra por que se tornou uma espécie de herdeiro do estilo Actor's Studio. *A.Q.N.*



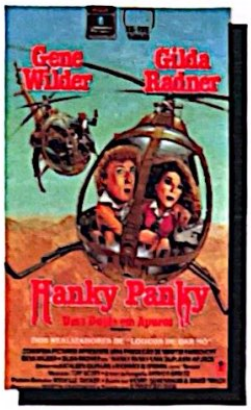
Abril Vídeo

Comédia singela com cachorro em *Uma Dupla Quase Perfeita*

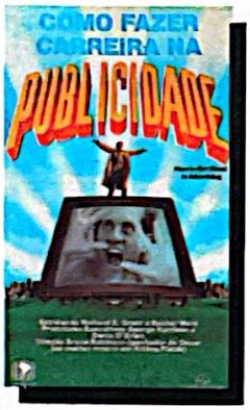
LOUCURAS DE VERÃO ●●●●
(American Graffiti, EUA, 1973)
Direção: George Lucas. Com Richard Dreyfuss, Ron Howard, Paul Le Mat, Charles Martin Smith, Candy Clark, Cindy Williams, Harrison Ford. CIC.
Pioneiro da evocação nostálgica do início dos anos 60, este segundo longa do hoje poderoso George Lucas tem sido valorizado por motivos quase alheios a suas qualidades intrínsecas. Destaca-se geralmente a presença no elenco dos futuros astros Richard Dreyfuss e Harrison Ford, ou do futuro diretor Ron Howard (de *Splash, Cocoon* e *Willow*); o desfile de saudosos Thunderbirds, Chevys, Fuscas e Pick-ups; a trilha sonora irrepreensível, com pérolas de Chuck Berry, Buddy Holly, Bill Halley e Beach Boys. Mas o que faz a diferença entre este pequeno clássico e suas imitações baratas é o perfeito equilíbrio entre as várias histórias narradas paralelamente, dando conta de uma longa noite na vida de uma cidadezinha americana, ao fim da qual fica-se conhecendo intimamente o sonho e a realidade de cada personagem. Essa eficiência e esse lirismo nunca mais seriam alcançados. *José Geraldo Couto*

UMA DUPLA QUASE PERFEITA ●●
(Turner & Hooch, EUA, 1989)
Direção: Roger Spottiswoode. Com Tom Hanks, Mare Winninghan. Abril Vídeo.
O astro de *Splash* e *Quero Ser Grande*, vive o jovem detetive Scott Turner, convertido pelo destino em babá de um enorme e difícil cão de nome Hooch. Tudo começa quando um velho solitário (dono de Hooch) é assassinado pelas costas perto do mar. Investigando o caso, Turner descobre que o enfezado cão é a única e importante testemunha no caso. Leva-o para casa. Passa a acordar no meio da noite com os latidos medonhos da nova companhia. Delirantes trapalhadas hankianas se sucedem, numa comédia singela, mas bem dosada, de Spottiswoode. *A.Q.N.*

VIDEOLANÇAMENTOS



HANKY PANKY — UMA DUPLA EM APUROS ● ●
(Hanky Panky, EUA, 1982)
Direção: Sidney Poitier.
Com Gene Wilder, Gilda Radner, Richard Widmark.
LK-Tel/Columbia.
Gene Wilder é um pacato arquiteto em viagem de negócios a Nova York. Inocentemente, ao ajudar uma jovem a escapar de alguns homens que a perseguem, ele é confundido com um espião e passa a sofrer as conseqüências desse ato, envolvendo-se nas piores enrascadas. Mistura de comédia e *thriller*, é visível aqui a intenção de se fazer uma brincadeira com alguns filmes de Alfred Hitchcock, notadamente *Intriga Internacional*. Infelizmente, porém, este é aquele tipo de comédia em que as raras boas idéias sucumbem diante dos momentos mornos e da direção pouco inspirada do ator/diretor Poitier. *P.C.*



COMO FAZER CARREIRA NA PUBLICIDADE ●●●
(How to Get Ahead in Advertising, EUA, 1989)
Direção: Bruce Robinson. Com Richard E. Grant, Rachel Ward, Richard Wilson. VTI.
Comédia inteligente de Bruce Robinson (roteirista de *Os Gritos do Silêncio*), mostra a guerra interna vivida por um publicitário *yuppie* dividido entre sua ética pessoal e a lei selvagem do marketing que a profissão lhe impõe. Bagley (Grant), profissional bem-sucedido, entra em crise quando depara com um creme para furúnculos, produto para o qual não consegue encontrar um slogan convincente. A pressão do chefe e a falta de inspiração fazem com que ele perca o autocontrole e descubra um furúnculo em seu próprio pescoço — que lhe sorri, dá bom-dia e passa a criticar a "hipocrisia" do mundo da publicidade. Sátira ao *yuppismo* com pitadas de psicanálise doméstica, o filme perde um pouco o rumo no desfecho, optando por uma solução que confunde histrionice com histeria. *M.N.*

Globo Vídeo

Beisebol, amor, sexo e blablablá em *Sorte no Amor*

DIF

Stan e Ollie — imbatíveis numa seleção de pastelões perfeitos

FESTIVAL O GORDO E O MAGRO ●●●●
(Laurel & Hardy, EUA, 1927)
Direção: Leo McCarey. Com Stan Laurel e Oliver Hardy.
DIF. Dublado.
Laurel & Hardy foram e ainda são a dupla de cômicos mais popular do mundo. Juntos fizeram 77 curtas-metragens e 25 longas, quase nunca bem recebidos pela crítica, que os desprezava. Ela só olhou para trás quando as comédias foram exibidas na TV americana, nos anos 50, com um sucesso estrondoso. O nariz empinado foi vencido pelo leve e pelo pesado. Esta junção que parece ter nascido pronta de tão natural costuma ser creditada ao produtor e diretor Leo McCarey. Na verdade, a trajetória individual de Stan e Oliver precedeu em vários anos e filmes o encontro final da dupla. Stan (1890-1965) era inglês e veio aos Estados Unidos na aurora do cinema mudo na mesma companhia que trouxe Charles Chaplin, a quem, aliás, deveria substituir. A companhia acabou indo embora sem ele. Já o sr. Hardy (1892-1957) nasceu no sul dos Estados Unidos, e começou cantando. A primeira comédia conjunta do par data de 1927 — *Putting Pants on Phillip*. Foi um caso de amor de celulóide (sem Freud) até o fim, com raras rusgas.
Nesta seleção de pastelões fica patente a maestria das tiradas ingênuas de Laurel & Hardy. O pano de fundo é quase sempre o mesmo: os dois tentam realizar uma tarefa banal que acaba virando um desastre com desdobramentos imprevisíveis — quase sempre por culpa do Magro (que ganhava o dobro do Gordo porque fazia serão no estúdio, ajudando a montar os filmes, criando gags). O Gordo, então, diante de uma patetada do parceiro, que, em geral, botava em risco a sua pele flácida, olhava-nos fixamente como um rotundo não, tamborilava na gravata, ajeitava o chapéu-coco e explodia de raiva. Era uma fórmula imbatível, levada às raias da perfeição pela pantomima fabulosa de Ollie e Stan — este, um mestre, o inspirador do mímico Marcel Marceaux. Nas mãos deles, limpar uma chaminé, consertar a antena de rádio ou cuidar das crianças era o mesmo que carregar uma bomba-relógio. Mas a melhor destas seis pequenas comédias é *Filho de Peixe*. Nela, num primor de mise-en-scène, os dois desdobram-se nos papéis de pais corujas e filhos capetas (como tal, operando num cenário hipertrofiado). É o máximo do mínimo. *Carlos Volpato*

SORTE NO AMOR ●●●
(Bull Durham, EUA, 1988)
Direção: Ron Shelton. Com Kevin Costner, Susan Sarandon, Tim Robbins. Globo Vídeo.
Além de Annie (Susan) não perder uma só partida de seu time de beisebol preferido — o Durham Bull —, não perde sequer a chance de transar com o melhor jogador da temporada. Ela mixa prazer sexual com palpites técnicos, e elege Ebby (Robbins), um ótimo lançador mas um panaca completo. Annie parece não se importar com esse detalhe, até que surge Crash (Costner) — um excelente veterano tipo rebelde. Crash não tolera a boçalidade de Ebby, e muito menos o charme que ela dispensa ao rapaz. E com razão. Crash não é um Durham Bull qualquer, ele é Bull Durham — um touro de personalidade a que Annie não consegue resistir. Este triângulo amoroso dá vida a essa agradável comédia romântica que parodia a vulgaridade dos bastidores do beisebol. *W.S.*

M.B.A HOME VIDEO
LANÇAMENTOS

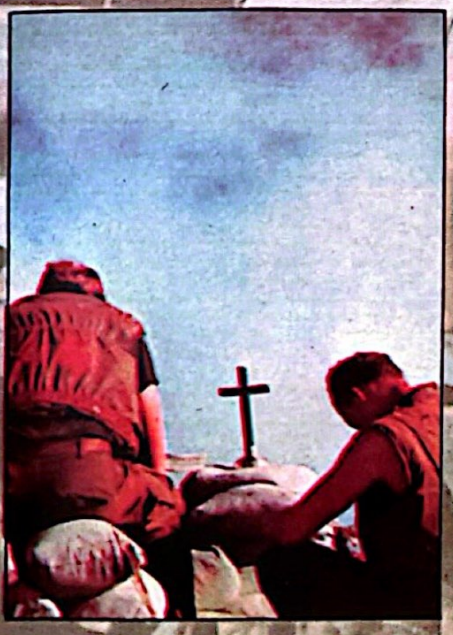
ESTE FILME VAI DESPERTAR A SUA CONSCIÊNCIA

BYE BYE VIETNAM

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO.

"BYE BYE VIETNAM"
um filme polêmico
mostrando toda a crueldade
de uma guerra sangrenta.
Com cenas inéditas de genocídio.

MARQUES REBELO



garanta o seu
divertimento
disque a cobrar,
(011) 910-1593

MBA HOME VIDEO

Setembro de 1965 - No momento exato em que um pelotão se prepara para deixar o Vietnam, recebe uma ordem para partir em busca de um piloto de helicóptero acidentado e perdido na floresta.

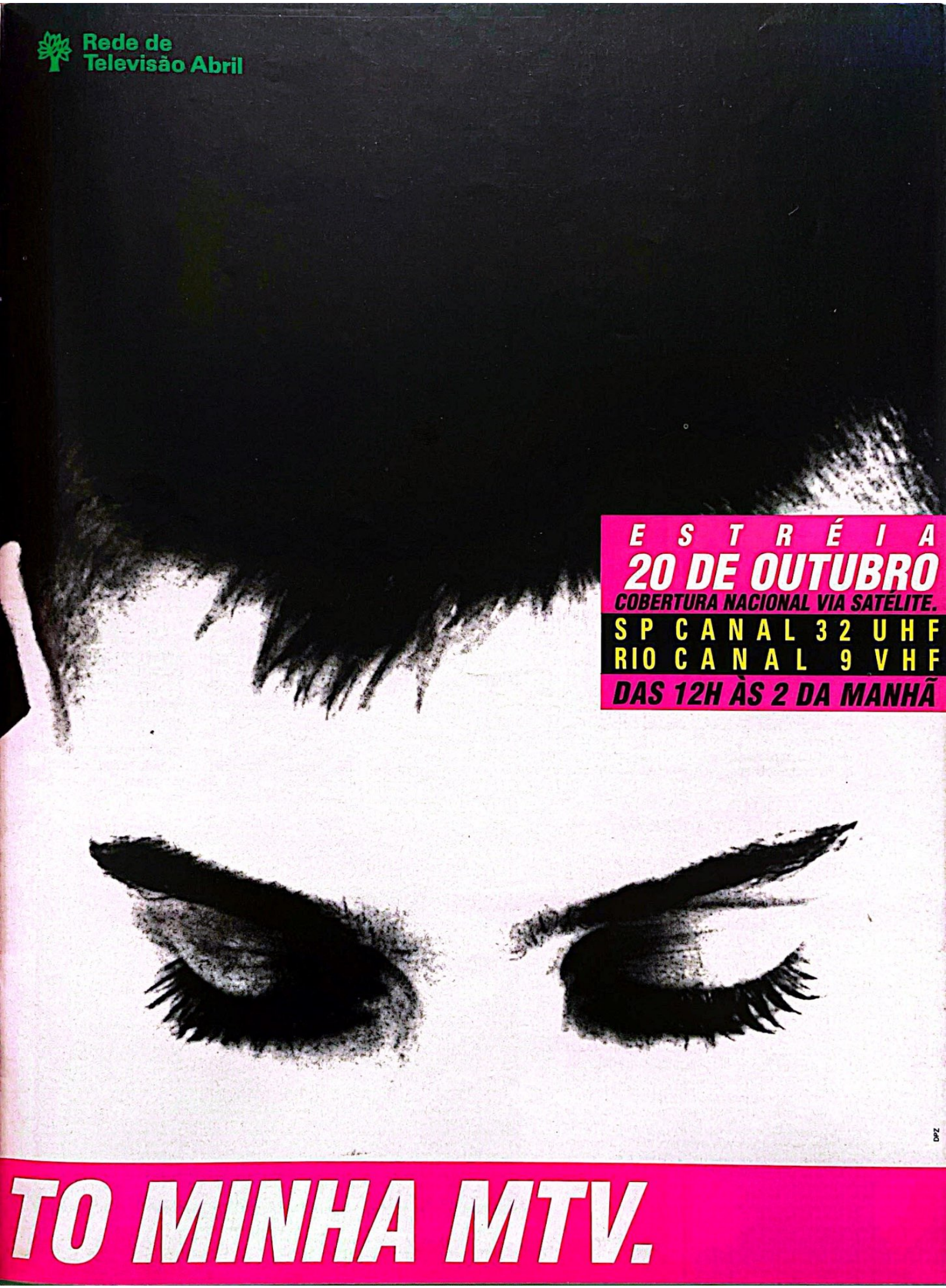
TE VEJO NA

MTV

MUSIC TELEVISION

Você já está careca de saber que sua tela pede mais som, esporte, jornalismo e humor no ritmo of your favorite music. É só se ligar na MTV. A primeira TV totalmente estéreo no Brasil. Guess when it starts: 20 de outubro.

NOTHING COMPARES


Rede de
Televisão Abril
ESTRÉIA
20 DE OUTUBRO
COBERTURA NACIONAL VIA SATÉLITE.
SP CANAL 32 UHF
RIO CANAL 9 VHF
DAS 12H ÀS 2 DA MANHÃ
TO MINHA MTV.

VIDEOLANÇAMENTOS

Abril Vídeo

Heather é precoce e mimada num dos três *Contos de Nova York*

BEER ●●
(Beer, EUA, 1985)
Direção: Patricky Kelly. Com Loretta Swit, Rip Torn, Kenneth Mars. LK-Tel/Columbia.
Reflexão bem-humorada sobre os métodos da publicidade, o filme é também uma debochada sátira sobre a sociedade que gravita em torno do discurso consumista. A fábrica de cervejas Norbecker quer um comercial eficaz para sua marca, na agência da qual é a principal cliente. A executiva Tucker (Loretta Swit) tenta achar o tipo de americano ideal, o macho seguro e confiante que deverá na TV persuadir os consumidores, sempre carentes de identificações com durões do tipo Clint Eastwood. Ela encontra, então, três machões que encarnam bem a breguice grandiosa que venderá a cerveja. E, valendo-se de ingredientes sexuais, sua campanha atinge níveis cínicos e surreais. *A.Q.N.*

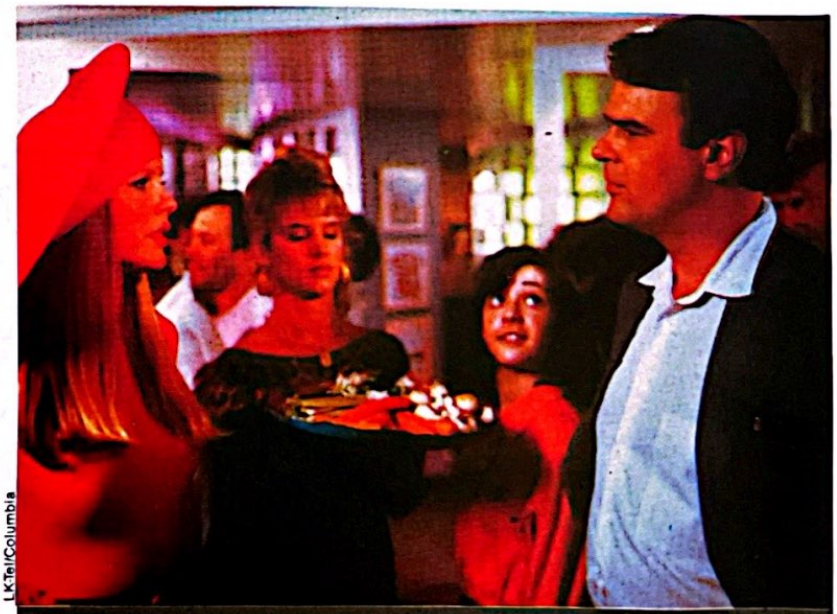
CONTOS DE NOVA YORK ●●●
(New York Stories, EUA, 1989)
Direção: Martin Scorsese, Francis Coppola e Woody Allen. Com Nick Nolte, Rosanna Arquette, Heather McComb, Talia Shire, Giancarlo Giannini, Woody Allen, Mae Questel, Mia Farrow. Abril Vídeo.
Nova York é o único ponto em comum entre os segmentos deste longa-metragem, dirigidos por três dos maiores cineastas contemporâneos. O resultado dessa conjunção de talentos é extremamente desigual. O primeiro episódio, "Lições de Vida", de Scorsese, é o mais compacto e bem resolvido: um pintor rico e famoso (Nolte) nutre sua inspiração com o relacionamento ambíguo e doentio que mantém com sua assistente/namorada (Rosanna Arquette). "Vida Sem Zoe", de Coppola, é uma extravagante e algo tediosa fantasia sobre uma garota mimada (Heather McComb) que vive num hotel de luxo enquanto os pais viajam o mundo. "Édipo Arrasado" é um Woody Allen típico, atormentado pela eterna mãe judia (Mae Questel), que consegue ser mais engraçada que ele. Só ela já valeria o aluguel da fita. *Jose Geraldo Couto*

MINHA NOIVA É UMA EXTRATERRESTRE ●●●
(My Stepmother is an Alien, EUA, 1988)
Direção: Richard Benjamin. Com Kim Basinger, Dan Aykroyd. LK-Tel/Columbia.
Steve Mills (Aykroyd) é um cientista dedicado demais: tem pouca vida social ou amorosa. É viúvo, com uma filha adolescente. Ele manda um sinal intergaláctico que altera a gravidade do planeta da majestosa Celeste (Kim). Ela vem à Terra arrumar a situação. Linda, estonteante e exótica, Celeste pressiona Steve a repor a gravidade de sua terrinha. Para ele, ela "caiu do céu". Afinal, um mulherão desse ele não pode deixar escapar. Os problemas pareceriam incontornáveis, se não fossem engraçados. Celeste acaba gostando dos hábitos humanos. Partir ou não partir, eis sua questão. Este é um dos papéis mais ágeis de Kim Basinger. Apoiada pelo eficiente Aykroyd, ela é a estrela desta boa comédia interplanetária. *W.S.*

UM GRANDE PROBLEMA ●●●
(Big Trouble, EUA, 1985)
Direção: John Cassavetes. Com Alan Arkin, Peter Falk, Beverly D'Angelo, Robert Stack, Charles Durning. LK-Tel/Columbia.
O *outsider* John Cassavetes (1929-1989) assumiu a direção desta comédia maluca em substituição ao diretor Andrew Bergman depois de iniciadas as filmagens. Se o resultado final não é tão pessoal quanto seus melhores filmes *(Gloria, Love Streams)*, também não decepciona. No começo de tudo, Leonard Hoffman (Arkin) é um corretor de seguros que precisa de dinheiro para mandar seus três filhos à Yale. A loura *vamp* Blanche Rickey (Beverly D'Angelo) procura-o a pretexto de fazer um seguro para o marido, Steve (Falk), e acaba seduzindo-o para a idéia de assassinar o pobre diabo e rachar o dinheiro do seguro. Essa situação, entretanto, vai sofrer inúmeras reviravoltas espetaculares até o final. Nem todas são especialmente engraçadas, mas só o alto-astral do elenco (que parece ter se divertido muito) já vale a fita. *J.G.C.*

FICÇÃO

O DOMÍNIO DO OLHAR ●●
(Loocker, EUA, 1981)
Direção: Michael Crichton. Com Albert Finney, James Coburn, Susan Dey, Leigh Taylor-Young. Warner.
Autor de livros de ficção científica que viraram ótimos filmes em mãos alheias, como *O Homem Terminal* e *O Enigma de Andrômeda*, Crichton nem sempre se dá bem como diretor *(Coma, O Primeiro Assalto de Trem, Runaway)*. Aqui, a trama é prejudicada de cara por uma premissa infantil: belas modelos e atrizes de comerciais são seqüestradas e mortas por uma misteriosa agência, que sintetiza as imagens e a voz das garotas no vídeo, através de sofisticados computadores, com o objetivo de criar anúncios que hipnotizam o espectador. Albert Finney é o cirurgião plástico Larry Roberts, que de principal suspeito passa a investigador das mortes. O enredo é, paradoxalmente, confuso e previsível, e a única coisa que se salva, além de Finney, são alguns efeitos especiais misturando vídeo, computação gráfica e uma cenografia deslumbrante. *J.G.C.*


LK-Tel/Columbia

Kim Basinger, alienígena, e Ayckroyd, cientista, no divertido *Minha Noiva é uma E.T.*

ESTE FILME VOCÊ NÃO PODE PERDER!

ESTRELANDO

- Estoque de 45.000 fitas
- 1.500 títulos (todas as produtoras)
- Pagamentos semanais e quinzenais
- Entrega em todo o território nacional

Fone loja
(011) 288-2333

Fone telemarketing
(011) 289-5575
(011) 287-9424

Fax
(011) 284-7853

CONHEÇA NOSSOS REPRESENTANTES
PORTO ALEGRE (0512) 225116/223549
CURITIBA: (011) 262-6644/263-1597
CAMPO GRANDE: (067) 384-3208
BELO HORIZONTE: (031) 221-8758
BRASÍLIA: (061) 552-4593
CATANDUVA: (0175) 22-4096
RIO DE JANEIRO (021) 286-7645 / 266-1747

SPERBER
HOME VIDEO

Al. Santos, 1293 4º andar
Cerqueira Cesar - CEP 01419 - São Paulo - SP
Telefone: (011) 288-2333/289-2287/251 -5908/283-3061

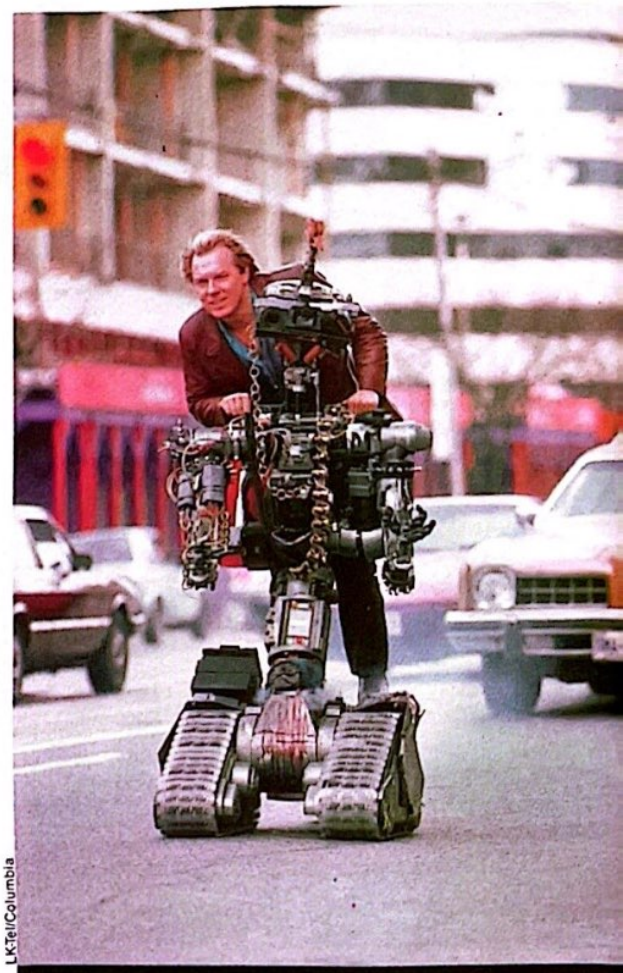
UM ROBÔ EM CURTO-CIRCUITO ••

(Short Circuit 2, EUA, 1988)
Direção: Kenneth Johnson. Com Fisher Stevens, Michael McKean, Cynthia Gibb. LK-Tel/Columbia.
Seqüência de *O Incrível Robô*, utilizando o mesmo personagem. Desta vez, Number 5, ou melhor, Johnny Five, ajuda seus amigos a desmantelar uma quadrilha de assaltantes de banco. Não sem antes envolver-se em confusões como a invasão de uma livraria — deixada de cabeça pra baixo — ou o furto de toca-fitas — após ter sido ludibriado por malandros de rua. Entre uma enrascada e outra, Johnny Five reflete sobre a solidão a que estão sujeitos seres que, como ele, são considerados diferentes pelos demais. Claro que o tema recebe um tratamento superficial — como convém, aliás, a uma comédia descartável, para um público infanto-juvenil. *P.C.*

EROTICO

O IMPÉRIO DA PAIXÃO •••

(Ai no Borei, Japão, 1978)
Direção: Nagisa Oshima. Com Kazuko Yoshiyuki, Tatsuya Fuji, Takahiro Tamura, Takuzo Kawatami. Sagres.
No final do século 19, numa aldeia japonesa, Seki (Kazuko Yoshiyuki), a mulher do carroceiro Gisaburo (Tamura), começa a trair o marido com o jovem desocupado Toyoji (Fuji). A paixão entre os amantes cresce a ponto de não suportar mais a existência do carroceiro, que é então assassinado e jogado num poço. Seki esconde da aldeia a morte do marido, dizendo que ele viajou a Tóquio. Mas o fantasma de Gisaburo aparece com freqüência cada vez maior aos amantes, levando-os à loucura e ao desespero. A partir desse enredo simples, Oshima (que dois anos antes tinha realizado *O Império dos Sentidos*) construiu um filme denso, meticuloso e carregado de uma atmosfera doentia, que perde muito de seu impacto na tela pequena. Ainda assim, é impossível ficar indiferente à beleza das cenas de sexo e daquelas em que o remorso obriga Toyoji a jogar folhas secas no poço onde jaz Gisaburo. *José Geraldo Couto*



LK-Tel/Columbia

Um Robô em Curto-circuito: superficial e descartável

Sagres

Impossível ficar indiferente à beleza das cenas de amor e ao remorso de *O Império da Paixão*

SUSPENSE

ARMADILHA DA MORTE •••

(Trapped, EUA, 1989)
Direção: Fred Walton. Com Kathleen Quinlan, Bruce Abbott, Katy Boyer. CIC.
Kathleen Quinlan é executiva numa empresa instalada num luxuoso edifício de 65 andares. Preparando-se para deixar o local depois que todos já se foram, percebe que não está sozinha. Um homem conseguiu furar o ultra-sofisticado mecanismo de segurança do edifício e desativou todas as saídas. A heroína está à mercê de um perigoso assassino. Para não limitar a ação a uma cansativa brincadeira entre gato e rato, os roteiristas incluíram na trama um terceiro personagem. Na verdade, um espião industrial que ajudará a heroína depois desta ter tido sua secretária morta pelo psicopata. A direção segura de Fred Walton (*Quando um Estranho Chama*) mantém o suspense na voltagem correta. *P.C.*

PROMOÇÃO

Hobby VIDEO

O Seu Melhor Lazer

Lojas abertas até 24 horas

Av. Indianópolis, 440 - Moema - Tel.: 571-4997
Rua Antonio Macedo Soares, 1517 - C. Belo - Tel.: 533-9626
Rua Bandeira Paulista, 327 - Itaim - Tel.: 883-0534
Praça Panamericana - Alto de Pinheiros - Tel.: 212-2933
Av. Angélica, 1774 - Higienópolis - Tel.: 256-5206
Av. Paes de Barros, 2883 - Mooca - Tel.: 274-8436
Av. Professor Vicente Rao, 435 - Brooklin - Tel.: 241-8556
Av. dos Tajurás, 30 - Cidade Jardim - Tel.: 815-7368
Rua Colômbia, 825 - Jardim Europa - Tel.: 852-4507
Av. Sumaré, 1246 - Perdizes - Tel.: 262-0340

Lojas abertas até 22 horas

Avenida Vereador José Diniz, 1228 - Brooklin - Tel.: 548-8272
Rua Bairi, 55 - Alto da Lapa - Tel.: 261-2939

ACEITAMOS TODOS CARTÕES DE CRÉDITO

WARNER HOME VIDEO

ALUGANDO UMA FITA WARNER VOCÊ GANHA

DESCONTO 30%

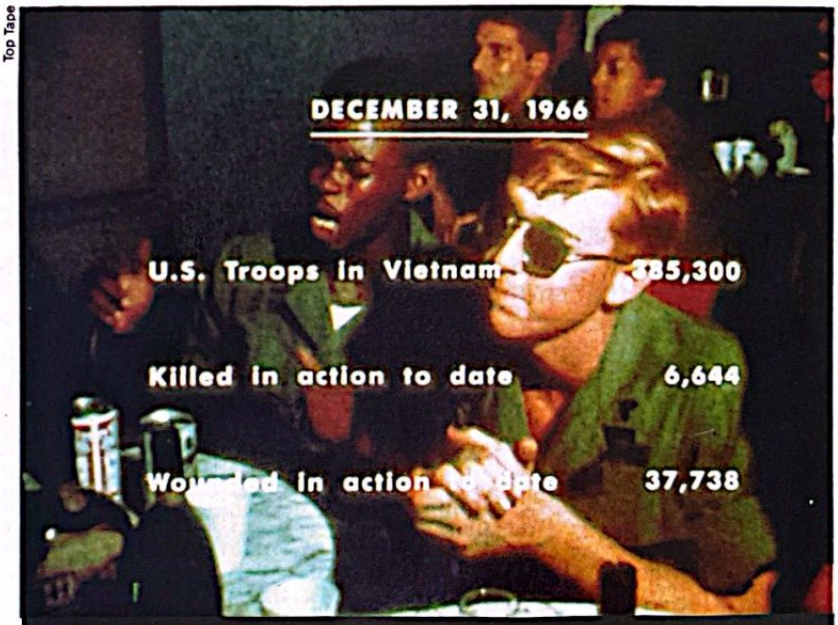
RECORTE, LEVE E GANHE

DOCUMENTÁRIO

QUERIDA AMÉRICA — CARTAS DO VIETNÃ ●●●
(Dear America, Letters Home from Vietnam, EUA, 1987)
Direção: Bill Couturie. Narração: Tom Berenger, Robert De Niro, Martin Sheen, Kathleen Turner, Robin Williams. Top Tape.

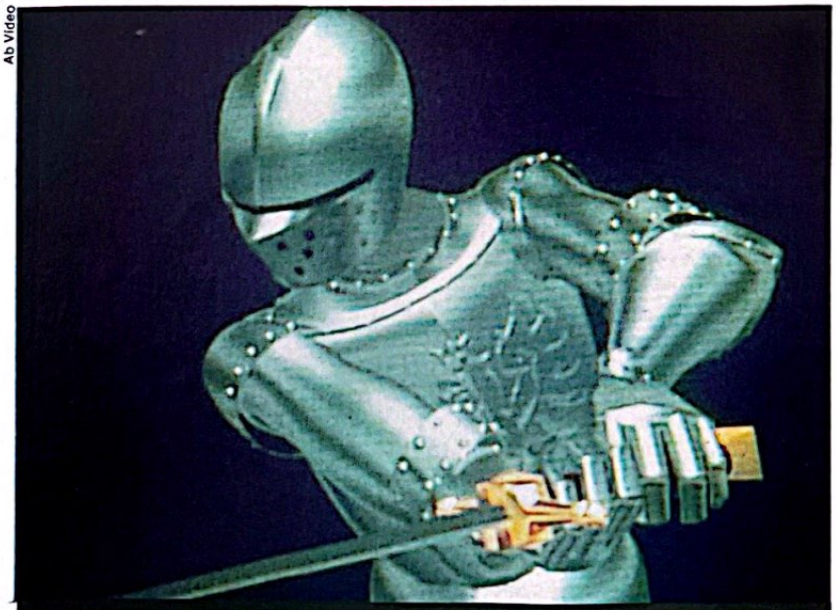
Atores brilhantes lêem as cartas de milhares de jovens (na faixa dos 19 anos) no inferno da guerra. Estranha poesia essa, escrita sem conforto, sem amor, sob o capim cortante e à sombra da morte. Testemunhas de um conflito que a mídia transformou em frias cifras, elas revelam o lado mais pessoal daqueles soldados: uns, lamentam a morte do melhor amigo, enquanto outros, até se iniciam (no intervalo das batalhas) na "boêmia" urbana asiática. "Com o tempo, mata-se fácil e sem remorso", diz uma das cartas. Num relato honesto e contundente (ao som de Jimi Hendrix, Bruce Springsteen, Rolling Stones e outros), flashes rápidos do front intercalam-se com as declarações do governo. De um lado, os que fazem a guerra. Do outro, os que nela morrem, que são os que o filme homenageia e a quem dá voz. *A.Q.N.*

Top Tape



Em *Querida América*, terna homenagem aos mortos do Vietnã, em relatos e cifras amargas

Ab Video



O didatismo de *Computer Graphics* se perde na tradução inadequada para o público leigo

PARADA

Agosto

Os Mais Alugados

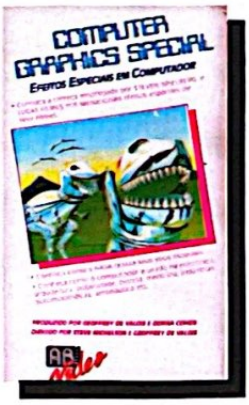
1 Tango & Cash (Warner)
2 Chuva Negra (CIC)
3 De Volta para o Futuro II (CIC)
4 Querida, Encolhi as Crianças (Abril Vídeo)
5 Inferno Vermelho (LK-Tel/Columbia)
6 Kickboxer — O Desafio do Dragão (Top Tape)
7 Conduzindo Miss Daisy (Paris Vídeo)
8 Lua de Cristal (Globo Vídeo)
9 Uma Dupla Quase Perfeita (Abril Vídeo)
10 Henrique V (Paris Vídeo)

Fontes: OMNI, 2001, Rentacom, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo (MG).

Os Mais Selados

1 A Bela Adormecida (Abril Vídeo)
2 Kickboxer — O Desafio do Dragão (Top Tape)
3 Warlock — O Demônio Também Tem Filho (Paris Vídeo)
4 A Revanche Final (Abril Vídeo)
5 Contos de Nova York (Abril Vídeo)
6 Uma Ponte Longe Demais (Warner)
7 Chuva Negra (CIC)
8 Meu Amigo Donald (Abril Vídeo)
9 Nova York — Uma Cidade em Delírio (Warner)
10 Henrique V (Paris Vídeo)

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria da Cultura da Presidência da República



COMPUTER GRAPHICS SPECIAL ●●
(EUA, 1986) Direção: Steve Michelson e Geoffrey de Valois. AB Video.

Esta é a primeira versão brasileira da abrangente série de coletâneas de computação gráfica produzida pela dupla Geoffrey de Valois/Donna Cohen. A fita apresenta uma visão bem ampla e didática das capacidades e múltiplas aplicações dos computadores gráficos, compilando imagens de produtores importantes, como Robert Abel & Associates e Evans & Sutherland. Também procura dar uma idéia básica do funcionamento de equipamentos desse tipo. O problema fica justamente com a versão brasileira. Ninguém parece ter se lembrado de pedir ajuda a um especialista para traduzir os muitos termos técnicos empregados no texto original, procurando assim usar palavras adotadas pelos videodesigners brasileiros ou expressões mais adequadas. A conversão para o português foi tão literal que se torna impossível para alguém leigo no assunto acompanhar o que acontece na tela. Mais grave: chega a faltar texto em alguns trechos. *M.S.*

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

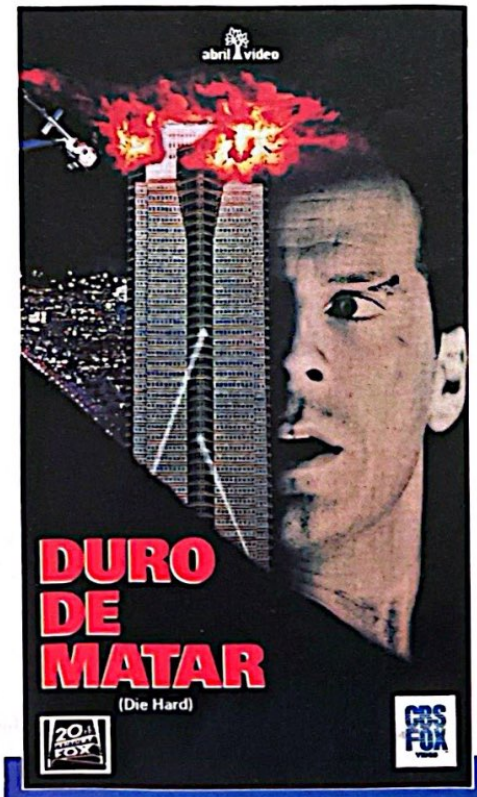
O QUE FALTAVA NAS LOCADORAS DE VÍDEO, AGORA NÃO FALTA MAIS.

CBS FOX VIDEO™

DISTRIBUÍDA NO BRASIL PELA ABRIL VÍDEO.

E para começar, olha o que trouxeram para você:

SEIS FANTÁSTICOS SUCES



ELEITO O MELHOR FILME DE AÇÃO DO ANO.

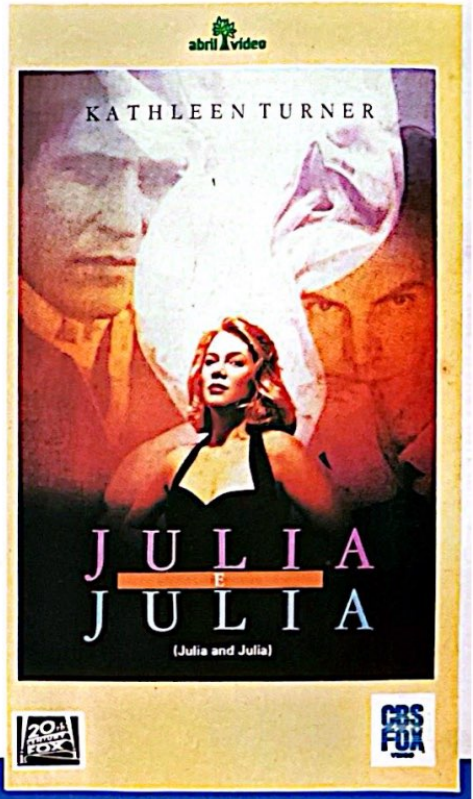
Com BRUCE WILLIS (A Gata e o Rato), ALEXANDER GODUNOV (A Testemunha), BONNIE BEDELIA.
Direção de JOHN McTIERNAN (O Predador).

ELE ERA A ÚNICA ESPERANÇA PARA UM GRUPO DE REFÉNS.

VENCEDOR DE 4 OSCARS.

Com ROY SCHEIDER (Tubarão), JESSICA LANGE (Tootsie).
Direção de BOB FOSSE (Cabaret).

A PAIXÃO DE UM HOMEM PELA SUA ARTE, NUM MUSICAL INESQUECÍVEL.



KATHLEEN TURNER NA SUA MAIS COMOVENTE ATUAÇÃO.

Com KATHLEEN TURNER (A Jóia do Nilo), GABRIEL BYRNE (Excalibur), STING.
Direção de PETER DEL MONTE.

UMA MULHER DIVIDIDA ENTRE DUAS VIDAS.

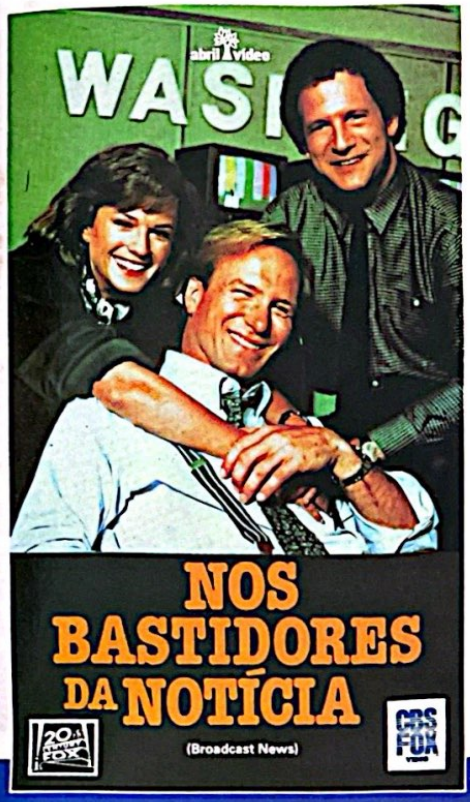
Seus olhos e ouvidos vão ser testemunhas das vantagens que as fitas originais CBS/FOX - ABRIL VÍDEO trazem para você.

Se você assistiu ao filme ***9 1/2 Semanas de Amor*** no vídeo e achou que a KIM BASINGER não estava com essa bola toda, não fique frustrado. Você assistiu uma cópia pirata, onde a imagem e o som ruins não deixam mesmo o talento de nenhuma estrela ou astro aparecer.

Mas agora você vai poder assistir esse e outros grandes sucessos do cinema com a qualidade que só uma fita original pode oferecer. Filmes com legendas nítidas e precisas e com tradução excelente. Com cores sempre perfeitas e imagens impecáveis.

E que nunca vão esconder de você a sensualidade da KIM BASINGER, nem os efeitos especiais de ***Alien,*** nem a magia do brilho e das cores de ***All That Jazz*** e muito menos as fortes cenas de emoção de ***Duro de Matar***.

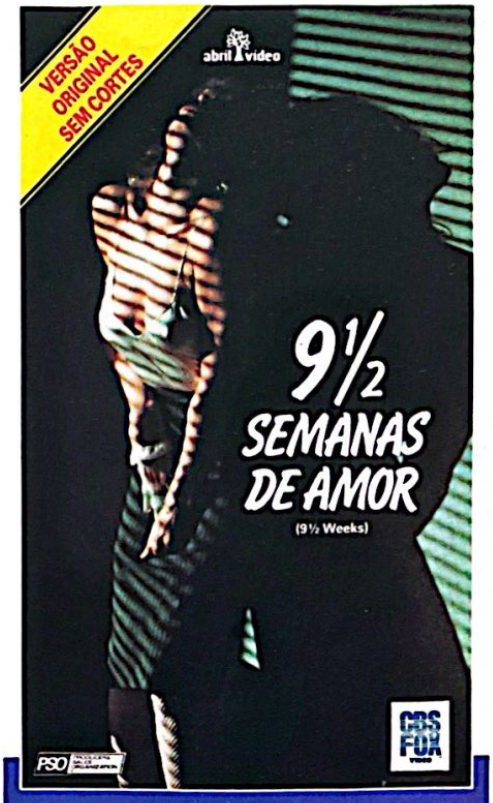
SOS EM VERSÃO ORIGINAL



7 INDICAÇÕES PARA OSCAR.

Com WILLIAM HURT (O Beijo da Mulher Aranha), ALBERT BROOKS, HOLLY HUNTER (Além da Eternidade). Participação especial de JACK NICHOLSON (Batman). Direção de JAMES L. BROOKS (Oscar por Laços de Ternura).

UMA ADORÁVEL COMÉDIA ROMÂNTICA.



MAIS DE 3 ANOS EM CARTAZ NOS CINEMAS.

Com MICKEY ROURKE (Coração Satânico), KIM BASINGER (Batman). Direção de ADRIAN LYNE (Atração Fatal).

ELA SE SUBMETEU AOS DESEJOS DELE COM ENORME PRAZER... E MEDO!

OSCAR DE EFEITOS ESPECIAIS.

Com SIGOURNEY WEAVER (Os Caçafantasmas), HARRY DEAN STANTON (Paris Texas), JOHN HURT (O Homem Elefante). Direção de RIDLEY SCOTT (Blade Runner, O Caçador de Andróides).

UM FILME QUE SUPERA O SEU PESADELO MAIS ASSUSTADOR.

Vá correndo buscá-las nas melhores locadoras do Brasil. (Aquelas que não enganam você com fitas piratas.)

E não perca os próximos espetaculares sucessos:

- ★ GUERRA NAS ESTRELAS
- ★ COCOON
- ★ WALL STREET
- ★ TUCKER
- ★ E MUITO MAIS...

CBS FOX VIDEO

abril vídeo

©1990 The CBS/FOX Company. Todos os direitos reservados. CBS ℠ e uma marca registrada da CBS, INC. usada sob licença. FOX ℠ e uma marca registrada da Twentieth Century Fox Corporation usada sob licença.

BOM DIA, AFEGA

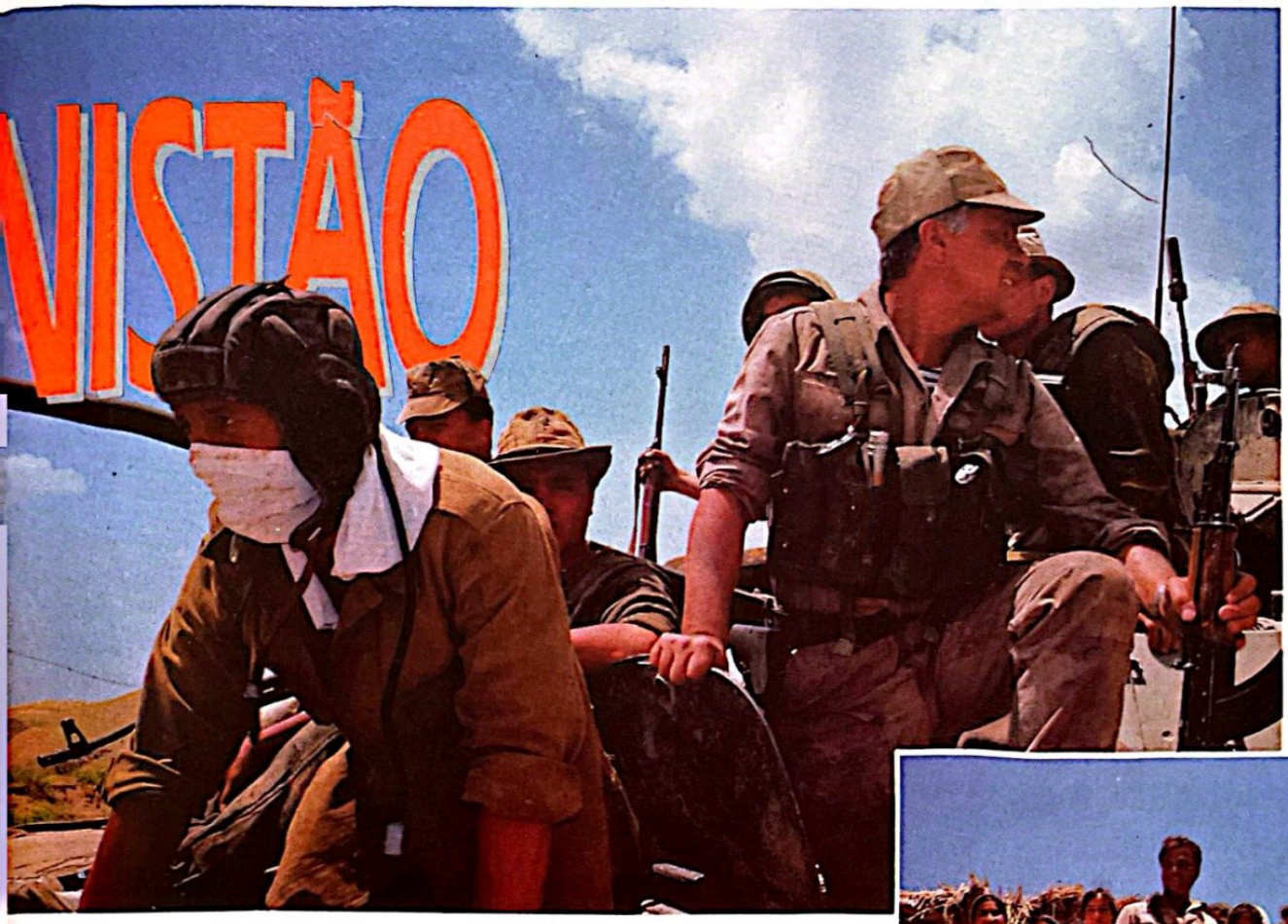
Afghan Breakdown, rodado perto do Afeganistão, busca mostrar, com o apoio da _glasnost_, o desastre que foi a intervenção soviética no país

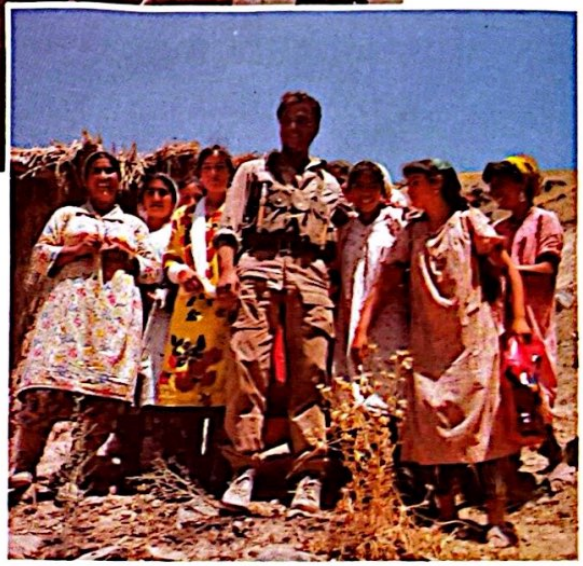
A mais espetacular operação de perestroika cinematográfica chama-se *Afghan Breakdown*, e está sendo rodada a 200 km da fronteira com o Afeganistão, o palco real do atoleiro em que se meteu a União Soviética no fim de 1979, numa guerra sangrenta no deserto, e do qual só saiu em 88. Esta produção italo-soviética obteve permissão do próprio Gorbachov para botar o dedo na ferida. Como se não bastasse, até o exército soviético aceitou participar como conselheiro militar do filme. Quinhentos soldados que compunham as (verdadeiras) tropas de assalto no Afeganistão atuam na fita, além de 40 helicópteros sob a orientação militar do tenente-coronel Shamase Baksanov, ele mesmo comandante de uma divisão que combateu os mujahdin — os guerrilheiros anticomunistas.

Afghan Breakdown conta a história do oficial de um batalhão de pára-quedistas altruísta e desbocado, de nome Bandura — "bandolim", em russo —, cujos vícios são entrar em conflito com os superiores e se atirar de cabeça na direção do perigo. Graças à sua intransigência com os chefes, jamais consegue ascender na carreira militar, na qual ocupa o posto de major. Pois este cabeça-dura parece indiferente às balas que passam zunindo junto às suas orelhas, enquanto, em volta, jovens soldados — muitas vezes adolescentes — vão morrendo como moscas. Alistados contra a vontade, estes jovens cadáveres retornam à pátria a bordo do avião AN-12, chamado eufemisticamente de "Tulipa Negra". Bandura compreende o absurdo da guerra, mas continua combatendo cegamente. Há espaço, até, para um interlúdio romântico, com nada mais nada menos que uma enfermeira, pretendida, também, pelo comandante do regimento do major. E, pasmem, ela é órfã! Para proteger os soldados soviéticos em retirada, Bandura recebe ordens de negociar com os mujahdin, dando-lhes armas e dinheiro. Aparece um grupo rival de rebeldes que põe a negociação a perder. Morre um filho de general russo e o chefe, de olho na enfermeira, joga a responsabilidade

Fotos Vladimir Bortko

Os combatentes soviéticos no deserto afegão: pintados como catequistas, vítimas, na verdade, de uma guerra inútil





Ao lado, uma investida do Exército Vermelho sob o comando de Bandura (Michele Placido, de metralhadora na mão). Abaixo, o ator junto aos nativos de Dushambé

sobre Bandura. Isso tudo com uma tonelada de defuntos dos dois lados.

INFERNO — *Afghan Breakdown* tem ares de superprodução. Custou, até agora, dez milhões de dólares. Para viver o oficial turrão em conflito com a guerra e seus senhores, a produção conseguiu arrastar o ator italiano Michele Placido, muito popular na TV de seu país e também na televisão soviética, onde uma série estrelada por ele, *La Piovra*, sobre a Máfia, faz tanto sucesso que Gorbachov teve que proibir a exibição dos seus tirambaços nos programas matinais. Placido levou 300 milhões de liras (cerca de 15 milhões de cruzeiros) pelo trabalho, contra a bagatela de 400 mil liras (20 mil cruzeiros) que os atores soviéticos ganharam, trabalhando, pelo visto, como relógios. Placido faz jus ao salário de Primeiro Mundo porque consegue ser famoso até na fronteira com o Afeganistão: quando as filmagens começaram, em fevereiro, sua presença nas ruas de Dushambé — capital da república soviética do Tagikistão e base das operações realizadas a 30 km de distância — quase provocou uma guerra civil entre os muçulmanos locais e os burocratas soviéticos, com mortos e feridos (entre eles o superstar da Itália, no braço)! Tudo pelos autógrafos do ator.

A idéia original de retratar a trapalhada militar soviética, só inferior à surra americana no Vietnã, foi do diretor Vladimir Bortko, um espectador do conflito pela TV e ao vivo (por duas ocasiões). A TV soviética passava a imagem dos soldados do possante Exército Vermelho como verdadeiros missionários, levando alfabetização, mudas de árvores e carinho a crianças e velhos no deserto do afegão. O ponto de vista do front era o de uma guerra inútil. "Senti que chegava o momento de mudar. Uma vez no Afeganistão, conversando com os soldados, entendi que eles não sabiam por que combatiam. Decidi, então, contar a verdadeira história da guerra mais injusta e absurda da União Soviética." Bortko tem 44 anos e faz cinema em Leningrado, a Hollywood soviética, tendo sido premiado em vários festivais europeus. Natural de Moscou, exercita uma espécie de arquétipo da expansividade típica da alma russa: bebe do nascer ao pôr-do-sol, usa um bigodão à la Omar Sharif e dependura o seu par de olhos maliciosos no ouvinte, tudo para dizer que improvisação é a sua lei.

Resta esperar a estréia desta contrição soviética, orando para que ela não produza tantos filhotes bastardos quanto a comiseração americana foi capaz de parir sobre o Vietnã. Que seja, pelo menos, um anti-Rambo — já que o músculo no lugar de cérebro visitou as paragens do Afeganistão em *Rambo III*, alçando os mujahdin à estatura de heróis medievais, e os russos, à de bandidos sem alma. A realidade da guerra não é feita de cores tão simplistas.

Reportagem de Manuela Paixão, em Dushambé
Texto final de Carlos Volpato

Uma história de amor kitsch, gozada, sublime e masoquista

ATA-ME

de Pedro Almodóvar, com Victoria Abril, Antonio Banderas...

Ricki (Antonio Banderas), 23 anos de marginalidade e reformatório psiquiátrico, está arrebentado. Hematomas, crostas de sangue coagulado nas costas e nos lábios, um ou outro corte ainda aberto. Foi espancado por traficantes, num beco de Madrid, de madrugada. Tentava trapaceá-los e levar comprimidos e heroína sem pagar. Seria o bastante para acalmar a ansiedade neurótica de Marina, a atriz pornô que ele acaba de raptar e que mantém cativa, amarrada à cama de um apartamento em tons berrantes. Ricki levou tantos chutes, meteram tantas vezes o seu crânio contra os paralelepípedos que desmaiou. Foi despertado pelos jatos do caminhão-pipa lavando o chão. Junto com seringas, agulhas, papelotes, foi-se na enxurrada a inconsciência do coitado.

Ele está um trapo quando chega ao apartamento. Marina (Victoria Abril), uma atriz pornô de carnes firmes, suada e desesperada dentro de um vestido vermelho justo, colado ao colo, pernas de fora, mal se conforma atada ao leito. Seu raptor não lhe traz remédio. Ela o odeia. Ela arfa. Ela é vulgar.

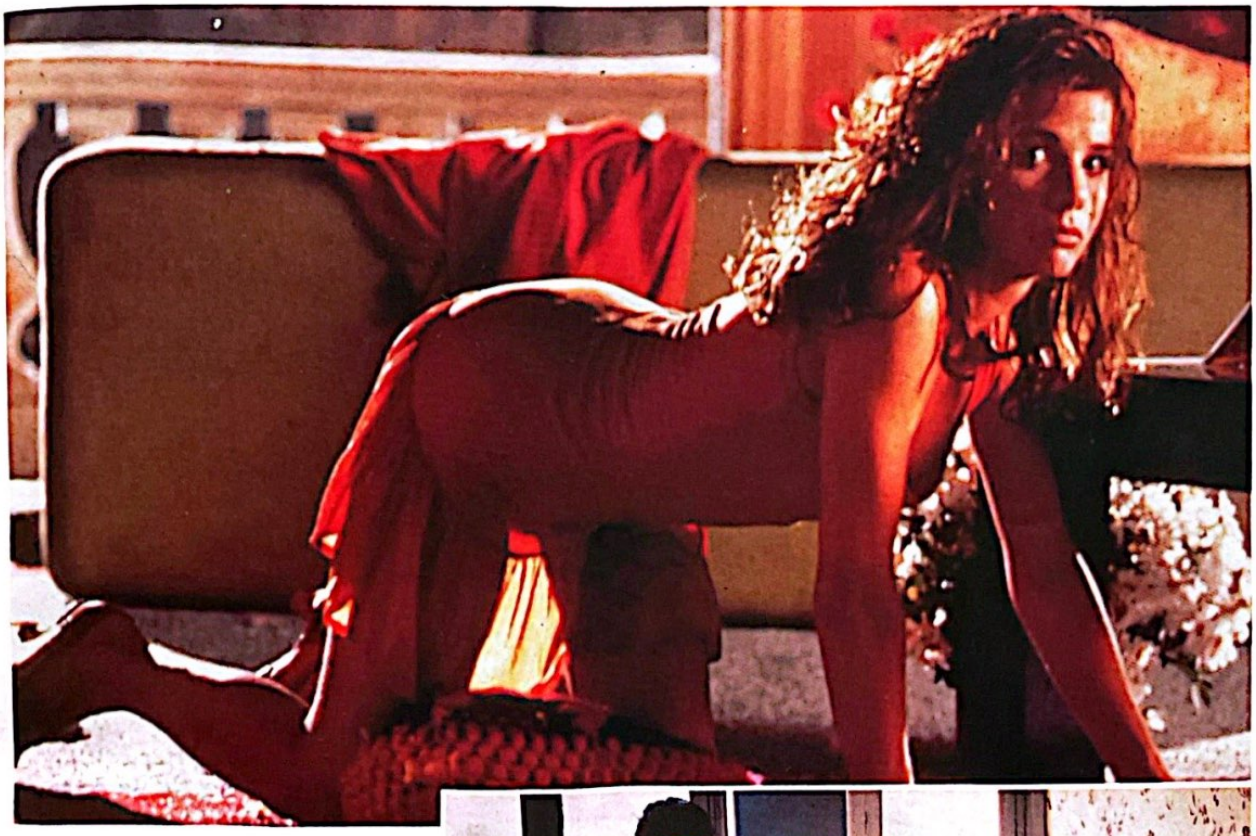
Mas o marginal lhe traz compaixão. Desfaz os nós que a aprisionam e vai até o banheiro onde se senta à frente do espelho. Ele é boçal. Não sabe bem por onde começar a suavizar seus ferimentos. Ela se aproxima, toca suavemente as costas de seu algoz. Nenhum dos dois tem mesmo muito caráter — e se engalfinham, se lambem, se despem e dão início à cena erótica mais polêmica do cinema desde que, em 1972, Marlon Brando usou manteiga em Maria Schneider.

Bem, você vai dizer que este roteiro de sedução é no mínimo cafona. Um sujeito sai do hospício, trancafia uma atriz num apartamento até que ela se renda a deitar-se com ele. Pedro Almodóvar não discordaria de você. O cineasta espanhol de 41 anos capta o excêntrico, o exagerado, o doentio, através das malhas do corriqueiro. Sim, é cafona. Sim, é déjà vu. Eis a matéria-prima de Pedro Almodóvar.

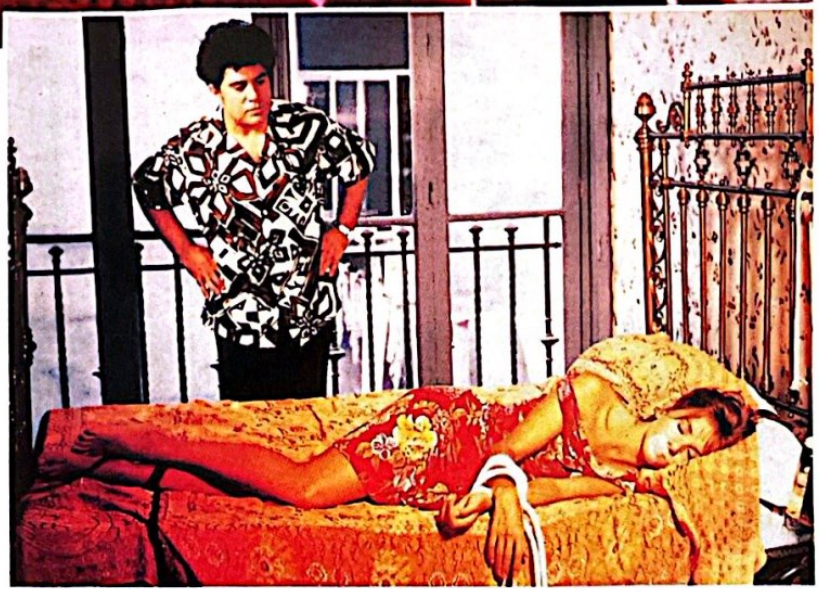
Causa frisson à gente chic o uso de cores gritantes em Almodóvar. Riem nervosamente diante da deselegância — uma estranha harmonia de elementos berrantes —, diante do grosso e do grosseiro, do humor quase genital, que goza o desejo e depois lambe os beiços. Mas há mais. Não são somente as aparências que pululam ridículas nos filmes desse sujeito que usa camisa roxa de bolinhas vermelhas, brilhante, colarinho abotoado, sob blaiser mostardaço. São as relações humanas em si mesmas. Almodóvar conduz as

Fotos Fox

Feito gata, Marina (Victoria) lambe as feridas de Ricki (Banderas)



Feito quadrúpede, ela se deixa atar ao leito e à fantasia do diretor Pedro Almodóvar



tensões afetivas e seus tesões ao paroxismo desvairado. Para ele, a cor da parede, o interruptor, um bibelô, um decote, um homem nu vibram muito mais. Está mais para Van Gogh enquanto todos os outros cineastas não passam de Gauguin. Acontece que tem uma razão para isso: para ele, a vida mesma é uma questão de demência.

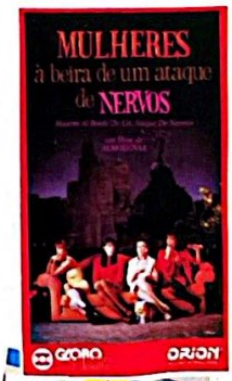
Corta. Volta para Ricki e Marina urrando, transando sobre a cama. Pausa. Pequeno e breve suspense. Ricki leva a mão para baixo. Tenta encontrar o caminho. Encontra. Marina explode. Entre suspiros e gemidos vai aos poucos se lembrando de Ricki. Não é possível. Ela já o conhece. Sim, isso mesmo, foi num bordel. Do tempo em que era prostituta. Ela não sabia, mas sentia falta de Ricki. Ela o ama.

Sob protestos veementes, o filme não entrou nos EUA sem levar um "X" na testa. Superproibido para menores de 18, só pôde ser exibido em salas especiais. Curioso este moralismo da América... Comporta uma Jane Fonda da vida que quer comprar os direitos de refilmagem de *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* e comporta a perseguição ao Almodóvar original. Ele está negociando na América a refilmagem de *Ata-me*, para maior ironia da história. Mas não perdeu a chance de achincalhar o pessoal que o censurou na edição de julho da revista francesa *Starfix*: "(sobre Ricki e Marina) não há sistema social que impeça duas pessoas sãs, jovens e amorosas de gozar o prazer que a natureza lhes dá. Felizmente ninguém pode lhes tirar isso, nem mesmo o senhor Jack Valenti com toda a sua Motion Pictures".

Você, que não é americano, tem muitas razões para ver *Ata-me*. Além de Ricki e Marina há diversão, há homenagens ao cinema e há sensualidade transbordante. Este talvez não vá ser o seu Almodóvar predileto, mas é dos bons. Ao som rasgado de Enio Morricone.

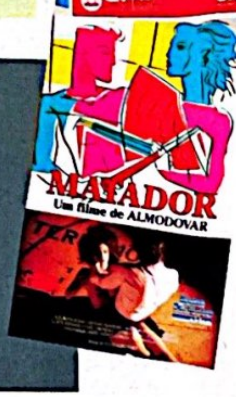
Eugênio Bucci

Atame, Espanha, 1989 ■ DIREÇÃO: Pedro Almodóvar ■ Com Victoria Abril, Antonio Banderas, Loles Leon, Francisco Rabal, Julieta Serrano, Maria Barranco ■ ROTEIRO: Pedro Almodóvar ■ FOTOGRAFIA: José Luis Alcaine ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ MONTAGEM: José Salcedo ■ PRODUÇÃO: Augustin Almodóvar ■ DURAÇÃO: 102 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes



ALMODÓVAR EM VÍDEO

MATADOR (Espanha, 1986). Jota Home Vídeo ■ MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS (*Mujeres al Borde de Un Ataque de Nervios*, Espanha, 1988). Globo Vídeo



A poesia psicodélica e macabra de Zé do Caixão

O DESPERTAR DA BESTA

de José Mojica Marins, com Mojica, Ítala Nandi...

Justamente ele, o cineasta dos excessos inauditos, do kitsch, do delirante horror terceiro-mundista e o mais *naïve* dos diretores experimentais, vem negar, num filme radical, o cinema enquanto discurso da "normalidade". No prólogo dessa experiência desconcertante e descerebralizante que atende pelo nome de *O Despertar da Besta* (ex-*Bacanal dos Sádicos e Ritual dos Sádicos*), seu diretor José Mojica Marins já adverte que "o meu mundo é estranho, mas não mais estranho que você". A partir desse "aviso", ele vai jorrando os seus demônios num dos mais fragmentados, exasperantes e insanos exercícios em celulóide já cometidos aqui. Após ficar muitos anos tentando lançar sua obra, Mojica declara que no ano passado finalmente foi chamado pela Embrafilme para ser indenizado e marcar o lançamento. Mas aí é a Embra inteira que é "pulverizada" pelos atos do novo presidente da República.

Como sabem os surrealistas e os adeptos do realismo fantástico, o absurdo se torna mais exacerbado exatamente pelo excesso de realidade. Realidade é o que não falta em *O Despertar da Besta*. Ele não tem escrúpulos em exibir (em contra-plongée) uma senhorita que senta sorridente em seu penico, ou cenas explícitas de consumo de drogas e viagens de LSD. Tudo no embalo de soturnos gritinhos e da "Marcha Fúnebre". O filme que o cineasta Carlos Reichenbach considerou "macho, pagão e desavergonhado", tira o eixo de qualquer discurso moral num inventário completo de taras, baixarias fetichistas e muita ingenuidade. Mojica confessou ter passado por uma "via-sacra" de expiações: além de assumir a dívida de outros sócios (em 69), a Censura segurou o negativo e ameaçou "queimá-lo". Feito outro negativo, o filme é novamente esquecido na Embrafilme, apesar do prêmio de Melhor Ator e Melhor Roteiro no Rio-Cine Festival de 86.

O que dizer de um filme que começa e termina com uma canção de protesto da cantora De Kalafe e carnavaliza textos religiosos?

Nessa anarquia perversa, ele (narcisisticamente) se exibe julgado pelos "bem-pensantes" e (por tabela) dinamita o discurso dos intelectuais: o homem qualificado por Glauber de "primitivista puro" seria um farsante ou um cineasta? E mais: Mojica põe em cena a própria repressão no papel de... repressão! Acidentalmente, os famigerados policiais Sérgio Fleury e "Fininho" apareceram quando o cineasta filmava imagens de "tochicômanos". Genialmente, ele aproveita e convida-os a "entrar" no filme. Um deles encarna com talento um patrão escroto (ao lado de Ítala Nandi, papel que seria inicialmente de Jô Soares). Fleury e Fininho aparecem prendendo drogados. E tão bem encarnaram seu próprio papel truculento que quebraram a costela de um ator! Nessa poesia psicodélica e macabra, descida suburbana aos infernos do sobrenatural e do inconsciente (influenciada pelos *comics*, pelo circo e pela telenovela), não faltam as "mojiquetes" — as beldades de lingerie, cheias de celulite, manchadas com o sangue artificial do tarado Zé do Caixão. Com tão pouco, e mandando às favas a censura ditatorial, que não pôde assimilá-lo, Mojica realizou uma obra explosiva e absolutamente bestial.

Antonio Querino Neto

Fotos Associação Beneficente Cultural Zé do Caixão

O estranho Zé do Caixão (ao lado) sorri com sarcasmo para uma de suas "caixetes". Acima, duas delas e seus fisionômicos traseiros

O Despertar da Besta, Brasil, 1970 ■ DIREÇÃO: José Mojica Marins ■ Com Sérgio Hingst, José Mojica Marins, Ozualdo Candeias, Ítala Nandi, Maurice Capovilla, Jairo Ferreira, Carlos Reichenbach ■ ROTEIRO: José Mojica Marins ■ FOTOGRAFIA: Giorgio Attili ■ MÚSICA: Roberto Leme ■ MONTAGEM: Roberto Leme ■ DURAÇÃO: 100 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Associação Beneficente Cultural Zé do Caixão.

PHILIPS

PHILIPS

► FAVOR REBOBINAR OS CONCEITOS. ◄

JWT

* Todos os TVs com controle remoto produzidos a partir de 1987.

► UM CONCEITO PODE SER UMA IDÉIA, UMA ABSTRAÇÃO, OPINIÃO OU ATÉ MESMO REPUTAÇÃO. UM CONCEITO PODE SER MUITAS COISAS, SÓ NÃO PODE PARAR NO TEMPO. ► A PHILIPS É UMA EMPRESA QUE LANÇA CONCEITOS NOVOS QUASE TODOS OS DIAS. TRADUZIDOS POR PRODUTOS QUE TÊM TUDO A VER COM A SUA MANEIRA DE PENSAR, COM AS MESMAS COISAS QUE VOCÊ NECESSITA DE IMEDIATO. ► PEGUE UM VIDEOCASSETE VR 6491. USA-SE MELHOR O CONCEITO DE CONFORTO COM O SEU CONTROLE REMOTO COM 53 FUNÇÕES, QUE OPERA O VÍDEO E A TV PHILIPS DE ÚLTIMA GERAÇÃO.* ► VISUALIZA-SE PERFEITAMENTE O PROCESSO COM A INDICAÇÃO DAS FUNÇÕES NA TELA DO TELEVISOR E REGISTRA-SE COM SIMPLICIDADE DE UM ÚNICO TOQUE (OTR). CONSEGUE-SE FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO QUANDO TEMOS QUATRO CABEÇAS PARA NOS AJUDAR. ► É O CONCEITO DE PRODUTO EXTREMAMENTE AVANÇADO, COM RECURSOS QUE PERMITEM MANTER SUA MODERNIDADE E EFICIÊNCIA POR MUITOS ANOS. ► MAS NEM POR ISSO A PHILIPS ESTÁ SATISFEITA. PORQUE A CABEÇA DA PHILIPS NÃO É DIFERENTE DA SUA, ELA TAMBÉM NÃO PÁRA. A PHILIPS TRABALHA CONCEITOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO. QUEM PENSA O CONTRÁRIO, É FAVOR REBOBINAR OS PRECONCEITOS.

► P H I L I P S P R O D U T O S D E Ú L T I M A G E R A Ç Ã O . ◄

Foto: UIP

Acima, Darkman (Liam Neeson) esconde sua hedionda face feito uma múmia, e recorda os tempos felizes (à direita) junto à sua amada Julie (Frances McDormand)

Terror clássico compõe novo super-herói

DARKMAN: VINGANÇA SEM ROSTO

de Sam Raimi, com Liam Neeson...

Quem diria que aquele garoto de 22 anos, com apenas 350 000 dólares, um grupo de amigos e muita imaginação, sacudiria o conceito de terror em1983? O diretor Sam Raimi não poderia imaginar que *A Morte do Demônio* (Look Vídeo) seria um *cult* na Europa e EUA. Isto lhe permitiu fazer a seqüência do filme. *Uma Noite Alucinante* (Tec Home Vídeo) teve um orçamento um pouco mais generoso de 3,6 milhões de dólares da produtora Dino de Laurentiis, e foi uma perfeita estilização da proposta *B* lançada em *A Morte do Demônio* — o diamante lapidado.

Mas a agradabilíssima surpresa chega mesmo com o último filme de Raimi — *Darkman: Vingança Sem Rosto*. Desta vez os 12 milhões de dólares da Universal levaram-no a fazer uma obra simplesmente magnífica. A linguagem peculiar, o vigor cinematográfico e a batida cardíaca dos excelentes *A Morte do Demônio*, *Uma Noite Alucinante*, e a comédia *Dois Heróis Bem Trapalhões* (Globo Vídeo) estão maduros e burilados em *Darkman*. A começar pelo protagonista.

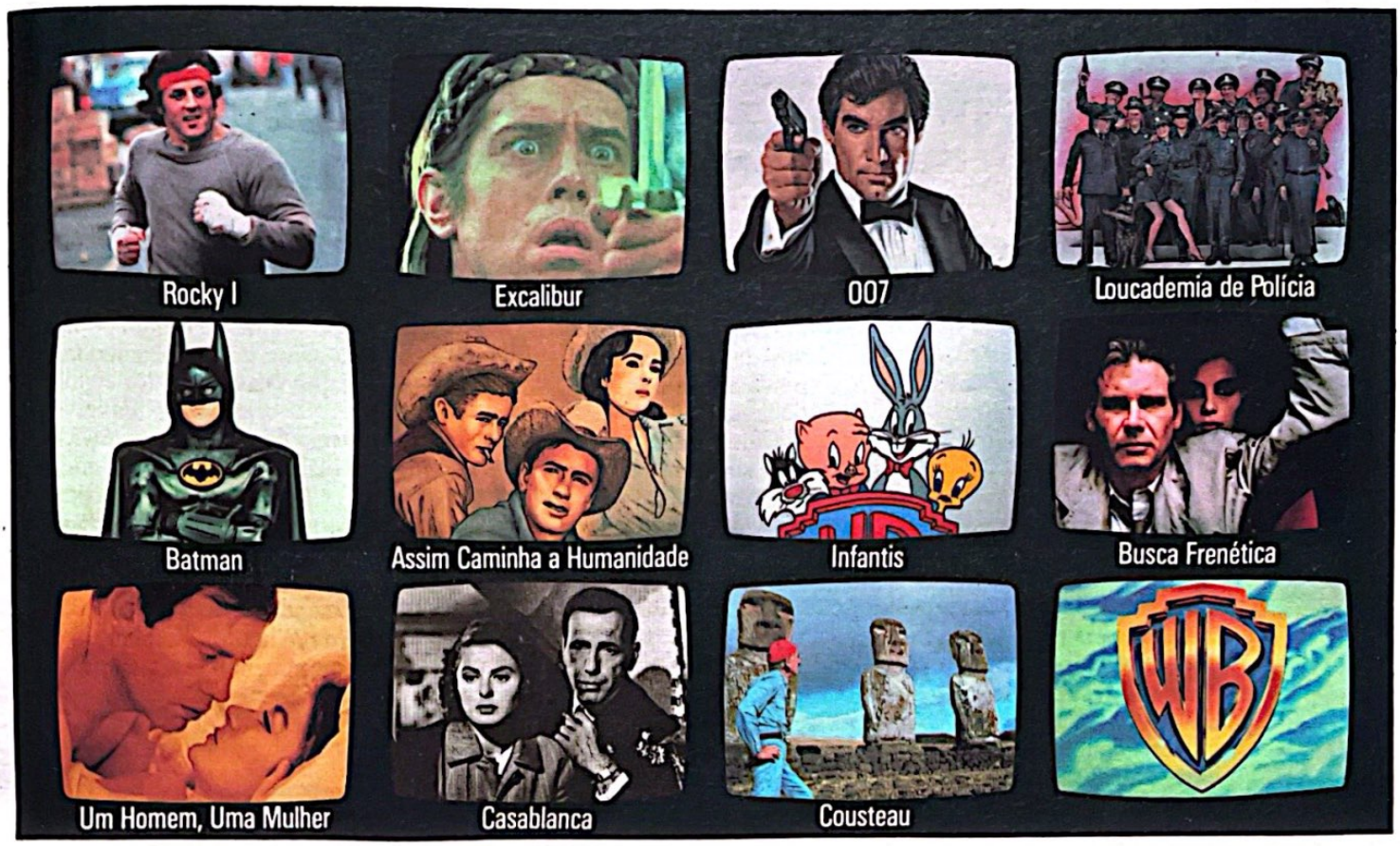
Dr. Peyton Westlake (Liam Neeson , de *O Preço da Paixão* e *Sob Suspeita* LK-Tel/Columbia) é um jovem cientista que pesquisa a reconstrução da epiderme degenerada através de um processo eletrônico de ponta. Westlake é um sujeito de bom coração. E seu coração pertence à encantadora Julie Hastings (Frances McDormand, de *Gosto de Sangue*, em vídeo pela F.J. Lucas, e *Mississipi em Chamas*), uma talentosa advogada que trabalha para o magnata Louis Strack Jr. (Colin Friels).

Um documento comprometedor de Strack, que deveria estar com Julie, inexplicavelmente aparece no laboratório de Westlake. Este é o pretexto para que uma *gang*, que quer o documento, assalte seu laboratório e desfigure seu rosto num tanque de ácido antes de explodir o local. Dado como morto, Westlake perambula desfigurado por becos sombrios. Qual monstro repugnante, agora ele é Darkman, privado do mundo das pessoas normais e de seu amor a Julie. Amargurado, envolto em bandagens, com um sobretudo esvoaçante e chapéu, ele retoma seu destruído laboratório e conclui a pesquisa de reconstituição da epiderme com relativo êxito. Ele consegue não apenas recompor seu próprio rosto como compor o rosto de quem quiser, assumindo várias faces, por apenas 100 minutos, até o protótipo derreter. Com esta arma, ele parte para o ajuste de contas e o reencontro com Julie.

Darkman é um legítimo superherói do terror. Mas este é muito mais que um filme de terror. É uma obra sensível para grandes audiências. Darkman possui a nobreza do caráter que nasce do sofrimento, tal como o personagem de Lon Chaney em *O Fantasma da Ópera* (1925) e o de Charles Laughton em *O Corcunda de Notre Dame* (1939). Sam Raimi conseguiu dosar tons clássicos com fortes impressões de quadrinhos. De *A Morte do Demônio* para *Darkman*, Raimi cresceu em requinte e sensibilidade.

Walter de Silva

Darkman, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Sam Raimi ■ Com Liam Neeson, Frances McDormand, Colin Friels, Larry Drake, Nelson Mashita, Jesse Lawrence Ferguson ■ ROTEIRO: Chuck Pfarrer, Sam Raimi, Ivan Raimi, Daniel Goldin e Joshua Goldin, a partir da história de Sam Raimi ■ FOTOGRAFIA: Bill Pope ■ MÚSICA: Danny Elfman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Randy Ser ■ MONTAGEM: David Stiven ■ EFEITOS ESPECIAIS: Introvision Systems International, Inc. ■ PRODUÇÃO: Robert Tapert ■ DURAÇÃO: 95 min ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP



HORÁRIO NOBRE NÃO TEM HORA.

PASSE NA SUA LOCADORA E FAÇA O SEU.

Com a infinidade de filmes de todos os gêneros que a Warner Home Vídeo oferece, você é quem determina a melhor hora e o programa recorde de audiência na sua preferência.

WARNER HOME VIDEO

© Warner Home Video

Humor corrosivo de fantasma apaixonado

DO OUTRO LADO DA VIDA

de Jerry Zucker, com Patrick Swayze...

Do Outro Lado da Vida era para ter sido o entulho da Paramount. Com todas as fichas apostadas em *Dias de Trovão* com Tom Cruise, e de olho no *The Two Jakes* de Jack Nicholson, o objetivo do estúdio era lançar *Do Outro Lado da Vida* junto com *Dias de Trovão* só para garantir o maior número de telas bloqueadas, todas esperando pelo que acreditavam ser "a atração principal": *The Two Jakes*. A previsão era de que *Dias de Trovão* teria uma vida longa demais para liberar as telas reservadas pela Paramount a tempo de que o filme de Nicholson estreasse sem problemas.

Mas vejam só vocês: *Dias de Trovão* estacionou numa renda respeitável de 80 milhões de dólares mas vem registrando quedas de público correspondentes a 45% semanais — uma pena de morte rápida para qualquer filme. *The Two Jakes* teve destino pior: em três semanas de exibição não passou dos sete milhões de dólares, uma decepção estrondosa. Enquanto isso, *Do Outro Lado da Vida*, o "entulho", é a décima bilheteria de 1990 nos Estados Unidos, com uma renda superior a 100 milhões de dólares.

Tudo isto serve para ilustrar como somente em casos raros as pessoas que fazem parte da indústria cinematográfica podem determinar com precisão o que vai ou não ser sucesso.

A própria química de *Do Outro Lado da Vida* já desequilibra qualquer tentativa de se achar uma "fórmula de sucesso". O filme combina a veia corrosiva de Jerry Zucker — um dos criadores dos delirantes *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu* (CIC Vídeo) e *Corra que a Polícia Vem Aí* (CIC Vídeo), o bonitão (pero mui canastrão, até então) Patrick Swayze, a irregular Whoopi Goldberg e uma história de um fantasma que continua apaixonado mesmo no além. Todos elementos tão fáceis de combinar quanto água e óleo.

No entanto, é uma *história de amor* muito simples e muito bem contada. Swayze se revela pela primeira vez como ator "sério", depois de anos de fama por seu traseiro dançante em *Ritmo Quente*. Zucker — mesmo que numa cena de elevador demonstre que ainda é craque no humor — sai-se bem melhor que a encomenda, ao conseguir fazer o público engolir e gostar da trama que envolve o fantasma de Sam Wheat (Swayze) na tentativa de proteger a mulher Molly (Demi Moore, reduzida a um pudim de lágrimas) do mesmo assassino que tirou-lhe a vida. Sua única aliada é uma vidente, aparentemente de araque, Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), que tem mesmo poderes paranormais.

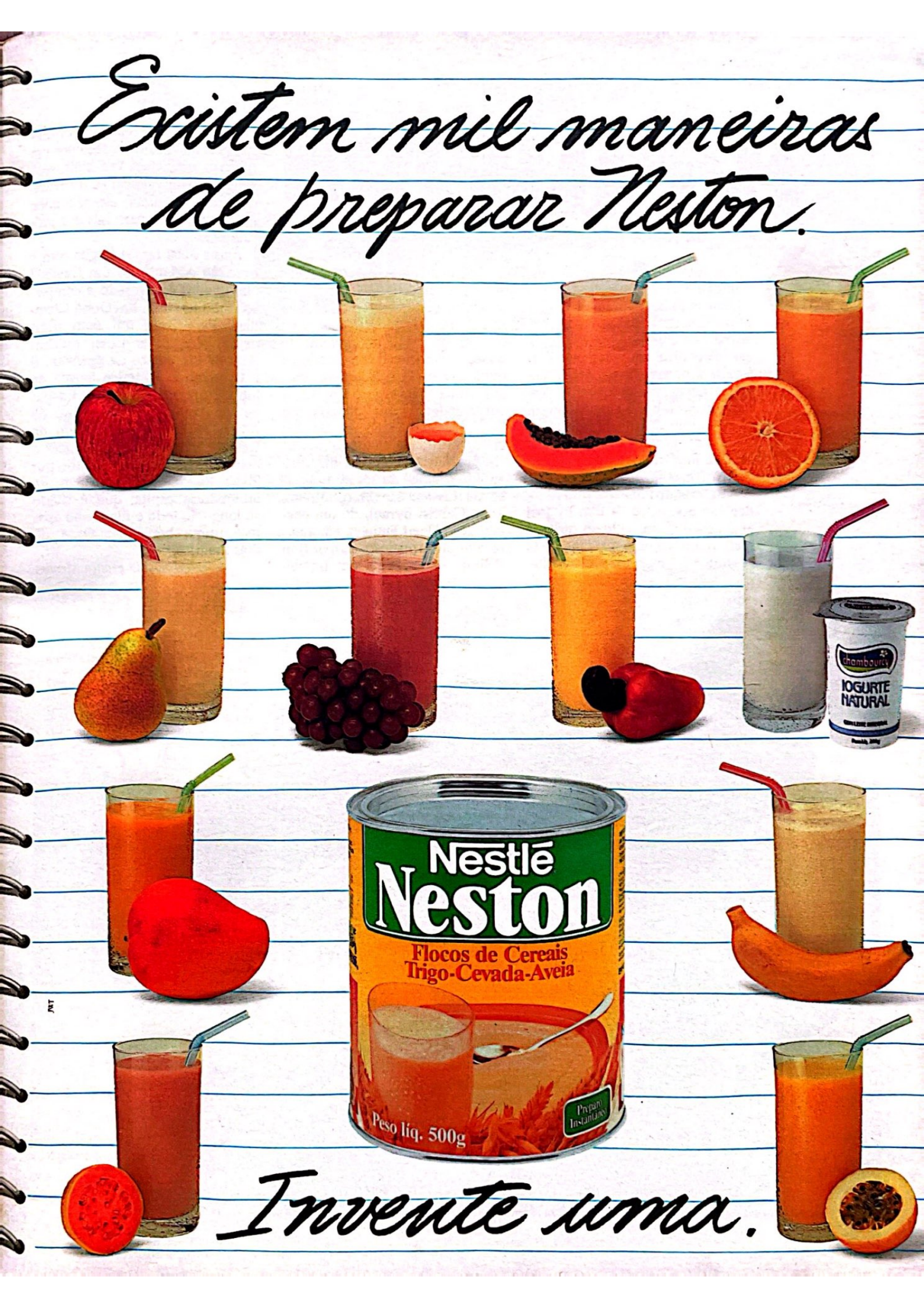
José Emilio Rondeau

Ghost, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Jerry Zucker ■ Com Patrick Swayze, Demi Moore, Whoopi Goldberg, Tony Goldwyn, Rick Aviles, Gail Boggs ■ ROTEIRO: Bruce Joel Rubin ■ FOTOGRAFIA: Adam Greenberg ■ MÚSICA: Maurice Jarre ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jane Musky ■ MONTAGEM: Walter Murch ■ EFEITOS ESPECIAIS: Bruce Nicholson para a Industrial Light & Magic ■ PRODUÇÃO: Lisa Weinstein ■ DURAÇÃO: 127 min ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Fotos: UIP

Na tentativa de buscar sua amada, o espectro de Sam Wheat (Patrick Swayze) experimenta seus poderes fantasmagóricos

Existem mil maneiras de preparar Neston.



Invente uma.

Trama combina pesadelo e acento cômico

AJUSTE FINAL

de Joel e Ethan Coen, com Albert Finney...

Um quebra-cabeças de nomes, tramas e tiros: assim é *Ajuste Final*. Última ousadia dos irmãos Joel e Ethan Coen, autores dos rocambolescos — e ótimos — *Gosto de Sangue* (disponível em vídeo pela F. J. Lucas) e *Arizona Nunca Mais* (*Raising Arizona*), os Coen vêm se destacando no cenário cinematográfico pela originalidade de seus roteiros sempre escritos a quatro mãos, sempre intrincados, e pela sofisticação no manejo da câmera.

A autoria dos filmes é dupla: todos são assinados "a film by Joel and Ethan Coen". Quem dirige é Joel, o mais velho (35 anos). O produtor é Ethan (32). O resultado desse trabalho afinado são filmes onde se passeia entre o pesadelo e a *gag*. Humor e horror rimam com perfeição e inúmeras vezes se confundem, como na cena de *Gosto de Sangue*, em que o protagonista tem que "matar de novo" o homem que já deveria estar morto. Cena que é uma das mais cruéis do cinema, mas que não deixa de ter, todo o tempo, um leve e quase desconfortável acento cômico.

Sem os malabarismos de câmera e o humor histérico de *Arizona Nunca Mais*, com um argumento quase convencional comparado ao nonsense de *Gosto de Sangue*, *Ajuste Final* é o mais seguro e o menos surpreendente dos filmes dos Coen. Mesmo assim, dá de dez em originalidade na massa do que chega às telas hoje em dia. Seu enredo é difícil de resumir: trata-se da história do braço direito, Tom (Gabriel Byrne), de um chefão, Leo (Albert Finney), em guerra com outro mafioso, Caspar (Jon Polito), por causa de um trambiqueiro protegido do primeiro e desafeto do segundo, Bernie (John Turturro). Bernie tem uma irmã, Verna (Marcia Gay Harden), que seduz o poderoso Leo para proteger o irmão. Paralelamente, Verna tem um caso com Tom. Todo esse imbróglio é tão somente a situação inicial do filme, que vai se complicando à medida que o tempo passa e os cadáveres se acumulam. Tom, o protagonista, repete com freqüência que só se faz algo por um motivo, mas cada vez mais seus próprios motivos vão se tornando obscuros. No final, ele não pode mais agir senão para salvar a própria pele.

Ajuste Final tem diálogos com a precisão cortante de um Dashiell Hammett e seu enredo é complexo como um bom Raymond Chandler. Para fazer um bom filme desse gênero, os Coen precisariam de um elenco de primeira. E o tiveram. O histérico Bernie de John Turturro, o patético Caspar de Jon Polito, o caricato Leo de Albert Finney, o cínico Tom de Gabriel Byrne, chegando até o inacreditável Mink, vivido por Steve Buscemi, personagem de importância capital que é citado ao longo de todo o filme e só aparece numa breve seqüência de dois minutos.

David França Mendes

Miller's Crossing, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Joel Coen ■ Com Gabriel Byrne, Albert Finney, Marcia Gay Harden, Jon Polito, John Turturro, J. E. Freeman, Steve Buscemi ■ ROTEIRO: Joel Coen e Ethan Coen ■ FOTOGRAFIA: Barry Sonnenfeld ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Dennis Gassner ■ MONTAGEM: Michael Miller ■ PRODUÇÃO: Ethan Coen ■ DURAÇÃO: 114 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes

Ao lado, Verna (Marcia Gay Harden) é o vértice do triângulo amoroso entre Tom (Gabriel Byrne) e o mafioso Leo (Albert Finney), acima

Fotos Fox

A PRODUTORA PORTÁTIL

A GR-60U é sem dúvida a mais versátil videomovie do mercado, com incomparável qualidade de imagem, graças ao seu CCD (dispositivo de carga acoplado) de 360.000 pixels com resolução de mais de 400 linhas. Além das características já pertencentes a toda linha de equipamentos JVC, a GR-60U possui um poderoso zoom de 8X com duas velocidades de aproximação e sensibilidade de até 8 lux; possibilita sobrepor quatro imagens de títulos diferentes em sua gravação ao vivo, grava quadro a quadro, faz edição de áudio e revisão do material a ser editado. Tudo isso, num equipamento compacto com apenas 1,2 Kg, faz da GR-60U uma verdadeira produtora portátil.

videomovie
GR-60U VHS C

À venda na Zona Franca de Manaus

GARANTIA 1 UM ANO

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

Receita de obra-prima desanda

QUERO IR PARA CASA

de Alain Resnais, com Gérard Depardieu...

Uma comédia dirigida por Alain Resnais, roteirizada por Jules Feiffer e protagonizada por Gérard Depardieu. Soa como uma receita de obra-prima, certo? Errado. São poucos os momentos realmente divertidos nesta farsa sobre um cartunista americano, Joey Wellman (Adolph Green), que vai a uma exposição de histórias em quadrinhos em Paris.

O argumento é promissor. O provinciano Wellman, que não fala uma palavra de francês, aproveita a viagem para reencontrar a filha intelectualóide, Elsie (Laura Benson), que rompeu com ele há dois anos e foi estudar literatura francesa na Sorbonne. Elsie despreza a atividade do pai, que ela considera vulgar e superficial, especialmente se comparada à grande arte de Racine e Flaubert. O velho confronto entre a rusticidade americana e o refinamento europeu.

Primeira piada: o caipira Wellman, que imagina o mundo à imagem de sua Cleveland, considera a França um clube privado, acessível apenas a iniciados, só porque os franceses usam cartões magnéticos nos telefones públicos e fazem circular diferentes notas com o mesmo valor.

Segunda piada: o ídolo intelectual de Elsie, professor Christian Gauthier, é na verdade um fã dos quadrinhos do Joey Wellman, sobretudo de seu personagem Heppcat. Com a revelação, as relações Europa-América ganham um novo matiz. E acabaram-se as piadas. O que se segue é uma mistura de constrangedoras cenas de pastelão com diálogos piegas sobre tolerância, compreensão e reconciliação familiar.

É difícil acreditar que o mesmo Resnais que fez *Hiroshima Meu Amor* (Sagres Vídeo) e *Meu Tio da América* possa ter cometido um filme tão linear e convencional, onde a própria aparição eventual de um personagem de cartun só serve para sublinhar a falta de imaginação reinante. Com todo o respeito, quem quer ir para casa antes da hora é o público.

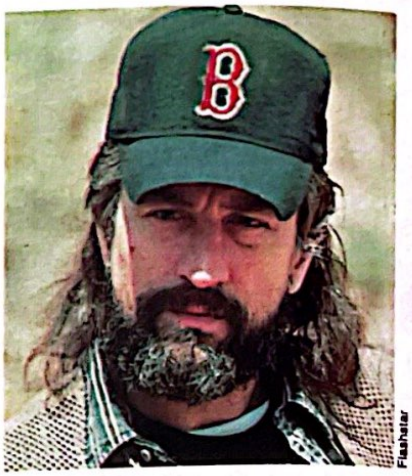
José Geraldo Couto

I Want To Go Home, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Alain Resnais ■ Com Adolph Green, Gérard Depardieu, Linda Lavin, Geraldine Chaplin, Laura Benson ■ ROTEIRO: Jules Feiffer ■ FOTOGRAFIA: Charlie Van Damme ■ MÚSICA: John Kander ■ DIREÇÃO DE ARTE: Jacques Saulnier ■ MONTAGEM: Albert Jurgenson ■ PRODUÇÃO: Marin Karmitz ■ DURAÇÃO: 105 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

O cartunista Joey Wellman (Adolph Green), abaixo, caracteriza-se de seu personagem preferido — o gato Heppcat —, e abraça um conviva numa festa

Fox Filmes

Megessey é um singelo mecânico, mais um personagem do versátil Robert De Niro



Flashstar

JACKNIFE

com Robert De Niro

Pelo jeito, o inventário do conflito vietnamita vai continuar rendendo por muito tempo mesmo. Aqui, o versátil Robert De Niro, que encarna o tema, protagonizando um filme de David Jones (*Nunca Te Vi, Sempre Te Amei*, disponível em vídeo pela LK-Tel / Columbia). De Niro é Megessey (ou simplesmente "Megs" ou "Jacknife"), mecânico simplório e falastrão de Connecticut, que após 15 anos vai encontrar o colega, ex-combatente, Dave (Ed Harris), que mora com a irmã Martha (a ótima Kathy Baker), tímida professora.

Enquanto Megs (apesar das neuras) é extrovertido e bem-humorado, Dave é deprimido e se afoga na bebida. Ele condena as loucuras de Megs, e a corte que este faz à sua reservada irmã. Jones é cuidadoso na direção dos atores; mas inglês demais para transmitir um texto tão americano, como é este do jovem Stephen Metcalfe (baseado em sua peça *Strange Snow*). Artificial em muitas seqüências (sobretudo nos flashbacks da guerra), o filme não envolve, apesar do esforço de De Niro.

Antonio Querino Neto

Jacknife, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: David Jones ■ Com Robert De Niro, Ed Harris, Kathy Baker, Charles Dutton, Loudon Wainwright 3d ■ ROTEIRO: Stephen Metcalfe, a partir de sua peça *Strange Snow* ■ FOTOGRAFIA: Brian West ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Edward Pisoni ■ MONTAGEM: John Bloom ■ PRODUÇÃO: Robert Schaffel e Carol Baum ■ DURAÇÃO: 102 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar

COMO TER UM NEGÓCIO CHEIO DE AVENTURA, ARTE, EMOÇÃO, DRAMA, POLICIAIS, ROMANCE E LUCROS.

VIDEO LESTE

Se você quer tudo isso em um único negócio, você anda pensando em abrir uma videolocadora. Vá em frente. É uma ótima área de investimento.

Mas, se na sua videolocadora você quer deixar os Policiais e o Drama do título aí de cima apenas nas prateleiras, a solução está na **VideoLeste**, onde você encontra tudo que precisa para o seu novo empreendimento.

Para isso, a **VideoLeste** oferece consultoria integral para que sua locadora seja tanto um sucesso de público quanto de lucros. Sem dramas na vida real.

Além disso, a **VideoLeste tem 25 mil fitas**, com todos os lançamentos das melhores distribuidoras, prontas para o acervo da sua locadora. E isso não é tudo: estojos, porta-fitas, fichas para cadastro de clientes, para controle de filmes e comandas, rebobinadores, adesivos para proteção de selo do Concine, sacolas plásticas personalizadas, painéis de informações, computadores e sistemas para gerenciar seu novo negócio, entre outros acessórios, estão à sua disposição.

Se você está preparado para as emoções fortes da caixa registradora tilintando sem parar, entre em contato com a VideoLeste.

Rua 24 de Maio 77 • 14.º andar • Tels. (011) 223.3833/221.8809 / 221.7431 / 222.9526 / 221.0440 / 223.2969
Telex: (011) 25395 • Fax: (011) 2207431 • CEP 01041 • São Paulo • SP

Av. do Contorno, 8000 - sala 1302 a 1304 c/ Luiz
Tel. (031) 531-3590 • CEP 30110 • BELO HORIZONTE - MG

Av. Parigot de Souza, 198 - Sala 2 - Tel. (0442) 23-0570
CEP 87013 • MARINGÁ - PR • c/ Odiney

mesmos preços da matriz de S. Paulo

AS AVENTURAS DE TOM JONES

de Tony Richardson

Foram-se os tempos de Tom Jones. Comédia de costumes bastante apimentada para a época (1963) e muito mais apimentada quando foi escrita (1749) por Henry Fielding, *As Aventuras de Tom Jones* levava à tela um certo perfume dos anos loucos que se seguiram na década de 60.

Dirigida por Tony Richardson *(Um Hotel Muito Louco* - VTI), premiada com 4 Oscar (entre eles o de melhor filme e melhor direção), essa história picaresca de um órfão que papava todas fez muito sucesso à época. Nele vemos um Albert Finney *(À Sombra do Vulcão)* no papel-título, incrivelmente belo e rejuvenescido, e uma Susannah York (Sophie Western, a pretendida de Tom) radiante como uma pepita.

Há inegáveis passagens divertidas e uma boa reconstituição do século XVIII, mas, além da duração excessiva (127 min.), que procura ensacar todas as aventuras do herói, a ironia galopante e as passagens eróticas acabam um pouco sensaboronas. Já não parece um espetáculo bom das pernas.

Carlos Volpato

Tom Jones, Inglaterra, 1963 ■ DIREÇÃO: Tony Richardson ■ Com Albert Finney, Susannah York, Hugh Griffith, Edith Evans, Joan Greenwood, Diane Cilento, George Devine ■ ROTEIRO: John Osborne ■ FOTOGRAFIA: Walter Lassally ■ MÚSICA: John Addison ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ralph Brinton ■ MONTAGEM: Antony Gibbs ■ PRODUÇÃO: Tony Richardson ■ DURAÇÃO: 131 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

O *bon vivant* Tom, o então jovem Albert Finney, flagrado em um instante de luxuria

Fotos: Fox Filmes

Uma imagem lendária: o octogenário Billy The Kid (Emilio Estevez) à frente de seu bando

Continuação de *Young Guns* chega primeiro

JOVEM DEMAIS PARA MORRER

Com Emilio Estevez, Kiefer Sutherland...

Billy the Kid não morreu. Está vivo e passa bem seus oitenta e tantos anos no deserto do Novo México. E quer vingança: aborrecido com as mentiras do livro sobre seu "assassino" — o xerife Pat Garrett —, Billy convoca um repórter para contar a sua verdadeira história.

Esta é a premissa básica de *Jovem Demais Para Morrer*, o western prafrentex estrelado por Emilio Estevez — que tem participação dupla no filme, como o jovem the Kid e, debaixo de camadas de latex, como o Billy octogenário. Segundos antes de Billy ser fuzilado, ele faz um acordo com Pat Garrett (William Petersen) e some de vista para sempre. Perde a fama de "príncipe dos pistoleiros", mas ganha a vida.

Melhor do que o *Young Guns*, original, que inexplicavelmente ainda não veio para o Brasil — um pastiche de Sam Peckinpah —, a continuação ainda paga tributo à *MTV* pelo uso de Jon Bon Jovi na trilha sonora. Mas o diretor neozelandês Geoff Murphy e o roteirista John Fusco abandonaram a postura posuda e estilosa do primeiro filme e atualizaram a fórmula de western com uma linguagem mais próxima do público jovem e uma dose bem-vinda de bom humor.

Estevez, Kiefer Sutherland (Doc Scurlock) e Lou Diamond Phillips (o índio Chaves) retornam aos mesmos papéis do original. Dessa vez, porém, o bando de Billy tem uma defecção.

As novas aventuras de Billy e seu bando pretendem — e conseguem — revelar a personalidade do bandido, seus motivos, seu raciocínio. Billy seria mais um rebelde do que um fora-da-lei, um contestador do poder estabelecido corrupto que disputa o futuro estado do Novo México.

O Billy de Fusco e Murphy é o equivalente a um rockstar viciado na própria fama. Num encontro com seus inimigos, a Billy são oferecidos liberdade e dinheiro suficientes para uma confortável aposentadoria caso ele concorde em ficar bem quietinho e bem longe dali, no México. Billy, porém, não concorda, porque no México ele seria "mais um gringo qualquer".

José Emilio Rondeau

Young Guns II, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Geoff Murphy ■ Com Emilio Estevez, Kiefer Sutherland, Lou Diamond Phillips, James Coburn, Christian Slater, William Petersen ■ ROTEIRO: John Fusco ■ FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Rudolf ■ MONTAGEM: Bruce Green ■ PRODUÇÃO: Paul Schiff ■ DURAÇÃO: 103 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes

WARNER HOME VIDEO - CANAL 3 .

A PROGRAMAÇÃO SOB CONTROLE.

Na guerra das audiências, a TV manda sempre as mesmas bombas. E isso acaba explodindo a sua paciência. Mas você pode se refugiar no Canal 3. Onde você vê o filme que quiser, na hora e do jeito que preferir. Sem intervalos comerciais, e nada que possa interromper sua emoção. Sintonize a Warner Home Video - Canal 3. E assista a melhor programação da TV: a que você mesmo faz.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.

© Warner Home Video Inc.

FAST

O ESTRANHO VAMPIRO

com Nicholas Cage

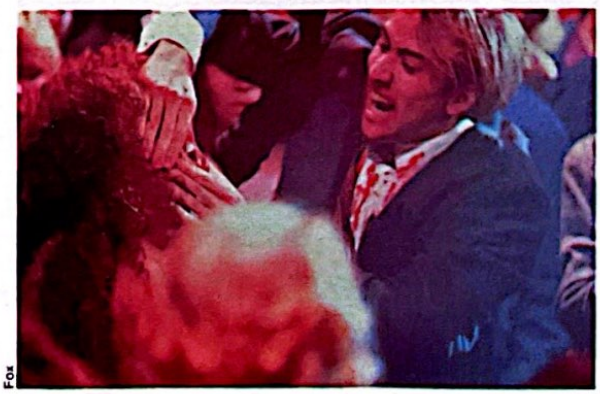
Muita gente já sugou a veia dos filmes cômicos com vampiros. Muito antes do "terrir" de Ivan Cardoso (*As Sete Vampiras*, *O Segredo da Múmia*, Globo Vídeo), antes mesmo de *A Hora do Espanto*, Roman Polanski já fizera o seu antológico *A Dança dos Vampiros*. Tudo levaria a acreditar que a fonte estivesse definitivamente seca ou, no mínimo, anêmica. Contrariando tais expectativas, *O Estranho Vampiro* consegue injetar sangue novo no gênero e provocar transbordantes gargalhadas. Tudo se deve ao talento de Nicholas Cage.

Em cena 90 por cento do tempo, na pele de Peter Loew — jovem agente literário que não consegue se livrar da idéia de que teria sido vampirizado por uma bela mulher (Jennifer Beals) —, Cage carrega o filme nas costas, desde o início, como um yuppie arrogante e pretensioso, até embarcar de vez na onda do vampirismo e começar a fugir do sol e dos crucifixos. Cage é perfeito em cada gesto e cada careta. Pelo menos uma cena é irresistível — e seu desempenho impressionante: quando "transformado", Loew dialoga longamente com um sólido pedaço de muro.

David França Mendes

Vampire's Kiss, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Robert Bierman ■ Com Nicholas Cage, Maria Conchita Alonso, Jennifer Beals, Elizabeth Ashley, Kasi Lemmons, Bob Lujan ■ ROTEIRO: Joseph Minion ■ FOTOGRAFIA: Stefan Czapsky ■ MÚSICA: Colin Towns ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Christopher Nowak ■ MONTAGEM: Angus Newton ■ PRODUÇÃO: Barry Shils e Barbara Zitwer ■ DURAÇÃO: 103 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes

Para o jovem vampiro Peter Loew (Nicholas Cage) qualquer hora é hora de se dar uma boa abocanhada numa apetitosa vítima



Fox

O veterano Gene (Mel Gibson) impressiona o idealista Billy (Robert Downey Jr.)

Columbia Tri-Star

Nem thriller político nem filme de aventuras

AIR AMERICA – LOUCOS PELO PERIGO

Com Mel Gibson, Robert Downey Jr. ...

A melhor coisa de *Air America — Loucos pelo Perigo* é o interesse que cria para se conhecer melhor os fatos reais que inspiraram o livro em que o filme se baseia: *Air America* era o nome oficial da linha aérea operada pelo governo americano na época da guerra do Vietnã para transportar munição, pessoas (refugiados, "presuntos" e soldados), alimentos, rebanhos e napalm — não necessariamente nessa ordem e não necessariamente com o consentimento ou o conhecimento do Congresso ou do povo americano. Sob o pretexto de ser uma linha estritamente comercial — e durante sua existência ela foi a maior companhia aérea do mundo, por causa de sua imensa frota —, a *Air America* estava, na verdade, usando bases secretas no Laos para combater o Vietnã do Sul.

Air America — Loucos pelo Perigo se concentra na história de dois dos pilotos americanos contratados para essa operação: o veterano Gene (Mel Gibson), ex-idealista que se viciou na excitação de tentar viajar "invisível" enquanto é bombardeado do ar e da terra, e Billy (Robert Downey Jr.), ex-piloto de helicóptero que dá informações sobre o tráfego para uma rádio de Los Angeles, um idealista que vai parar no Laos depois que uma encrenca no trabalho resulta na suspensão de seu brevê.

Indeciso entre ser um thriller político e um filme de aventuras entre dois parceiros muito diferentes (e muito iguais), *Air America — Loucos pelo Perigo* não consegue ser nenhuma das duas coisas. Mel parece restrito aos mesmos trejeitos de seu personagem na série *Máquina Mortífera* (Warner Home Vídeo) e Robert, mesmo que esta seja a melhor atuação de sua carreira até agora, fica perdido na selva. A própria campanha publicitária do filme nos Estados Unidos refletia bem essa esquizofrenia: vendia uma comédia.

Para os fãs de avião, porém, *Air America — Loucos pelo Perigo* é imperdível: só a aterrissagem forçada de uma nave pilotada por Downey Jr. vale o preço do ingresso.

José Emilio Rondeau

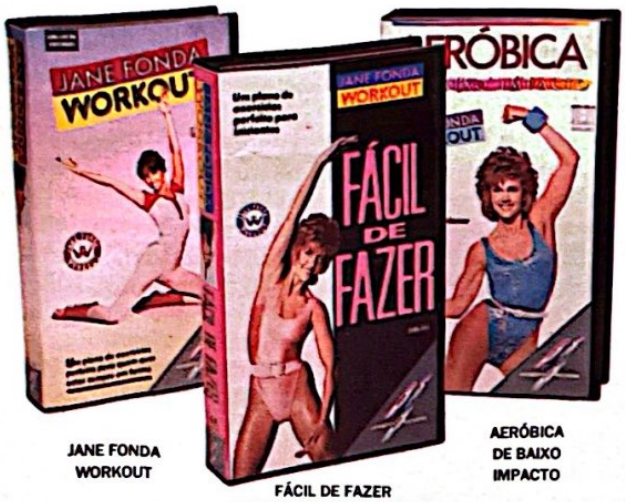
Air America, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Roger Spottiswoode ■ Com Mel Gibson, Robert Downey Jr., Nancy Travis, Ken Jenkins, David Marshall Grant, Lane Smith ■ ROTEIRO: John Eskow e Richard Rush, baseado no livro de Christopher Robbins ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: Charles Gross ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Allan Cameron ■ MONTAGEM: John Bloom e Lois Freeman-Fox ■ PRODUÇÃO: Daniel Melnick ■ DURAÇÃO: 110 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

SIGA A LÍDER!

Se você nunca fez ginástica e se acha incapaz de tal exercício, pode afastar essa idéia e passar para o lado das milhares de mulheres ativas e que se preocupam com a saúde e a beleza do corpo. A Herbert Richers acaba de lançar **Jane Fonda Workout Fácil de Fazer**, indicado para pessoas de qualquer idade e especialmente para você, que nunca praticou ginástica aeróbica.

Com 50 minutos de exercícios mais lentos e calmos, Jane Fonda trabalha o corpo integralmente, tonificando os músculos, desenvolvendo sua flexibilidade e aumentando a resistência do organismo.

Valorize o seu corpo! Entre para essa turma e torne-se também uma mulher mais bonita e ativa!



JANE FONDA WORKOUT

FÁCIL DE FAZER
NOVO LANÇAMENTO!

AERÓBICA DE BAIXO IMPACTO

■ Conheça também as outras fitas da série: **Jane Fonda Workout**, indicada não só para iniciantes, mas também para praticantes de aeróbica; e **Aeróbica de Baixo Impacto**, somente para os que já estão acostumados a exercícios físicos.

■ Não perca mais tempo. Entre num novo ritmo de vida. Adquira a sua fita preenchendo o cupom abaixo e envie para a Herbert Richers, ou então ligue já para (021) 800-2372. A ligação é grátis!

COMPRE PELO TELEFONE!
USE O SEU CARTÃO DE CRÉDITO
CREDICARD
DINERS CLUB

SIM, quero receber os seguintes videocassetes da série JANE FONDA WORKOUT:

☐ fita(s) **Fácil de Fazer** ☐ fita(s) **Aeróbica de Baixo Impacto** ☐ fita(s) **Jane Fonda Workout**

pelo preço de **Cr$ 5.257,00**, cada uma (válido até **05/12/90**) **FRETE GRÁTIS!**

SJF-40

Na seguinte forma de pagamento:

☐ Envio cheque anexo, cruzado e nominal a **Herbert Richers S/A**, do Banco _____

☐ Autorizo o débito em meu cartão **Credicard/Diners** N.º _____

Validade ____/____ Data ____/____/____ Assinatura: _____

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CIDADE _____

ESTADO _____ CEP _____ TELEFONE _____

HERBERT RICHERS

Endereçar o cupom a **Herbert Richers S/A** - Rua Conde de Bonfim, 1337 CEP 20.530 Rio de Janeiro.

LIGUE GRÁTIS! 021-800-2372 COMPRE PELO TELEFONE E **GANHE UM DESCONTO!**

Um advogado levado às barras do tribunal num filme eletrizante

ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

de Alan Pakula, com Harrison Ford, Raul Julia...

No final de 1986, Hollywood estava em chamas, entregue a um dos seus rituais mais comuns: a batalha por direitos autorais. Explique-se a fúria: na exata medida em que, nas últimas duas décadas, tem diminuído o número de roteiros originais de boa qualidade (principalmente os produzidos por encomenda dos famigerados "departamentos de desenvolvimento" dos estúdios, que, dizem as más línguas, são alguns dos maiores e mais gordos cabides de emprego do mundo), tem crescido a demanda por material virgem, de outras fontes, ou seja, direitos autorais de livros, roteiros, idéias e até fatos e gente (lembram-se de Chico Mendes?).

Em 1986, o motivo da disputa era *Presumed Innocent*, manuscrito de Scott Turow, então autor estreante, com uma formação das mais interessantes: advogado graduado na prestigiosa Harvard, ex-funcionário da promotoria de Detroit. Pesos pesados da indústria cinematográfica estavam no jogo, e um deles, o cineasta Alan J. Pakula (*A Escolha de Sofia, Todos os Homens do Presidente*), estava positivamente apaixonado. "Que história! Que enredo! Comecei a ler o manuscrito e não pude largar mais", ele recorda. "Não eram apenas as questões que ele abordava que eram fascinantes: bem e mal, a danação de um homem perfeitamente normal e controlado que vê sua vida perder o rumo, os meandros do sistema judiciário americano. Era isso, mas, acima de tudo, era a história que prendia, cativava o leitor."

Decidido a transformar *Presumed Innocent* em filme, Pakula procurou um parceiro à altura, o produtor (e também diretor) Sydney Pollack, seu amigo. "Eu virtualmente convenci Sydney a comprar os direitos para mim", ele diz, rindo. Valor da extravagância amistosa: 1 milhão de dólares.

Muito em breve, Pakula poderia perceber que seu instinto estava correto: *Presumed Innocent* tornou-se um dos maiores best-sellers da temporada, permanecendo 44 semanas na lista dos mais vendidos do New York Times e vendendo mais de 5 milhões de cópias nos Estados Unidos apenas. Quando Pakula, afinal, realizou seu projeto, milhões de pessoas pelo mundo afora já sabiam quem havia assassinado Caroline Polhemus (a belíssima ítalo-inglesa-australiana, Greta Scaachi no filme), a sensual e inteligente promotora que enlouquece o corretíssimo Rusty Sabich (Harrison Ford), seu colega de escritório. Mesmo assim, Pakula e a Warner — estúdio distribuidor do filme — decidiram manter a aura de mistério que, sem dúvida, fora um dos pontos de venda do livro.

O advogado Rusty (Harrison Ford) no banco dos réus

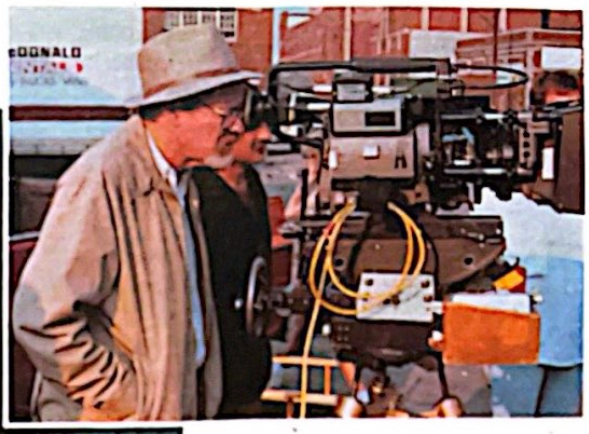
Fotos Warner

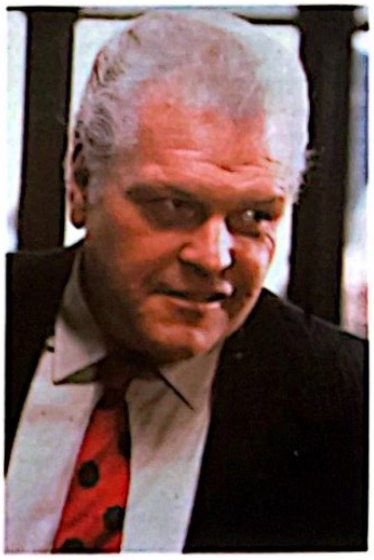
VERÃO LOUCO — o personagem central de *Acima de Qualquer Suspeita* é um homem acostumado a administrar os crimes alheios e a participar ativamente "do negócio de julgar, acusar e punir" (como Turow escreve). Rusty se vê preso em sua própria teia, sufocado pelas engrenagens de uma justiça que pensava conhecer e domar tão bem.

Para salvá-lo resta um de seus maiores antagonistas, o experiente advogado de defesa Sandy Stern (Raul Julia). E, quem sabe, a sorte. "O dilema desse personagem é absolutamente fascinante", diz Pakula. "Sempre fui atraído por pessoas que pensam que são civilizadas e têm o controle da situação e se vêem atiradas em espirais fora do seu alcance. No fundo, o que essas histórias querem dizer é que devemos ter mais compaixão — para com os outros e para com nós mesmos."

Lançado no terço final de um verão absolutamente enlouquecido, quando Hollywood gastou montanhas de dinheiro para fazer uma série de filmes parecidos uns

Ao lado, Pakula dirige e, abaixo, Ford e Raul Julia





com os outros — mocinhos viris detonando quantidades industriais de vilões —, *Acima de Qualquer Suspeita* criou um interessante oásis na bilheteria, atraindo todos aqueles adultos que se tinham mantido ao largo das explosões sanguinolentas da temporada: líder de bilheteria nas duas primeiras semanas de seu lançamento, o filme encerrou o verão entre os 5 maiores vendedores de ingressos da temporada, com 60 milhões em caixa. "Acho que é isso que eles chamam de contraprogramação em marketing", diz Pakula. "Ir propositalmente contra a corrente. Não tenho nada contra filmes juvenis, cheios de ação.

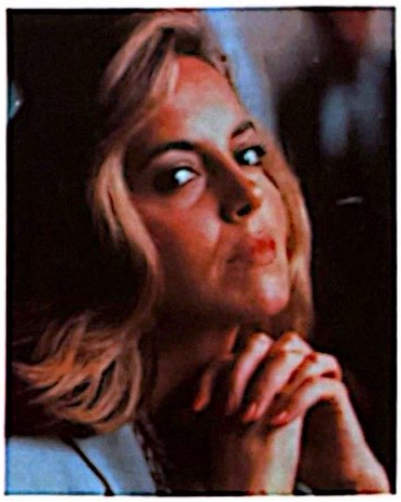
"O que me incomoda é que apenas este tipo de filme seja feito, em detrimento de tudo o mais que Hollywood sempre soube fazer tão bem."

Acima de Qualquer Suspeita fez mais do que ser um sucesso de contraprogramação: tornou-se um dos primeiros filmes da temporada a provocar especulações maciças com relação ao Oscar (outros filmes, como *Q & A*, de Sidney Lumet, *Nas Montanhas da Lua*, de Bob Rafelson, e até *Dick Tracy*, pelo lado técnico, já haviam provocado rumores menores, ligados a uma performance ou aspecto).

Tudo parece estar no páreo do Oscar: filme, roteiro, direção e, sobretudo, as atuações de Harrison Ford, Raul Julia e Bonnie Bedelia (que faz Barbara, mulher de Rusty). "O sucesso e o impacto de *Acima de Qualquer Suspeita* ensinam à indústria uma lição importante", escreveu Martin Grove, analista de mercado e colunista do jornal *Hollywood Reporter*. "Que, ao contrário do que se pensa, não são apenas os homens com idade entre 15 e 21 anos que vão ao cinema, hoje em dia."

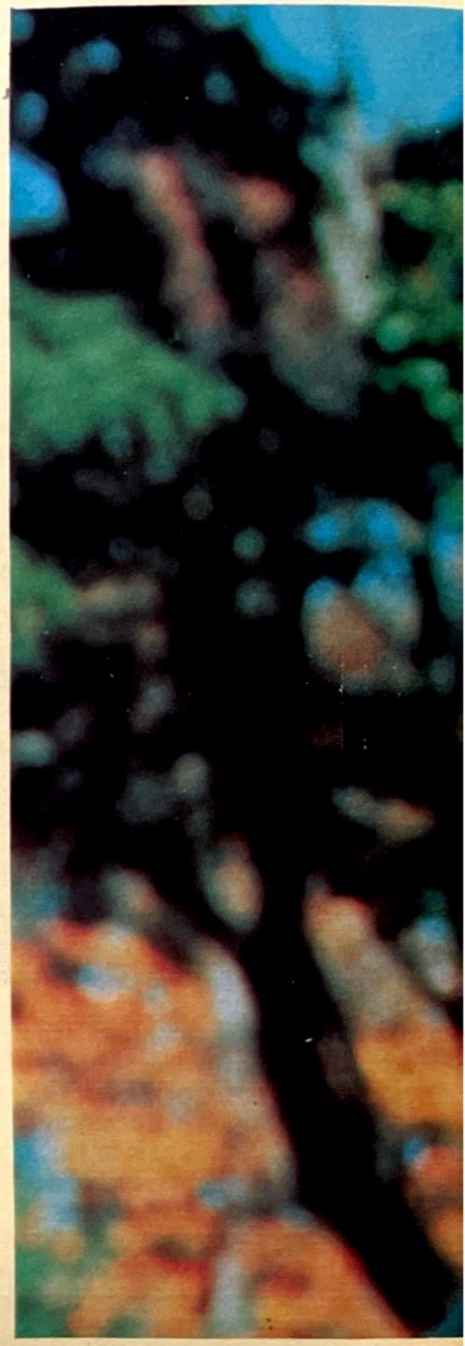
Ana Maria Bahiana

Presumed Innocent, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Alan J. Pakula ■ Com Harrison Ford, Brian Dennehy, Raul Julia, Bonnie Bedelia, Paul Winfield, Greta Scaachi ■ ROTEIRO: Frank Pierson, baseado no romance de Scott Turow ■ FOTOGRAFIA: Gordon Willis ■ MÚSICA: John Williams ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: George Jenkins ■ MONTAGEM: Evan Lottman ■ PRODUÇÃO: Sydney Pollack ■ DURAÇÃO: 127 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



Acima, Brian Dennehy é o chefe de Rusty; ao lado, a vítima, vivida por Greta Scaachi; Bonnie Bedelia é a mulher do advogado incriminado e Jesse Bradford, seu filho (abaixo)

HARRISON FORD



O ator defende com unhas e dentes a sua privacidade e conta como invadiu a vida alheia para compor seu personagem

Não é que Harrison Ford não goste de dar entrevistas — ele abomina todo o processo de pergunta-e-resposta, um jogo de gato e rato em que cada questão mais pessoal é rebatida por monossílabos e murmúrios ininteligíveis.

O mais importante, no entender de Ford, é utilizar a entrevista como ferramenta promocional de um filme e não deixar alguém tecer conjecturas sobre a pessoa detrás da máscara.

Em seu rancho em Wyomming — nos confins do interior norte-americano —, Ford mantém uma vida pacata e normal com sua mulher e os filhos do casal, longe dos olhos invasores da imprensa marrom de Hollywood. Quando precisa vender um filme novo, aí, sim, Harrison concorda com as sabatinas que tanto o amolam.

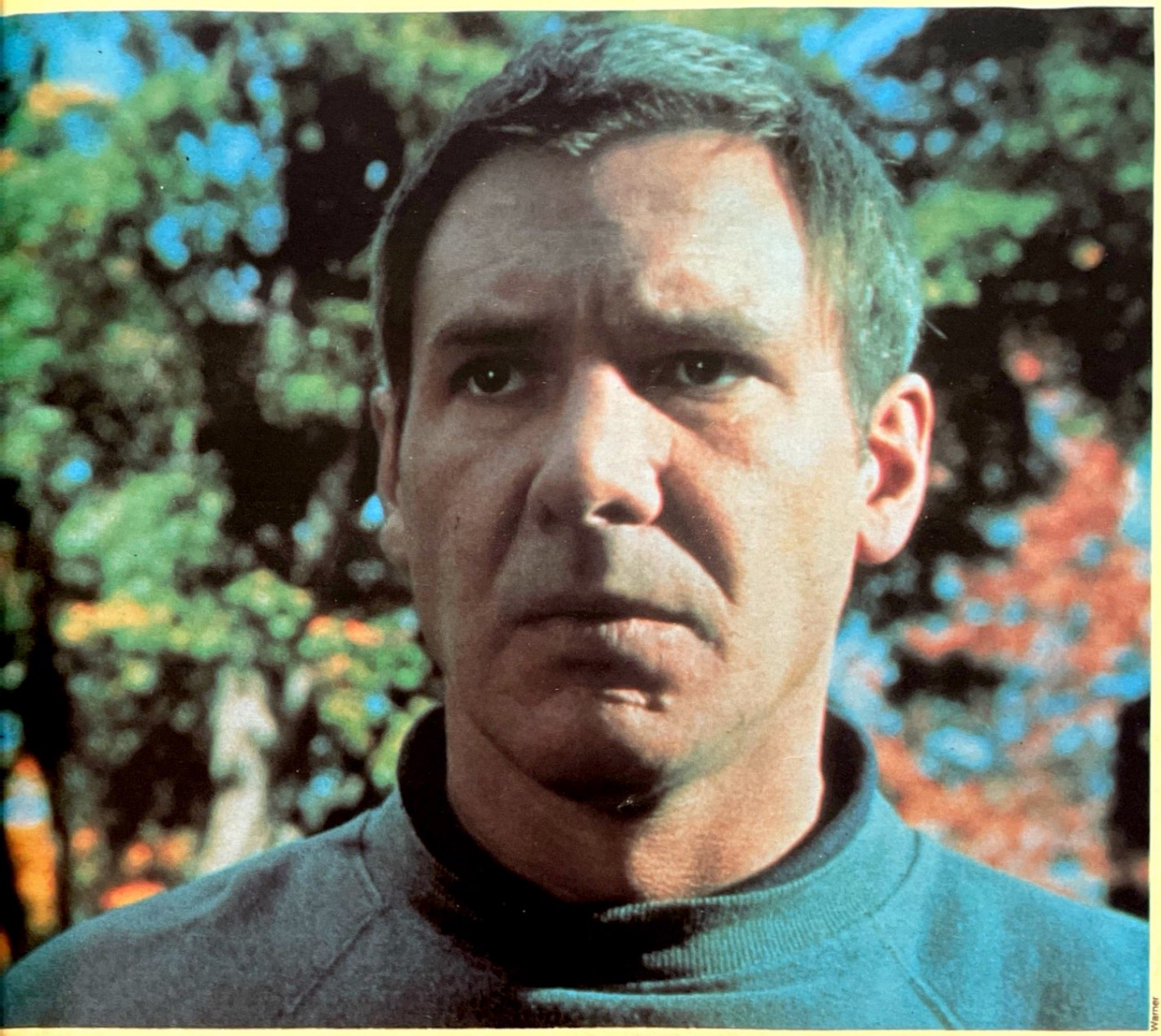
Como agora, numa suíte do hotel Regency, em Nova York, onde Ford e boa parte do elenco de *Acima de Qualquer Suspeita* — filme adaptado pelo diretor Alan Pakula do best-seller homônimo escrito por Scott Turow — estão fazendo o possível para dar luz à intrincada trama em que mergulha Rusty Sabbich (Harrison Ford) depois que é acusado do assassinato de uma colega, Carolyn Polhamus (Greta Sccachi).

Curiosamente, há um semalhança entre Rusty e Harrison: ambos são donos de grande autocontrole e ambos procuram manter suas respectivas vidas sob o máximo controle.

Quando Harrison Ford sentou-se para dar esta entrevista — num elegante terno cor mostarda —, estava nas bancas a mais nova edição da revista *Vanity Fair*, passarela de papel pintado por onde desfilam os ricos, os lindos e os poderosos, com — ooohhh — fotos da casa de Ford, um aparente sacrilégio.

Nada mais compreensível, portanto, do que começar a entrevista pelo caminho mais espinhoso: a quebra da privacidade.

SET — *Chegou às bancas ontem a nova edição da revista* Vanity Fair, *com uma reportagem de capa sobre você, que mostra, pela primeira vez no mundo, fotos de sua casa em Jackson, Wyomming. Esse vislumbre, ainda que rápido, da sua vida pessoal é uma raridade. Sua privacidade sempre foi protegida com unhas e dentes. Por que você concordou com esta reportagem? E como, quando e por que você decidiu proteger tanto sua vida particular?*



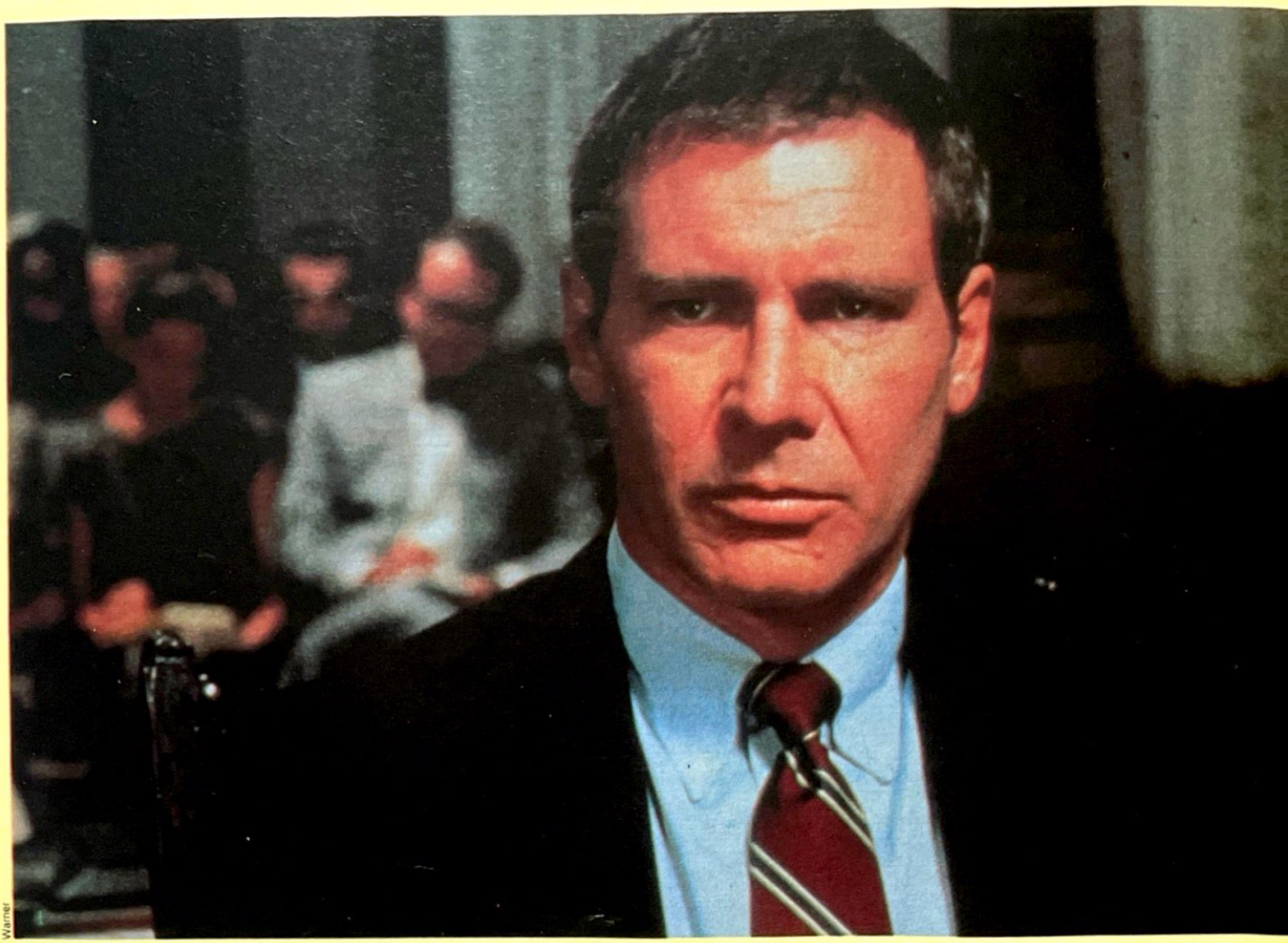
Warner

HARRISON FORD — São muitas perguntas de uma vez só *(risos)*. Vamos começar do início. Em primeiro lugar, sempre me pus à disposição da imprensa nas ocasiões em que tinha o que dizer. Geralmente não tenho o que dizer, exceto quando há um filme novo sendo lançado. Acho que o interesse do público é limitado, portanto é melhor motivar esse interesse somente quando você tem alguma coisa a oferecer. Agora, vamos à segunda parte: não convidei a *Vanity Fair* para dentro da minha casa. Meu escritório é do outro lado da rua e, na hora de uma pausa para um café, num ato normal de cortesia, preferi não deixar o repórter na calçada enquanto ia à cozinha pegar um café. Que isso tenha se transformado num convite à revista para conhecer minha casa me parece um exagero infeliz. Sempre consegui delimitar a discussão em torno de minha vida pessoal porque acho que muita informação acaba sendo desvantajosa para um ator. As pessoas tendem a caracterizá-lo a partir do que elas sabem sobre sua vida particular. Essa é minha única objeção. Acho que já falei de tudo. Mais alguma coisa?

SET — *As fotos da revista mostram, pela primeira vez, sua casa.*

HARRISON FORD — Não, não saíram fotos do interior da minha casa. Mostram um pedaço

"As pessoas me param na rua e dizem: 'ouvimos falar que você morava aqui e, por Deus, olha só você aqui — vou pegar a câmera'"



Warner

"Temo não ser fanático por cinema o bastante para discutir com você os dramas judiciários"

da cerca da minha casa. Olha, você nunca verá minha casa numa reportagem da *Architectual Digest*, do tipo "Em casa com Harrison Ford". Simplesmente não é minha natureza.

SET — *Você teve algum problema de invasão de privacidade em Wyomming?*

HARRISON FORD — Não. Sim e não. As pessoas me param na rua e dizem: ouvimos falar que você morava aqui e, por Deus, olha só você aqui — espera um instantinho que vou no carro pegar a câmera. Ou tem gente que estaciona na minha calçada "só pra dizer oi". Então existe um motivo para que eu seja vago a respeito de onde moro, o que me parece bastante razoável.

SET — *Você vai se mudar por causa disso?*

HARRISON FORD — Não, absolutamente. Porque também existe o efeito residual: as pessoas tanto ouvem falar de como você se interessa em manter sua privacidade que aquilo acaba fazendo parte da mitologia. E a maioria das pessoas respeita minha ambição de preservar minha privacidade... Mas vamos parar de falar sobre mim.

SET — *O preocupa, de alguma forma, o fato de que muitas pessoas farão o mesmo tipo de comentário, que em geral se faz, quando um filme é adaptado de um livro: "Ah, o livro era melhor"?*

HARRISON FORD — Bom, certamente isso vai acontecer, de uma maneira ou de outra. Mas não acho que devamos nos preocupar com isso. Infelizmente, não são tantas assim as pessoas que ainda lêem hoje em dia. E por mais que este livro tenha sido um sucesso, o número de pessoas que leram o livro é apenas uma pequena percentagem do que vem a ser o público de um filme.

SET — *Foi sua intenção tentar manter seu personagem o mais fiel possível ao personagem do livro?*

HARRISON FORD — Nos sentimos responsáveis por um material que já era muito bom. Existem diferenças nas construções do que parece ser uma mesma coisa, mas que, na verdade, são dois processos diferentes. Acho que fomos fiéis aos personagens, aos relacionamentos entre os personagens e às preocupações temáticas do livro. Mas a maneira como os fatores de suspeita e suspense são tratados no filme difere da do livro.

SET — *Como você descreveria seu personagem? Já se falou tanto a res-*

peito dele, basicamente que ele seria muito ingênuo...

HARRISON FORD — Não é assim que o vejo, de forma alguma. É um personagem muito complexo, nada que...

SET — *...Mas ele acredita na justiça, mesmo quando...*

HARRISON FORD — Mas isso não parece ser ingenuidade.

SET — *...Um homem honrado?*

HARRISON FORD — Ele é um homem digno que acredita na ordem e na justiça. É um homem responsável. O caso de amor que ele tem é um infortúnio, um raro momento de perda de controle em sua vida. Mas ele — conforme é descrito no livro e como, espero, o filme mostra — tem fé no poder da lei e na necessidade de se ter lei e ordem na vida. Rusty Sabbich resiste à sedução de Carolyn até o momento em que eles começam a trabalhar juntos, e se envolvem emocionalmente no caso de um garoto que é maltratado pela mãe. A atração que ele sente por ela, pelo menos imediatamente, não é baseada nos atributos sexuais (de Carolyn), mas na intimidade que é desenvolvida dentro do contexto do caso jurídico e na intensidade emocional de cada um em relação ao caso. Rusty tem um relacionamento leal e amoroso com sua mulher — é um casamento duradouro, que teve seus altos e baixos, mas é um bom casameno — e este caso extramarital é uma anomalia na vida de Rusty. É a primeira vez que algo desta natureza acontece com ele. E ele fica obcecado, consumido por esse caso de amor, e sofre muita dor e culpa por causa disso.

SET — *Soube que sua pesquisa para o papel envolveu visitas a julgamentos, idas a tribunais.*

HARRISON FORD — Fui a Detroit, onde passei um tempo indo ao escritório da procuradoria pública. Fui a escritórios de advogados, almocei com eles. Ao todo acho que foram dez dias. Não foi tanto para observar o comportamento num tribunal.O que me interessava era o lado mais mundano, digamos assim, da experiência deles. Gostava de ver como os advogados lidavam com toda sua papelada, como falavam ao telefone, como interagiam com seus colegas, tomando um cafezinho. Como conversavam com os juízes fora do tribunal.

SET — *Você teria como comparar* Acima de Qualquer Suspeita (v. matéria à pág.58) *a outros filmes que também apresentam dramas judiciários?*

HARRISON FORD — Ahn, temo não ser fanático por cinema o bastante para discutir com você os dramas judiciários em geral. Não vejo tantos filmes assim. Mas acho muito difícil fazer um filme desses parecer realista. Geralmente o que se faz é injetar uma dose de melodrama para dar a impressão de que o clima num tribunal é mais animado do que realmente é. Se você for a um julgamento vai ver que é uma situação bastante chata. Estou muito satisfeito com a maneira como as cenas de tribunal em *Acima de Qualquer Suspeita* foram realizadas. Conseguimos manter um determinado ritmo, através da seleção de determinados processos e de determinada carga de informação, fazendo cortes rápidos sem prejudicar o tom advocatício das cenas.

SET — *Foram feitas muitas modificações nos diálogos do filme, se formos compará-los aos do livro?*

HARRISON FORD — Qualquer ajuste nos diálogos que me pareça necessário é discutido com o diretor antes da filmagem. E isso faz parte do processo de feitura do roteiro — é quando você procura fazer com que as palavras caibam melhor na sua boca, na busca da expressão mais bem acabada que se possa achar. Mas boa parte do diálogo no filme saiu direto do livro. Scott Turow escreve diálogos muito bem, embora tenha sido necessário fazer alguns ajustes porque existe uma diferença muito grande entre uma palavra quando é escrita e quando é dita.

SET — *Você está para viver um outro advogado na tela, em* Regarding Henry, *dirigido por Mike Nichols. Coincidência?*

HARRISON FORD — É uma coincidência. Os advogados diferem muito entre si, da mesma forma que eu sou diferente de você. O advogado de *Regarding Henry* é um advogado de defesa, e não é uma pessoa muito escrupulosa e agradável. No filme ele é baleado na cabeça durante um assalto a um mercadinho, entra em coma e recupera a consciência mais tarde, sofrendo de amnésia. Daí ele tem a oportunidade de reinventar sua própria vida, seus relacionamentos com a família. Então é um tipo de personagem muito diferente de Rusty Sabbich.

SET — *É mais fácil ou mais difícil fazer papéis como estes se traçarmos um paralelo com os filmes de ação que você fez, como os da série* Indiana Jones?

HARRISON FORD — Eu diria que é tudo a mesma coisa. Me apraz fazer papéis bastante diferentes entre si. Se eu ficasse preso a um tipo determinado de papel perderia toda a graça.

SET — *Isso quer dizer que você se afastará por algum tempo dos filmes de ação e aventura?*

HARRISON FORD — Terei enorme satisfação em trabalhar num filme de ação e aventura, se achar um roteiro que seja ambicioso e que me proporcione algum prazer como ator. Mas, atualmente, não tenho achado nenhum filme deste tipo que me dê vontade de investir meu tempo e minha energia. Eles simples-

HARRISON FORD EM VÍDEO

AMERICAN GRAFFITI — LOUCURAS DE VERÃO (*American Graffiti*, EUA, 1973, de George Lucas). CIC ■ A CONVERSAÇÃO (*The Conversation*, EUA, 1974, de Francis Ford Coppola). CIC ■ HERÓIS SEM CAUSA (*Heroes*, EUA, 1977, de Jeremy Pau Kagan). CIC ■ COMANDO 10 DE NAVARONE (*Force 10 from Navarone*, Inglaterra, 1978, de Guy Hamilton). LK-Tel/Columbia ■ AMOR EM CHAMAS (*Hanover Street*, EUA, 1979, de Peter Hyams). LK-Tel/Columbia ■ APOCALYPSE NOW (EUA, 1979, de Francis Ford Coppola). CIC ■ OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (*Raiders of the Lost Ark*, EUA, 1981, de Steven Spielberg). CIC ■ BLADE RUNNER — O CAÇADOR DE ANDRÓIDES (*Blade Runner*, EUA, 1982, de Ridley Scott). Warner ■ E.T. — O EXTRATERRESTRE (*E.T. — The Extra-Terrestrial*, EUA, 1982, de Steven Spielberg). CIC ■ INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO (*Indiana Jones and the Temple of the Doom*, EUA, 1984, de Steven Spielberg). CIC ■ A TESTEMUNHA (*The Witness*, EUA, 1985, de Peter Weir). CIC ■ BUSCA FRENÉTICA (*Frantic*, EUA, 1988, de Roman Polanski). Warner ■ INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA (*Indiana Jones and the Last Crusade*, EUA, 1989, de Steven Spielberg). CIC.

mente são violentos demais, são muito vulgares e têm baixarias demais, por isso não os faço.

SET — *Então você não deixaria de fazer papéis heróicos, como Indiana Jones?*

HARRISON FORD — Bem, não se faz papel de herói. Não dá para você decidir que "agora vou dar uma de herói" e daí inventar o que viria a ser um comportamento "heróico", porque isso seria feio, desestimulante e impossível. Você faz um personagem que seja real. O interessante, tanto para o ator quanto para a platéia, é viver o papel de uma pessoa comum com a qual o público consegue se identificar e que, devido às circunstâncias, é impelido a se comportar de uma maneira heróica.

SET — *A série* Indiana Jones *terminou de vez?*

Warner

Raul Julia, como o advogado do advogado: o importante é a performance

HARRISON FORD — Assim parece. Pode ser que seja retomada em algum ponto no futuro, mas nada está sendo feito.

SET — *Você se interessaria na volta de Indiana Jones?*

HARRISON FORD — Você acha que eles conseguiriam fazer um novo filme da série sem mim? Mas, sim, me interessaria porque não acho que o assunto tenha se esgotado. Ainda existe potencial. Mas demorou cinco anos até que Steven Spielberg, George Lucas e eu concordássemos com o último que foi feito.

SET — *Por que será que Mike Nichols diz que você é a Ferrari dos atores?*

HARRISON FORD — Porque sou muito caro e de difícil manutenção. Acho que ele está fazendo um elogio quando diz isto. Não sei exatamente o que significa, mas acho que ele estava tentando ser generoso.

por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

JULIA, O DEFENSOR

Na primeira peça teatral de que participou — uma montagem infantil na escola religiosa onde estudava —, Raul Julia fez o papel do diabo. Em *Acima de Qualquer Suspeita* ele é Sandy Stern, um renomado advogado de origem argentina baseado nos Estados Unidos, que é contratado para defender seu oponente mais feroz, o promotor público assistente Rusty Sabich (Harrison Ford), ferrenho defensor da lei que se vê acusado de um homicídio hediondo.

Entre o Bem e o Mal, o porto-riquenho Julia (com o acento tônico no "a", ele faz questão de corrigir) passeia com tranqüilidade entre o tablado e a tela desde 1964. Seu papel de maior destaque foi na versão cinematográfica de *O Beijo da Mulher Aranha*. Julia e o co-astro William Hurt repartiram o prêmio de melhor ator dado pelo National Bord of Review dos Estados Unidos.

O papel de Sandy Stern, porém — que Raul define como sendo uma "máquina de defesa" —, pode resultar numa indicação para um prêmio Oscar: como coadjuvante de uma trama intrincadíssima, Raul rouba o filme todas as vezes que entra em cena.

SET — *Já estaria sendo planejado um segundo filme com seu personagem, o advogado Sandy Stern. Desta vez, baseado num outro livro de Scott Turow,* Burden of Proof.

RAUL JULIA — Eu ouvi falar, mas não sei de nada, oficialmente. Acabei de receber uma cópia do livro, mas ainda não li tudo. Sei que é mais sobre a vida pessoal de Sandy Stern. No primeiro livro esse lado pessoal e os relacionamentos particulares de Stern não são mostrados. O segundo livro revela mais sobre o homem, ao invés do profissional. Ele chega em casa, vindo de uma viagem de negócios, e descobre que a mulher se matou.

SET — *Você já disse que o trabalho dos advogados num tribunal é bem parecido com o trabalho de um ator num palco de teatro.*

RAUL JULIA — Ah, sim, é muito parecido, porque você tem uma platéia — o júri e as demais pessoas que estão acompanhando um julgamento... Então é parecido. Os advogados também precisam ser grandes atores.

SET — *Como você, como ator, se preparou para ser um advogado?*

RAUL JULIA — Conversei com advogados... Um advogado de defesa proeminente aqui em Nova York, Michael Kennedy. Ele me deu algumas dicas — foi ele quem me disse que a performance de um advogado era tudo. Como um advogado, a preocupação principal dele não era com a verdade, mas com a performance.

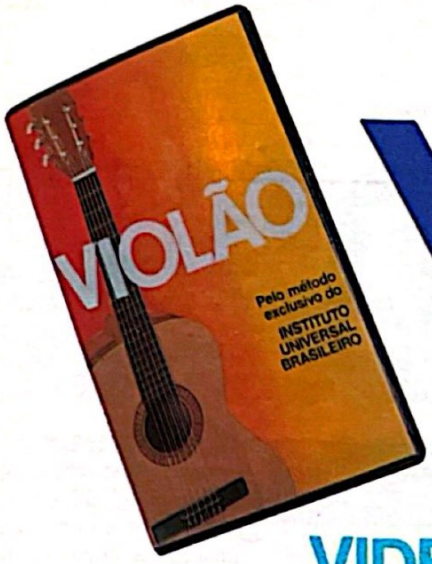
SET — *Em determinado ponto do filme, Sandy Stern pergunta a Rusty Sabich se ele é culpado ou inocente.*

RAUL JULIA — Não, ele nunca faz essa pergunta. A pergunta dele é: "A justiça foi feita?"

SET — *Isso é comum num relacionamento entre advogados e clientes?*

RAUL JULIA — Não. Os advogados de defesa nunca perguntam a seus clientes se eles são culpados. Nunca. E você acha que o cliente vai dizer que ele não é inocente? A função do advogado é evitar que o cliente vá para a cadeia.

J.E.R.



Agora você vai aprender VIOLÃO

COM OS MAIS MODERNOS RECURSOS DIDÁTICOS DO INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

VIDEOCASSETE

Com animação por Computação Gráfica

A Fita de Videocassete é um dos componentes didáticos mais interessantes do Curso.

Elaborada segundo os mais modernos recursos de gravação em vídeo, sonorização e com ilustrações animadas utilizando a técnica da computação gráfica, é apresentada com muito entusiasmo pelo nosso professor, constituindo-se num inédito trabalho didático-musical.

A visão das posições da mão esquerda na elaboração dos acordes, e as batidas da mão direita, é ilustrada passo-a-passo e representada por esquemas feitos por computação gráfica, no momento exato da execução, permitindo tocar e cantar os vários sucessos de ontem e hoje, que fazem o repertório do violão moderno.

APOSTILAS ILUSTRADAS E FITAS K7

A parte literária do Curso é apresentada em apostilas, escritas numa linguagem de fácil assimilação, com atraentes ilustrações técnicas e artísticas, que tornam o estudo interessante e agradável. A História do Violão, a teoria e a prática musical, os sucessos musicais com letras, músicas e acordes, um eficiente dicionário ilustrado musical, exercícios práticos de auto-avaliação e testes remissivos fazem parte das 36 apostilas que compõem o Curso.

As 3 Fitas K7 são responsáveis pela complementação sonora do curso. Gravadas em dois canais de áudio, reproduz um som estereofônico de ótima qualidade, permitindo ainda que você ouça em separado o canto, o acompanhamento ou detalhes rítmicos e sonoros especiais. Chamadas nas apostilas indicam o momento de ouvir a fita e estabelecer o elo de ligação entre o tema estudado e a sua representação sonora.

NOSSAS UNIDADES DE ATENDIMENTO

UNIDADES SÃO PAULO: Centro: *Av. Rio Branco, 781 (esq. c/Av. Duque de Caxias).* **Santo Amaro:** *Largo Treze de Maio, 520, 3º andar - conj. 31*
UNIDADE RIO DE JANEIRO: *Rua Riachuelo, 159 (próximo aos Arcos da Lapa)*
UNIDADE BELO HORIZONTE: *Av. Amazonas, 115, 2º and. - Centro - Ed. Caxias*
UNIDADE SALVADOR: *R. Marujos do Brasil, 5-B, Ed. André Luis, Bairro Tororó*

Instituto Universal Brasileiro

A maior e mais perfeita organização de ensino a distância do país!

1940 – 1990

50 anos de experiência dedicados ao ensino

Mande o Pedido de Informações abaixo HOJE MESMO!

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

Av. Rio Branco, 781 – Caixa Postal 5058 – São Paulo – CEP 01051

PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Senhor Diretor, solicito enviar-me GRÁTIS o Folheto Ilustrado completo sobre o Curso de Violão.

Nome: _____

Rua: _____ Nº _____

CEP: _____ Bairro _____ Cx. Postal _____

Cidade: _____ Estado: _____

___/___/___ _____

Data Assinatura

SBT-40

20 FILMES DE TRI

O potencial dramático de uma sessão no tribunal nunca foi desprezado pelos autores de melodramas. Dos escritores de folhetins do século 19 aos atuais roteiristas de telenovelas, todos sabem que o tribunal é um palco privilegiado onde se concentra a tragédia ou a farsa de vidas inteiras, com suas reviravoltas, revelações surpreendentes, expiações de culpa e busca de redenção. Mas um julgamento, ao colocar em confronto muitas vezes o interesse do Estado e o direito do indivíduo, pode servir também como uma exposição condensada dos mecanismos de funcionamento da sociedade, colocando a nu sua estrutura de poder e sua escala de valores éticos e ideológicos.

No cinema, os dramas judiciários sempre ocuparam um lugar de destaque, e os títulos disponíveis em vídeo no Brasil já alcançam várias dezenas, embora caiba lamentar a ausência de alguns clássicos do gênero, como *Fúria,* de Fritz Lang; *A Tortura do Silêncio,* de Hitchcock; *Doze Homens e uma Sentença,* de Sidney Lumet; *Audazes e Malditos,* de John Ford; e *Esse Crime Chamado Justiça,* de Dino Risi. Assim como o *thriller* policial concentra-se fundamentalmente no período que vai do crime à prisão do criminoso e o drama carcerário acompanha o desenrolar da punição do condenado, o filme judiciário interessa-se pelo momento do julgamento, em que o crime já foi cometido, um suspeito foi preso e seu destino está em jogo. Silêncio no tribunal que a sessão vai começar.

POLÍTICA

GIORDANO BRUNO
(Itália/França, 1974)
Direção: Giuliano Montaldo. Com Gian Maria Volonté, Christian Blech, Charlotte Rampling. Globo Vídeo.
No século 16, mexer com os dogmas da religião católica era correr o risco de acabar na fogueira, especialmente se se estivesse na Itália, pertinho do santo-papa. O filósofo e astrônomo Giordano Bruno (Volonté), apresentado no filme como uma espécie de ecologista e bicho-grilo *avant la lettre*, comprovou na carne essa verdade. Quando suas idéias começaram a incomodar as autoridades eclesiásticas de Veneza, estas mandaram-no a Roma, onde caiu nas malhas da Inquisição. Seu julgamento — exposto didaticamente por Montaldo — é uma ilustração perfeita da Justiça medieval católica segundo a qual o réu podia confessar e ser punido, ou negar a culpa e ser igualmente punido.

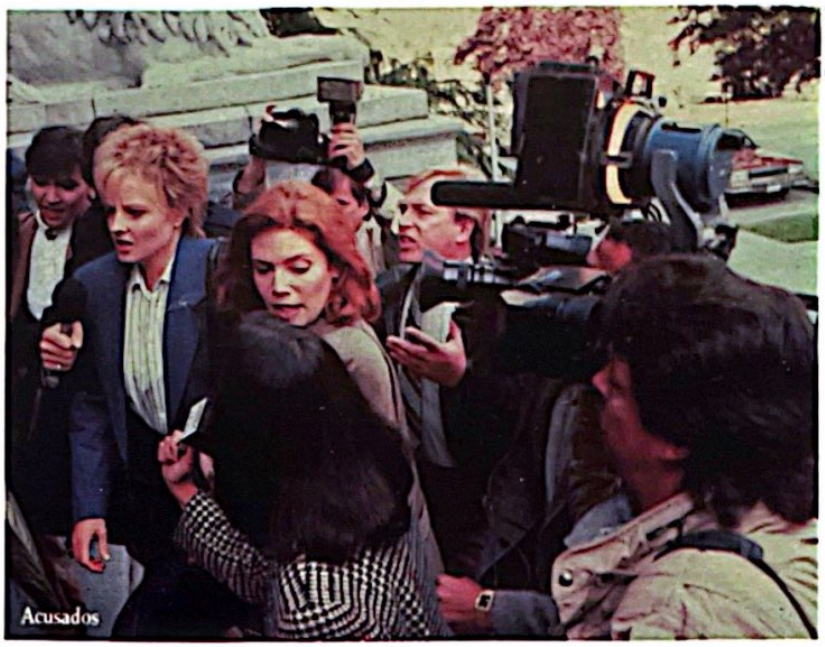
Globo Vídeo

BUNAL

DANTON — O PROCESSO DA REVOLUÇÃO
(Danton, França/Polônia, 1982)
Direção: Andrzej Wajda. Com Gérard Depardieu, Wojiech Pszoniak, Patrice Chereau. Polevídeo.
Outro filme político marcado pelo didatismo. Com um olho na situação da Polônia dos anos 80, Wajda encenou o julgamento do revolucionário francês Danton (Depardieu) como um embate entre a paixão libertária e o poder burocrático e esclerosado, simbolizado na figura de Robespierre (Pszoniak), ex-companheiro de Danton na insurreição contra a monarquia. Isolado e encurralado num processo de cartas marcadas, Danton faz sua própria defesa, bradando até perder a voz contra a degeneração dos ideais democráticos da Revolução Francesa.

O DELITO MATTEOTTI
(Il Delitto Matteotti, Itália, 1973)
Direção: Florestano Vancini. Com Mario Adorf, Franco Nero, Vittorio De Sica. Transarte.
Mais um julgamento viciado, só que desta vez com o ditador no banco dos réus. Em meados dos anos 20, pouco depois da ascensão do fascismo na Itália, o deputado socialista Giacomo Matteotti (Nero), um dos adversários mais ferrenhos de Mussolini, é assassinado. Todo mundo sabe (ou no mínimo desconfia) quem ordenou o crime. Um juiz incorruptível (De Sica) está disposto a levar o processo até o fim, mas enfrenta todo tipo de obstáculo. O especialista Vancini consegue traçar um convincente painel das forças políticas e sociais envolvidas nesse processo que sacudiu a Itália e deixou às claras a impunidade do regime.

SEÇÃO ESPECIAL DE JUSTIÇA
(Section Speciale, França/Itália/Alemanha, 1975)
Direção: Costa-Gavras. Com Michel Lonsdale, Jacques Perrin, Louis Seignar, Henri Serre. Mundial.
Costa-Gavras é sinônimo de cinema político. A exemplo do que realiza em *A Confissão* (1970) e *Muito Mais que um Crime* (1989), aqui também ele se serve de um processo judicial para questionar o poder e o posicionamento ético dos indivíduos diante dele. Na Paris ocupada pelos nazistas, um oficial da Gestapo é morto por militantes de esquerda. Em represália, o governo colaboracionista francês, para agradar os invasores alemães, decide condenar à guilhotina cinco presos, entre judeus e comunistas. Promulga-se então uma lei antiterrorismo com efeito retroativo, e cria-se a toque de caixa um tribunal extraordinário — a tal Seção Especial. Do início ao fim, uma farsa que fere todos os princípios jurídicos em nome da "razão de Estado".



O CASO DOS IRMÃOS NAVES
(Brasil, 1967)
Direção: Luís Sérgio Person. Com Raul Cortez, Juca de Oliveira, Anselmo Duarte, Lélia Abramo. Globo Vídeo.
Em matéria de prepotência dos poderosos e escândalos judiciários, poucos países se igualam ao Brasil. Um caso típico foi este, ocorrido na cidadezinha mineira de Araguaia em 1937, em plena aurora da ditadura do Estado Novo. Um ladrão foge da cidade levando uma pequena fortuna roubada, e a ira da população e das autoridades volta-se contra os irmãos Naves (Cortez e Oliveira), amigos do fugitivo. Sob todo tipo de coerção e tortura, eles são levados a confessar o que se espera deles. O roteiro esperto do crítico Jean-Claude Bernardet extrai desse fato verídico o máximo de referências à situação do país na época da realização do filme, em que o arbítrio voltava a imperar.

SELEÇÃO DE VÍDEO

PAIXÃO

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
(Witness for the Prosecution, EUA, 1957)
Direção: Billy Wilder. Com Marlene Dietrich, Tyrone Power, Charles Laughton. Warner.
Com base em peça de Agatha Christie, esta preciosidade dirigida por Billy Wilder é um exemplo de intensificação das possibilidades dramáticas e espetaculares de um julgamento. Um advogado brilhante (Laughton), às vésperas da aposentadoria, aceita defender o jovem Leonard Vole (Power) da acusação de assassinato de uma viúva rica. A alemã Christine (Marlene Dietrich), esposa do acusado, pretensamente traída por ele com a viúva, será uma testemunha-chave no tribunal, onde a vida do casal é passada em revista, com reviravoltas desconcertantes.

UM LUGAR AO SOL
(A Place in the Sun, EUA, 1951)
Direção: George Stevens. Com Montgomery Clift, Elizabeth Taylor, Shelley Winters, Raymond Burr. CIC.
O tribunal como palco de paixões sem futuro. O jovem pobre George Eastman (Clift) tem uma namorada operária, Alice (Shelley Winters), mas sua verdadeira amada é a jovem milionária Angela Vickers (Liz Taylor). À medida que sua ligação com Angela se fortalece, Alice torna-se uma pedra cada vez maior no sapato de George. Num passeio de barco com ele, ela morre afogada. O rapaz é culpado ou inocente? O desenrolar do julgamento parece ocorrer no interior da consciência de George, atormentada e dividida entre o amor, a ética e o desejo de ascensão social. Interpretação memorável de Clift, que dois anos depois seria outro réu em apuros, em *A Tortura do Silêncio*, de Hitchcock.

O FIO DA SUSPEITA
(Jagged Edge, EUA, 1985)
Direção: Richard Marquand. Com Glenn Close, Jeff Bridges, Peter Coyote, Robert Loggia. LK-Tel/Columbia.
Quando uma advogada se apaixona por seu cliente, o resultado pode ser explosivo, especialmente se o crime de que este é acusado é o assassinato da própria esposa. Aqui, o marido-réu é o editor de jornal Jack Forrester (Bridges) e sua defensora é a ex-promotora Teddy Barnes (Glenn Close), que morre de remorso por ter levado um inocente à cadeia anos atrás. No processo de Forrester, ela corre o risco de, como diz seu auxiliar Sam Ransom (Loggia), ser guiada "não pela cabeça, mas por outra parte da anatomia". O mesmo problema acomete Robert Redford, o advogado da irresistível Daryl Hannah em *Perigosamente Juntos* (CIC).

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(A Fish Called Wanda, Inglaterra, 1988)
Direção: Charles Crichton. Com John Cleese, Jamie Lee Curtis, Kevin Kline, Tom Georgeson. Vídeo Arte.
Pior ainda acontece quando o advogado se apaixona pela namorada do cliente, que além de tudo quer passar a perna neste e ficar com o produto do roubo que praticaram juntos. O réu é o escroque inglês George (Georgeson), sua namorada é a americana Wanda (Jamie Lee Curtis) e o advogado é o empertigado Archie Leach (John Cleese, do grupo Monty Python). Nesta comédia maluca, em que não falta um macarrônico amante latino (Kline) e um peixe batizado de Wanda, toda a pompa do sistema judiciário inglês é pulverizada por um bombardeio de gags impagáveis. Um recreio entre tantos filmes sisudos e tensos dedicados ao assunto.

MGM

Um Peixe Chamado Wanda

PRECONCEITO

QUERO VIVER!
(I Want to Live!, EUA, 1958)
Direção: Robert Wise. Com Susan Hayward, Simon Oakland, Virginia Vincent. Warner.
A história real da vigarista e prostituta Barbara Graham (Susan Hayward, que ganhou o Oscar pelo papel), acusada de um assassinato que não cometeu, revela até que ponto a Justiça pode ser influenciada pelos preconceitos sociais. O verdadeiro crime pelo qual Barbara não é perdoada é o de não corresponder ao modelo de bom comportamento que a América espera de suas moças. O tarimbado Robert Wise descreve o calvário da ré com uma minúcia de entomologista, sem cair no melodrama e sem deixar a tensão afrouxar nem por um momento. O papel vampiresco da imprensa sensacionalista é um dos alvos preferidos deste manifesto contra a intolerância.

QUEREM ME ENLOUQUECER
(Nuts, EUA, 1987)
Direção: Martin Ritt. Com Barbra Streisand, Richard Dreyfuss, Eli Wallach, Maureen Stapleton. Warner.
Mais uma prostituta no banco dos réus. Só que, ao contrário da Barbara de *Quero Viver!*, Claudia (Barbra Streisand) é uma meretriz de classe média, divorciada, de nível superior. Acusada de assassinar um cliente, ela se torna vítima de um grande acordo — envolvendo seus pais, o promotor e psiquiatras do Estado —, que objetiva declará-la louca e interná-la num hospício. Mas o advogado Aaron Levinsky (Dreyfuss) pensa, ao contrário, que ela é perfeitamente capaz de auxiliar na sua própria defesa, e faz tudo para conquistar-lhe esse direito, incluindo verdadeiras sessões de psicanálise em pleno tribunal.

ACUSADOS
(The Accused, EUA, 1988)
Direção: Jonathan Kaplan. Com Kelly McGillis, Jodie Foster. CIC.
Depois do advogado-psicanalista de *Querem me Enlouquecer*, é a vez da promotora-mãe entrar em ação. É esse o papel que a superprotetora Kelly McGillis assume diante da frágil Jodie Foster, uma "garota fácil" que é estuprada sadicamente por um bando de brutamontes num bar de cidadezinha americana. No processo, quem acaba submetida a julgamento é a moral machista e provinciana ainda reinante na América. Apesar do Oscar conquistado por Jodie Foster, o filme vale mais pelo tema e pelo aspecto sociológico do que propriamente por suas qualidades cinematográficas, que pouco se elevam acima dos melodramas televisivos.

O SOL É PARA TODOS
(To Kill a Mockinbird, EUA, 1962)
Direção: Robert Mulligan. Com Gregory Peck, Mary Badham, Robert Duvall. CIC.
Como em *Audazes e Malditos*, realizado dois anos antes por John Ford, aqui

Justiça para Todos

Columbia

também o julgamento de um negro revela o preconceito racial profundamente arraigado nos americanos. Em 1932, numa cidadezinha do interior, um negro é acusado de estupro e tem toda a comunidade local contra si, à exceção do advogado branco que faz a sua defesa (Peck, Oscar de melhor ator). Baseado em livro de Harper Lee (ganhador do prêmio Pulitzer), este drama, dirigido no costumeiro estilo delicado de Mulligan *(Houve uma Vez um Verão)*, coloca em cena a tradicional figura do advogado como paladino da Justiça e dos direitos humanos. Narrado do ponto de vista dos filhos do advogado, assume uma visão idealista da democracia americana.

M, O VAMPIRO DE DUSSELDORF
(M, Eine Stadt Sucht den Moerder, Alemanha, 1931)
Direção: Fritz Lang. Com Peter Lorre, Otto Wernicke, Theo Lingem. F.J. Lucas.
Um psicopata assassino de crianças (Lorre) é a imagem mais acabada do pária social, desprezado e hostilizado até pelos outros criminosos. São estes, aliás, que improvisam num abrigo subterrâneo o julgamento do assassino, com o objetivo único de "legitimar" o linchamento que já decidiram por antecipação. Situado em Dusseldorf e realizado no limiar da ascensão dos nazistas ao poder, este clássico dos clássicos de Fritz Lang é uma visão sombria de uma sociedade sem lei, sem Justiça e sem respeito pelo indivíduo. Assustadoramente atual, assim como *Fúria* (1934), também de Lang, que volta ao tema do linchamento.

ASSASSINATO A SANGUE-FRIO
(The Onion Field, EUA, 1979)
Direção: Harold Becker. Com John Savage, James Woods, Franklyn Seales, Ted Danson. Globo Vídeo.
Filme policial que se transforma aos poucos em drama judiciário, psicológico e existencial. Tudo começa com o rapto de dois policiais por assaltantes durante uma ronda noturna. Na ação, um dos policiais é morto. O homicida (Woods) e o policial sobrevivente (Savage) enfrentam inquéritos paralelos para apurar o crime, cometido com a arma cedida por Savage ao assaltante. Este resolve realizar a própria defesa no processo, e habilmente põe a nu as brechas e discriminações existentes no sistema jurídico americano. O roteiro é baseado em fato ocorrido em Los Angeles, em 1963.

SENTENÇA FINAL
(L'Affaire Coffin, Canadá, 1987)
Direção: Jean-Claude Labrecque. Com August Shellenberg, Yvon Dufour, Gabriel Arcand. Mundial.
Preconceito e conveniência política confluem para a condenação de um homem em mais um julgamento viciado. Em 1953, na região de Gaspe, no Canadá, três americanos são mortos durante uma caçada a ursos. Há duas hipóteses: ou eles foram mortos por outros americanos que foram vistos na região e depois sumiram; ou o assassino é o canadense Wilbert Coffin (Shellenberg), que com uma mulher e um filho ilegítimo costuma cometer pequenos delitos. Como ao governo canadense (e à coroa britânica, à qual este está sujeito) interessa manter um bom relacionamento com o governo e os turistas americanos, dá para imaginar como foi dura a luta (verídica) de Coffin para tentar escapar da forca.

CORRUPÇÃO

MARIE, A VERDADE DE UMA MULHER
(Marie, EUA, 1986)
Direção: Roger Donaldson. Com Sissy Spacek, Jeff Daniels, Fred Thompson. VTI.
A Justiça como instrumento de políticos corruptos. Nesse ninho de cobras vai parar, mais ou menos sem querer, a honesta e provinciana Marie (Sissy Spacek), empregada da comissão de concessão de clemência e liberdade condicional do estado do Tennessee. Ingênua e idealista, Marie demora a perceber que a soltura de presos obedece a critérios e objetivos escusos, e que a rede de envolvidos chega até o governador do Estado. Conduzido com habilidade pelo mesmo diretor de *Sem Saída*, este drama baseado em fatos reais ocorridos nos anos 70 só peca pelo maniqueísmo flagrante e pela excessiva melodramatização dos problemas familiares de Marie.

SOB SUSPEITA
(Suspect, EUA, 1987)
Direção: Peter Yates. Com Cher, Dennis Quaid, Liam Neeson, Joe Mantegna. Warner..
Mais um pária que é levado às barras do tribunal com poucas chances para se defender. Trata-se aqui de um indigente, Carl Anderson (Neeson), acusado de degolar uma moça na periferia de Washington. Para piorar, o réu é surdo-mudo graças a uma meningite contraída num hospital militar, onde foi parar ao voltar do Vietnã. Tudo está contra ele, até que sua advogada, Kathleen Riley (Cher), com a irregular ajuda de um jurado (Quaid), descobre que o pobre diabo está sendo vítima de uma armação que visa acobertar a participação no crime de uma alta figura do poder judiciário com aspirações ao Senado. Apesar de algumas soluções inverossímeis, Yates mistura habilmente suspense e política e mostra que na capital dos EUA também existe muita miséria nas ruas.

OS INTOCÁVEIS
(The Untouchables, EUA, 1987)
Direção: Brian De Palma. Com Kevin Costner, Robert De Niro, Sean Connery. CIC.
Como todos sabem, o gângster Al Capone matou, roubou e contrabandeou, mas o que permitiu à Justiça condená-lo foi a sonegação de impostos. Na versão de De Palma, altamente romanceada, muitos tiros e mortes acontecem, mas a ação conflui para o duelo de Capone (De Niro) e Eliot Ness (Costner) no tribunal de Chicago. O longo processo de Capone é condensado aqui numa única e espetacular sessão, em que acontece de tudo, incluindo uma inédita troca do júri todo, que teria sido subornado pelo réu. Nesta epopéia do Bem triunfante, a corrupção do sistema é derrotada pela determinação de um punhado de homens determinados. Infantil e irresistível.

JUSTIÇA PARA TODOS
(And Justice for All, EUA, 1979)
Direção: Norman Jewison. Com Al Pacino, John Forsythe. LK-Tel/Columbia.
Irônico já a partir do título, extraído da Constituição dos EUA, este é um painel assustador da Justiça americana, revelando até que ponto os indivíduos estão à mercê do arbítrio de homens nem sempre muito bem-intencionados. O condutor dessa constatação é Arthur Kirkland (Pacino), um advogado à beira de um ataque de nervos, de tão cansado de ver inocentes serem punidos e culpados, absolvidos. O ápice de sua crise existencial chega quando seu arquiinimigo, o prepotente juiz Fleming (Forsythe), acusado de estupro, surpreende-o com o convite para ser seu advogado de defesa. O julgamento de Fleming, defendido por Kirkland, é um dos mais eletrizantes do cinema, e um grande momento de Al Pacino.

Seleção e resenhas de José Geraldo Couto.
As fitas foram cedidas pelas distribuidoras e pela Hobby Vídeo.

ELIZABETH TAYLOR

A diva recauchutada e seu passado de amores, divórcios, pílulas e fama

MGM

Ela não gosta da sua aparência e odeia o som da própria voz. Apesar de ter subido e descido como um ioiô durante sua vida repleta de ligações amorosas curtas e explosivas, não deixou-se consumir como Marilyn Monroe, não se escondeu como Brigitte Bardot e tampouco enlouqueceu como Rita Hayworth. A bordo de seus tantas vezes desejados 1,52 m, Elizabeth Rosemund Taylor, segundo alguns críticos, sempre nutriu três fixações — maridos, doenças e diamantes. Mas, a exemplo dos tantos personagens de ficção que interpretou, Liz Taylor é imprevisível, pois no intervalo de cada uma de suas quedas revelou-se um espelho de incrível resistência, dotada de um enorme senso de paixão pela vida.

Nasceu em Londres em 27 de fevereiro de 1932, filha de um antiquário e uma ex-atriz. Recebeu uma educação rígida, criada sob os dogmas da seita cientista cristã. Considerada uma criança feia, foi levada pela mãe aos três anos de idade a uma escola de dança para evitar a possibilidade de um complexo de inferioridade. Daí surgiu sua primeira oportunidade no palco, quando dançou no Palácio de Balmoral para a rainha-mãe e para as princesas Elizabeth e Margaret Rose.

Em 1939, aos sete anos, mudou-se com a família para os Estados Unidos, devido a ameaça da Segunda Guerra. Os Taylor estabeleceram-se em Los Angeles, Califórnia, cenário ideal para os objetivos de sua mãe, que desejava torná-la uma atriz à força. Resultado: dois anos depois, através do produtor Samuel Marx, um amigo da família, Elizabeth era contratada pela Metro. Seu primeiro trabalho no cinema foi em *There's One Born Every Minute*, mas não representaria nada de significativo em sua filmografia. Mais tarde, em filmes como *A Força do Coração* e *A Mocidade É Assim Mesmo*, já superestrela mirim, Elizabeth Taylor seria embalada como um produto comercial para rivalizar com outra menina prodígio da época, Shirley Temple.

MGM

Sob a luz de tanta publicidade, tendo amadurecido fisicamente como uma das ninfetas mais cobiçadas de Hollywood, levou muito tempo para aprender a lidar com a vida e seus admiradores. Antes de completar 25 anos, já havia participado de 27 filmes, casado e divorciado do magnata hoteleiro Nicky Hilton, do ator Michael Wilding e enviuvado do produtor Michael Todd. Seu casamento seguinte, com Eddie Fischer, seria um dos mais polêmicos de sua vida amorosa. Foi acusada de "desagregadora de lares" por ter

"roubado" o marido de sua amiga Debbie Reynolds e daí em diante tornou-se um dos alvos preferidos das críticas das Ligas de Proteção da Moral, Bom Comportamento e Boa Ação.

"Horrivelmente tímida", tomava comprimidos com vodca antes de sair de casa. Vítima de profundas crises de depressão, recebia todos os dias uma injeção de Percodan. Demerol, Valium e uísque com soda também faziam parte de sua dieta.

Liz Taylor obedecia religiosamente a um ciclo específico no tocante a matrimônios. Casava-se, ficava doente durante toda a lua-de-mel, internava-se para tratamento de desintoxicação e, após receber alta, declarava-se a mulher mais feliz do mundo. Sua silhueta vivia inchando, desinchando, e diz-se que as mulheres americanas penduravam suas fotos quando gorda nas geladeiras para dominarem o desejo de comer. A própria Liz já confessou ter feito o mesmo.

Na página oposta, o preto-e-branco não revela o violeta dos olhos, mas a lingerie de *Disque Butterfield 8* (1960) deixa entrever formas embriagantes

DIVÓRCIOS E AIDS — Em 1963, Elizabeth Taylor encarnou Cleópatra na produção homônima. Apesar do faraônico orçamento de 30 milhões de dólares, o filme não foi grande coisa do ponto de vista cinematográfico, mas marcou profundamente o meio artístico por ter registrado o início de um dos mais turbulentos casos de amor e ódio dentro e fora do cinema. Taylor e Richard Burton passaram a viver juntos desde então, vindo a se casar em 1964. Além de *Cleópatra*, fizeram juntos *Gente Muito Importante*, *Adeus às Ilusões*, *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*, *A Megera Domada* (o segundo grande momento do casal), *Os Farsantes*, *Doutor Fausto*, *O Homem Que Veio de Longe*, *Unidos pelo Mal* (prêmio para Liz no Festival de Berlim), *Under the Milk Wood* (inédito no Brasil) e *Divorce His, Divorce Hers* (série feita para a TV e exibida em compacto no Brasil com o título *Os Divorciados do Século*). Coincidentemente, pouco depois deste filme, realizado em 1973, os dois se divorciaram para voltar a se casar em 1975. Menos de um ano depois estava cada um para o seu lado.

Liz Taylor foi indicada várias vezes para o Oscar. Em 1957, por *A Árvore da Vida* (perdeu para Joanne Woodward por *As Três Máscaras de Eva*), em 1958, por *Gata em Teto de Zinco Quente* (perdeu para Susan Hayward por *Quero Viver*), em 1959, por *De Repente no Último Verão* (perdeu para Simone Signoret com *Almas em Leilão*). Mas a estatueta viria finalmente para as suas mãos em 1960, quando a atriz interpretou a *call-girl* Gloria Wondrous em *Disque Butterfield 8*, e em 1966 por *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*.

Mas além de prêmios e amores, Elizabeth Taylor também colecionou infecções, colapsos nervosos, problemas de coluna e intoxicações por álcool e drogas, chegando a ser submetida a trinta intervenções cirúrgicas pelos mais variados motivos, tendo operado da garganta ao menisco do joelho esquerdo, passando por várias vértebras e muitas plásticas. Hoje, a atriz ocupa a maior parte de seu tempo como presidente da Fundação Americana para Pesquisa sobre a Aids. Liz Taylor diz ter se interessado pela doença porque ninguém estava fazendo nada a respeito, e isto cinco meses antes de saber que seu amigo íntimo, o ator Rock Hudson, estava com o vírus. Depois de mais reviravoltas em sua vida rocambolesca, Elizabeth Taylor está disposta a lutar contra a estigmatização da doença. Existem boatos de que ela esteja portando o vírus, visto que um de seus últimos namorados, o milionário editor americano Malcolm Forbes, teria se matado com uma overdose de cocaína por estar com Aids.

Liz Taylor recebeu alta recentemente de uma internação em conseqüência de uma pneumonia viral, ocasião em que chegou a ficar ligada a aparelhos de respiração artificial. Mas, para quem pensava que uma das últimas divas do cinema estava com seus dias contados, Elizabeth Taylor ressurge novamente das cinzas, glamourosa como nunca aos 58 anos e pronta para nos surpreender mais uma vez.

Moisés Liporage

Acima, flor ao sol em *Assim Caminha a Humanidade* (1956), nos intervalos; e, no detalhe, um exemplo para dietas

PARA DESVENDAR O ENIGMA OZU

Com suas obras simples e poéticas, o diretor japonês Yasujiro Ozu revolucionou a história do cinema

A importância da obra do diretor japonês Yasujiro Ozu para o seu país e para o cinema mundial se equivalem. Se para o Japão Ozu revelou-se um esteta do cotidiano e da simplicidade, pondo a nu os processos de desagregação dessa cultura milenar — sem sair de Tokyo, cenário predominante de seus filmes —, para o universo cinematográfico tornou-se um enigma.

Com seu estilo único de filmar, marcado pelo uso da câmera baixa, praticamente imóvel, aliada aos planos fixos tão belos que são chamados de natureza-morta, e pelos *faux raccords*, seqüências de planos que desrespeitam o mandamento máximo do cinema ocidental, a continuidade narrativa — para dar um exemplo —, o mais japonês dos cineastas japoneses desconcertou a crítica e os teóricos por obter um estrondoso sucesso invertendo as leis mais básicas do cinema ocidental.

Conhecido pelo público do lado de cá do mundo somente após sua morte, na década de sessenta, o cinema de Ozu revolucionou tanto os princípios mais básicos de filmar comuns ao olhar ocidental que os críticos passaram a repensar a própria história do cinema mundial através de seus filmes.

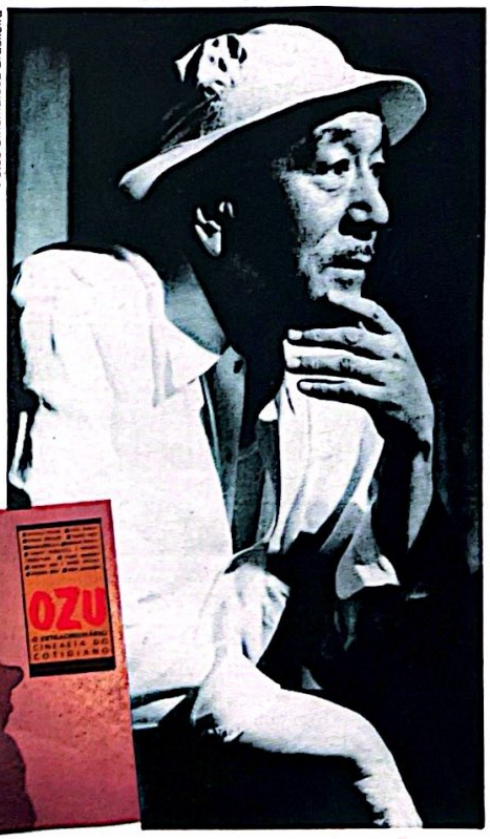
Quem ressalta este fato é a crítica Lúcia Nagib, responsável pela organização da coletânea de textos *Ozu — O Extraordinário Cineasta do Cotidiano*, obra pioneira no Brasil — acostumado às traduções de coletâneas somente — e no mundo, já que existem volumes inteiros destinados a desvendar o estilo de Ozu, mas não a união de textos tão significativos, escritos pelos maiores conhecedores do assunto.

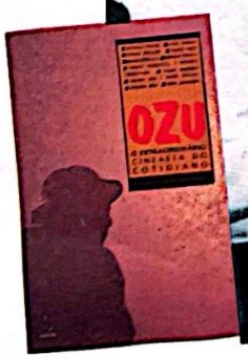
De Donald Richie a Alain Bergala, de Noël Burch a Gilles Deleuze, de Wim Wenders a Ozu, passando pelo texto de Tadao Sato, traduzido diretamente do japonês para a coletânea, em primeira mão para o público de língua ocidental, foi "montado" o livro. Dividido em quatro unidades harmônicas — Ozu em livros, Ozu na imprensa, depoimentos e entrevistas e biografia e filmografia —, abarca os mais variados aspectos do cinema do diretor, proporcionando um mergulho estético nas razões ao seu elaboradíssimo estilo.

Ou seja, há um pouco do que já se fez de melhor sobre a obra de Ozu. Mas a parte final do livro, em que o depoimento emocionado de Crishu Ryu, ator de 50 filmes de autoria do cineasta, unido à admiração respeitosa de Wenders, fecham o livro com sensibilidade e brilho. Se o cinema de Ozu foi considerado arte poética, tal a sua perfeição, a presente edição faz jus à sua importância e maravilha. E quem ganha é o leitor. Mergulhe no labirinto da poesia de Ozu.

Celso Cruz

Fotos Cinemateca Brasileira

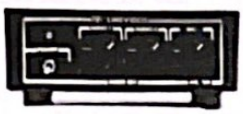




À esquerda, o diretor Ozu. À direita, cena doméstica de *A Rotina Tem Seu Encanto* (1962) e, abaixo, *Eu Nasci, mas...*, comédia de 1932

Ozu — O Extraordinário Cineasta do Cotidiano — org.: Lúcia Nagib — trad. Maria Lucia S. de Almeida e outros — Ed. Marco Zero/Cinemateca Brasileira/Aliança Cultural Brasil Japão-SP-90 págs.

MAIS SOM PARA
O SEU VÍDEO
AUDIO MIX - MISTURADOR DE ÁUDIO



PARA VOCÊ SONORIZAR SUAS GRAVAÇÕES

Possue duas entradas de áudio onde você pode colocar a sua música favorita junto com o som original da fita, e ainda uma entrada de microfone, permitindo a narração. Ajustes de volumes individuais permitindo que se misture os sons nas proporções desejadas.

Temos ainda completa linha de equipamentos para vídeo:

- **V.R. REGENERATOR:** aumenta a definição do vídeo, melhorando o contraste nas cópias.
- **V. SWITCHER:** comuta 4 sinais de vídeo para uma única saída.
- **V. DISTRIBUTOR:** divide um sinal de vídeo em até três saídas.
- **V. MODULATOR:** modula o sinal de vídeo para uma saída em canal 3 ou 4.
- **Efeitos** - V. POSTERIZATION
  - V. SOLARIZATION
  - V. INVERTER

LINEVIDEO EQUIPAMENTOS DE VÍDEO
R. Dr. Elisio de Castro, 671
São Paulo - SP - CEP 04277
TELEFONE: (011) 273 2328

MERCADO DO VÍDEO
COMPRAMOS VÍDEOS E CÂMERAS USADOS

VIDEO-TEC SERVICE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE VÍDEOS E CÂMERAS

ORÇAMENTO E TRANSCODIFICAÇÕES NA HORA

FACILITAMOS PAGAMENTOS

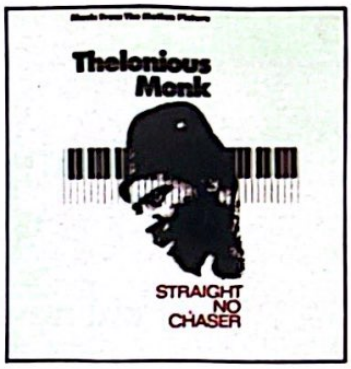
- TRANSCODIFICAMOS FITAS DO SISTEMA EUROPEU (PAL-G) PARA NTSC.

TROCA DE CABEÇA A PARTIR DE 100 BTNS NA HORA

- MANUAIS DE VIDEO E CÂMERAS EM PORTUGUÊS

MOEMA
Av. Pavão, 690
Fones: (011) 241-4062/533-3290 e 533-5909
JARDINS
Rua Batatais, 110
Fones: (011) 887-9130/884-4722

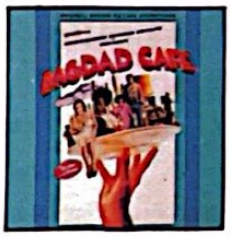
PIANÍSSIMO



Numa leva de poucos lançamentos recomendáveis, surge o brilho incomparável do pianista Thelonious Monk

♦ A grande pedida deste mês é a trilha de um filme ainda inédito (e sem previsão de lançamento) por aqui: *Straight, No Chaser*, documentário dirigido por Charlotte Swerin, focalizando a figura única do pianista/ compositor/arranjador Thelonious Monk (1917-1982). Junto a nomes como Dizzy Gillespie e Charlie Parker, Monk foi um dos responsáveis pela renovação harmônica e rítmica introduzida no jazz pelo *bebop*. Com sua peculiar técnica ao piano — um ataque poderoso, aliado a inusitadas seqüências de acordes e solos — adquirida enquanto autodidata, ele teve seu valor reconhecido tardiamente. Só com trinta anos foi que conseguiu gravar o primeiro disco, e demorou mais de dez até formar um grupo. No entanto, foi fundamentado em seu estilo personalíssimo que Monk, ao longo do tempo, foi se transformando num dos mestres mais cultuados de seu instrumento. Este álbum reúne parcialmente alguns dos momentos mais significativos da trilha sonora do documentário (que contou também com a produção executiva de outro famigerado jazzófilo, Clint Eastwood). São gravações solo de Monk e outras onde é acompanhado por quarteto e octeto, englobando os períodos 56/57 e 67/68. Dentre as várias pérolas apresentadas, com certeza de maior brilho é a gravação de "Trinkle, Tinkle" (57), em que o quarteto de Monk conta com a presença luminosa do sax de John Coltrane. Um raro prazer.

♦ Um resultado muito bom foi obtido pelo trilheiro Alan Silvestri na música de *Back to the Future — Part III* (Varèse Sarabande/Eldorado). Em uma série de temas curtos e ágeis, ele conseguiu transpor sua ambientação musical para a época em que o filme se desenrola sem recorrer absolutamente aos gastos clichês de trilhas de westerns. Destaques para o tema principal, "It's Clara (The Train Part II)" e ao arranjo instrumental para "Doubleback", do ZZ Top. Aliás, o único defeito grave do disco é a omissão da versão original desta última canção, conforme tocada pelo grupo texano na hilária seqüência do *saloon*.



♦ "O menu é diferente!" afirma um selo na capa da trilha de *Bagdad Cafe* (Island/PolyGram). Bem, se depender do repertório do disco, ele não deve ser indicado para diabéticos. Tendo como "carro-chefe" a melosa canção "Calling You" (na versão mais conhecida com a cantora Jevetta Steele e em outra, com o autor Bob Telson), o LP traz no primeiro lado uma sucessão de temas açucarados mal-arrematados . Mas o outro lado ainda é pior: as mesmas canções da face um do disco ao fundo, enquanto o diretor Percy Adlon narra a história do filme em primeiro plano. Dose para elefante!

Celso Pucci

SUPER-VHS POLIVA

A JVC dá um novo salto tecnológico com o modelo Super-VHS HR-SC 1000: além de editar fitas domésticas, o aparelho é compatível com quatro tipos de fitas — VHS standard, VHS-C (compact), S-VHS e S-VHS-C

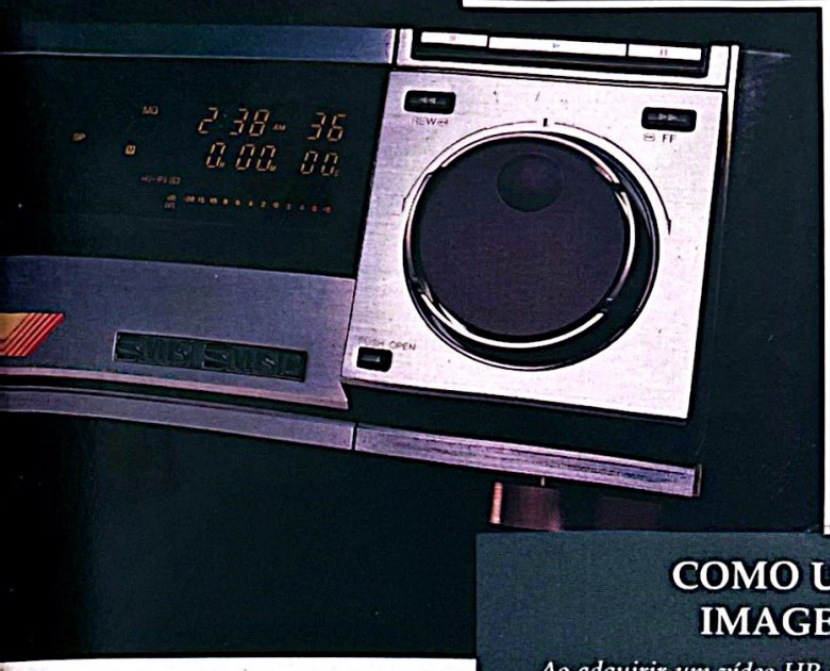
Fotos Fuji Memory/Azul

Todo videocassete que reproduz Super-VHS (isto é, VHS com 400 linhas de resolução) também permite assistir fitas em VHS normal (com 240 linhas). O que a JVC inclui em seu mais recente lançamento, no entanto, vai um pouco além: o aparelho aceita quatro tipos de fitas, ou seja, VHS standard, VHS-C (compacta, até recentemente de uso exclusivo em camcorders do mesmo tipo), Super-VHS e Super-VHS-C. Os consumidores mais visados pela empresa estão entre aqueles que já têm um videocassete e pretendem adquirir um segundo (ou terceiro) com inovações tecnológicas de ponta, ou aqueles que costumam gravar com camcorders Super-VHS, VHS-C e Super-VHS-C. Estes não precisam mais utilizar o adaptador de fita para revê-la no videocassete. Uma bandeja motorizada encaixa as fitas compactas, bem como as de tamanho normal. Automaticamente entra em operação o circuito eletrônico respectivo: o de 400 linhas se a fita for "super" ou de 240 se não for.

O ensaio técnico realizado pela SET atestou qualidade superior de imagem do aparelho, mesmo quando operando em fita comum (VHS). Para usufruir das benesses tecnológicas do HR-SC 1000, no entanto, o comprador terá de desembolsar o equivalente aproximado a dois videocassetes convencionais disponíveis no mercado, ou seja, 120 mil cruzeiros (preço de agosto). E não só — para desfrutar plenamente dos recursos sofisticados oferecidos pelo HR-SC 1000, especialmente a resolução de 400 linhas de imagem que o caracterizam, o consumidor precisa reequipar seu sistema de vídeo doméstico, o que implica em mais alguns investimentos, como a compra de um televisor com entrada para S-VHS (ver box).

REQUINTES — O vídeo dual (ou seja, compatível com S-VHS, VHS e suas versões compactas) já está à venda em Manaus, mas a JVC promete distribuí-lo em todo o Brasil. Ele apresentou um excelente desempenho de som estéreo em ambiente doméstico. Traz até requintes para audiófilos, como, por exemplo, botão de balanço (só para gravações) de som hi-fi. A imagem "super", chega, por exemplo, a definir o brilho de gotas de água na pele de golfinhos. Algumas fitas "zero km" seladas foram usadas para testar a imagem em VHS normal. O cabo super, fornecido com o aparelho, que só pode ser conectado em televisores com esse tipo de entrada, também transmite a imagem VHS, proporcionando uma resolução de qualidade (perceptível por qualquer leigo) incomparável à de vídeos e monitores comuns. O recurso da compatibilidade entre fitas VHS e S-VHS não é o único trunfo do HR-SC 1000. A JVC pretende conquistar os consumidores com outras novidades tecnológicas, como a inclusão de funções de uso semiprofissional no controle remoto, como o botão de *jog*, que movimenta as cenas para frente e para trás; um relógio de

LENTE



O HR-SC 1000 apresenta design sofisticado (ao lado) e recursos semiprofissionais, como botão de *jog* que movimenta cenas para frente e para trás (acima)

cristal líquido que armazena as informações para programação, que uma vez enviadas para o vídeo, podem ser "relembradas" a ele, em caso de corte de energia. Quando se tem uma fita gravada com trechos virgens remanescentes, o controle permite ainda a busca desses trechos; a tecla *zip* salta 30 segundos de gravação, tempo correspondente a um comercial de TV. Entre outras operações permitidas pela máquina estão também edição em "dueto" (com outro videocassete acoplado) — a diferença com relação às máquinas convencionais é que o recurso *local/remoto* permite o sincronismo entre a mestra, que reproduz, e a escrava, que copia; busca em tempo real (a fita "anda" o tempo digitado pelo usuário); áudio *dub* (dublagem de som, na edição de fitas domésticas); e *slow* e *search* através do dial.

Jairo Tadeu Longhi

FICHA TÉCNICA

MARCA/MODELO	JVC/HR-SC.1000
TIPO DE APARELHO	Gravador de videocassete dual (VHS/S-VHS e suas versões compactas)
Nº DE CABEÇAS DE VÍDEO	4 + 1 apagadora
GERAÇÃO TECNOLÓGICA	Super-VHS e Hi-fi
VOLTAGEM	120V
SISTEMA DE CORES	NTSC
CONTAGIROS/ MENSAGEM	Tempo real em hora, minuto e segundo, mensagens na tela
GRAVAÇÃO PROGRAMADA	Oito programas, com 14 dias de antecedência; a um toque programável com 24 horas de antecedência; a um toque normal até nove horas
AUDIO DUB	Sim
QUADRO A QUADRO, SLOW E SEARCH	Todas as possibilidades através do *dial/jog/shuttle*
CIRCUITO REALÇADOR	HQ *(High Quality)*, com filtro redutor de ruído no contorno de imagens
ACESSÓRIOS	Cabos S-vídeo, de áudio, coaxiais e de antena; balum e pilhas comuns
DIMENSÕES	47x39x11cm
PESO	9,5 kg
MANUAL DO PROPRIETÁRIO	Detalhado, em inglês
PRAZO DE GARANTIA	1 ano
PREÇO APROXIMADO	Cr$ 120 mil (em agosto)

COMO USUFRUIR DA IMAGEM "SUPER"

Ao adquirir um vídeo HR-SC 1000, o comprador não deve ter a ilusão de que seu investimento pára por aí. Para aproveitar seus recursos, é preciso, em primeiro lugar, ter um televisor compatível, isto é, com entrada S-vídeo (para S-VHS). São monitores com dimensões que variam de 21 a 37 polegadas, lançados por três fabricantes — Sony, Philips e Panasonic, à venda em magazines e grandes redes de eletrodomésticos. Seus preços oscilam entre 200 e 300 mil cruzeiros (final de agosto). O tubo de imagens desses monitores exibe mais de 500 linhas, ou seja, acima da resolução proporcionada pelo vídeo S-VHS (400 linhas). Se o usuário quiser utilizar seu televisor normal junto ao HR-SC 1000, assistirá imagens com resolução de no máximo 320 linhas (padrão de transmissão no Brasil), além de ver tudo em preto-e-branco. Isso ocorre porque o HR-SC 1000 não vem transcodificado da fábrica — ou seja, é NTSC puro, incompatível com o sistema Pal-M brasileiro. A alternativa para quem não quer comprar um novo televisor (de alta resolução) é providenciar a instalação de um transcoder externo ao vídeo, especial para o formato S-VHS, cujo preço varia ao redor de 40 mil cruzeiros. A Tecnovídeo, representante da JVC no Brasil, recomenda o uso do transcoder S-8000, fabricado pela própria empresa. Por último, para que o consumidor usufrua plenamente as imagens "super", deve utilizar principalmente fitas S-VHS virgens (entre Cr$ 1 800,00 e Cr$ 2 500,00). É possível também utilizar fitas VHS normais, porém com perda de qualidade de imagem.

J.T.L.

CARTAS

Trilhas Sonoras

Acho que uma revista especializada como SET não pode tratar tão superficialmente o assunto das trilhas sonoras. Em SET n.º 6, ano 4, à página 38 nem se toca no nome de Danny Elfman, responsável pela trilha instrumental de *Dick Tracy*. Um absurdo! Já chega a fama que Prince carregou nas costas pelo filme *Batman*. Espero que as pessoas que trabalham em função do cinema de uma forma ou de outra não sejam levadas pelo entusiasmo de uma febre ou de uma mania.
Sílvia Regina Schiess
(São Paulo — SP)

Travolta, Williams e Pernalonga

A edição n.º 7 (ano 4) de SET está conforme manda o figurino. Mas convenhamos que a capa merecia, sem sombra de dúvida, Robin Williams, pelo recente *Cadillac Man*. A entrevista com Williams, apesar de curta, foi bastante objetiva. Nesta mesma edição, o ensaio sobre Pernalonga satisfez o público de 8 a 80 anos.
Charles Pierre Siqueira
(Belo Horizonte — MG)

Excelente a reportagem sobre *Olha Quem Está Falando* (n.º 7, ano 4), com o ator John Travolta, e também pelo ensaio sobre os 50 anos de Pernalonga. Foi demais!
Francisca Jânia de Bessa
(Paus dos Ferros — RN)

Pernalonga

Stè Nlle des Editions du Chêne

Parabenizo-os pela excelente reportagem sobre John Travolta (n.º 7, ano 4). Já estava na hora de alguém se lembrar deste ator.
Ubirajara Abrão David
(Palmas — PR)

Parabenizo SET, sua equipe e correspondentes, pelo excelente nível da revista, e em especial o n.º 7 (ano 4). A reportagem sobre o 43.º Festival de Cannes é um convite ao sonho, e a não menos agradável entrevista com Robin Williams, na qual pude conhecer a repercussão pedagógica no Brasil do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*.
Fábio Gouveia
(Karlsruhe — Alemanha Ocidental)

Dick Tracy

A Matéria de Capa com o filme *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4) está o máximo, pois nos forneceu os mínimos detalhes da realização desse grandioso filme. Não compreendo apenas por que Warren Beatty está sendo preterido na grande maioria das críticas pela atuação, impagável, de Al Pacino, pois a interpretação de Beatty está perfeitíssima e segura no papel de Dick Tracy.
Adriana Del Ré
(São Paulo — SP)

Lamento que algumas Matérias de Capa de SET tenham sido tão decepcionantes como foi a do filme *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4).
Leandro Fernandes da Silva
(São Vicente — SP)

Parabenizo-os pela excelente matéria sobre o filme *Dick Tracy*, com informações interessantes sobre o melhor filme do ano.
José Henrique R. de Paula
(Sorocaba — SP)

Gostei muito da edição n.º 6, ano 4, principalmente a reportagem sobre o filme *Dick Tracy* e a matéria "Bando de Fedelhos".
Frederico C. P. Júnior
(Florianópolis — SC)

Com a matéria "Dick Tracy, Agora Ninguém Escapa" (n.º 6, ano 4), SET extrapolou os limites da mera reportagem. Esta edição, aliás, começa com nota 10 já na capa, que entra para a galeria das melhores já criadas por SET. Uma edição digna de aniversário, que estranhamente passou despercebido pelos maiores interessados.
Márcio Antônio Assunção
(Florianópolis — SC)

Warner

Beatty

Parabenizo-os pela grande matéria sobre o superfilme *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4). Só lamento o pouco espaço dado à maravilhosa Madonna e também ao ator Warren Beatty, que tem um fantástico desempenho no filme.
Ricardo Julio da Silva
(Camaragibe — PE)

A Matéria de Capa da edição n.º 6, ano 4, aborda com destaque o excelente trabalho do desenhista de produção Richard Sylbert, mencionando também a grande atuação de outros profissionais da equipe técnica. Devido a esse enfoque, acredito que os leitores inconformados com a baixa cotação dos filmes considerados divertidos venham a entender que a cotação é baseada na parte técnica, geradora do "cinema de arte", enquanto o entretenimento gera apenas o cinema puramente comercial.
José Carlos F. de Macedo
(Brasília — DF)

Em Cartaz e Videolançamentos

As edições de SET cada vez mais afirmam o caráter sensacionalista e publicitário desta revista. Críticas infundadas, como ao filme *Batman* ou ao plágio que é Tom Cruise, só estimulam a ignorância que gira em torno do cinema mundial. Piedosamente, peço que renovem seu sistema de críticas aos lançamentos, pois é simplesmente intragável ler textos tão retrógrados. Inconcebível a negligência ao trabalho do ator Daniel Day Lewis ou a *Sociedade dos Poetas Mortos*, enquanto piadas como o patético Tom Cruise são alvo de um populismo ridículo.
Flávio R. Dias
(Florianópolis — SC)

Tenho todos os números de SET e sinceramente não gostaria de interromper a coleção por achar que a qualidade da revista está caindo. Acho que as seções Em Cartaz e Videolançamentos mostram críticas muito superficiais — pois os críticos adoram fazer o gênero hermético —, com muito blablablá e pouca profundidade. Outra coisa, poupem papel e acabem com a seção Equipamentos.
Maurício Cavalcanti
(Curitiba — PR)

SET poderia ser mais interessante e inclusive ampliar a faixa etária de seus leitores — fazer que minha filha de 15 anos se interesse pela leitura de suas reportagens e não somente pelas belas fotos — se suas críticas não fossem muito unilaterais. Acho-as muito pessoais e influenciadas pelo pensamento dos críticos americanos. Como leitora assídua, até mesmo obsessiva, sinto-me no direito de alertá-los quanto à intransigência de suas críticas. As opiniões de seus críticos não deveriam ser radicais. Ao contrário, deveriam orientar objetivamente, sem ironias nem excessos de elogios.
Clarice R. da Silva
(Joinville — SC)

Tom Cruise e Rob Lowe

Na edição nº 6, ano 4, o leitor Flávio André reclamou e duvidou da respeitabilidade de SET pela edição nº 3, ano 4. Se ele acha muito a publicação de onze páginas com o ator Tom Cruise, gostaria de saber se ele não quer vendê-la pelo preço da atual em banca. Endereço: Francisco Giuliani, 250.
Marcela Souza
(Restinga Seca — RS)

Discordo totalmente da opinião da leitora Amanda Corrêa, que na edição nº 7, ano 4, em sua carta publicada, se refere a Tom Cruise e Rob Lowe como "atores fabricados pela indústria cinematográfica". Só porque são jovens não quer dizer que não tenham talento. Tom Cruise, por exemplo, vem crescendo, em cada um de seus filmes, cada vez mais. Dou meu apoio a quem sabe reconhecer o talento destes jovens astros.
Aline M. de Matos
(Brasília — DF)

Capas de SET

Acho que as últimas capas de SET andam muito sem criatividade, pois só trazem fotos posadas de atores famosos, como Jack Nicholson (n.º 5, ano 4) e Kevin Costner (n.º 2, ano 4).
Marcelo Tadeu
(Santo Amaro — SP).

Onde estão as grandes estrelas do cinema atual? Madonna, Julia Roberts, Sigourney Weaver... Nas capas de SET é que não estão.
Flávio Pereira Reis
(Rio de Janeiro — RJ)

Sigourney

Fox

Acompanho com interesse a seção Cartas e a polêmica criada em relação às capas de SET e aos pedidos de reportagem com determinados atores e filmes. Sei que é difícil agradar a todos, e, principalmente, atualmente as pessoas desconhecem os grandes atores do cinema e preferem filmes de horror,

pancadarias, músculos e sexo. As revistas e o próprio cinema só divulgam coisas desses gêneros, pois o retorno financeiro é garantido. Mas será que não existe uma alternativa? Teria o "culto ao ídolo" desaparecido?
Sebastião Luz de Brito
(São Paulo — SP)

Filmes Eróticos

Gostaria de saber por que SET discrimina os vídeos eróticos. Por SET não dar dicas dos lançamentos, sou obrigado a procurá-las em outras fontes e preferiria investir em produtos nacionais.
Luiz C. Vieira
(Rio de Janeiro — RJ)

Protesto pela falta de atenção de SET aos videomaníacos de filmes eróticos. Da mesma forma que publicou a reportagem com a Cicciolina (n.° 5, ano 1), SET deveria abordar tais assuntos.
João Michel Alvarez
(Barretos — SP)

Julia Roberts

Não entendo a cisma do correspondente José Emílio Rondeau, em suas críticas muito reduzidas, com os filmes *Flores de Aço* (n.° 4, ano 4) e *Uma Linda Mulher* (n.° 7, ano 4). O ponto comum entre estes filmes é a revelação da supertalentosa e bela Julia Roberts. Não ficaremos surpresos se ela for indicada ao Oscar 91 pela atuação em *Uma Linda Mulher*.
Francisco T. de Oliveira
(Maceió — AL)

Fãs-clubes

Fã-clube Cinema e Vídeo. Endereço: rua Maurício Jacquey, 96, São Bernardo do Campo, São Paulo — SP (CEP 09735)
Jorge Petru

Quero saber se existe algum fã-clube da dupla O Gordo e o Magro. Endereço: rua Mirabela, 424/204, Belo Horizonte — MG (CEP 31080)
Walter Millard

Peço que fãs-clubes, cineclubes e videoclubes entrem em contato comigo. Endereço: rua Tenente Cleto Campelo, 156, Aracaju — SE (CEP 49070)
José Anselmo Júnior

Troco correspondência e material com quem curte John Landis, John Belushi, Dan Aykroyd, Michelle Pfeiffer e Kim Basinger. Endereço: rua Corrêa Dutra, 137, ap. 404, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22210)
Julio Cesar de O. Pinto

Bruce Lee Jun Fan-Club. Endereço: rua Carvalho Pinto, 127, Quatá — SP (CEP 19780)
Aparecido R. Caetano Ferreira

Quero me corresponder com videomaníacos de filmes pornográficos. Endereço: Caixa Postal 421, Botucatu — SP (CEP 18600)
Marta J. França

Quero me corresponder com fãs do ator James Dean. Endereço: S.Q.N. 113 Bl. "E", ap. 205, Brasília — DF (CEP 70763)
Erika Patrícia Sírio

Gostaria de me corresponder com algum fã-clube dos atores Tom Cruise, Ralph Macchio, Mel Gibson e Johnny Depp. Endereço: rua da Imprensa, 250, São José do Rio Preto — SP (CEP 15013)
Thays Leussi Devasio

Gostaria de corresponder-me com leitores para trocar idéias sobre cinema. Endereço: Caixa Postal 1551, Salvador — BA (CEP 40000)
J. Roberto Marques

Fã-clube Rita Hayworth, Jayne Mansfield e James Dean. Endereço: rua Praia de Camboinhas, 9035, Q. 44 CJ, Natal — RN (CEP 59085)
Jorge Harum B. de Araújo

Desejo me corresponder com fãs de Tom Hanks. Endereço: praça da República, 272, São Paulo — SP (CEP 01045)
Carlos Sérgio

Gostaria de me corresponder com pessoas que gostem dos filmes clássicos e seus atores, como Humphrey Bogart, Errol Flynn e Orson Welles. Endereço: rua Mário de Andrade, 52, Mococa — SP (CEP 13730)
Geraldo José Porto

Quero entrar em contato com todas as pessoas que admirem o trabalho de Harrison Ford. Endereço: rua Luís Loureiro, 66, São Paulo — SP (CEP 02225)
Geraldine A. Nakamura

Fã-clube Steven Spielberg. Endereço: rua Central, 484, Três Barras — SC (CEP 89490)
Joe Francisco

Estou tentando localizar alguém que saiba o endereço da atriz Amanda Peterson, de *Namorada de Aluguel*. Endereço: rua Domingos Cordeiro, 610, Campo Largo — PR (CEP 83600)
Adriano Bronholo

Quero me corresponder com quem tenha informações sobre as seguintes atrizes: Kim Richards, Sabrina Siahi, Kelly McGillis, Anne Bancroft. Endereço: rua Alcides Cruz, 465, ap. 36, Porto Alegre — RS (CEP 90610)
Fernanda Tarcila E. Dutra

Sou Fã do ator Michael J. Fox e quero entrar em contato com algum fã-clube. Endereço: rua Marechal Rostimphilo de Moura, 338, Portal do Morumbi F-21A, São Paulo — SP (CEP 05640)
Renata Solano

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 424-1655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____ Estado _____ Telefone _____
Cidade _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

SET-40

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson Pedro Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Coordenação de Produção: Marcelo de Castro
Atendimento ao Leitor: Ana Lucia Romanin
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Colaboradores: Críticos - Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Celso Alvez Cruz, Celso Pucci, Daniel Benevides, David França Mendes, Fátima Gigliotti, Felipe Soares, Guilherme Letsz, Isabella Rocha e Silva, Jairo Tadeu Longhi, José Carlos Avellar, Manuela Paixão, Marcos Smirkoff, Moisés Liporage, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani **Fotografia** - Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes, Thais Helena de Souza Juarez.

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Márcia Letícia L. L. Amaral, José Estevão Favaro
Diretor - RJ: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica: Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, RS, (0482) 33-7622, SC
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia Fone: (031) 222-5594

Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Gerente: José Carlos Boldarine
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 22 de outubro a 24 de novembro.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Quero me corresponder com amantes de Michelle Pfeiffer, Mel Gibson e Meryl Streep. Endereço: rua Guaíra, 230, ap. 12, Belo Horizonte — MG (CEP 30770)
Flávia Roberta de Martins y Miguel

Fox

Troco correspondência com leitores que curtem o mundo maravilhoso do cinema. Endereço: rua Augusto Alves, 67, Juiz de Fora — MG (CEP 36050)
Leonardo R. dos Santos

Quero me corresponder com quem saiba tudo a respeito de Maria Conchita Alonso. Endereço: avenida Santos Dumont, 1717, setor aeroviário, Araguaina — TO (CEP 77800)
Mazzola Oliveira

Troco correspondência com cinéfilos que curtem o gênero *noir* da década de 40 e musicais da Metro de 40 e 50. Endereço: rua Tenente Fortuna, 53, Jaboatão — PE (CEP 54120)
Antonio Machado Neto

Procura-se desesperadamente um fã-clube do ator Kevin Costner. Endereço: rua C 4, 10, Serra — ES (CEP 29160)
Natalie Supeletto Gomes

Orion

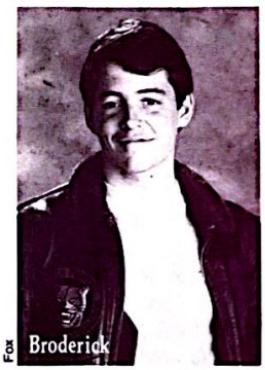
Quero entrar em contato com fãs-clubes de Tom Cruise. Endereço: rua 2 de Novembro, 1184, Viamão B. Tarumã — RS (CEP 94400)
Adriane F. Moreira

Quero trocar correspondência com cinéfilos inveterados. Endereço: rua Desembargador Francisco Luís, 167, Recife — PE (CEP 50711)
Oswaldo Ferreira

Troco correspondência com admiradores da sétima arte. Endereço: rua Nossa Senhora Auxiliadora, 84, Niterói — RJ (CEP 24020)
José Luiz R. Albernaz

Troco correspondência com fãs de Barbra Streisand. Endereço: rua dos Ingleses, 600, 16.º andar, São Paulo — SP (CEP 01329)
Thander Easton

Quero me corresponder com admiradores de Mathew Broderick e Daniel Day Lewis. Endereço: rua Professor Câmara, 684, Campina Grande — PB (CEP 58100)
Elaine G. de Melo



Fox

Correio entre os Leitores

Vendo livros e gravações de trilhas sonoras relacionados com cinema. Endereço: rua do Rezende, 103/202, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20231).
José Fernandes de Campos

Compro gravação em VHS da cerimônia do Oscar de 1986. Endereço: S.Q.N. 203, Bl. "G", ap. 402, Brasília — DF (CEP 70833)
Aline M. de Matos

Compro pôsteres das trilogias *Indiana Jones* e *De Volta para o Futuro*. Endereço: rua Luís Silgueira Souto, 287, São Paulo — SP (CEP 05122)
Fernanda Siqueira da Cruz

Compro edição n.º 5, ano 1, de SET em bom estado de conservação com as fichas de cine e vídeo. Endereço: rua Alamanda, 3466, Natal — RN (CEP 59065)
Robson E. C. Medeiros

Troco fotos de atores e atrizes por material sobre Mel Gibson. Endereço: rua Dr. Adolfo B. de Menezes, 155, Taubaté — SP (CEP 12090)
Yara S. Fujikaki

Compro gravações em VHS das cerimônias dos Oscar 1982 e 1988. Endereço: rua Lourenço Dias, 85, Araras — SP (CEP 13600)
Marcelo Celoto

Vendo pôsteres dos filmes *Ases Indomáveis* e *As Bruxas de Eastwick* e cartazes de outros vários filmes. Endereço: rua Joaquim V. S. Camargo, 152, Campinas — SP (CEP 13060)
Alexandre Penteado

Troco materiais sobre cinema por qualquer material de Tom Hanks. Endereço: Vila Militar QD Bl. 04, ap. 101, Salvador — BA (CEP 41600)
Simone Crespo

Coleciono fitas de vídeo com musicais de rock and roll dos anos 50 e 60 e quero trocá-las por outras fitas. Endereço: Caixa Postal 15577, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20230)
Roberto Nunes

Tenho reportagens sobre Madonna e quero trocá-las pelo pôster de *Blade Runner*, *O Grande Dragão Branco* e *RoboCop*. Endereço: rua Independência, 2829, ap. 42, São José do Rio Preto — SP (CEP 15015)
André Brandão de Melo

Cartas para Diretor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

FILMOGRAFIAS

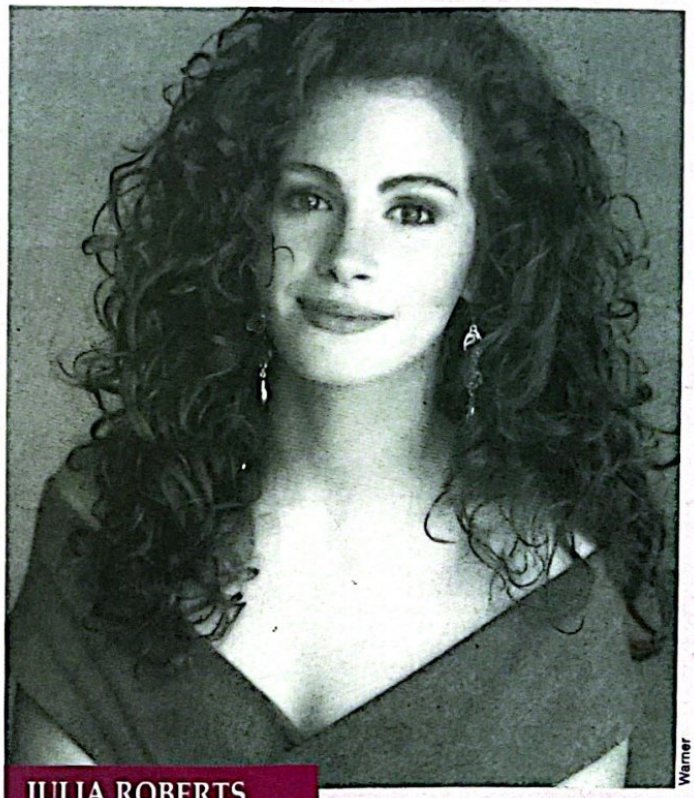
Columbia

ELIZABETH TAYLOR

Elizabeth Rosemond Taylor nasceu em 27 de fevereiro de 1932, em Londres, Inglaterra.

1942: THERE'S ONE BORN EVERY MINUTE (de Harold Young) ■ 1943: A FORÇA DO CORAÇÃO (*Lassie Come Home*, de Fred M. Wilcox) ■ 1944: JANE EYRE (de Robert Stevenson); A MOCIDADE É ASSIM MESMO (*National Velvet*, de Clarence Brown); EVOCAÇÃO (*The White Cliffs of Dover*, de Clarence Brown) ■ 1946: A CORAGEM DE LASSIE (*Courage of Lassie*, de Fred M. Wilcox) ■ 1947: AS DELÍCIAS DA VIDA (*Cyntia*, de Robert E. Leonard); NOSSA VIDA COM PAPAI (*Life with Father*, de Michael Curtiz) ■ 1948: O PRÍNCIPE ENCANTADO (*A Date with Judy*, de Richard Thorpe); AS TRAVESSURAS DE JÚLIA (*Julia Misbehaves*, de Jack Conway) ■ 1949: QUATRO DESTINOS (*Little Women*, de Mervyn LeRoy) ■ 1950: O TRAIDOR (*Conspirator*, de Victor Saville); A VERDADE NÃO SE DIZ (*The Big Hangover*, de Norman Krasna); O PAPAI DA NOIVA (*Father of the Bride*, de Vincent Minnelli) ■ 1951: O NETINHO DO VOVÔ (*Father's Little Dividend*, de Vincent Minnelli); ●UM LUGAR AO SOL (*A Place in the Sun*, de George Stevens); QUO VADIS? (de Mervyn LeRoy); ESPERTO CONTRA ESPERTO (*Callaway Went Thataway*, de Norman Panama e Melvin Frank) ■ 1952: É DESTE QUE EU GOSTO (*Love is Better than Ever*, de Stanley Donen); IVANHOÉ (de Richard Thorpe) ■ 1953: A JOVEM QUE TINHA TUDO (*The Girl who Had Everything*, de Richard Thorpe) ■ 1954: RAPSÓDIA (*Rhapsody*, de Charles Vidor); NO CAMINHO DOS ELEFANTES (*Elephant Walk*, de William Dieterle); O BELO BRUMMELL (*Beau Brummell*, de Curtis Bernhardt); ●A ÚLTIMA VEZ QUE VI PARIS (*The Last Time I Saw Paris*, de Richard Brooks) ■ 1956: ●ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE (*Giant*, de George Stevens) ■ 1957: A ÁRVORE DA VIDA (*Raintree Country*, de Edward Dmytryk) ■ 1958: GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE (*Cat on a Hot Tin Roof*, de Richard Brooks) ■ 1959: DE REPENTE, NO ÚLTIMO VERÃO (*Suddenly Last Summer*, de Joseph L. Mankiewicz) ■ 1960: SCENT OF MYSTERY (de Jack Cardiff); DISQUE BUTTERFIELD 8 (*Butterfield 8*, de Daniel Mann) ■ 1963: CLEÓPATRA (*Cleopatra*, de Joseph L. Mankiewicz); GENTE MUITO IMPORTANTE (*The VIPs*, de Anthony Asquith) ■ 1964: BECKET (de Peter Glenville) ■ 1965: ADEUS ÀS ILUSÕES (*The Sandriper*, de Vincent Minnelli) ■ 1966: QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF? (*Who's Afraid of Virginia Woolf?*, de Mike Nichols) ■ 1967: A MEGERA DOMADA (*The Taming of the Shrew*, de Franco Zefirelli); ●O PECADO DE TODOS NÓS (*Reflections in a Golden Eye*, de John Huston); OS FARSANTES (*The Comedians*, de Peter Glenville) ■ 1968: ●DOUTOR FAUSTO (*Dr. Faustus*, de Richard Burton e Nevill Coghill); O HOMEM QUE VEIO DE LONGE (*Boom!*, de Joseph Losey); CERIMÔNIA SECRETA (*Secret Ceremony*, de Joseph Losey) ■ 1969: ANA DOS MIL DIAS (*Anne of the Thousand Days*, de Charles Jarrott) ■ 1970: JOGO DE PAIXÕES (*The Only Game in Town*, de George Stevens) ■ 1972: X, Y E Z (*Zee and Company/X, Y and Zee*, de Brian G. Hutton); UNIDOS PELO MAL (*Hammersmith Is Out*, de Peter Ustinov); UNDER MILK WOOD (de Andrew Sinclair) ■ 1973: VIGÍLIA NAS SOMBRAS (*Night Watch*, de Brian G. Hutton); MEU CORPO EM TUAS MÃOS (*Ash Wednesday*, de Larry Peerce) ■ 1974: ERA UMA VEZ EM HOLLYWOOD (*That's Entertainment*, de Jack Haley Jr.); O CASO DE UMA VIDA (*Identikit/The Driver's Seat*, de Giuseppe Patroni Jr.) ■ 1976: O PÁSSARO AZUL (*The Blue Bird*, de George Cukor); ●MORTE NO INVERNO (*Winter Kills*, de William Richert) ■ 1978: A LITTLE NIGHT MUSIC (de Harold Prince) ■ 1980: ●A MALDIÇÃO DO ESPELHO (*The Mirror Crack'd*, de Guy Hamilton) ■ 1989: YOUNG TOSCANINI (de Franco Zefirelli)

Para a TV: 1963: ELIZABETH TAYLOR IN LONDON (documentário) ■ 1968: AROUND THE WORLD OF MIKE TODD (documentário) ■ 1970: HERE'S LUCY (episódio de 14 de setembro) ■ 1973: ●OS DIVORCIADOS DO SÉCULO (*Divorce His, Divorce Hers*, de Warris Hussein) ■ 1976: VITÓRIA EM ENTEBBE (*Victory at Entebbe*, de Marvin Chomsky) ■ 1978: HALLMARK HALL OF FAME (episódio *Return Engagement*, de Joseph Hardy) ■ 1983: BETWEEN FRIENDS (de Lou Antonio) ■ 1984: THE LAUNDROMAT (de Robert Altman) ■ 1985: MALÍCIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS (*Malice in Wonderland*, de Gus Trikonis) ■ 1986: SEMPRE HAVERÁ UM AMANHÃ (*There Must Be a Pony*, de Joseph Sargent) ■ 1987: ●PÔKER ALICE (de Arthur Allan Seidelman)


Warner

JULIA ROBERTS

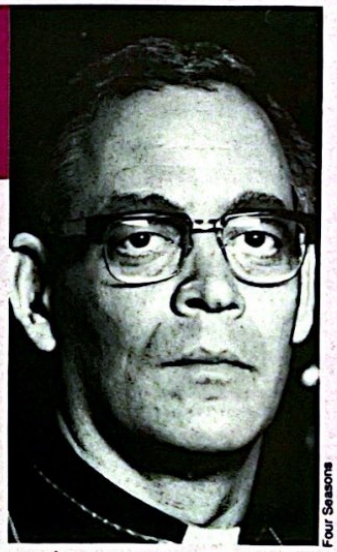
Nasceu em 1967, em Smyrna, Georgia, EUA.

1986: BLOOD RED (não exibido) ■ 1988: SATISFACION (de Joan Freeman); TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES (*Mystic Pizza*, de Donald Petrie) ■ 1989: FLORES DE AÇO (*Steel Magnolias*, de Herbert Ross) ■ 1990: UMA LINDA MULHER (*Pretty Woman*, de Gary Marshall); LINHA MORTAL (*Flatliners*, de Joel Schumacher); SLEEPING WITH THE ENEMY (de Joe Ruben, em filmagem)

Para a TV: 1988: BAJA OKLAHOMA (de Bobby Roth)

RAUL JULIA

Raul Rafael Carlos Julia y Arcelay nasceu em 9 de março de 1940 em San Juan, Porto Rico.


Four Seasons

1971: THE ORGANIZATION (de Don Medford); BEEN DOWN SO LONG IT LOOKS LIKE UP TO ME (de Jeffrey Young); THE PANIC IN NEEDLE PARK (de Jerry Schatzberg) ■ 1976: GUMBALL RALLY (de Chuck Bail) ■ 1978: ●OS OLHOS DE LAURA MARS (*The Eyes of Laura Mars*, de Irvin Kershner) ■ 1979: STRONG MEDICINE (de Richard Foreman) ■ 1980: TEMPESTADE (*Tempest*, de Paul Mazursky) ■ 1982: ESCAPE ARTIST (de Caleb Deschanel); O FUNDO DO CORAÇÃO (*One from the Heart*, de Francis Ford Coppola) ■ 1985: ● POSIÇÕES COMPROMETEDORAS (*Compromising Positions*, de Frank Perry); O BEIJO DA MULHER ARANHA (*The Kiss of Spider Woman*, de Hector Babenco); ●PROJETO CASABLANCA (*Overdrawn at the Memory Bank*, de George Williams) ■ 1986: A MANHÃ SEGUINTE (*The Morning After*, de Sidney Lumet) ■ 1988: THE PENITENT (de Cliff Osmond); ●LUAR SOBRE PARADOR (*Moon Over Parador*, de Paul Mazursky); ●CONSPIRAÇÃO TEQUILA (*Tequila Sunrise*, de Robert Towne); TANGO BAR (de Marcos Zurinaga) ■ 1989: ROMERO (de John Duigan); MACK, THE KNIFE (de Menahem Golan) ■ 1990: FRANKEINSTEIN — UM MONSTRO DAS TREVAS (*Frankenstein Unbound*, de Roger Corman); ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA (*Presumed Innocent*, de Alan J. Pakula)

Para a TV: 1974: ACES UP (de Sheldon Leonard) ■ 1986: ●FUGA DO INFERNO (*Florida Straits*, de Mike Hodges)

● Disponível em vídeo

PROMOÇÃO

DE VOLTA PARA O FUTURO PARTE II

RESULTADO

A promoção do filme **De Volta para o Futuro Parte III** veiculada na edição de junho de SET foi um sucesso absoluto. A distribuidora brasileira do filme, a United International Pictures (UIP), recebeu 15 mil cartas e **De Volta para o Futuro Parte III** foi assistido por quase 2 milhões de espectadores. O primeiro prêmio era uma passagem de ida e volta aos Estados Unidos, com direito a um acompanhante e uma visita aos novos estúdios da Universal Studios Flórida. O sorteio, realizado em 24 de agosto, contemplou também mais 50 concorrentes, que receberam uma fita do **De Volta para o Futuro Parte II**, da CIC Vídeo. Os resultados da promoção são os seguintes: a passagem para Miami saiu para o carioca Mário Braga, desenhista de 31 anos. As fitas de vídeo saíram para João Leonardo de Almeida (Rio de Janeiro); Vilma Bretz Costa (Rio de Janeiro); Maria Paula Polidoro (Caxias do Sul/RS); Lírica Gaito (Rio de Janeiro); Endrigo G. Roberto Miceli (Rio de Janeiro); Míriam da Silva (São Paulo); David Moura de Castro (Ilha do Governador/RJ); Igor Pavlichenko (Rio de Janeiro); Giovanni Carlos Berni (Rio de Janeiro); Sabrina Boeing (Rio de Janeiro); Daniel Cordeiro (Rio de Janeiro); Luiz Eugênio Martins (Rio de Janeiro); Rafael G. Guedes (Rio de Janeiro); Nádia E. Costa F. Nunes (Rio de Janeiro); Elaine Gabriel Carneiro (Magé/RJ); Bruno Pauletti (Rio de Janeiro); Maria Odete Pedrosa Veloso (Rio de Janeiro); Alexandre Bertalan Jr. (Rio de Janeiro); Ricardo Malheiros (Rio de Janeiro); Sérgio B. Serraballe (Matatú/BA); Rachel Bull (Rio de Janeiro); Regina C. Rodrigues (Rio de Janeiro); Luciana Ponce L. de Morais (Rio de Janeiro); Nílson da Silva (Castro/PR); Lara D.S. Maida (Florianópolis/SC); Ângelo Bustani Loss (Niterói/RJ); Sheila Maria da S. Machado (Macapá/AP); João Carlos S. Ozzi (Rio de Janeiro); Sônia Rezende (Brasília/DF); Antônio João Dantas (Rio de Janeiro); Cristina Hodge (Rio de Janeiro); Marcus Vinícius R. Moreira (Resende/RJ); Guilherme Bussing (São Paulo); Rita de Cássia Melo da Silva (Rio de Janeiro); Alessandra Aoki (São Paulo); Flávia Ferraz (Rio de Janeiro); Felipe S. Maia da Silva (Rio de Janeiro); Nery A. Nader Jr. (Mafra/SC); Márcio M. Yakabataki (São Paulo); Felipe de Jesus Ferreira Leite (Rio de Janeiro); Marília W. Max (Uberaba/MG); Pedro Rodrigo de Carvalho (Rio de Janeiro); Gabriela Belbach (Fortaleza/CE); Zilton Alencar Jr. (Olinda/PE); Bruna Fanti Jasmim (Petrópolis/RJ); Eduardo Augusto de Souza Rosário (Rio de Janeiro); Lara Lemos de Freitas (Piraí/RJ); Anna Carla dos Santos Rocha (Niterói/RJ); Ketlein T. Amorim (Rio de Janeiro); Marize R. Siqueira Lins (Rio de Janeiro).

UNIVERSAL 75th ANNIVERSARY AN MCA COMPANY
CIC VIDEO
TURISMO
UNIVERSAL STUDIOS Florida
RÁDIO CIDADE
JORNAL DO BRASIL

por Guilherme Letsz

O ANJO EXTERMINADOR

(El Angel Exterminador, 1962)

— Quer ir ao cinema?
— Quero. Qual filme?
— *O Anjo Exterminador*... do Buñuel.
— Preto-e-branco! Deste diretor complicado! Será que você não escolhe um outro filme?

Agora já chega! Quarta e última tentativa. Madonna e John Travolta, com certeza, fariam mais sucesso. Também quem manda curtir pérolas cinematográficas!? O jeito é ir sozinho...

Saio de casa. Chove. Tempo propício para sonhar... Bom seria estar acompanhado de Greta Garbo!

Chego adiantado na Cinemateca. Pra passar o tempo, vou até a livraria e procuro um cartão-postal de um filme nacional, que será enviado a uma amiga em Paris, que o pregará num mural de um cineclube do Quartier-Latin. Heróica contribuição para a divulgação do cinema brasileiro!

Subo as escadas, vou até o bar, acendo um cigarro, tomo uma cervejinha e reparo numa menina que eu conheço de um filme do Truffaut (encontrei-a aqui, neste mesmo lugar); tem uma outra, de cabelos encaracolados, que já encontrei duas vezes na fila de *Asas do Desejo;* tem também uma japonesa da mostra do Ozu; se procurasse mais atentamente, encontraria uma russa da mostra do Tarkovski... Já fico imaginando um roteiro: três lindas meninas apaixonadas por filmes antigos vêem, de relance, na saída da Cinemateca, três anjos (Yasujiro, François e Andreï). Enlouquecidas, percorrem os cinemas da cidade em busca dos anjos.

Olho, um pouco, o resto do público: um colegial matando aula, uma simpática senhora sacrificando a hora do chá, um executivo neurótico roendo unhas — todos nós unidos por uma mesma condição: cinematograficamente sós.

O sino toca, o público entra, as luzes se apagam, o filme começa.

Na primeira cena, no portão, um garçom discute com seu chefe (o maître), recusa-se a trabalhar e parte. O maître, um pouco enfurecido, retorna à enorme mansão e continua os preparativos para a festa de logo mais à noite.

Sem nenhuma razão aparente, os empregados da mansão (com exceção do maître) vão indo embora.

Simultaneamente, vão entrando os convidados: riquíssimos burgueses.

O dono da casa os recebe, guarda seus casacos e os leva até a sala de jantar. No primeiro prato, o maître tropeça e o prato se espatifa. Gargalhada geral.

O jantar prossegue, as pessoas conversam animadamente, cada um fala um pouco da vida do outro. Acabado o jantar, todos se encaminham até uma sala, onde ouvirão uma das convidadas tocar piano. Depois do recital, os convivas, cada um por si, manifestam a intenção de ir embora. Todavia, algo estranho (ainda não claramente percebido) os impede de sair; um a um, vão deitando onde lhes parece confortável (a mesa, o chão, o sofá) e acabam dormindo. Amanhece, eles tomam o café improvisadamente preparado, e aí não restam dúvidas, há uma misteriosa barreira que os aprisiona.

Irão ficar dentro da enorme mansão, num processo de decadência até atingir um estágio de putrefação total (dois cadáveres fedem). No final, cogitam em comer carne humana.

O Anjo Exterminador é, também, um filme sobre a solidão. Seus personagens não conseguem conviver entre si por um longo período (quando fazem isso, matam-se uns aos outros) e não conseguem ficar sozinhos. São seres divididos, desunificados, verdadeiros cacos humanos que se misturam para tentar suportar a própria existência.

De outro lado, nós, os solitários da Cinemateca, durante o filme, de um jeito ou de outro, acabamos nos encontrando; nos sentimos plenos, inteiros, recheados com um novo olhar sobre a vida.

Isso me fez pensar em algo que Kurosawa disse, olhando para o monte Fuji: "Não será o cinema, em sua essência, um verdadeiro exercício de amizade?"

Guilherme Letsz é bacharel em Direito, ficcionista e rato da Cinemateca Brasileira.

Sagres

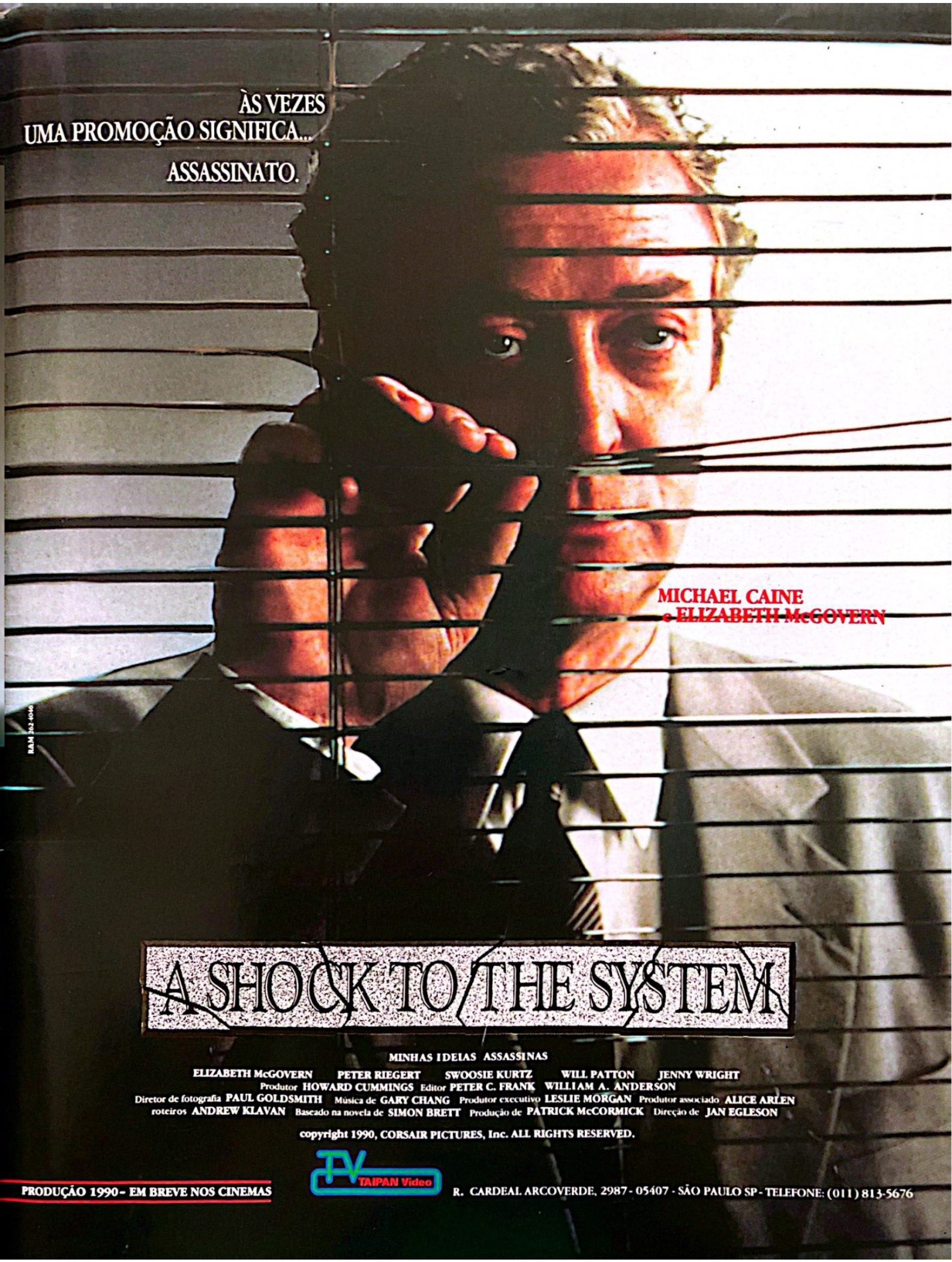
Os convivas relaxam mais do que devem em *O Anjo Exterminador*

O Anjo Exterminador é distribuído em vídeo pela Sagres

Rendam-se, terráqueos!

Vênus em poncho, vulgo Rachel Welch, no filme *Hannie Caulder*, de 1971

Câmera Press/Terry O'Neth (Nostalgia)


ÀS VEZES
UMA PROMOÇÃO SIGNIFICA...
ASSASSINATO.
MICHAEL CAINE
e ELIZABETH McGOVERN
A SHOCK TO THE SYSTEM
MINHAS IDEIAS ASSASSINAS
ELIZABETH McGOVERN PETER RIEGERT SWOOSIE KURTZ WILL PATTON JENNY WRIGHT
Produtor HOWARD CUMMINGS Editor PETER C. FRANK WILLIAM A. ANDERSON
Diretor de fotografia PAUL GOLDSMITH Música de GARY CHANG Produtor executivo LESLIE MORGAN Produtor associado ALICE ARLEN
roteiros ANDREW KLAVAN Baseado na novela de SIMON BRETT Produção de PATRICK McCORMICK Direção de JAN EGLESON
copyright 1990, CORSAIR PICTURES, Inc. ALL RIGHTS RESERVED.
PRODUÇÃO 1990 - EM BREVE NOS CINEMAS
TV TAIPAN Video
R. CARDEAL ARCOVERDE, 2987 - 05407 - SÃO PAULO SP - TELEFONE: (011) 813-5676

Entramos na última década deste milênio completando 33 anos de trabalho sério e honesto, que trouxe para a marca Antenas Santa Rita um nome com confiança e credibilidade no mercado de Antenas Parabólicas, de Telecomunicações e Recepção de TV e FM.

Assim é que, apesar das medidas econômicas geradas pelo Plano Collor, continuamos acreditando no nosso Brasil, mantendo nossos investimentos nas áreas:

TECNOLOGICA (desenvolvimento de novos produtos);

PRODUTIVA (ampliação de nosso parque industrial) e

INSTITUCIONAL (divulgação em ambito nacional da nossa marca), visando um crescimento de nossos produtos nos mercados Nacional e Internacional.

Como resultado deste esforço consciente, ético e profissional, a Antenas Santa Rita:

- Representa com exclusividade no Brasil os receptores UNIDEN, de última geração, fornecidos direto da fábrica com garantia e assitência técnica.
- É a única empresa brasileira a exportar Antenas Parabólicas de Satélite para os Estados Unidos.

A nossa meta maior é a sua satisfação com nossos produtos, a LIDERANÇA é uma consequência.

Exija esta marca

ASR

Antenas Santa Rita

ASR TELECOMUNICAÇÕES S/A

Rua Cidade de Bagdá, 529 - CEP 04377 - São Paulo - SP.
Fone (011) 563-9500 - Telex 11.56203 - Fax (011) 563-411

SET

CINE

EDITORA AZUL

56330001 – Ed. 40 – Ano IV – Nº 10 – Cr$ 320,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

HARRISON FORD

UMA CONVERSA COM O ASTRO DE *ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA*

JULIA ROBERTS

A LINDA MULHER ALCANÇA O ESTRELATO

VÍDEO

A FOX CHEGA AO BRASIL
+ 40 LANÇAMENTOS DO MÊS

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!
AIWA — A D
Com a mais avançada tecnolo
DIGITAL
MADE IN
JAPAN
AIWA
DA4HEAD
GARANTIA DE 1 ANO
À venda na Zona Franca de Manaus
RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA
SÃO PAULO: ELECTRONICA PAL'M - Rua do Sumidouro, 305 - Pinheiros
CEP 04528 - Fone (011) 813-6300
RIO DE JANEIRO: VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA - Rua Olegário
Maciel, 460 - Loja Barra - CEP 22600 - Fone (021) 399-1171
VIDEO MATIC LTDA - Rua General Polidoro, 177 - Loja D - CEP 22280
Fone (021) 295-3849
LONDRINA: ELECTRONICA HIGHTEC LTDA - Av. Higienópolis, 2002 - Loja 06
CEP 86015 - Fone (0432) 23-1813
BELÉM: VIDEO CHECK LTDA - Travessa 14 de Abril, 1674 - CEP 66030
Fone (091) 229-2761
BRASÍLIA: VIDEOTEC LTDA - SCRN 704/5 - Bloco H - Loja 9 - CEP 70730
Fone (061) 274-9085
MANAUS: VIDEOTRON - Rua Mundurucus, 114 - Centro - CEP 69003
Fone (092) 233-2633
Digital Audio & Video
AIWA®

iferença Digital

gia em Videocassete da AIWA

HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

007 À BEIRA DA APOSENTADORIA

O próximo filme de James Bond, *The Property of a Lady*, deverá ser o último com **Timothy Dalton** no papel do herói. O ator inglês — que já foi 007 em *Marcado para a Morte* e *Licença para Matar* — tem contrato assinado para protagonizar três filmes da série e declarou que não pretende renová-lo.

OBSESSÃO CHINESA

Bernardo Bertolucci continua obcecado pela China. Três anos depois de *O Último Imperador*, ele prepara agora uma adaptação do romance de André Malraux *A Condição Humana*, que trata da greve geral que agitou Shangai em 1928. O último rebento de Bertolucci, *The Sheltering Sky* (também conhecido como *A Tea in the Sahar*), já está pronto e deve estrear em breve na Europa e nos EUA.

"Eu queria interpretar Hamlet. Você sabe, com Shakespeare você usa aquelas roupas colantes, e todo mundo fica sabendo de que religião você é."

Robin Williams

SELECIONADOS PARA MATAR

Vem aí *Killer Tomatoes Strike Back*, a continuação dos aloprados *O Ataque dos Tomates Assassinos* e *A Vingança dos Tomates Assassinos*. Dirigido pelo mesmo John DeBello e estrelado pelo mesmo John Astin no papel do terrível Dr. Gangrene, o novo exemplar é uma avacalhação tão grande ou maior que seus predecessores: o Dr. Gangrene torna-se apresentador de TV com o intuito de "lavar o cérebro" do mundo inteiro. O mais interessante é que, quando ele substitui os comentaristas de telejornal por chimpanzés, o público não nota diferença nenhuma.

Warner

Evita Perón envergará o decote de Madonna

EVITA E MARILYN REENCARNAM EM GAROTA MATERIALISTA

Depois de sua aplaudida atuação em *Dick Tracy*, **Madonna** volta a ser cogitada pela Disney para estrelar a superprodução *Evita*. Oliver Stone, que deveria dirigir o filme com Meryl Streep no papel central, desistiu definitivamente do projeto. Outro plano audacioso de Madonna, segundo a revista francesa *Starfix*, seria o de produzir e estrelar um *remake* da comédia de Billy Wilder *Quanto Mais Quente Melhor* (1958), no papel que foi de Marilyn Monroe.

DE NIRO E KURT RUSSELL VÃO APAGAR INCÊNDIOS

Robert De Niro e **Kurt Russell** são os astros de *Blackdraft*, a história de dois irmãos bombeiros que Ron Howard está rodando em Chicago. No elenco estão também William Baldwin, Jennifer Jason Leigh e Scott Glenn.

JACQUELINE SE METE COM TERRORISMO

Jacqueline Bisset e Andrew McCarthy serão os protagonistas de *The Year of the Gun*, que o velho e bom John Frankenheimer (de *Grand Prix* e *Sob o Domínio do Mal*) está rodando em Roma. O tema é quente: o grupo terrorista italiano Brigadas Vermelhas. Jacqueline e McCarthy já trabalharam juntos em *Uma Questão de Classe*, de 1983.

Ronaldo Kohn

Fotos Paramount

DUBLAGEM PARA COROAS

Filme dublado deixou de ser atração exclusiva da TV. A partir de uma pesquisa, revelando que 5% dos clientes de locadoras têm mais de 60 anos, a Alvorada Vídeo decidiu investir no filão até agora só explorado em fitas para crianças. "Por falta de hábito ou deficiência visual, as pessoas de mais idade preferem os filmes dublados", diz Omar Jundi, diretor da Alvorada, que lançará todos os seus títulos em duas versões — dublada e original —, procurando, assim, atrair o público da terceira idade às locadoras. O primeiro pacote da distribuidora inclui dois musicais consagrados de **Elvis Presley:** *Garotas, Garotas e Mais Garotas* (1962) e *Seresteiro de Acapulco* (1963).

A pélvis de Elvis fala idiomas universais. Sua voz, porém, será dublada

Stills

Liza, aos 44, vai rebolar sob a sacristia

AULAS DE DANÇA: TRATAR COM O VIGÁRIO

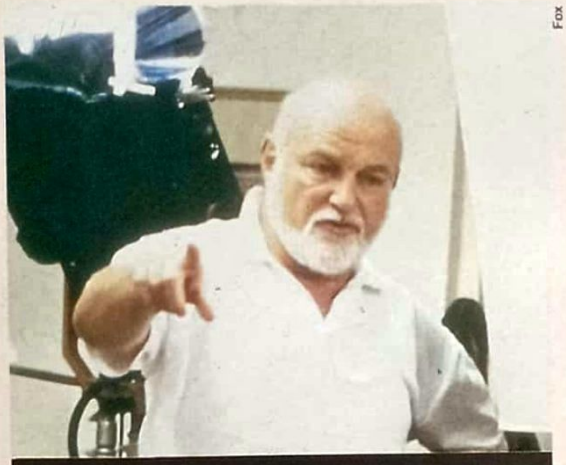
Liza Minnelli é uma professora de sapateado na comédia musical *Stepping Out*, que está sendo rodada no Canadá por Lewis Gilbert, o diretor de *Com 007 Só Se Vive Duas Vezes* e *O Despertar de Rita*. O interessante é que as aulas de dança são ministradas no porão de uma igreja.

Paramount

Ela tem 31 anos, é uma delícia, e só não estourou por amar demais

SEDUTOR DE MULHERES DE OLHO NA PROMOTORA

A bela **Sean Young** — que no ano passado andou às turras com o ex-namorado James Woods — é uma promotora de Justiça que se enfrenta com um sedutor de mulheres indefesas em *Love Crimes*, drama policial de Lizzie Borden. O conquistador é interpretado por Patrick Bergin (de *As Montanhas da Lua*). O ator não condena seu personagem por mentir às mulheres: "De que outro modo você pode levá-las para a cama?"

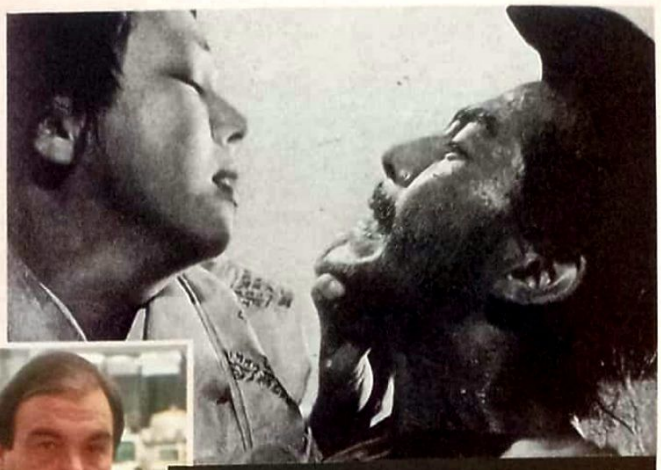

Fox

A câmera de Schlesinger contra o baixo-astral da doença

LIVE AND LET AIDS

O tarimbado **John Schlesinger**, realizador de obras marcantes, como *Perdidos na Noite*, *O Dia do Gafanhoto* e *Domingo Maldito*, vai enfrentar em seu próximo filme um tema polêmico: a Aids. O roteiro está sendo escrito pelo romancista David Leavitt, um ativo militante anti-Aids. Segundo Leavitt, não será um drama deprimente: "Será sobre pessoas *vivendo* com Aids e não *morrendo de Aids*".

"Eu odeio esses filmes com perseguições de carro e transeuntes inocentes sendo mortos enquanto o herói tenta capturar o viciado em drogas."
Jack Nicholson


Fox

Fox

Stone e *Rashomon*, o original: agora numa usina

IMAGENS DO JAPÃO

Oliver Stone vai produzir uma refilmagem do clássico *Rashomon* (1950), primeiro sucesso internacional de Kurosawa. Dirigida pelo japonês Hiroaki Yoshida e estrelada por Jeff Fahey (de *Coração de Caçador*) e Bridget Fonda (de *Escândalo*), a nova versão será ambientada numa usina siderúrgica abandonada, no interior dos EUA. Yoshida, que trabalha para a TV japonesa, tem no currículo a elogiada fantasia de terror *Crepúsculo das Baratas*.

AGUARDE

Warner

Lumet

O francês **Jacques Deray** finaliza sua adaptação do romance *Netchaiev Está de Volta*, do espanhol **Jorge Semprun**. Nos papéis principais, **Vincent Lindon, Yves Montand** e **Miou-Miou**.

Sidney Lumet prepara-se para realizar *Prizzi's Family*, a continuação de *A Honra do Poderoso Prizzi*, dirigido por **John Huston** em 1985.

O ator **Forest Whitaker** *(Bird)* estréia na direção com *Re-Wash*, seqüência da comédia musical negra *Car Wash* (1976).

Roger Donaldson, diretor de *Sem Saída* e *Cadillac Man*, prepara uma cinebiografia do construtor de automóveis italiano **Enzo Ferrari**.

Duro de Matar 3 deverá ser estrelado ainda por **Bruce Willis** e ambientado desta vez no mar, segundo a produtora Silver Pictures.

Oliver Reed, Anthony Perkins, Richard Bohringer e **Charles Aznavour** lideram o elenco de *The Antidote*, que está sendo dirigido por **Raffy Chart**.

Jennifer Lynch, filha de 22 anos do cineasta **David Lynch**, vai estrear na direção com *Boxing Helena*, que ela define como "uma história de amor muito estranha, com várias obsessões". Tal pai...

Fox

Willis

Warner

Whitaker

Donaldson

Miou-Miou

Pyramide

Liaison Gamma-Sigla

Reed

O pai Martin Sheen e o filho Charlie em duelo de caserna

A FAMÍLIA VAI À LUTA

Três anos depois de *Wall Street*, **Martin Sheen** contracena outra vez com seu filho **Chalie Sheen** em *Cadence*. O filme é dirigido pelo próprio Martin, que faz o papel de um sargento durão no comando de um campo militar. Charlie é o soldado preso por indisciplina que vive em guerra com o sargento.

CAPTE ESSA EMOÇÃO.

Panasonic

PROGRAMMING SHEET

NV-J38BR

QUADRO-A-QUADRO, O VÍDEO PANASONIC J-38BR COM 4 SUPER-CABEÇAS NÃO DEIXA VOCÊ PERDER UM MOVIMENTO.

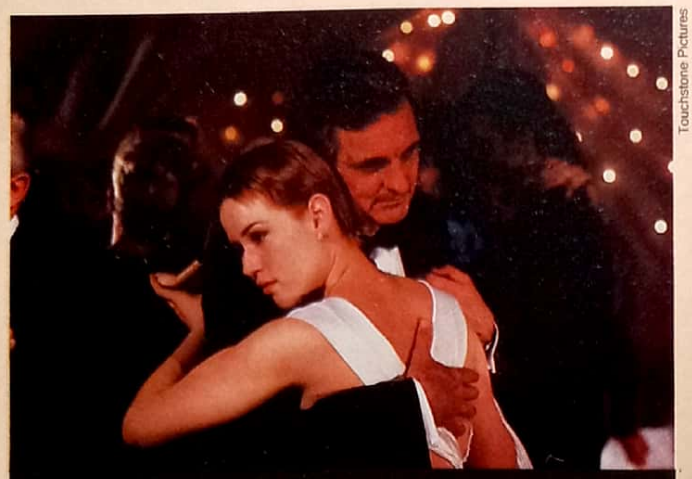
Com o original 4 cabeças Panasonic, você obtém clareza, cor e detalhes inigualáveis, mesmo quando o espetáculo é emocionante e tem movimentos rápidos. Até quando você usa slow e still.

Seu conforto é ainda maior, graças ao famoso Controle Remoto/Digital Scanner-LCD Panasonic, que utiliza leitura em código de barras para você operar e programar seu vídeo sem sair da poltrona.

Para copiar o que você gravou, é só conectar a câmera diretamente no J-38 Panasonic J-38BR com 4 cabeças. Para quem não quer perder um passo.

* E você ainda pode assistir fitas gravadas em Pal-Europeu.

Panasonic



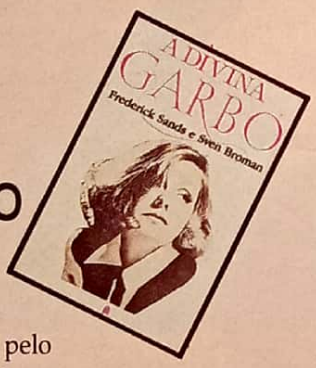
Touchstone Pictures

Alan Alda e la Ringwald: com a filha nos braços em *Betsy's Wedding*

UM PAI PARA PINK MOLLY

A garota rosa-choque **Molly Ringwald** está de volta em grande estilo. Além de contracenar com Peter Weller (a metade gente de *RoboCop)* no telefilme *Dusk Before Fireworks*, de Ken Russell, ela é a filhinha querida de Alan Alda em *Betsy's Wedding*, escrito e dirigido pelo próprio Alda.

BIOGRAFIA REVELA INTIMIDADE DE GARBO



Os fãs brasileiros de Greta Garbo terão prazer de ler que a estrela realmente teve seu coração dividido pelo amor de homens e mulheres (como a argumentista Mercedes de Acosta) e que dentro dela havia uma alma avarenta. *A Divina Garbo* (editora Nórdica, 200 págs), do jornalista Frederick Sands, traz à luz a vida íntima que Garbo guardou a sete chaves.

Um quê de Edgar em Rocky

POE COM CARA DE RAMBO

Sylvester Stallone deverá encarnar ninguém menos que o escritor americano Edgar Allan Poe, mestre da literatura fantástica e policial, num filme a ser dirigido pelo legendário realizador de *horror movies* Roger Corman. Antes disso, porém, o brutamontes vai estrelar *Oscar*, uma comédia dirigida pelo especialista John Landis. O filme acompanha um dia na vida de um azarado que organiza uma festa em que dá tudo errado.

SUBMISSÃO E REBELIÃO

por Luiz Nazário

Lutando para realizar suas concepções pessoais dentro das grades do realismo socialista, Sergei Eisenstein deixou uma obra singular, onde a arte e a propaganda se confundem.

Depois de seu primeiro filme, *A Greve* (1925), repleto de caricaturas violentas, Eisenstein realiza *O Encouraçado Potenkim* (1926), um triunfo estético e propagandístico, que o transforma no embaixador cinematográfico da URSS em todo o mundo. É com *Outubro* (1928), no entanto, que seus problemas começam. Do filme, são suprimidas todas as referências a Trotsky e outros revolucionários "caídos em desgraça". Em *A Linha Geral* (1926/1929), ele não pode mostrar o destino dos *kulaks*. Em 1930, convidado para fazer um filme em Hollywood, tem sua versão anticapitalista de *Uma Tragédia Americana* rejeitada. É contratado pelo escritor socialista Upton Sinclair para realizar um filme sobre o México. As dificuldades técnicas são imensas, as filmagens se arrastam e o contrato é rompido — com o material filmado serão feitas cinco versões diferentes de *Que Viva México!* (1931), incluindo aquela considerada definitiva, montada por Grigori Alexandrov.

Por não obedecer a Stalin, prorrogando sua estada no estrangeiro, Eisenstein não tem mais permissão para fazer filmes de sua escolha durante sete anos, só podendo lecionar. Oferecem-lhe, contudo, *O Prado de Bejin* (1936) mas, na metade do trabalho, a filmagem é interrompida. Depois de montado e remontado, o filme é criticado, proibido e, finalmente, destruído.

Após alguns anos na "geladeira", Eisenstein recebe outra incumbência: glorificar Stalin com *Alexandre Nevski* (1938), tarefa que levá a bom termo. Sua última missao foi mostrar *Ivã, o Terrível* (1944/1946) "sob uma luz positiva". Conseguiu essa proeza na primeira parte do filme. Na segunda parte, sua maravilhosa experiência com a cor, Eisenstein carrega nas tintas e a fita permanece proibida na URSS até dez anos depois de sua morte (1948).

Jorge Zahar Editor

Ser rebelde ou submisso, eis a questão para Sergei Eisenstein

FINALMENTE EM VÍDEO

ROBIN WILLIAMS

Alugue agora ou compre e tenha para sempre.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

UM FILME DE PETER WEIR

© Touchstone Pictures

TOUCHSTONE HOME VIDEO

Sociedade dos Poetas Mortos provocou em todos os países um forte impacto nas relações entre pais e filhos, e entre professores e alunos. Descubra você mesmo o quanto este maravilhoso filme poderá mudar a sua vida.
Este vídeo já está disponível em todas as locadoras e para adquiri-lo basta preencher o cupom abaixo:

abril vídeo

Preço: **Apenas 85 BTNs**
FRETE GRÁTIS nas compras com cheque anexo

Atenção: Usar valor BTN "cheia" do dia da postagem.
Validade: 30.11.90

DISQUE PARA PEDIR
SP (011) 2601352 - RJ (021) 295 2089

Se preferir, envie o cupom ao lado para
Av. Ermano Marchetti, 1272 - Cep 05038
São Paulo - SP

SIM, desejo adquirir o vídeo Sociedade dos Poetas Mortos. Favor enviar ( ) fitas para o endereço abaixo:

☐ Cheque nominal à Distrivídeo - Distr. e Com. Ltda. **FRETE GRÁTIS**
☐ Autorizo débito em meu cartão de crédito. (frete por minha conta)

Valor em Cr$ _____

Cartão _____ nº _____ Validade _____

Nome _____ CIC _____

Endereço _____ Cidade _____ Estado _____

CEP _____ Tel. _____ Data _____ Assinatura _____

SBT-40

CAMA DE GATA.

A Claudinha vem andando devagarzinho. Olha para a cama e vê o lençol Country Cat da Artex. Não resiste. Dá um salto e cai no macio. Aconchega-se confortavelmente no seu ninho. É mais uma noite gostosa na vida da gatinha.

ARTEX
Viver com Arte.

Greta Garbo amou de fato outra mulher? Tyrone Power foi namorado de Randolph Scott? Teria Bela Lugosi cometido suicídio por não conseguir mais papéis de Drácula? Qual a inspiração dos chifres no carrão de Tom Mix? Qual a cor do azulejo do banheiro de Meryl Streep? Astros e estrelas não têm direito à privacidade. Poucos estímulos são tão poderosos para excitar como aqueles que desvendam, ou fingem desvendar, as preferências mais secretas de seus ídolos. A esse respeito, Garbo não costumava falar. Nem rir. Quando podia, num filme ou não, pedia, lacônica: "I want to be alone". "To be or not to be, that is the question", arrematariа Harrison Ford, que espumou com a reportagem da *Vanity Fair* que entregou ao grande público o endereço de seu doce lar. Não consta que Ford tenha perseguido repórteres a chicotadas, mas em 1960, Anita Ekberg chegou a ameaçar fotógrafos armada de arco e flecha. São aborrecimentos dessa ordem que aguardam a jovem Julia Roberts, cujo affair com Kiefer Sutherland tornou-se a fofoca da temporada. O rapaz abandonou a família por causa da moça. Vai entoar com os outros a conhecida lamúria implorando sossego. Ora, mas será que é sossego o que eles querem? Vá lá, a formidável Garbo insulou-se indevassável num apartamento novaiorquino. E não deu trelas a mais ninguém. A regra, no entanto, é outra: astros e estrelas não suportariam a condenação do anonimato. Esquecidos, depariam com o vazio cruel a que fica reduzida a sua privacidade longe dos holofotes. Ela é feita em oposição ao burburinho, às fofocas, à publicidade de que se alimentam. Quanto mais secreta, mais a intimidade dos astros é objeto do domínio público. É uma peça essencial do showbusiness. Quanto mais devassada, mais ela é inútil à fama e à fortuna. A intimidade, na intimidade mesmo, é uma encenação grotesca. Tão grotesca que se tornaria tediosa se escancarada às grandes platéias.

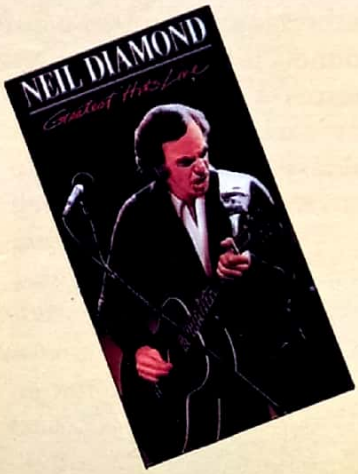
Stills

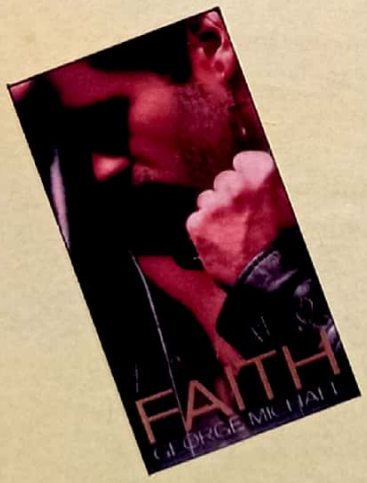
4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 MATÉRIA DE CAPA
Julia Roberts
22 VIDEO
LANÇAMENTOS
Fox no Brasil
Twin Peaks
30 OUTROS
LANÇAMENTOS
48 EM FILMAGEM
Afghan Breakdown
50 EM CARTAZ
Ata-me
52 OUTROS FILMES EM
CARTAZ
68 ENTREVISTA
Harrison Ford
74 SELEÇÃO DE VÍDEO
Filmes de Tribunal
78 MITO
Elizabeth Taylor
80 LIVROS
81 TRILHAS
82 EQUIPAMENTOS
Videocassete JVC
HR-SC1000
84 CARTAS
87 FILMOGRAFIAS
89 FILMOTECA
90 NOSTALGIA

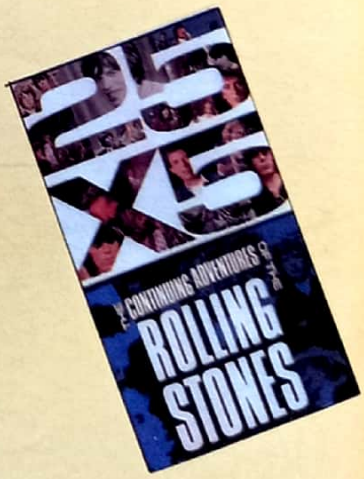
Na capa: Julia Roberts

Foto de Capa: Stills

FINALMENTE A
A BARREIR



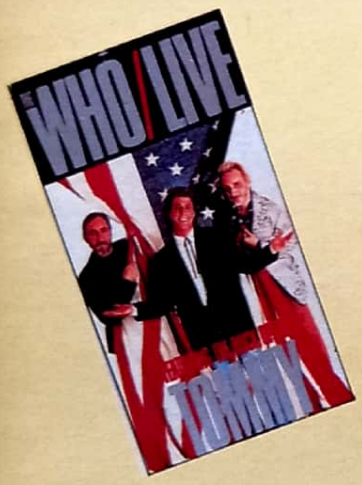




PHILCO - HITACHI

"Todos os vídeos musicais CBS são em Hi-Fi Stereo, o que promove um envolvimento com o som e com o realismo das imagens. Tudo isso fica ainda nos equipamentos de vídeo e TV Total Stereo Philco-Hitachi."

MÚSICA ROMPE A DO SOM



CBS MUSIC VÍDEO chegou no Brasil.
É a primeira distribuidora de vídeo especializada em música, numa combinação perfeita com a CBS Records.
Essa parceria já é vencedora em vários países do mundo.
Agora o Brasil está na rota deste sucesso.
Finalmente a música rompe a barreira do som.

A PARTIR DE NOVEMBRO EM TODAS AS LOJAS

UMA DISTRIBUIÇÃO CBS

Para revendedores:
Central de Pedidos - Tels.: (021) 372.1131/(021) 372.8181

CMV ENTERPRISES
CBS Music Vídeo

NO CO

MEÇO ERA JULIA ROBERTS

Aos 23 anos, faz-se a estrela. Seu cachê salta para uma fortuna entre três e cinco milhões de dólares. A prestigiosa revista de moda *Harper's Bazaar,* em sua edição de setembro, acaba de proclamar que a deslumbrante sirigaita de *Uma Linda Mulher* é a mulher mais linda da América. O êxito é o êxtase

Warner

Stills

JULIA ROBERTS

Ela parece bem mais esguia na tela que ao vivo. É dona de uma exuberância bastante rara nos dias que seguem. Os homens desejam sufocar aquela alegria nos braços, as mulheres invejam sua vivacidade estonteante. Dizem, porém, que, ao vivo, ela tanto pode estar linda de morrer no seu 1,66 m (que pode parecer monumental) quanto absolutamente amarelecida numa versão baixo-astral de vestido sem cintura que ela ostenta como que para refletir a tensão e a melancolia de ser famosa de uma hora para a outra.

Seja como for, a verdade é que ela esteve linda na entrega do Oscar deste ano — que quase abiscoitou como coadjuvante de *Flores de Aço* —, metida num totalmente escrutável vestido colante cor de chocolate. Julia Roberts é, enfim, uma estrela em franca ascensão. Pode-se desconhecer a cor real do seu cabelo (castanho-escuro), que ela colore de vermelho ou descolore de filme para filme — mas é certo que sua basta cabeleira próxima do ruivo como é vista em *Uma Linda Mulher* é uma de suas peças de resistência. Isso sem contar a boca imensa, os lábios cheios de promessas carnais, as colunas gregas chamadas pernas e aquela eletricidade esquisita que as futuras grandes divas vão liberando de uma película a outra.

Ela está aí há muito pouco tempo, mas de março a maio de 90 não houve quem não soubesse dela nos Estados Unidos. A não ser Kiefer Sutherland, seu atual namorado, que não tinha visto nenhum filme dela até atuarem juntos em *Linha Mortal*, uma história de jovens médicos brincando com a morte. Ao vê-la como uma onda em ação, pensou que tinha descoberto a América. Os dois acabaram consumando um *affair* que fez estremecer as colunas de fofoca de Hollywood. Na noite do Oscar, quando todos esperavam cada qual com seu respectivo, Kiefer e Julia saltaram da mesma limusine aos beijos e abraços sem fim. Kiefer deixou uma mulher doze anos mais velha e dois filhos por Julia. Quem quer que a tenha visto na tela em *Uma Linda Mulher* pode atirar a primeira pedra? Nossa correspondente em Los Angeles,

Warner

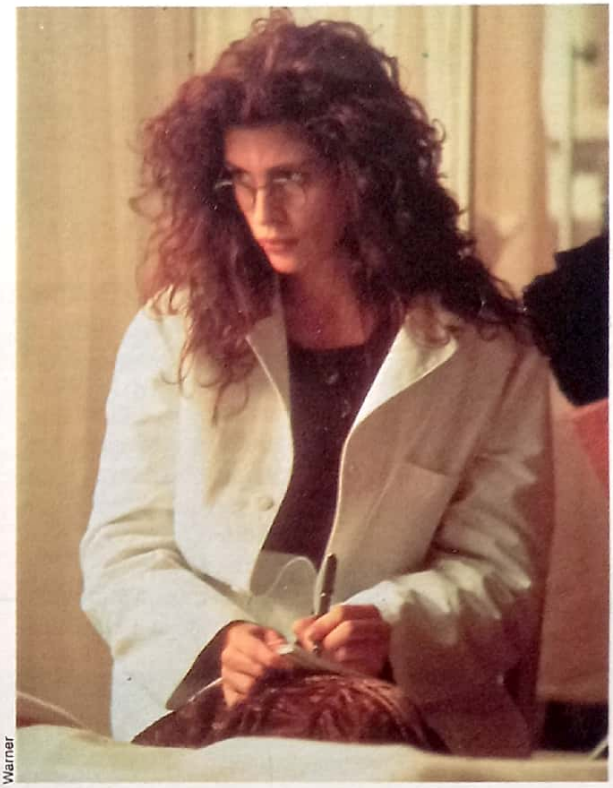
Com Richard Gere em *Uma Linda Mulher:* história de Cinderela com prostituição, pela ótica Disney (ao lado), uma fantasia barata, de 20 milhões de dólares, que amealhou 8 vezes mais só na América do Norte

Liaison Gamma-Sigla

Warner

Acima, o caso duradouro: Kiefer Sutherland largou a família por ela. Ao lado, a meretriz feliz camuflada (de peruca) em *Uma Linda Mulher*

Warner



Warner

Christophe L.

Ao sol em *Uma Linda Mulher* (ao lado), doutora residente em *Linha Mortal* (acima), e diabética (na foto, em boa forma) em *Flores de Aço* (à direita)

Ana Maria Bahiana, teve o azar de entrevistá-la nesse momento de tensão, quando as fofocas pululavam como salmões na desova e Julia havia tosado os cabelos. "Ela trazia um imenso brilhante no dedo, um óbvio presente de Kiefer Sutherland. À simples menção do assunto, ela escondeu os braços rapidamente." Julia Roberts corre o perigo de estar ascendendo rápido demais. Tantos olhares alheios podem grudar nela à maneira da fábula do pavão, cuja cauda estaria ornada de olhares invejosos.

VAN GOGH — A carreira da atriz tem apenas três anos e meio de idade. Julia é filha de professores de arte dramática de uma pequena cidade da Georgia, no sul dos Estados Unidos. Deram-se tão bem na profissão que o pai virou vendedor de aspiradores de pó e a mãe, secretária. Mas foi o irmão, Eric, o primeiro filão cinematográfico da família — ator de relativos sucessos como *Coca-cola Kid* e *Expresso para o Inferno* — e uma espécie de mentor intelectual da garota. A crítica chegou a compará-los a Picasso e Van Gogh, como para caracterizar a técnica do irmão e a intuição da irmã. De fato, Eric sempre gostou de Picasso, e Julia, de Van Gogh. Foi o irmão quem insistentemente orientou-a no primeiro teste que fez, para o filme *Spenser: For Hire*. Seguiram-se três pequenos filmes na carreira dela, todos de 1988: *Satisfaction*, *Baja Oklahoma* (para a TV) e *Três Mulheres*, *Três Amores*, em que ela é ninguém mais, ninguém menos que uma imigrante portuguesa vivaz como uma potrinha, trabalhando numa pizzaria. Vivaz como uma potrinha. "Será por causa dos meus dentes?", ela brinca. Perdão, Julia.

A grande chance não veio a cavalo, veio na pele da adorável diabética de *Flores de Aço*, de 1989, quando Julia se viu cercada de vetustas magnólias do porte de Olympia Dukakis e Sally Field. Era o motor do melô: estava para se casar mas caía de cama dobrada pela doença. Já aparecia bastante bonitinha, embora provinciana como só o penteado e os seios de Dolly Parton deixavam entrever, e foi indicada para o Oscar. Sua performance dicotômica, chorosa e

fluorescente ao mesmo tempo, indicava um genuíno talento desabrochando.

Então chegamos a *Uma Linda Mulher*, já em 1990. O difícil foi Julia contar à mãe que ia fazer o papel de uma prostituta. "Mamãe trabalha para a Arquidiocese de Atlanta", ela diz. "Quer dizer, o chefe da minha mãe me batizou. Então eu liguei para ela e disse que tinha conseguido um trabalho. Ela perguntou do que se tratava, e eu respondi que era um papel num filme dos Estúdios Disney." O resto ela explicou mais tarde.

Pois foi neste estranho e moderno papel de prostituta pela ótica Disney que ela saiu do anonimato. Essa produção barata, aliás, não só rendeu os tubos como também tirou do ostracismo o galã Richard Gere. Duro é acreditar que atrás daquela pele apessegada, pernas torneadas por um concílio de faunos escultores, boca transitando entre a volúpia de uma Sophia Loren, a delicadeza de uma Fanny Ardant e a risada inenarrável da mais linda mulher que se possa imaginar... bem, difícil é acreditar que ali se esconde uma vadia de Los Angeles. Uma Cinderela inacreditável apanhada por um milionário de sorte.

É onde está concentrada a força primal da atriz Julia Roberts, aquilo que promete mover montanhas, uma espécie de força natural que empurra sua energia e beleza para fora do vulcão, para nossa admiração profunda. Ela tem o fôlego para o mergulho na alma dos personagens — aquilo que só as grandes atrizes possuem. Se não for domada pela indústria, pode vir a ser uma linda mulher inigualável. Seu último filme, *Sleeping with the Enemy*, em que ela vive uma mulher que apanha do marido, pode acabar lhe trazendo uma rápida e precoce maturidade para os seus 23 anos de beleza indomável. *Carlos Volpato*

CONSTELAÇÃO MILIONÁRIA

Barbra, mais de 5 milhões de dólares

Columbia Tri Star

Bette, de 3 a 5 milhões de dólares

Warner

Meryl, de 3 a 5 milhões de dólares

Columbia Tri Star

Julia, de 3 a 5 milhões de dólares

Warner

Sigourney, de 3 a 5 milhões de dólares

Columbia Tri Star

Em Hollywood, nada está escrito nas estrelas. Coitadas. As estrelas, elas sim, é que têm de escrever no livro-caixa de estúdios e agentes. E é bom que escrevam com batom. E é melhor que registrem ali números corpulentos. Foi isso que fez essa delícia de 23 anos, olhos tão abertos quanto oblíquos, lábios generosos, fartos e risonhos. Julia Roberts tem pernas de gazela, esguias, e está inscrevendo os registros de sua trajetória lucrativa no caixa do cinema com a mesma elegância que demonstrou ao repicar seu salto alto numa sarjeta de Los Angeles. Cinco meses de exibição no mercado norte-americano foram suficientes para seu filme Uma Linda Mulher *faturar 170 milhões de dólares nas roletas. No Brasil, em apenas cinco semanas (de 27 de julho a 2 de agosto) foi visto por um milhão de pessoas. Na América, o maior azarão da temporada bateu* Dick Tracy, Total Recall, RoboCop II, De Volta para o Futuro III, *e toda sorte de filmes com piruetas pirotécnicas da vida.* Só Duro de Matar II *promete alcançar Julia Roberts. Ela nem liga. É a predileta dos jovens americanos, ao lado de Tom Cruise, e a primeira a figurar na capa da revista* GQ, *famoso reduto de moda masculina.*

Ela figura hoje entre as cinco atrizes mais bem pagas dos Estados Unidos. Mais que ela, só mesmo a empresária Barbra Streisand, que pode pleitear mais de cinco milhões por filme. Depois, vêm aquelas que podem exigir algo entre 3 e 5 milhões. Ao lado da formosa Julia, as velhuscas Bette Midler, 44 anos, Meryl Streep, 39 , e a varapau Sigourney Weaver, 41. Esse pessoal tem mais anos de carreira do que Julia tem de sutiã.

Claro que no mesmo time das cinco atrizes mais bem pagas de Hollywood reluzem outras 28 estrelas: masculinas. Isso se explica. Hollywood tem ficado mais machista nos últimos dez anos. Papel pra mulher, bom papel, é tão difícil aparecer num roteiro comercial quanto é difícil um Schwarzenegger passar no buraco de uma agulha. Ou são coisas muito típicas, como Conduzindo Miss Daisy, *de 1989, que deu o Oscar de melhor atriz para Jessica Tandy, a decana, ou restam os velhos e manjados papéis daquilo: dona de vida fácil. Foi uma dessa que deu uma reanimada na vida difícil da maravilhosa e sofrida Michelle Pfeiffer. Com* Susie e os Baker Boys, *a deusa translúcida fulgurou de novo. Mas as mulheres não têm lá muita vez com os roteiristas americanos. O que se passa?*

Passe o que passar, Julia Roberts está passando ilesa. É preciso arranjar um bom papel para seguir passando bem, mas ela passa por cima. Pode reeditar nos anos 90 o que foi Louise Brooks nos anos 30, Rita Hayworth nos 40 e Marilyn Monroe nos 50. Prometer ela promete. Agora é ver para conferir. E.B.

Fonte: Revista *Studio*

QUICK VIDEO

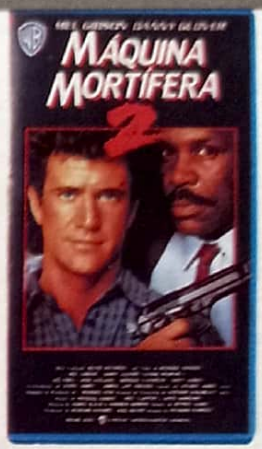
A MANEIRA MAIS PRÁTICA E ECONÔMICA DE VOCÊ MONTAR SUA VIDEOTECA.

QUICK VIDEO E AS MAIORES DISTRIBUIDORAS DO PAÍS ESTÃO COM UMA PROMOÇÃO ESPECIAL.
NÃO PERCA A OPORTUNIDADE DE TER EM SUA CASA OS MELHORES ATORES, DIRETORES E OS FILMES DE MAIOR SUCESSO DE PÚBLICO E CRÍTICA.
TUDO ISSO DE UMA FORMA PRÁTICA E ECONÔMICA COM A QUALIDADE QUE VOCÊ JÁ CONHECE.

WARNER HOME VIDEO

CIC VIDEO

ASES INDOMÁVEIS O filme que deu fama mundial a Tom Cruise. A história de um piloto que quer ser o melhor entre os melhores. Mistura muita ação, romance e uma incrível fotografia. Oscar de melhor filme. Imperdível.



MÁQUINA MORTÍFERA II. Desta vez a dupla mais explosiva das telas está bancando a babá de uma importante testemunha. Enquanto tentam prender os chefes de uma quadrilha de drogas vivem emoções em dose dupla.

BLADE RUNNER Um clássico da ficção científica, onde andróides rebelam-se contra seus criadores e um Blade Runner é designado para eliminá-los. Uma belíssima metáfora sobre a vida e a ânsia pela imortalidade.

E.T. O EXTRA TERRESTRE O extra terrestre. O maior sucesso da história do cinema. Assistido por mais de 350 milhões de pessoas em todo mundo. Efeitos especiais incríveis. Você vai rir e se emocionar com a história da amizade entre dois garotos com um extra terrestre e sua luta para voltar para casa.
Disponível dublado ou legendado.

VIRE A PÁGINA E VEJA COMO É FÁCIL RECEBER EM CASA A SUA VIDEOTECA

LIGUE AGORA MESMO PARA (011) 210.

AÇÃO

CHUVA NEGRA. Direção: Ridley Scott. Com Michael Douglas. Dois policiais incumbidos de escoltarem um prisioneiro até o Japão são enganados e o entregam a membros da máfia japonesa. Começa, então, uma louca perseguição pela cidade de Osaka, mostrando imagens de um Japão tradicional em choque com a violência dos tempos modernos, onde o perigo espera a cada esquina, em cada noite chuvosa.

INDIANA JONES OS CAÇADORES DA ARCA Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford. A primeira grande aventura de Indiana Jones narra a luta entre duas nações (Estados Unidos e Alemanha) para apoderar-se de um estranho tesouro (A Arca da Aliança) que contém segredos extraordinários que podem mudar o curso de suas atividades políticas.

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO. Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford. Desta vez Indiana Jones sai em busca da Pedra de Ankara para salvar centenas de crianças escravizadas por um misterioso culto. Rodado em três continentes. É uma super aventura repleta de efeitos especiais.

MÁQUINA MORTÍFERA. Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson e Danny Glover. São dois policiais; Glover tem uma arma. Gibson é uma arma. Devido às suas tendências suicidas, ele é registrado como uma MÁQUINA MORTÍFERA. Violento, porém bem-humorado, ele dispara com precisão uma carga de emoção.

INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA. Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford. Neste episódio, Indiana Jones vem acompanhado de seu honorável pai (Sean Connery) numa aventura em busca do místico e todo poderoso Santo Graal - enfrentando numerosos perigos e escapando por fantásticas saídas, o que torna Indiana Jones e a Última Cruzada a maior de suas aventuras.

OS INTOCÁVEIS. Direção: Brian De Palma. Com Kevin Costner, Charles Martin Smith, Andy Garcia, Sean Connery e Robert De Niro. Chicago 1931. Em plena lei seca Al Capone se transforma no rei do crime organizado e ninguém pode detê-lo. Chega à cidade Eliot Ness e monta um esquadrão que arriscará tudo para acabar com seu reinado de terror e colocá-lo atrás das grades.

TANGO & CASH. Direção: Andrei Konchalovsk Com Sylvester Stallone e Kurt Russel. Dois policiais rivais entre si de repente se veêm na mesma situação quando são vítimas da armadilha de um chefão da cocaína. A partir daí os dois tem que se unir para escapar de uma cilada que os colocou na prisão. Com cenas de perseguição impressionantes e efeitos especiais que dão toques de ultra-realismo, este filme mistura ação e humor na dose certa.

FICÇÃO

DE VOLTA PARA O FUTURO. Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson e Crispin Glover. Marty, um adolescente dos anos 80 é enviado acidentalmente para 1955 numa máquina do tempo construída por Doc, um cientista louco. No passado, Marty se mete em uma série de confusões que podem alterar toda sua vida. Uma comédia deliciosa do mestre Spielberg.

DE VOLTA PARA O FUTURO PARTE II. Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson e Crispin Glover. Viajando para o futuro para impedir que aconteça uma catástrofe com seu filho, Marty e o Dr. Doc se envolvem em uma incrível aventura onde cada viagem se torna cada vez mais perigosa e irreversível. O Roteiro complexo é justamente o que da mais sabor a este filme.

DRAMA

VIDAS SEM RUMO. Direção: Francis Coppola. Com C. Thomas Howell, Ralph Macchio, Patrick Swayze, Rob Lowe, Emilio Estevez, Tom Cruise e Matt Dillon. Com os grandes atores da nova geração, retrata a vida de um grupo de jovens rebeldes em conflitos nas ruas de Tulsa.

IMPÉRIO DO SOL. Direção: Steven Spielberg. Com John Malkovich, Nigel Havers e Christian Bale. Um menino cujo espírito invencível voa alto e livre, acima dos limites de um campo de concentração. Uma história verídica que se passa durante a II Guerra Mundial.

CASABLANCA. Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid. Na II Guerra, a cidade de Casablanca é a única saída para quem pretende fugir do Nazismo. O maior clássico do cinema, onde Bogart e Bergman vivem momentos inesquecíveis. "Oscar" de Melhor Filme, Diretor e Roteiro.

RAIN MAN. Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman e Tom Cruise. Charlie descobre que a herança de seu pai ficou para seu irmão Raymond, que é autista. Decidido a ficar com o dinheiro, ele rapta Raymond e juntos eles iniciam uma viagem que muda suas vidas. "Oscar" de Melhor Ator, Filme, Direção e Roteiro Adaptado.

REBELIÃO EM MILAGRO. Direção: Robert Redford. Com Ruben Blades, Richard Bradford, Sonia Braga. Milagro, Novo México. 426 habitantes. Nada mudou por aqui em 300 anos. Mas alguma coisa está prestes a acontecer. Um filme que mostra o conflito cultural entre camponeses e exploradores imobiliários. Com a brilhante direção de Robert Redford e participação especial de Sonia Braga.

PARA SEMPRE NA MEMÓRIA. Direção: Marisa Silver. Com Alan Boyce. Um estudante que tinha tudo na vida, uma linda namorada, um belo carro, se suicida durante uma festa de fim de ano onde estão todos os seus amigos. A partir daí a vida de todos eles se transforma. Uma narrativa comovente do destino das pessoas que David deixou para trás.

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA. Direção: Cecil B. De Mille Com Betty Hutton, Cornel Wilde, Charlton Heston, Dorothy Lamour, Gloria Grahame e James Stewart. "Oscar" de melhor filme. A mistura perfeita entre drama e espetáculo aparece aqui, mostrando os conflitos por trás dos bastidores e a glória dos artistas circenses diante do seu público. A vibração do circo com sua tragédia, seu humor, e sua alma. Revelando a maior história da face da terra.

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO. Direção: Jeannot Szwarc. Com Christopher Reeve, Jane Seymour, Christopher Plummer. Uma linda história de amor, além da fantasia... além da obsessão ...além do tempo. A história de um jovem que volta ao passado para resgatar um grande amor que por algum motivo foi interrompido. Um apaixonante e romântico filme de amor com uma trilha sonora inesquecível.

A TESTEMUNHA. Direção: Peter Weir. Com Harrison Ford. Um policial chega em uma cidade distante da civilização moderna para investigar a morte de um colega, onde a única testemunha é um garoto de oito anos que está na mira de três assassinos que querem silenciá-lo. Ele dará até sua vida para salvá-lo.

CIC VIDEO

"Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e artes Cinematográficas de Hollywood.

6598, OU PREENCHA O CUPOM ABAIXO

COMÉDIA

AS BRUXAS DE EASTWICK. Direção: George Miller. Com Jack Nicholson, Cher, Susan Sarandon e Michelle Pfeiffer. Três lindas mulheres vivem um tédio mortal, na cidade de Eastwick, até a chegada de um milionário excêntrico que vai mudar totalmente suas vidas. Uma comédia sobrenatural com um elenco do outro mundo.

ADORÁVEL SEDUTORA. Direção: Bruce Beresford. Com Tom Selleck e Paulina Porizkova. Phillip Blackwood, um escritor de sucesso, encontra em um tribunal, mais do que uma inspiração para seu próximo livro, uma linda mulher acusada de assassinato. Numa divertida comédia romântica Phillip tenta com toda sua criatividade, provar a inocência daquela linda mulher.

DOCUMENTÁRIO

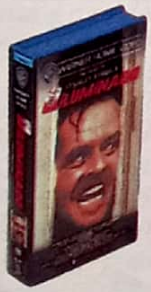
A ODISSÉIA DE COUSTEAU. Todas as aventuras do grande pesquisador francês reunidas nesta série que não pode faltar na sua videoteca. Você vai desvendar segredos e mergulhar em um show de imagens nos lugares mais bonitos e exóticos do mundo. Você não pode perder essa aventura.

CALYPSO EM BUSCA DO BRITANNIC
EM BUSCA DE ATLANTIDA
MERGULHO AO ENCONTRO DAS PILHAGENS ROMANAS
O NILO
CLIPPERTON: A ILHA QUE O TEMPO ESQUECEU
MEDITERRÂNEO: BERÇO OU TÚMULO?
MAMÍFEROS DAS PROFUNDEZAS DO MAR
RELÍQUIAS PERDIDAS DO MAR
OS PROFETAS CEGOS DA ILHA DE PÁSCOA
BOMBA RELÓGIO SUBMERSA

WARNER HOME VIDEO

TERROR

O ILUMINADO. Direção: Stanley Kubrick. Com Jack Nicholson, Shelley Duvall e Danny Lloyd. Desempenho magistral de Jack Nicholson, no papel de um escritor que se isola com a família em um hotel cercado pela neve, sofrendo influências da força sobrenatural que o lugar exerce sobre ele.



OS PÁSSAROS. Diretor: Alfred Hitchcock. Com Rod Taylor, Jessica Tandy, Suzanne Pleshette. Do mestre do suspense. Pequenos acidentes envolvendo aves se transformam num terrível e inexplicável pesadelo na pacata cidade de Bodega Bay. Hitchcock ulitizou aves verdadeiras nas filmagens, resultando em um dos melhores filmes do diretor que consagrou o gênero suspense.

O BEBÊ DE ROSEMARY. Direção: Roman Polanski. Com Mia Farrow e John Cassavetes. É um envolvente filme de suspense e terror psicológico, onde o poder da bruxaria resume-se em destruir vidas. A gravidez de Rosemary traz acontecimentos sinistros que vão atormentarndo a vida do casal levando-os à loucura.

MUSICAL

IMAGINE Direção: Andrew Solt. Narrado por John Lennon. Descubra John... o jovem rebelde, o músico, o radical, o marido, o pai, o amante, o idealista... através de suas próprias palavras e de sua coleção pessoal de filmes e músicas. Entre elas Help!, Come Together, I Want To Hold Your Hand. Comprove que o sonho não acabou.

INFANTIL

CORTA ESSA GAGUINHO

PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A MEL BLANC

PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A CHUCK JONES

Nestas três fitas você vai ter as histórias mais engraçadas e os desenhos mais malucos. Com toda a turma do Pernalonga em situações onde toda a família vai se divertir a valer.

PICA PAU E SEUS AMIGOS VOL IV. Oito desenhos com o pássaro mais maluco que existe e todos os seus amigos. Você vai rolar de dar risada com essa turma que apronta as maiores confusões e faz sucesso com a garotada.

VOCÊ NÃO PODE PERDER A CHANCE DE MONTAR UMA VIDEOTECA DA MAIS ALTA QUALIDADE.

POR APENAS
Cr$ 5.500,00
CADA FITA

VOCÊ RECEBERÁ EM SUA CASA OS MAIORES SUCESSOS DE TODOS OS TEMPOS. PREENCHA O CUPOM ABAIXO OU LIGUE PARA

(011) 210.6598

SIM, quero adquirir fitas de vídeo

Nome _____

CPF _____ RG _____

End. _____

CEP _____ Ass. _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Título	Quant.	Valor
TOTAL		

Caso o espaço não seja suficiente anexe ao cupom a relação dos filmes que você deseja receber.

ATENÇÃO: Custo do frete por fita Cr$ 450,00. Estou enviando cheque nominal à Quick Video no valor de Cr$ _____ incluso(s) o(s) custo(s) de frete. Recorte e coloque dentro de um envelope e envie-o para R. PROF. WOLF NETO, 62. CEP 01455 São Paulo SP. Prazo de entrega: 15 dias PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 17/11/90.

TIME COMPLETO

A Abril vídeo traz às locadoras os filmes da Fox, a única *major* americana que ainda faltava no Brasil

"O que faltava em seu vídeo agora não falta mais" — com esse *slogan* abstruso mas não mentiroso, a Abril Vídeo passa a despejar nas locadoras, neste mês, os títulos da CBS-Fox. Com sua entrada, o mercado de home vídeo brasileiro se complementa. Daí a propriedade do *slogan* da Abril. De fato, só os títulos da 20th Century Fox — produzidos e/ou distribuídos por ela — faltavam para rematar a filmografia americana disponível em vídeo no Brasil. A Abril Vídeo, que já distribui os títulos da Disney, da Playboy e da Touchstone, deu um jeito na situação. Muitas vezes você deve ter perguntado por que *Nove Semanas e Meia de Amor* (*9 1/2 Weeks*, Adrian Lyne, 1986), que permanece há três anos em cartaz em São Paulo, com sucesso estrondoso de bilheteria em todo o país, não havia ainda sido lançado em vídeo. Resposta: ele pertence ao catálogo da CBS-Fox. Mas se você é um dos cultuadores do filme, não tem motivo para lamentar sua ausência das prateleiras das locadoras — *Nove Semanas e Meia de Amor* está no primeiro pacote da Abril Vídeo — são seis títulos ao todo (ver box) —, com a marca CBS-Fox.

Esta marca representa a união de duas empresas, a Columbia Broadcasting System (a CBS, uma das três maiores redes de TV americana) e a Fox. Juntas, elas distribuem filmes de home vídeo da Fox na América do Norte. No Brasil, a Abril será licenciada para representação durante dois anos, num contrato renovável. Entre os títulos já negociados, fora os do primeiro pacote, estão *Guerra nas Estrelas* (*Star Wars*, George Lucas, 1977), *Nunca Fui Santa* (*Bus Stop*, Joshua Logan, 1956), *Cocoon* (Ron Howard, 1985), *Aliens, o Resgate* (*Aliens*, James Cameron, 1986) e *Wall Street* (Oliver Stone, 1987).

"Vamos dar prioridade aos filmes mais recentes", diz Enrico Rastelli, diretor-gerente da Abril Vídeo. O catálogo da Fox inclui obras antológicas do cinema americano, como *Paixão dos Fortes* (*My Darling Clementine*, John Ford, 1946), *Viva Zapata!* (Elia Kazan, 1952), *O Pecado Mora ao Lado* (*The Seven Year Itch*, Billy Wilder, 1955) e *Butch Cassidy* (*Butch Cassidy and the Sundance Kid*, George Roy Hill, 1969), mas eles não estão entre as prioridades dos pacotes da Abril Vídeo. "Vamos estudar o lançamento dos clássicos", diz Rastelli, "mas a maior expectativa do público se concentra em títulos novos."

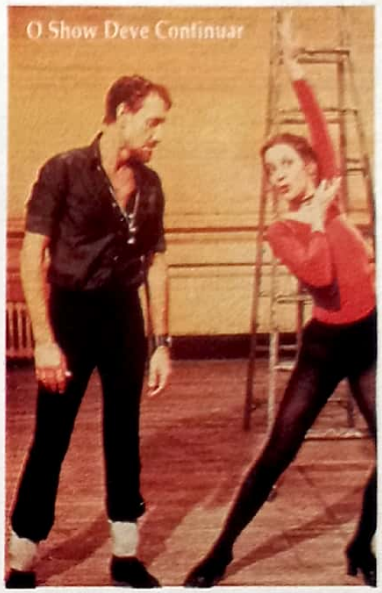
OTIMISMO — Os filmes da Fox, na opinião de Rastelli, podem transformar a Abril na primeira distribuidora do mercado brasileiro, em termos de vendas.

ABRIL APOSTA ALTO NO CONSUMIDOR FINAL

A venda direta ao consumidor final é acalentada há anos por várias distribuidoras de vídeo e a Warner já a testou com sucesso. A Abril Vídeo apostou alto no projeto: selou 60 mil fitas do clássico A Bela Adormecida *e mais 30 mil de coletâneas inéditas de desenhos animados, e coloca-as, a partir deste mês, à disposição do público em lojas de equipamentos, discos e grandes magazines em todo o país. O pacote, que recebeu o nome* Vídeo Collection Walt Disney *inclui, além de* A Bela Adormecida, *coletâneas dedicadas a três personagens da família Disney —* Meu Amigo Mickey, Meu Amigo Donald *e* Meu Amigo Pateta. *Dublados em português poderão ser comprados por preços que variam de Cr$ 3 000,00 a Cr$ 3 500,00. O Brasil é o primeiro país da América Latina em que a Disney autoriza o lançamento de suas fitas para o consumidor final. Este tipo de distribuição foi realizado, até agora, apenas nos Estados Unidos, no Japão, na Austrália e em países da Europa. Isso significa que o Brasil passa a fazer parte do seleto grupo de mercados suficientemente desenvolvidos para comportar vendas diretas ao consumidor final. Nos EUA, no ano passado, elas chegaram a 24 milhões de unidades, contra 3,5 milhões para as locadoras.* M.N.

Alvorada

Fox



Abril Vídeo

Cenas dos seis filmes da CBS-Fox que chegam este mês às locadoras

Até o ano passado era a terceira, atrás da Warner e CIC. O diretor-gerente da empresa explica a razão do otimismo: "Fazer negócio com a Fox complementa muito bem o contrato que já temos com a Disney e Touchstone. Destas, oferecemos desenhos animados e filmes para a família, sem erotismo, nudez, violência ou terror. Mas esses atrativos estão nos filmes da Fox".

Quanto ao "negócio" a que se refere Rastelli, nenhum dado numérico foi divulgado. Ele explica por que: "Só tenho a perder declarando valores de contrato, investimentos etc. A concorrência está sempre de olho nesses números, mas não o público". Ele prefere falar sobre as características que diferenciarão a Fox de outras *majors* representadas no Brasil: "O fato de ela estar entrando por último faz com que muitos de seus filmes já tenham passado na TV. Nela, as películas são dubladas e cortadas, fazendo com que o público se interesse por vê-las em versão original e integral". A outra aparente desvantagem, do ponto de vista de Rastelli, é que muitos dos filmes da Fox já foram lançados em cópias piratas: "O público e as locadoras já aprenderam a diferenciar cópia pirata da legítima e o que vamos oferecer é a segunda opção".

Mario Nery SET

OS PRIMEIROS LANÇAMENTOS

DURO DE MATAR (*Die Hard*, EUA, 1988). Direção: John McTiernan. Com Bruce Willis, Alan Rickman, Bonnie Bedelia. Willis é um policial em visita a Los Angeles que, por acidente, acaba aprisionado num edifício tomado por terroristas. Filme de ação por definição, com o objetivo de prender o espectador do início ao fim, explorando ao máximo as possibilidades que o roteiro oferece. O êxito rendeu-lhe uma sequência.

O SHOW DEVE CONTINUAR (*All That Jazz*, EUA, 1979). Direção: Bob Fosse. Com Roy Scheider, Jessica Lange, Ann Reiking. Musical autobiográfico de Fosse (*Cabaré*), diretor e coreógrafo americano que revalorizou o gênero nos anos 60 e 70. A visão fornecida pelo artista de sua vida é negativa, mas os números coreografados dão brilhantismo à obra, um canto de cisne do gênero musical e do próprio cineasta.

NOVE SEMANAS E MEIA DE AMOR (*9 1/2 Weeks*, EUA, 1986). Direção: Adrian Lyne. Com Mickey Rourke, Kim Bassinger, Margareth Whitton. Videoclipe de erotismo sadomasoquista *yuppie*, que alcançou desconcertante sucesso no Brasil (em São Paulo, em cartaz há três anos). Conto de amor fetichista entre um executivo e uma beldade, o filme não resiste a um olhar mais crítico — melhor rever *O Último Tango em Paris*.

ALIEN, O OITAVO PASSAGEIRO (*Alien*, EUA, 1979). Direção: Ridley Scott. Com Sigourney Weaver, Tom Skerritt, John Hurt. O filme deu vida nova ao alienígena, personagem-emblema de clássicos de terror e ficção dos anos 50 — aqui, um monstro hediondo que parasita o tripulante de uma expedição espacial, se tornando indestrutível. Seu realismo futurista inspirou uma seqüência e muitas imitações. Para ter em videoteca.

NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA (*Broadcast News*, EUA, 1987). Direção: James L. Brooks. Com William Hurt, Albert Brooks, Holly Hunter. Hurt é um *anchorman* em ascensão que disputa espaço profissional e a atenção de Holly Hunter (uma produtora neurótica), com Brooks, um jornalista que não dá certo. Com excelentes performances, os três conferem vivacidade a um roteiro despretencioso, escrito pelo próprio Brooks.

JULIA & JULIA (Itália, 1987). Direção: Peter Del Monte. Com Kathleen Turner, Gabriel Byrne, Sting. Julia (Kathleen) é uma americana casada na Itália que, viúva, descobre a vida que poderia ter tido, caso seu marido (Byrne) não tivesse morrido. Sting é o amante; fotógrafo e pernicioso. Rodado em vídeo de alta definição, o roteiro é um jogo instigante de suspense e de probabilidades trágicas.

A SÃO LUIZ NESTLÉ

É PURA AVEIA. É PUR

CRIOU AVEIA E MEL.

O MEL.

São Luiz Nestlé®
Qualidade em biscoitos.

QUALIDADE E CONFIANÇA
Nestlé.

NOVELÃO NOBRE

A telessérie que superou todas as telesséries vira uma fita condensada para o mercado mundial de vídeo

Cuidado com as matérias sobre a série *Twin Peaks* que o acaso atirar sob os teus olhos. Pouquíssima coisa pode ser dita sobre essa obra-prima de David Lynch e Mark Frost sem estragar o indescritível prazer de mergulhar numa teia de mil novelos, mais camadas que uma cebola e recheio suficiente para deliciar tanto *connaisseurs* da literatura policial quanto psicanalistas e outros interessados na multiforme riqueza da perversão humana.

Mas dá para afirmar que futuramente a história da televisão no século vinte provavelmente será dividida em antes e depois de *Twin Peaks*. Inicialmente, todos apostavam no fracasso da série. Na semana de estréia, Ken Tucker, da revista *Entertainment Weekly*, ao mesmo tempo que esgotava seu estoque de elogios e superlativos, avisava: "Não tem sequer uma chance de ser sucesso. É perturbador demais... e, por mais que eu tenha desfrutado esta perturbação, reconheço também que não é para isso que a maioria das pessoas assiste à TV, e aposto que uma gorda percentagem dos milhões que sintonizarem por mera curiosidade não suportará nem os primeiros quinze minutos de *Twin Peaks*". Algumas páginas depois, a mesma matéria citava um executivo da ABC, a cadeia americana responsável pela soltura dessa ovelha negra em pleno horário nobre: "A maioria das pessoas aqui não espera que *Twin Peaks* funcione. A crítica e o público nos enviam sinais do tipo: 'Estamos cansados de tudo o que já vimos, não nos dêem mais do mesmo'. Mas quando você se arrisca, não surgem muitos sintomas de aceitação do que é diferente". Os próprios autores, conscientes da Grande Preguiça Mental que despeja seres humanos no sofá diante da TV, venderam o projeto em dois formatos opcionais. No primeiro, um piloto de duas horas — o único capítulo efetivamente dirigido por Lynch — é seguido de seis episódios de uma hora. Se, por algum milagre, a série fizesse sucesso, o segundo roteiro levaria as subtramas até as últimas conseqüências, esticando *Twin Peaks* a um total de 22 capítulos.

Bastou a série entrar no ar para essa zebra chamada milagre transformar o pesadelo estilizado de Lynch e Frost no grande sucesso da temporada — junto a outro estranho no ninho, o humor cínico do desenho animado *The Simpsons*. "Quem matou Laura Palmer?" — o *whodunnit* essencial da trama — tornou-se assunto nacional e a febre escalou temperaturas máximas enquanto jornais populares como *USA Today* dedicavam a primeira página de seu caderno cultural a uma análise das ligações entre o modo de cada personagem se vestir e sua mais subterrânea psique. Consolidando a mania, veio à tona um merchandising tão excêntrico quanto a série, colocando à venda itens como o diário de Laura Palmer (peça-chave nas primeiras investigações) e a fita-cassete, que é uma espécie de agenda do inacreditável agente designado pelo FBI para desvendar o assassinato.

Twin Peaks — "Picos Gêmeos", uma expressão normalmente empregada para as glândulas mamárias femininas — é o nome de uma cidadezinha fictícia no noroeste dos EUA, quase encostada na fronteira com o Canadá. Sua poderosa economia gira em torno de uma madeireira. É num dos lagos que embelezam a região que amanhece o cadáver de Laura Palmer, uma loira adolescente que, além de namorada do capitão do time de futebol da escola, é adorada por todos os habitantes como um exemplo de generosa caridade.

Na definição de Lynch, a série é "sobre segredos", "uma mistura de *Blue Velvet* com *Peyton Place*" (exibida no Brasil com o título *A Caldeira do Diabo*). Sim, imagine a perversão estilizada de *Veludo Azul* com tempo de narrativa suficiente para desenvolver uma variação sinfônica de personagens secundários — e, nesse pacato pedaço do paraíso na Terra, cada cidadão tem algo a esconder, compondo uma pequena enciclopédia da psicopatologia contemporânea (não por acaso, o psiquiatra local — espécie de refu-

Fotos Warner

Ao lado, o cadáver da estudante Laura Palmer (Sheryl Lee), que descortina o mundo cão oculto no lugarejo pacato Twin Peaks

Acima, o agente Cooper (MacLachlan) e o xerife (Michael Ontkean). Ao lado, Donna (Lara Flynn) e James (James Marshall), colegas de Laura, conversam no dia em que seu corpo é encontrado

giado da contracultura, que circula com óculos em que uma lente é azul e a outra vermelha — é um dos mais excêntricos).

Entre esta fauna humana, o agente especial Dale Cooper (Kyle MacLachlan, de *Blue Velvet*, numa interpretação absurda de sublime) se infiltra maravilhado com a natureza do local e atrativos como café preto — "como a meia-noite numa noite sem lua" — com torta de cereja servida com sorvete de baunilha. Sua perversão no caso é exibir diante da polícia local seu poder de observação e sobre-humana agilidade cerebral, como Sherlock Holmes fazia com o pobre Watson.

A versão em vídeo lançada aqui e na Europa traz o piloto dirigido por Lynch acrescido de dezoito minutos, nos quais um sonho do agente Cooper resolve o caso. Esta seqüência onírica, originalmente incluída no terceiro capítulo, é uma das mais belas da história do cinema — não importa se feita para a televisão. Quem sabe, um dia, estudiosos possam eleger *Twin Peaks* o *magnum opus* de David Lynch. Entre assistir a essa "condensação" em vídeo e esperar a exibição completa pela Rede Globo (que já comprou os direitos da série, mas não tem data prevista para exibição), a escolha é sua. Seja como for, você nunca será o mesmo — desde os primeiros acordes da trilha assinada por Angelo Badalamenti, outra iluminada contribuição a esse passo decisivo na evolução humana que é transformar a televisão num veículo sensível e inteligente.

José Augusto Lemos

Twin Peaks, EUA, 1990 ■ Direção: David Lynch. Com Kyle MacLachlan, Sheryl Lee, Sherilyn Fenn, Joan Chen, Gracy Zabriski, Peggy Lipton, Lara Flynn Boyle, Michael Ontkean ■ ROTEIRO: David Lynch e Mark Frost ■ FOTOGRAFIA: Ron Garcia ■ MONTAGEM: Duwayne R. Dunhan ■ MÚSICA: Angelo Badalamenti ■ PRODUÇÃO: Lynch/Frost e World Vision Enterprise ■ DURAÇÃO: 105 min ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Warner

PARIS VÍDEO FILMES

PARA NÃO DESGRUDAR DA TELINHA!

VOCÊ VAI ASSISTIR UM FILME APÓS O OUTRO

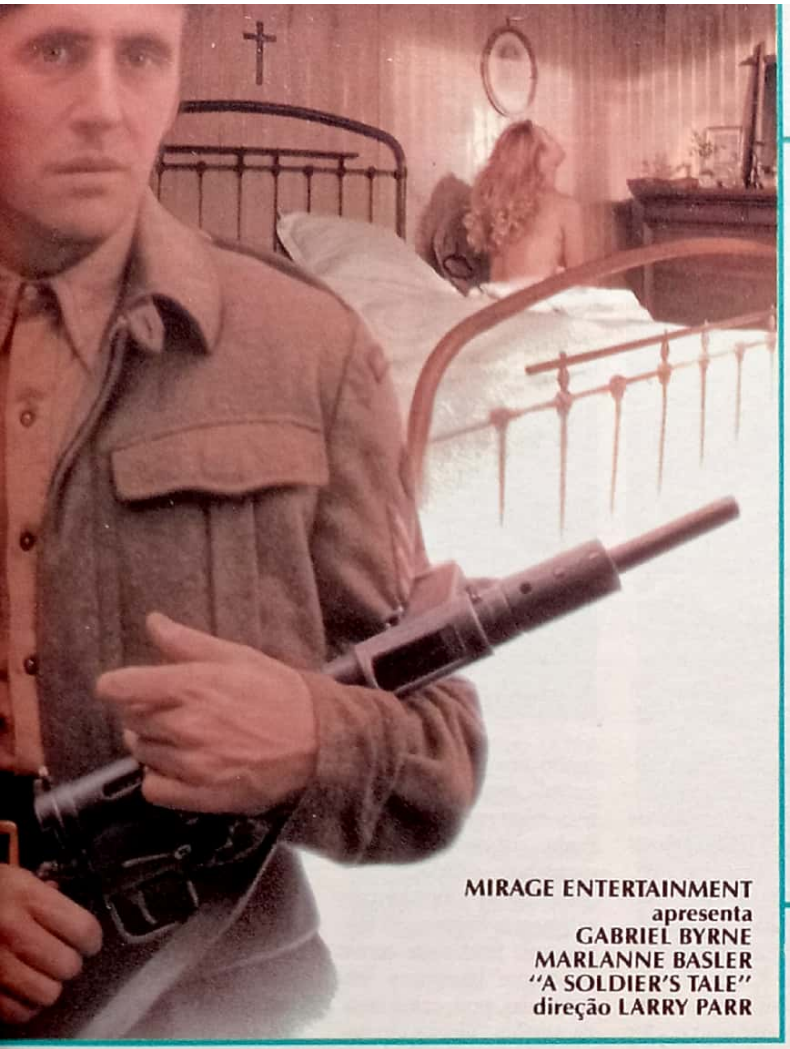
LANÇAMENTOS COM A QUALIDADE

PARIS
VIDEO FILMES

VÁ CORRENDO ATÉ A SUA LOCADORA

NUMA NOITE MALUCA EM HOLLYWOOD,
TUDO PODE ACONTECER.

A CAÇA AOS FANTASMAS

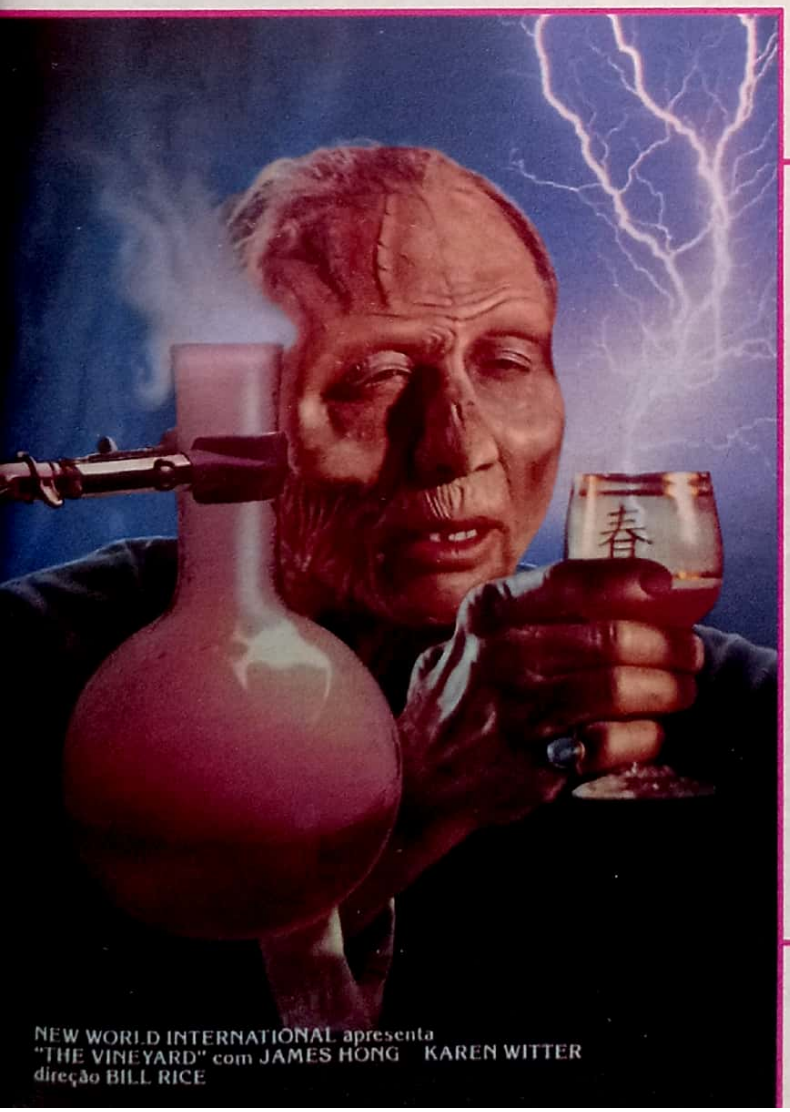


MIRAGE ENTERTAINMENT
apresenta
GABRIEL BYRNE
MARLANNE BASLER
"A SOLDIER'S TALE"
direção LARRY PARR

Durante breve final de semana, o amor deles era tudo o que importava

UM SOLDADO UMA HISTÓRIA

Distribuição exclusiva em vídeo PARIS VÍDEO FILMES
Rua Itamarati, 204 - esq. Av. Pacaembú - F. 262.6717 - 864.1724
872.2885 - 872.0408 - S. Paulo - Capital.



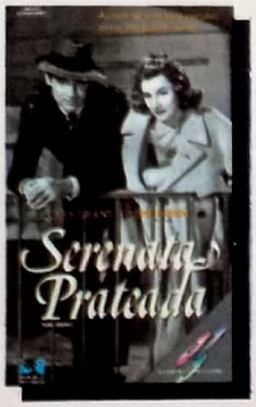
NEW WORLD INTERNATIONAL apresenta
"THE VINEYARD" com JAMES HONG KAREN WITTER
direção BILL RICE

NADA TÃO MAL VIVE POR MUITO TEMPO

A MALDIÇÃO DOS ZUMBIS

NEW WORLD INTERNATIONAL

DRAMA



SERENATA PRATEADA ●●●●
(Penny Serenade, EUA, 1941)
Direção: George Stevens. Com Cary Grant, Irene Dunne. Herbert Richers.
O romance é água-com-açúcar — conta a história de um casal mediano (ele jornalista, ela balconista de uma discoteca) desde o primeiro encontro, passando pela perda de um bebê, a adoção de outro, até os desentendimentos conjugais. O sucesso desse enredo, com ingredientes sentimentalóides, deve-se sobretudo à performance dos protagonistas, Irene Dunne e Cary Grant, par vindo, na época, de comédias sofisticadas como *Cupido É Moleque Teimoso* (1937) e *Minha Esposa Favorita* (1940). Duas estrelas glamourosas em papéis ordinários, vivendo as alegrias e adversidades enfrentadas por pessoas comuns — este é o truque do filme. A direção clássica de George Stevens *(Um Lugar ao Sol)* contribui para fazer da fita uma convincente e delicada *love story*, com pitadas de humor e deliciosas canções de época. *M.N.*

AUSÊNCIA DE MALÍCIA ●●●
(Absence of Malice, EUA, 1981)
Direção: Sydney Pollack. Com Paul Newman, Sally Field, Bob Balaban. LK-Tel/Columbia.
Sally Field é a repórter de um grande jornal que, aparentemente, imune a uma coisa chamada sensibilidade jornalística, é levada a publicar uma notícia envolvendo um comerciante de bebidas (Paul Newman, ótimo) na morte de um líder sindical. Usando a jornalista, agentes do governo pretendem pressionar o acusado a contar tudo o que sabe sobre o caso. A morte de uma amiga fará com que o personagem de Newman utilize os mesmos métodos da imprensa e do governo para desmascarar ambos. Mesmo aparando as arestas em sua crítica às instituições — não é o governo nem a imprensa que estão no banco dos réus, mas sim elementos que os denigrem —, Pollack realizou um filme envolvente e provocativo. *P.C.*

Herbert Richers

Edgar Buchanan, Grant e Dunne no bucólico *Serenata Prateada*

JOGOS NOTURNOS ●●●
(Nigth Games, EUA, 1980)
Direção: Roger Vadim. Com Cindy Pickett, Joanna Cassidy. F.J. Lucas.
A assinatura de Roger Vadim, inventor do mito Brigitte Bardot, é garantia de (no mínimo) imagens fotogênicas e erotismo *soft*. Aqui, o diretor de *E Deus Criou a Mulher* e *Barbarella* entra na intimidade onírica de Valerie (Cindy Pickett), dona de casa rica que não consegue fazer sexo por ter sido violentada na adolescência. Enquanto o marido viaja, a frágil Valerie se defronta sozinha com seus fantasmas, seus sonhos e sua libido aos poucos destravada. Exalando uma lubricidade misteriosa, submersa, a bela Cindy comprova o bom gosto de Vadim para mulheres. O diretor, no entanto, não mostra a mesma competência de seus antigos trabalhos, enveredando pelo caminho da superficialidade. *A.Q.N*

A ENCRUZILHADA ●●●
(Crossroads, EUA, 1986)
Direção: Walter Hill. Com Ralph Macchio, Joe Seneca. LK-Tel Columbia.
Eugene Martone (Macchio), um jovem estudante de música erudita, sonha ser um *bluesman*, mergulhando no fogo melancólico do som negro. Segue o velho Willie Brown (Joe Seneca) pelo coração do Mississipi para absorver a alma do blues. Vivendo *on the road*, encontra a graciosa Frances (Jami Gertz) e arranja muita encrenca. Em sua juventude, o músico Willie Brown tomou lições de blues, fazendo um pacto com "alguém" muito especial à meia-noite numa encruzilhada. "Te vejo no Inferno, ceguinho" — exclamou naquele dia o empedernido satã negro. Eugene (na fossa) sente finalmente correr o sangue bluesístico em suas veias, pois, como ensina o velho, "Blues é um homem bom sentindo-se mal". Ele conhece também o "mal" e a marginalidade que o rondam, o blues, um dos mais vigorosos elementos da música norte-americana, sinceramente homenageado por Hill (apoiado numa trilha de blues tradicional e na fabulosa guitarra de Ry Coorder). *A.Q.N.*

LK-Tel Columbia

Macchio e Seneca em *A Encruzilhada*, sincero elogio ao blues

QUANDO O AMOR RENASCE ●●●
(Falling in Love Again, EUA, 1980)
Direção: Steven Paul. Com Elliot Gould, Susannah York. Mundial.
Em Los Angeles, Elliot Gould (o narrador) é o melancólico Harry Lewis, marido de meia-idade, bem-sucedido mas entediado. Vive brigando com a esposa, Sue (Susannah York) e os filhos, enquanto rememora os doces momentos do passado de adolescente do Bronx. O passado (que o atormenta em sonhos) é tanto mais perfeito quanto mais o presente parece sem graça e vazio. Viajando a

HENRIQUE V ●●●●
(Henry V, Inglaterra, 1989)
Direção: Kenneth Branagh. Com Kenneth Branagh, Derek Jacobi, Ian Holm, Paul Scofield, Emma Thompson. Paris Vídeo.
Kenneth Branagh, 29 anos, é um bravo. Ousou o que poucos ousariam: refilmar a versão considerada definitiva do clássico de Shakespeare feita por Sir Laurence Olivier em 1945. Seu *Henrique V* é despido de glamour, brutalmente realista, emocionante ao extremo. Trata com força surpreendente dos temas principais da peça: o isolamento do poder e o poder da palavra. Branagh reduziu os 240 minutos originais do texto para 150 sem retirar nada de sua essência, e cercou-se dos melhores atores que se possa imaginar, incluindo a própria mulher, Emma Thompson, no papel de princesa Catherine da França. Com um orçamento baixo (US$ 7,5 milhões) recriou o inferno da batalha de Agincourt como se ele próprio tivesse vivido, utilizando closes que não se perdem no vídeo. Só não é, por pouco, melhor ator que Olivier. *D.B.*

Nova York, ele se lembra das traquinagens juvenis e do amor intenso brotado por uma jovem enfermeira (Michelle Pfeiffer, luminosa) de rosto angelical. Recorda-se com amargura do primeiro beijo, do rival, e da generosa amiga que o ensina a arte de amar. A direção joga liricamente com as idas e vindas através do tempo, analisando sentimentalmente essas marcas que preenchem toda uma vida. *A.Q.N.*

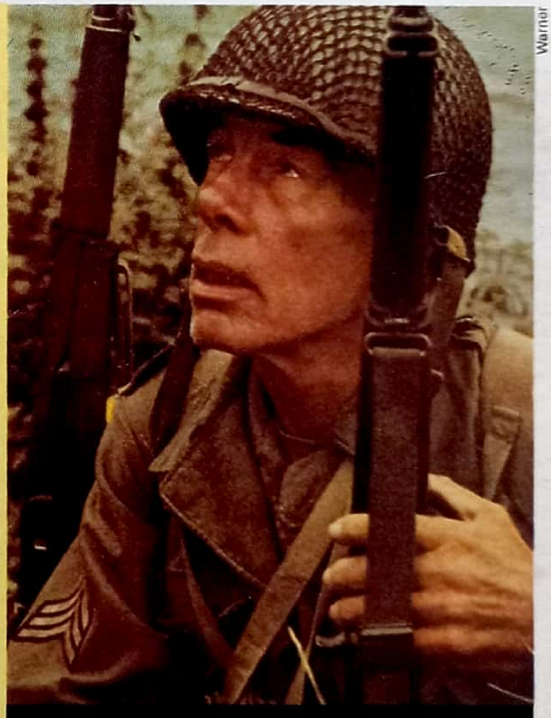
JOVEM SEM RUMO ●●●
(Reckless, EUA, 1984)
Direção: James Foley. Com Aidan Quinn, Daryl Hannah. Vídeo Arte.
Taciturno, reservado e raivoso, Aidan Quinn (estreando) encarna o motoqueiro Johnny Rourke. Espécie de James Dean pós-punk, Johnny vive numa provinciana e esfumaçada cidade industrial. Johnny é lacônico e atirado. Fica caidaço pela blonde Tracey (Daryl Hannah, absurdamente linda), que namora (por namorar) um chato filhinho de papai. Numa das melhores seqüências (registrada em panorâmica circular), ele dança com ela a ensandecida canção "Never Say Never" de Romeo Void, cortando o barato de um bailinho sub-brega. Esse primeiro longa de James Foley (*Caminhos Violentos, Quem É Essa Garota?*) é uma explosão cristalina, pura, econômica e sincera, sem ousadias formais. Uma celebração heróica da libido e do eterno espírito de rebeldia adolescente. *A.Q.N.*

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE ●●●
(The Cook, the Thief, his Wife & her Lover, França/Inglaterra, 1989)
Direção: Peter Greenaway. Com Richard Bohringer, Helen Mirren, Tim Roth, Michael Gambon. Transvídeo.
O cineasta e pintor Peter Greenaway é um artista perverso, obstinado pelos temas do sexo, da morte, da escatologia e da degeneração orgânica. Neste seu último filme, de beleza plástica e virtuosismo perturbadores, ele mostra sua obsessão pelo domínio dos corpos através do arbítrio e da violência. No cenário infernal do restaurante L'Hollandais, os personagens do título aparecem como figuras de Rembrandt. O ladrão, mestre de cerimônias (dono do lugar) impõe sua ferocidade tanto na cozinha, escravizando seu mestre-cuca, quanto no salão, tratando convidados como a própria mulher, que espanca diariamente. O horror é apresentado em cores quentes, em composições rigorosas, cuja frieza é levada ao ápice num banquete mórbido final. Poucas vezes o cinema foi tão formal ao descrever a sordidez. *M.N.*

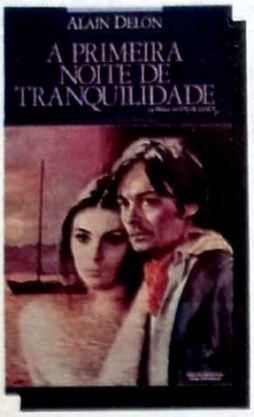
Transvideo

O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante — a sordidez sem concessões de Greenaway

AGONIA E GLÓRIA ●●●●
(The Big Red One, EUA, 1980)
Direção: Samuel Fuller. Com Lee Marvin, Mark Hamill, Robert Carradine, Kelly Ward. Warner.
Poucas guerras foram tão humanas. Baseado em suas recordações na Primeira Divisão de Infantaria, durante a Segunda Guerra, o mestre Samuel Fuller lança na década de 80 um épico que, pelo tom tão pungente quanto equilibrado, rapidamente virou clássico. Lee Marvin (um emblema dos filmes de guerra) é um veterano sargento, durão e paternal, que comanda sua patrulha de rapazes, peregrinando pelo norte da África, Normandia, Bélgica, Alemanha e Tchecoslováquia, numa espécie de cartografia do conflito que mudou a face do mundo.
No trajeto de Griff (Mark Hamill), Zab (Robert Carradine), Vinci (Bobby Di Cicco), Johnson (Kelly Ward) e seu sargento, não faltam momentos de camaradagem e alegria nos intervalos em que não são atacados pela natureza ou pelos inimigos. Tomadas curtas e incisivas (que jamais degringolam para a carnificina vazia ou o sentimentalismo exagerado) vão costurando um filme magnificamente decupado. Num pesadelo que cheira a morte, pólvora e heroísmo, detalhes como o *close* de um rato, ou a seqüência de um improvisado parto dentro de um tanque, revelam um mundo que ainda não embruteceu completamente.
Fuller, um ex-jornalista policial, é sem dúvida um dos cineastas americanos mais incensados pela crítica francesa (não por acaso, ele é homenageado no hipercultuado *Pierrot, Le Fou*, do revolucionário *monsieur* Jean-Luc Godard). O cinema foi, para ele, uma espécie de prolongamento do ofício de roteirista. Insatisfeito em ver histórias suas conduzidas por outras, resolveu ir para trás das câmeras, engendrando clássicos como *Matei Jesse James* (1949), *Baionetas Caladas* (1950), e *Mortos Que Caminham* (1961). A guerra, focalizada em *Agonia e Glória* (que praticamente recuperou sua carreira em declínio), como observa o crítico Olivier René Veillon, não representa um "destino". Ela apenas deve ser feita, apesar de ninguém ter sido talhado para ela. "No meio do inesperado e do heróico, todos sabem o que fazer para se agüentar até que a morte dê com eles, ou não."
Antonio Querino Neto


Warner

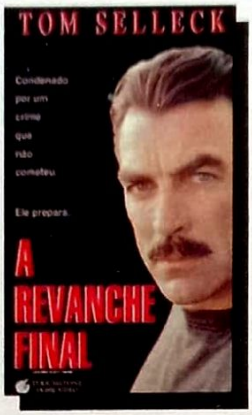
O durão Lee Marvin no magnífico *Agonia e Glória*



A PRIMEIRA NOITE DE TRANQÜILIDADE ●●●
(La Prima Notte de Quiete, Itália, 1972)
Direção: Valério Zurlini. Com Alain Delon, Giancarlo Giannini, Sonia Petrova. Sagres.
Retrato típico do início dos anos 70, ambientado em Rimini, litoral da Itália, na trilha das atmosferas decadentes criadas por Visconti. O filme cerca a figura de um professor, herói negativo na sua concepção romântica, que consome a tragédia de sua própria existência até a autodestruição, numa província a beira-mar afogada em tédio.
O alto nível de interpretação do *cast*, que reúne grandes nomes mesmo em papéis secundários — como Giancarlo Giannini, Léa Massari e Ricardo Montanari — compensa qualquer bocejo. Sonia Petrova, objeto de todo o desejo da história, tem aqui o primeiro e último papel importante de sua carreira. *I.R.S.*

POLICIAL

DIFÍCIL DE MATAR ●●
(Hard to Kill, EUA, 1990)
Direção: Bruce Malmuth. Com Steven Seagal, Kelly LeBrock, Bil Sadler. Warner.
Depois do sucesso de *Nico — Acima da Lei*, o quebra-ossos Steven Seagal está de volta às locadoras. Desta vez ele é o policial Mason Storm, que vai à luta contra os bandidos que mataram sua mulher e mandaram-no ao hospital crivado de balas de grosso calibre. Dado como morto, ele só conta praticamente com um aliado: a enfermeira Andy Stewart (Kelly LeBrock, mulher de Seagal na vida real), que cuidou dele durante os sete anos que passou em coma no hospital. Sua vingança é um festival de tiros e golpes de artes marciais, bem ao gosto dos aficcionados. *J.G.C.*



A REVANCHE FINAL ●●●
(An Innocent Man, EUA, 1989)
Direção: Peter Yates. Com Tom Selleck, F. Murray Abraham, Laila Robins, David Rasche, Richard Young. Abril Vídeo.
O Ponto de partida é hitchcockiano: um homem é condenado e punido por um crime que não cometeu. Mas o desenvolvimento do entrecho, ao contrário, tem muito mais a ver com o naturalismo brutal que domina o atual cinema americano. Jimmy Rainwood (Selleck) é um pacato mecânico de aviões baleado por engano em sua casa por uma dupla de policiais corruptos (Rasche e Young). Para acobertar o erro, os tiras "plantam" um pacote de cocaína na casa de Rainwood e declaram que ele atirou primeiro, reagindo à prisão. O que se segue é o julgamento de cartas marcadas do mecânico e seu calvário na prisão, enquanto sua mulher (Laila), do lado de fora, tenta provar sua inocência. O tema do falso culpado cede terreno, aos poucos, ao tema "fritzlanguiano" da vingança, e o filme cresce em tensão e violência. Surpreendente a atuação — sóbria e matizada — do "Magnum" Selleck. *J.G.C.*

VÍTIMAS DE UMA PAIXÃO ●●●●
(Sea of Love, EUA, 1989)
Direção: Harold Becker. Com Al Pacino, Ellen Barkin, John Goodman. CIC.
O policial veterano Frank Keller deve investigar uma série de assassinatos de homens que colocaram anúncios pessoais em jornais. As pistas levam a Helen (Ellen Barkin), uma mulher atraente e solitária que escolhe os anunciantes mais românticos para, supõe-se, liquidá-los num encontro de amor ao som de um hit dos anos 50, *Sea of Love*, cuja versão, em 45 rotações, é deixada na cena dos crimes.
Com traços de policial *noir*, o filme então dá início à escalada de suspense. Keller se lança como isca e acaba sendo fisgado por Helen. Possível assassina de perfil calculista e frio, ela lhe proporciona um romance tórrido e ameaçador. A tensão explosiva — aliviada com doses certas de humor (para as quais contribui a participação do gozadíssimo John Goodman no papel do parceiro de Keller) — culmina num desfecho surpresa. Delicioso no cinema, o filme vale ainda mais como programa de vídeo, sem contar a performance de Pacino como Sérpico decadente que, por si, já vale o aluguel da fita. *Mario Nery*

A TRAPAÇA ●●●●
(Il Bidone, Itália/França, 1955)
Direção: Federico Fellini. Com Broderick Crawford, Giulietta Masina, Richard Basehart, Franco Fabrizi. Sagres.
Um olhar superficial a este quinto longa-metragem de Fellini tende a colocá-lo entre os filmes menores do diretor. De fato, *A Trapaça* não tem a exuberância de *A Doce Vida*, a complexidade narrativa de *Oito e Meio* ou o apelo nostálgico de *Amarcord*. A despeito disso, apresenta de maneira tão concentrada e paradigmática o pessimismo ético de Fellini que chega a ser iluminador do restante de sua obra. Nos melhores momentos desta, há sempre um homem à beira da queda que vislumbra uma possibilidade de redenção mas acaba se afastando dela e mergulhando em seu abismo pessoal e intransferível. Em *A Trapaça* esse personagem problemático se desdobra em dois: o jovem Carlo "Picasso" (Basehart) e o velho Augusto Rocca (Crawford), ambos companheiros de trapaça de Roberto Giorgio (Fabrizi), um delinqüente incorrigível. Os três se vestem de padres para enganar camponeses crédulos e de funcionários do ministério da habitação para ludibriar favelados. Seus golpes — sempre contra miseráveis — são ao mesmo tempo engraçados e melancólicos, e em algum momento eles vacilam, embaraçados por inesperados pruridos morais. O pólo "bom" a atrair "Picasso" é a sua esposa dedicada e inocente (Giulietta Masina), que o incentiva a ganhar a vida pintando quadros. Já o anjo que oferece uma chance a Augusto é sua filha adolescente, uma garota suburbana que trabalha e estuda para ter uma vida decente. Amargurado e cansado, Augusto é "Picasso" amanhã, e tenta convencê-lo a deixar os trambiques e endireitar-se enquanto é tempo. À medida que o filme avança, Fellini vai deixando de lado Roberto, "Picasso" e outros personagens secundários e se concentrando em Augusto. Essa metamorfose narrativa obedece claramente a um sentido moral: ao se tornar a elegia de um velho trapaceiro, o filme revela o vazio e a dor de toda existência marginal; ao deixar oculto o destino de "Picasso", permite entrever a esperança de que ele tenha se salvado, seguindo seu próprio anjo. *José Geraldo Couto*

SURPRESA DE SHANGHAI ●●
(Shanghai Surprise, EUA, 1987)
Direção: Jim Goddard. Com Madonna, Sean Penn, Paul Freeman, Richard Griffiths. Paris Vídeo.
Dois missionários (Madonna e Paul Freeman) contratam os serviços de um desconhecido (Sean Penn), na cidade de Shanghai em 1938, ocupada pelos japoneses. A missão do desco-

nhecido, que atende pelo nome de Glendon, é ajudá-los a obter uma enorme quantidade de ópio, que será usada para fins estritamente médicos. Os equívocos dessa produção começam no roteiro, que se apresenta como policial (mas descambra para a comédia), e terminam com a escolha de Madonna, que está longe de convencer como missionária. A surpresa fica por conta das canções de George Harrison, que também assina a produção e faz uma aparição relâmpago. *W.A.S.*

CHUVA NEGRA ●●●
(Black Rain, EUA, 1989)
Direção: Ridley Scott. Com Michael Douglas, Andy Garcia, Ken Takakura. CIC.
Nick (Michael Douglas), tira sacana e anti-regras, presencia uma ação da Yakuza, insidiosa e perfeccionista Máfia japonesa. Com o amigo Charlie (Garcia), o tira viaja à esfumaçada e pós-capitalista Osaka para levar o perigoso Sato, preso em Nova York. No Japão, o criminoso escapa. Em sua busca, o descontrolado e corrupto gaijin (estrangeiro) entra em choque com um mundo que não entende, e no qual não passará impune. Críticos viram aí o choque entre uma ética individualista (ocidental) e uma ética de grupo (oriental). Não é bem isso. O refinado Scott (esquadrinhando magnificamente a cultura urbana do Pacífico, onde Suzukis negras, néons e computadores, mesclam-se a rituais milenares) opera com a oposição entre um mundo sem ética e um mundo que (apesar de imerso em high-tech) ainda se guia por vetores como a honra. Pena que (como em Blade Runner) o diretor decaia num final sentimentalóide. *A.Q.N.*

CIC

E. Barkin e Pacino no saboroso policial *Vítimas de uma Paixão*

Paris

Sean Penn e senhora em *Surpresa de Shangai:* ruim como policial, pior como comédia

Vídeo Arte

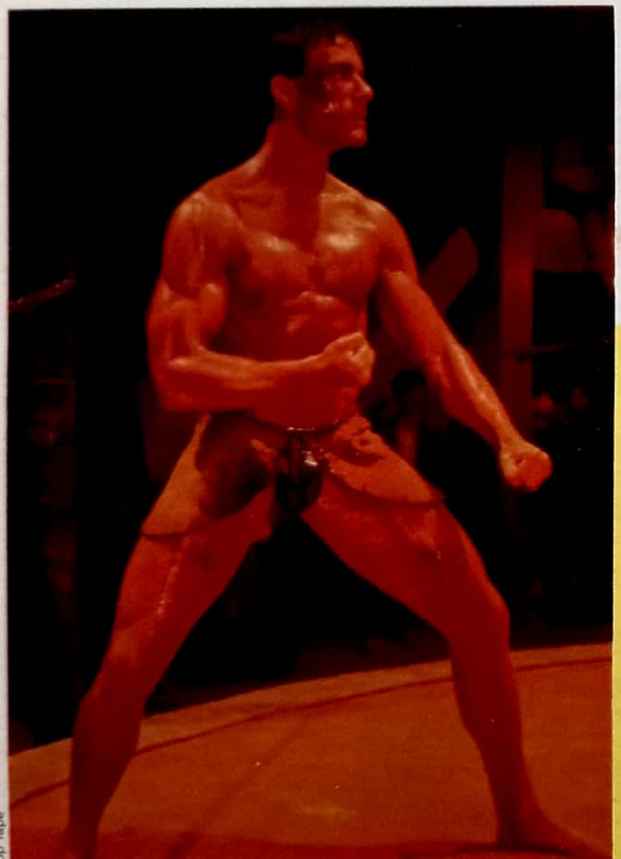
James Garner, em *Grand Prix*, tira o fôlego do espectador, no melhor filme de corridas

AVENTURA

GRAND PRIX ●●●
(Grand Prix, EUA, 1966)
Direção: John Frankenheimer. Com James Garner, Eva Marie Saint, Yves Montand, Toshiro Mifune. Vídeo Arte.
Se não o melhor, sem dúvida o mais espetacular filme jamais realizado sobre o mundo das pistas de alta velocidade. O diretor de *Sob o Domínio do Mal* ainda estava em forma quando rodou, a mais de cem quilômetros por hora, este miniépico sobre rodas.
As seqüências automobilísticas, com a câmara a bordo das velozes máquinas da época, são impecáveis, privilegiando-se de uma edição tão ágil quanto perfeita e de recursos óticos como o "split screen" (divisão da tela), que acentuam o ritmo vertiginoso das corridas. Contrariamente, há uma ruptura brutal de tom quando a câmera deixa as pistas para bisbilhotar a vida dos pilotos, flagrando-os em momentos íntimos. Esse intimismo, mais do que quebrar o ritmo, funciona, na verdade, como pausas respiratórias, dando tempo a que o espectador retome o fôlego antes de ser submetido a uma nova overdose de movimento e som hipnóticos. *Paulo Capuzzo*

TARZÃ, O FILHO DAS SELVAS ●●
(Tarzan, the Ape Man, EUA, 1981)
Direção: John Derek. Com Bo Derek, Miles O'Keeffe, Richard Harris. Vídeo Arte.
Versão soft e despudoradamente sexy do famigerado homem-macaco, o filme de John Derek tem a mulher "nota 10", Bo, no papel de Jane Parker, uma inocente lady vitoriana que viaja na expedição exploradora de seu pai (Richard Harris, soberbo até num filme fraco como este). A moçoila quase vira jantar de leões, é abraçada por serpentes, seqüestrada por nativos enfezados e encontra um bem-dotado Tarzã (O'Keeffe). Jane se apaixona pelo herói, que lhe mostra todos os prazeres da vida inóspita, incluindo viagens em cipós, banhos sem roupa e brincadeiras com chimpanzés. Derek realiza imagens de deslumbrantes cartões-postais naturais. *A.Q.N.*

FUGINDO DO INFERNO ●●●
(The Great Escape, EUA, 1963)
Direção: John Sturges. Com Steve McQueen, James Coburn, James Garner, Charles Bronson. Warner.
O norte-americano John Sturges (*Sem Lei e Sem Alma, Sete Homens e Um Destino*) revela aqui seu extraordinário *timing* para tramas de ação. Para ele, a Segunda Guerra (no ano de 1942, em que aliados estão detidos na Stalag 3, prisão alemã de máxima segurança) é apenas um pretexto para um vigoroso drama de aventura. O elenco é afiadíssimo, e inclui os britânicos Richard Attenborough (futuramente diretor de *Gandhi*) e Donald Pleasence, e os americanos Steve McQueen, Charles Bronson e James Coburn (que também estão no elenco de *Sete Homens...*). O malandro Hendley (James Garner), o neurótico Velinski (Bronson) e o cômico e durão Hilts (McQueen) juntos materializam (cavando túneis e forjando documentos falsos) o sonho de todo cativo: escapulir. "Só os fortes triunfam." *A.Q.N.*


Top Tape

Van Damme, em seu melhor papel, luta como guerreiro tailandês

KICKBOXER — O DESAFIO DO DRAGÃO ●●●
(Kickboxer, Inglaterra, 1989)
Direção: Mark DiSalle. Com Jean-Claude Van Damme, Denis Alexio, Dennis Chan, Tong Po, Rochelle Ashana, Haskell Anderson. Top Tape.
O Grande Dragão Branco foi, surpreendentemente, a fita mais vendida do ano de 1989. Surpreendentemente porque fora lançado em novembro e também criou a "vandammemania" brasileira: jovens adolescentes encontraram o mais novo ídolo das artes marciais, o belga Jean-Claude Van Damme. Por mais que os cinéfilos mais radicais abominem seus filmes, que misturam aventura, socos e sanguinolência, não se pode negar que Van Damme traçou muito bem seu plano de carreira. Dividido entre o ballet clássico e o karatê, o ator (que também trabalhou como modelo fotográfico) optou pelo segundo e desembarcou na América disposto a se tornar um astro hollywoodiano. Iniciou fazendo uma ponta aqui, outra lá, em filmes inexpressivos e muitas vezes sem crédito, e hoje coreografa e dirige as cenas de luta — como em *Kickboxer*, onde se percebe que o rapaz tem jeito para a coisa. Se no início era um tanto quanto duro e truculento (como em *Retroceder*, e mesmo em *O Grande Dragão...*) e completamente inverossímel nas cenas de amor, em *Kickboxer* Van Damme se sente muito à vontade na frente da câmera, mostra seu talento de dançarino rebolando ao som de "disco" americana e amacia a rigidez muscular dos filmes anteriores entregando-se convincentemente aos desejos amorosos dos braços e lábios "perfumados" da bela tailandesa Mylee (Rochelle Ashana). *Kickboxer* segue a linha tradicional dos filmes de lutas marciais e não foge à regra de outros scripts: o protagonista — Kurt Sloane (Van Damme) — é bonzinho e quer vingança —, seu irmão, campeão americano de pesos-pesados de karatê, luta com o tailandês campeão de kickboxer (um estilo de luta em que vale tudo), Tong Po, e fica aleijado. Para vencer o brutamontes, Kurt é treinado por Xian Chow (Chan) na tradição filosófica dos guerreiros antigos. As cenas de treinamento nos campos da Tailândia e as de luta são os grandes momentos dessa aventura, que muito agradará aos fãs do ator. *Deborah Peleias*

TERROR

COMANDO ASSASSINO ●●●
(Monkey Shines: An Experiment in Fear, EUA, 1988)
Direção: George Romero. Com Jason Beghe, John Pankow. Globo Vídeo.
Em *Comando Assassino* (nos cinemas, *Instinto Assassino*), o monstro é uma aparentemente inofensiva macaquinha treinada para ajudar um jovem que ficou tetraplégico em conseqüência de um acidente. O que o infeliz rapaz não sabe e nem poderia saber é que o animal recebeu doses diárias de um soro feito à base de células cerebrais humanas. Ella, a macaquinha, é mais inteligente do que os de sua espécie. Afeiçoando-se ao jovem, manterá com ele uma estranha simbiose. O efeito imediato desse intercâmbio físico e mental entre homem e animal é que Ella dará vazão aos instintos mais agressivos do rapaz, transformando-se numa assassina. Nem tudo é plenamente digerível, a despeito do filme lidar, basicamente, com conceitos de razão e instinto. Na verdade, Romero colocou numa nova moldura o mito do "médico e o monstro". *P.C.*

GÊMEOS — MÓRBIDA SEMELHANÇA ●●●●
(Dead Ringers, Canadá, 1988).
Direção: David Cronenberg. Com Jeremy Irons, Geneviève Bujold, F.J. Lucas.
Especialista em aberrações orgânicas, o cineasta canadense coloca de lado as monstruosidades explícitas para infiltrar-se num terreno mais sutil — a identidade sexual de dois irmãos gêmeos univitelinos. Ginecologistas famosos, eles dividem mais que a fama e uma clínica: partilham também suas parceiras sexuais, sem se envolver com nenhuma das mulheres que freqüentam suas camas. A situação complica quando Berverly, o mais emotivo, se apaixona por uma atriz portadora de três trompas (Geneviève Bujold). Eliot não quer perder o irmão e ambos passam a digladiar-se psicologicamente para decidir se devem (ou podem) romper o cordão umbilical que os une num amor passional, com tonalidades homossexuais. O terror resultante desse embate é mais que visceral: é uterino. *M.N.*

WARLOCK — O DEMÔNIO TAMBÉM TEM FILHO ●●●
(Warlock, EUA, 1988)
Direção: Steve Miner. Com Richard E. Grant, Julian Sands, Lori Singer, Kevin O'Brien. Paris Vídeo.
Salvo pelas forças do Mal de ser queimado vivo por seus inquisidores no século 16, o bruxo Warlock (Julian Sands) viaja no tempo e aporta na Los Angeles de 1988, na casa de Kassandra (Lori Singer), uma garota ultramoderna. Warlock está à procura das três partes do *Grand Grimoire*, um livro que, se reunido, lhe dará o poder absoluto de destruição da obra divina, o mundo criado por Deus. Atravessando também os séculos, seu caçador, Redferne (Richard E. Grant), tentará junto com Kassandra impedir o desastre. Com um roteiro bem arquitetado, que lembra a caçada medieval

Paris

Warlock: uma caçada cheia de terror pelos séculos

de *Highlander*, Steve Miner, o diretor de dois *Sexta-Feira 13*, surpreende ao construir, com originalidade e bom humor, seqüências que seduzem até o mais escolado espectador de filmes de terror. *W.A.S.*

A CÂMARA DE HORRORES DO ABOMINÁVEL DR. PHIBES ●●●

(Dr. Phibes Rises Again, Inglaterra, 1972)

Direção: Robert Fuest. Com Vincent Price, Robert Quarry, Peter Cushing, Valli Kemp. Globo Vídeo.

Retornando à vida graças a uma feliz conjunção dos astros, Phibes (Vincent Price) deseja a qualquer custo ressuscitar sua adorada esposa, nem que para isso tenha de seguir para o Egito em busca do rio da vida — mesmo destino de uma expedição liderada por um milionário (Robert Quarry), também obcecado com a idéia de viver eternamente. É a oportunidade que Phibes — sempre acompanhado de sua fiel assistente Vulnavia — esperava para, desfiando seu rosário de perversidades, eliminar os rivais com requinte e estilo. Sem nada a dever ao original, esta seqüência — com seu arsenal de mortes exóticas, diálogos saborosos e generosas pitadas de humor negro — conserva intacta a aura *camp* do primeiro filme. Phibes, a exemplo do escritor inglês Thomas De Quincey, elevou o assassinato à condição de arte. *P.C.*

COMÉDIA

TAL PAI, TAL FILHO ●●

(Like Father, Like Son, EUA, 1987)

Direção: Rod Daniel. Com Duddley Moore, Kirk Cameron, Margaret Colin. LK-Tel/Columbia.

Pai (Moore) e filho (Cameron) trocam, acidentalmente, de cérebros através de uma misteriosa poção indígena. Passando a assumir o comportamento de seu filho e este o de seu pai, um devotado médico, esta comédia trilha por suas previsíveis confusões. Argumento explorado inúmeras vezes, que, para fugir do trivial, deveria contar com um comediante mais eficiente. *W.A.S.*

QUANDO OS JOVENS SE TORNAM ADULTOS ●●●

(Diner, EUA, 1982)

Direção: Barry Levinson. Com Steve Guttenberg, Daniel Stern, Mickey Rourke. Vídeo Arte.

Ambientado nos anos 50, o primeiro filme de Levinson *(O Enigma da Pirâmide, Bom Dia, Vietnã)* consagrou-o definitivamente num gostoso painel de um grupo de velhos amigos de Baltimore, em vias de se tornarem adultos (mas não muito). Eddie (Guttenberg), Shrevie (Stern), Boogie (Rourke) e outros tentam segurar uma inocência fraterna que aos poucos vai escapando. Entre brincadeiras, rituais escolares, flertes, brigas e decepções, tentam repassar o passado, enquanto começam a construir o futuro. Há seqüências antológicas, como a do namoro no cinema onde se exibe *Candelabro Italiano*, acompanhado de *pop corn* e tudo! Num filme espirituoso e inteligente, repleto de cadillacs, rocks e baladas da pesada, Mickey Rourke (bem dirigido) delicia as fãs com sua fala macia e jeito *cool*, e mostra por que se tornou uma espécie de herdeiro do estilo Actor's Studio. *A.Q.N.*

Abril Vídeo

Comédia singela com cachorro em *Uma Dupla Quase Perfeita*

LOUCURAS DE VERÃO ●●●●

(American Graffiti, EUA, 1973)

Direção: George Lucas. Com Richard Dreyfuss, Ron Howard, Paul Le Mat, Charles Martin Smith, Candy Clark, Cindy Williams, Harrison Ford. CIC.

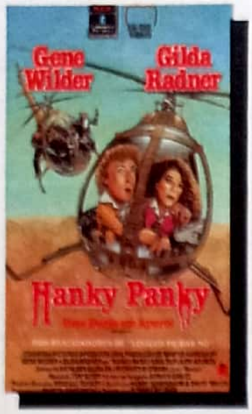
Pioneiro da evocação nostálgica do início dos anos 60, este segundo longa do hoje poderoso George Lucas tem sido valorizado por motivos quase alheios a suas qualidades intrínsecas. Destaca-se geralmente a presença no elenco dos futuros astros Richard Dreyfuss e Harrison Ford, ou do futuro diretor Ron Howard (de *Splash, Cocoon* e *Willow*); o desfile de saudosos Thunderbirds, Chevys, Fuscas e Pick-ups; a trilha sonora irrepreensível, com pérolas de Chuck Berry, Buddy Holly, Bill Halley e Beach Boys. Mas o que faz a diferença entre este pequeno clássico e suas imitações baratas é o perfeito equilíbrio entre as várias histórias narradas paralelamente, dando conta de uma longa noite na vida de uma cidadezinha americana, ao fim da qual fica-se conhecendo intimamente o sonho e a realidade de cada personagem. Essa eficiência e esse lirismo nunca mais seriam alcançados. *José Geraldo Couto*

UMA DUPLA QUASE PERFEITA ●●

(Turner & Hooch, EUA, 1989)

Direção: Roger Spottiswoode. Com Tom Hanks, Mare Winninghan. Abril Vídeo.

O astro de *Splash* e *Quero Ser Grande*, vive o jovem detetive Scott Turner, convertido pelo destino em babá de um enorme e difícil cão de nome Hooch. Tudo começa quando um velho solitário (dono de Hooch) é assassinado pelas costas perto do mar. Investigando o caso, Turner descobre que o enfezado cão é a única e importante testemunha no caso. Leva-o para casa. Passa a acordar no meio da noite com os latidos medonhos da nova companhia. Delirantes trapalhadas hankianas se sucedem, numa comédia singela, mas bem dosada, de Spottiswoode. *A.Q.N.*

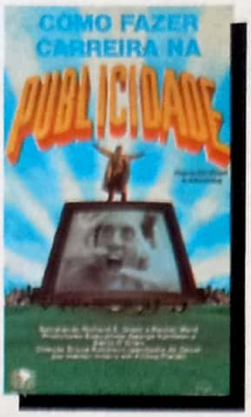


HANKY PANKY — UMA DUPLA EM APUROS ● ●
(Hanky Panky, EUA, 1982)
Direção: Sidney Poitier. Com Gene Wilder, Gilda Radner, Richard Widmark. LK-Tel/Columbia.
Gene Wilder é um pacato arquiteto em viagem de negócios a Nova York. Inocentemente, ao ajudar uma jovem a escapar de alguns homens que a perseguem, ele é confundido com um espião e passa a sofrer as conseqüências desse ato, envolvendo-se nas piores enrascadas. Mistura de comédia e *thriller*, é visível aqui a intenção de se fazer uma brincadeira com alguns filmes de Alfred Hitchcock, notadamente *Intriga Internacional*. Infelizmente, porém, este é aquele tipo de comédia em que as raras boas idéias sucumbem diante dos momentos mornos e da direção pouco inspirada do ator/diretor Poitier. *P.C.*

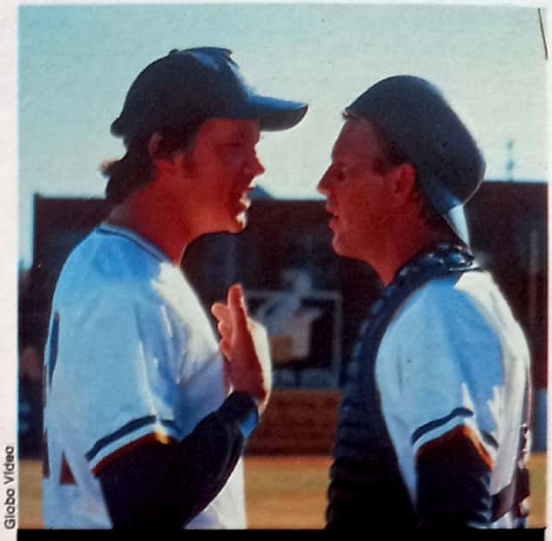
DIF

Stan e Ollie — imbatíveis numa seleção de pastelões perfeitos

FESTIVAL O GORDO E O MAGRO ●●●●
(Laurel & Hardy, EUA, 1927)
Direção: Leo McCarey. Com Stan Laurel e Oliver Hardy. DIF. Dublado.
Laurel & Hardy foram e ainda são a dupla de cômicos mais popular do mundo. Juntos fizeram 77 curtas-metragens e 25 longas, quase nunca bem recebidos pela crítica, que os desprezava. Ela só olhou para trás quando as comédias foram exibidas na TV americana, nos anos 50, com um sucesso estrondoso. O nariz empinado foi vencido pelo leve e pelo pesado. Esta junção que parece ter nascido pronta de tão natural costuma ser creditada ao produtor e diretor Leo McCarey. Na verdade, a trajetória individual de Stan e Oliver precedeu em vários anos e filmes o encontro final da dupla. Stan (1890-1965) era inglês e veio aos Estados Unidos na aurora do cinema mudo na mesma companhia que trouxe Charles Chaplin, a quem, aliás, deveria substituir. A companhia acabou indo embora sem ele. Já o sr. Hardy (1892-1957) nasceu no sul dos Estados Unidos, e começou cantando. A primeira comédia conjunta do par data de 1927 — *Putting Pants on Phillip*. Foi um caso de amor de celulóide (sem Freud) até o fim, com raras rusgas.
Nesta seleção de pastelões fica patente a maestria das tiradas ingênuas de Laurel & Hardy. O pano de fundo é quase sempre o mesmo: os dois tentam realizar uma tarefa banal que acaba virando um desastre com desdobramentos imprevisíveis — quase sempre por culpa do Magro (que ganhava o dobro do Gordo porque fazia serão no estúdio, ajudando a montar os filmes, criando gags). O Gordo, então, diante de uma patetada do parceiro, que, em geral, botava em risco a sua pele flácida, olhava-nos fixamente como um rotundo não, tamborilava na gravata, ajeitava o chapéu-coco e explodia de raiva. Era uma fórmula imbatível, levada às raias da perfeição pela pantomima fabulosa de Ollie e Stan — este, um mestre, o inspirador do mímico Marcel Marceaux. Nas mãos deles, limpar uma chaminé, consertar a antena de rádio ou cuidar das crianças era o mesmo que carregar uma bomba-relógio. Mas a melhor destas seis pequenas comédias é *Filho de Peixe*. Nela, num primor de mise-en-scène, os dois desdobram-se nos papéis de pais corujas e filhos capetas (como tal, operando num cenário hipertrofiado). É o máximo do mínimo. *Carlos Volpato*



COMO FAZER CARREIRA NA PUBLICIDADE ●●●
(How to Get Ahead in Advertising, EUA, 1989)
Direção: Bruce Robinson. Com Richard E. Grant, Rachel Ward, Richard Wilson. VTI.
Comédia inteligente de Bruce Robinson (roteirista de *Os Gritos do Silêncio*), mostra a guerra interna vivida por um publicitário *yuppie* dividido entre sua ética pessoal e a lei selvagem do marketing que a profissão lhe impõe. Bagley (Grant), profissional bem-sucedido, entra em crise quando depara com um creme para furúnculos, produto para o qual não consegue encontrar um slogan convincente. A pressão do chefe e a falta de inspiração fazem com que ele perca o autocontrole e descubra um furúnculo em seu próprio pescoço — que lhe sorri, dá bom-dia e passa a criticar a "hipocrisia" do mundo da publicidade. Sátira ao *yuppismo* com pitadas de psicanálise doméstica, o filme perde um pouco o rumo no desfecho, optando por uma solução que confunde histrionice com histeria. *M.N.*


Globo Vídeo

Beisebol, amor, sexo e blablablá em *Sorte no Amor*

SORTE NO AMOR ●●●
(Bull Durham, EUA, 1988)
Direção: Ron Shelton. Com Kevin Costner, Susan Sarandon, Tim Robbins. Globo Vídeo.
Além de Annie (Susan) não perder uma só partida de seu time de beisebol preferido — o Durham Bull —, não perde sequer a chance de transar com o melhor jogador da temporada. Ela mixa prazer sexual com palpites técnicos, e elege Ebby (Robbins), um ótimo lançador mas um panaca completo. Annie parece não se importar com esse detalhe, até que surge Crash (Costner) — um excelente veterano tipo rebelde. Crash não tolera a boçalidade de Ebby, e muito menos o charme que ela dispensa ao rapaz. E com razão. Crash não é um Durham Bull qualquer, ele é Bull Durham — um touro de personalidade a que Annie não consegue resistir. Este triângulo amoroso dá vida a essa agradável comédia romântica que parodia a vulgaridade dos bastidores do beisebol. *W.S.*

M.B.A HOME VIDEO
LANÇAMENTOS

ESTE FILME VAI DESPERTAR A SUA CONSCIÊNCIA

BYE BYE VIETNAM

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO CINEMA E VÍDEO.

"BYE BYE VIETNAM"
um filme polêmico
mostrando toda a crueldade
de uma guerra sangrenta.
Com cenas inéditas de genocídio.

Setembro de 1965 - No momento exato em que um pelotão se prepara para deixar o Vietnam, recebe uma ordem para partir em busca de um piloto de helicóptero acidentado e perdido na floresta.

garanta o seu
divertimento
disque a cobrar,
(011) 910-1593

M B A HOME VIDEO

TE VEJO NA

MTV

MUSIC TELEVISION

Você já está careca de saber que sua tela pede mais som,esporte, jornalismo e humor no ritmo of your favorite music. É só se ligar na MTV. A primeira TV totalmente estéreo no Brasil. Guess when it starts:20 de outubro.

NOTHING COMPARES

Rede de
Televisão Abril

ESTRÉIA
20 DE OUTUBRO
COBERTURA NACIONAL VIA SATÉLITE.
SP CANAL 32 UHF
RIO CANAL 9 VHF
DAS 12H ÀS 2 DA MANHÃ

TO MINHA MTV.

Abril Vídeo

Heather é precoce e mimada num dos três *Contos de Nova York*

BEER ●●
(Beer, EUA, 1985)
Direção: Patricky Kelly. Com Loretta Swit, Rip Torn, Kenneth Mars. LK-Tel/Columbia.
Reflexão bem-humorada sobre os métodos da publicidade, o filme é também uma debochada sátira sobre a sociedade que gravita em torno do discurso consumista. A fábrica de cervejas Norbecker quer um comercial eficaz para sua marca, na agência da qual é a principal cliente. A executiva Tucker (Loretta Swit) tenta achar o tipo de americano ideal, o macho seguro e confiante que deverá na TV persuadir os consumidores, sempre carentes de identificações com durões do tipo Clint Eastwood. Ela encontra, então, três machões que encarnam bem a breguice grandiosa que venderá a cerveja. E, valendo-se de ingredientes sexuais, sua campanha atinge níveis cínicos e surreais. *A.Q.N.*

CONTOS DE NOVA YORK ●●●
(New York Stories, EUA, 1989)
Direção: Martin Scorsese, Francis Coppola e Woody Allen. Com Nick Nolte, Rosanna Arquette, Heather McComb, Talia Shire, Giancarlo Giannini, Woody Allen, Mae Questel, Mia Farrow. Abril Vídeo.
Nova York é o único ponto em comum entre os segmentos deste longa-metragem, dirigidos por três dos maiores cineastas contemporâneos. O resultado dessa conjunção de talentos é extremamente desigual. O primeiro episódio, "Lições de Vida", de Scorsese, é o mais compacto e bem resolvido: um pintor rico e famoso (Nolte) nutre sua inspiração com o relacionamento ambíguo e doentio que mantém com sua assistente/namorada (Rosanna Arquette). "Vida Sem Zoe", de Coppola, é uma extravagante e algo tediosa fantasia sobre uma garota mimada (Heather McComb) que vive num hotel de luxo enquanto os pais viajam o mundo. "Édipo Arrasado" é um Woody Allen típico, atormentado pela eterna mãe judia (Mae Questel), que consegue ser mais engraçada que ele. Só ela já valeria o aluguel da fita. *Jose Geraldo Couto*

MINHA NOIVA É UMA EXTRATERRESTRE ●●●
(My Stepmother is an Alien, EUA, 1988)
Direção: Richard Benjamin. Com Kim Basinger, Dan Aykroyd. LK-Tel/Columbia.
Steve Mills (Aykroyd) é um cientista dedicado demais: tem pouca vida social ou amorosa. É viúvo, com uma filha adolescente. Ele manda um sinal intergaláctico que altera a gravidade do planeta da majestosa Celeste (Kim). Ela vem à Terra arrumar a situação. Linda, estonteante e exótica, Celeste pressiona Steve a repor a gravidade de sua terrinha. Para ele, ela "caiu do céu". Afinal, um mulherão desse ele não pode deixar escapar. Os problemas pareceriam incontornáveis, se não fossem engraçados. Celeste acaba gostando dos hábitos humanos. Partir ou não partir, eis sua questão. Este é um dos papéis mais ágeis de Kim Basinger. Apoiada pelo eficiente Aykroyd, ela é a estrela desta boa comédia interplanetária. *W.S.*

UM GRANDE PROBLEMA ●●●
(Big Trouble, EUA, 1985)
Direção: John Cassavetes. Com Alan Arkin, Peter Falk, Beverly D'Angelo, Robert Stack, Charles Durning. LK-Tel/Columbia.
O *outsider* John Cassavetes (1929-1989) assumiu a direção desta comédia maluca em substituição ao diretor Andrew Bergman depois de iniciadas as filmagens. Se o resultado final não é tão pessoal quanto seus melhores filmes *(Gloria, Love Streams)*, também não decepciona. No começo de tudo, Leonard Hoffman (Arkin) é um corretor de seguros que precisa de dinheiro para mandar seus três filhos à Yale. A loura *vamp* Blanche Rickey (Beverly D'Angelo) procura-o a pretexto de fazer um seguro para o marido, Steve (Falk), e acaba seduzindo-o para a idéia de assassinar o pobre diabo e rachar o dinheiro do seguro. Essa situação, entretanto, vai sofrer inúmeras reviravoltas espetaculares até o final. Nem todas são especialmente engraçadas, mas só o alto-astral do elenco (que parece ter se divertido muito) já vale a fita. *J.G.C.*

FICÇÃO

O DOMÍNIO DO OLHAR ●●
(Loocker, EUA, 1981)
Direção: Michael Crichton. Com Albert Finney, James Coburn, Susan Dey, Leigh Taylor-Young. Warner.
Autor de livros de ficção científica que viraram ótimos filmes em mãos alheias, como *O Homem Terminal* e *O Enigma de Andrômeda*, Crichton nem sempre se dá bem como diretor *(Coma, O Primeiro Assalto de Trem, Runaway)*. Aqui, a trama é prejudicada de cara por uma premissa infantil: belas modelos e atrizes de comerciais são seqüestradas e mortas por uma misteriosa agência, que sintetiza as imagens e a voz das garotas no vídeo, através de sofisticados computadores, com o objetivo de criar anúncios que hipnotizam o espectador. Albert Finney é o cirurgião plástico Larry Roberts, que de principal suspeito passa a investigador das mortes. O enredo é, paradoxalmente, confuso e previsível, e a única coisa que se salva, além de Finney, são alguns efeitos especiais misturando vídeo, computação gráfica e uma cenografia deslumbrante. *J.G.C.*

LK-Tel/Columbia

Kim Basinger, alienígena, e Ayckroyd, cientista, no divertido *Minha Noiva é uma E.T.*

ESTE FILME VOCÊ NÃO PODE PERDER!

ESTRELANDO

- Estoque de 45.000 fitas
- 1.500 títulos (todas as produtoras)
- Pagamentos semanais e quinzenais
- Entrega em todo o território nacional

Fone loja
(011) 288-2333

Fone telemarketing
(011) 289-5575
(011) 287-9424

Fax
(011) 284-7853

CONHEÇA NOSSOS REPRESENTANTES
PORTO ALEGRE (0512) 225116/223549
CURITIBA: (011) 262-6644/263-1597
CAMPO GRANDE: (067) 384-3208
BELO HORIZONTE: (031) 221-8758
BRASÍLIA: (061) 552-4593
CATANDUVA: (0175) 22-4096
RIO DE JANEIRO (021) 286-7645 / 266-1747

SPERBER
HOME VIDEO

Al. Santos, 1293 4º andar
Cerqueira Cesar - CEP 01419 - São Paulo - SP
Telefone: (011) 288-2333/289-2287/251 -5908/283-3061

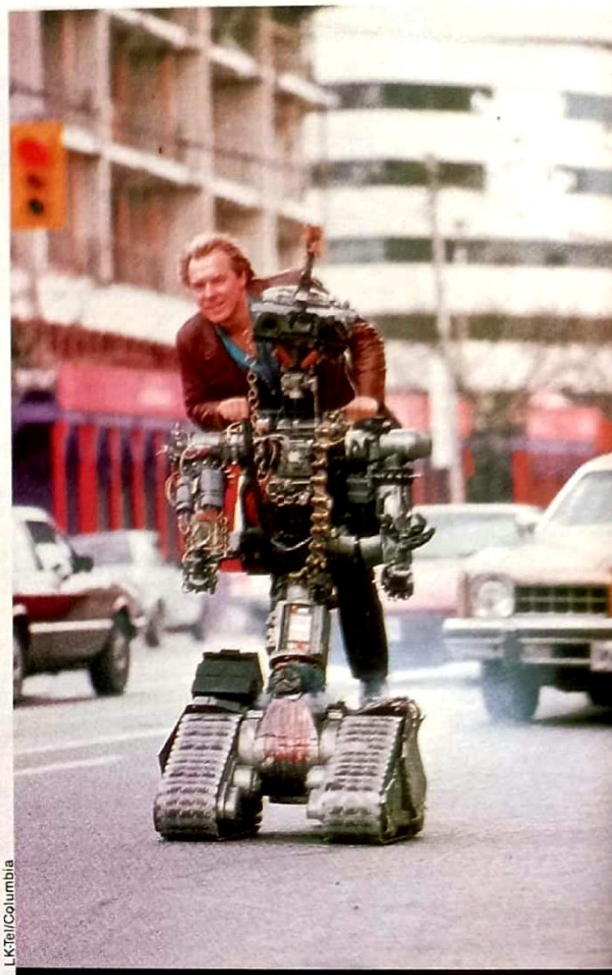
UM ROBÔ EM CURTO-CIRCUITO ••

(Short Circuit 2, EUA, 1988)
Direção: Kenneth Johnson. Com Fisher Stevens, Michael McKean, Cynthia Gibb. LK-Tel/Columbia.
Seqüência de *O Incrível Robô*, utilizando o mesmo personagem. Desta vez, Number 5, ou melhor, Johnny Five, ajuda seus amigos a desmantelar uma quadrilha de assaltantes de banco. Não sem antes envolver-se em confusões como a invasão de uma livraria — deixada de cabeça pra baixo — ou o furto de toca-fitas — após ter sido ludibriado por malandros de rua. Entre uma enrascada e outra, Johnny Five reflete sobre a solidão a que estão sujeitos seres que, como ele, são considerados diferentes pelos demais. Claro que o tema recebe um tratamento superficial — como convém, aliás, a uma comédia descartável, para um público infanto-juvenil. *P.C.*

EROTICO

O IMPÉRIO DA PAIXÃO •••

(Ai no Borei, Japão, 1978)
Direção: Nagisa Oshima. Com Kazuko Yoshiyuki, Tatsuya Fuji, Takahiro Tamura, Takuzo Kawatami. Sagres.
No final do século 19, numa aldeia japonesa, Seki (Kazuko Yoshiyuki), a mulher do carroceiro Gisaburo (Tamura), começa a trair o marido com o jovem desocupado Toyoji (Fuji). A paixão entre os amantes cresce a ponto de não suportar mais a existência do carroceiro, que é então assassinado e jogado num poço. Seki esconde da aldeia a morte do marido, dizendo que ele viajou a Tóquio. Mas o fantasma de Gisaburo aparece com freqüência cada vez maior aos amantes, levando-os à loucura e ao desespero. A partir desse enredo simples, Oshima (que dois anos antes tinha realizado *O Império dos Sentidos*) construiu um filme denso, meticuloso e carregado de uma atmosfera doentia, que perde muito de seu impacto na tela pequena. Ainda assim, é impossível ficar indiferente à beleza das cenas de sexo e daquelas em que o remorso obriga Toyoji a jogar folhas secas no poço onde jaz Gisaburo. *José Geraldo Couto*



LK-Tel/Columbia

Um Robô em Curto-circuito: superficial e descartável

Sagres

Impossível ficar indiferente à beleza das cenas de amor e ao remorso de *O Império da Paixão*

SUSPENSE

ARMADILHA DA MORTE •••

(Trapped, EUA, 1989)
Direção: Fred Walton. Com Kathleen Quinlan, Bruce Abbott, Katy Boyer. CIC.
Kathleen Quinlan é executiva numa empresa instalada num luxuoso edifício de 65 andares. Preparando-se para deixar o local depois que todos já se foram, percebe que não está sozinha. Um homem conseguiu furar o ultra-sofisticado mecanismo de segurança do edifício e desativou todas as saídas. A heroína está à mercê de um perigoso assassino. Para não limitar a ação a uma cansativa brincadeira entre gato e rato, os roteiristas incluíram na trama um terceiro personagem. Na verdade, um espião industrial que ajudará a heroína depois desta ter tido sua secretária morta pelo psicopata. A direção segura de Fred Walton (*Quando um Estranho Chama*) mantém o suspense na voltagem correta. *P.C.*

PROMOÇÃO

Hobby VIDEO

O Seu Melhor Lazer

Lojas abertas até 24 horas

Av. Indianópolis, 440 - Moema - Tel.: 571-4997
Rua Antonio Macedo Soares, 1517 - C. Belo - Tel.: 533-9626
Rua Bandeira Paulista, 327 - Itaim - Tel.: 883-0534
Praça Panamericana - Alto de Pinheiros - Tel.: 212-2933
Av. Angélica, 1774 - Higienópolis - Tel.: 256-5206
Av. Paes de Barros, 2883 - Mooca - Tel.: 274-8436
Av. Professor Vicente Rao, 435 - Brooklin - Tel.: 241-8556
Av. dos Tajurás, 30 - Cidade Jardim - Tel.: 815-7368
Rua Colômbia, 825 - Jardim Europa - Tel.: 852-4507
Av. Sumaré, 1246 - Perdizes - Tel.: 262-0340

Lojas abertas até 22 horas

Avenida Vereador José Diniz, 1228 - Brooklin - Tel.: 548-8272
Rua Bairi, 55 - Alto da Lapa - Tel.: 261-2939

ACEITAMOS TODOS CARTÕES DE CRÉDITO

WARNER HOME VIDEO

ALUGANDO UMA FITA WARNER VOCÊ GANHA

DESCONTO 30%

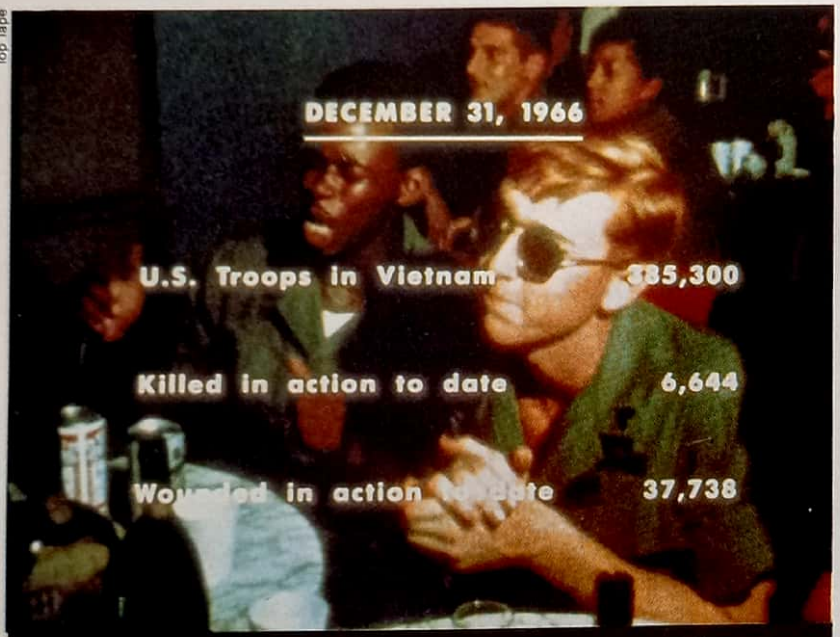
RECORTE, LEVE E GANHE

DOCUMENTÁRIO

QUERIDA AMÉRICA — CARTAS DO VIETNÃ ●●●
(Dear America, Letters Home from Vietnam, EUA, 1987) Direção: Bill Couturie. Narração: Tom Berenger, Robert De Niro, Martin Sheen, Kathleen Turner, Robin Williams. Top Tape.

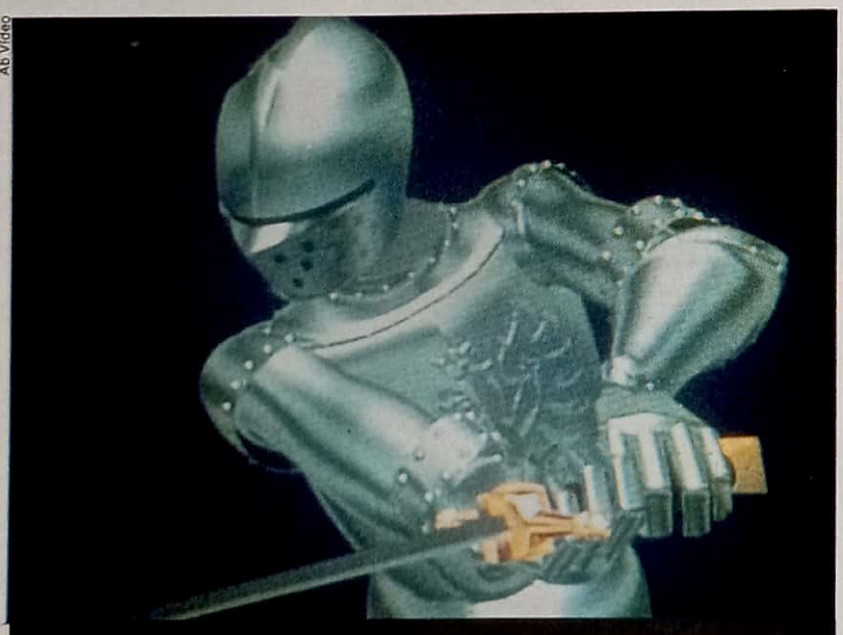
Atores brilhantes lêem as cartas de milhares de jovens (na faixa dos 19 anos) no inferno da guerra. Estranha poesia essa, escrita sem conforto, sem amor, sob o capim cortante e à sombra da morte. Testemunhas de um conflito que a mídia transformou em frias cifras, elas revelam o lado mais pessoal daqueles soldados: uns, lamentam a morte do melhor amigo, enquanto outros, até se iniciam (no intervalo das batalhas) na "boêmia" urbana asiática. "Com o tempo, mata-se fácil e sem remorso", diz uma das cartas. Num relato honesto e contundente (ao som de Jimi Hendrix, Bruce Springsteen, Rolling Stones e outros), flashes rápidos do front intercalam-se com as declarações do governo. De um lado, os que fazem a guerra. Do outro, os que nela morrem, que são os que o filme homenageia e a quem dá voz. *A.Q.N.*

Top Tape



Em *Querida América*, terna homenagem aos mortos do Vietnã, em relatos e cifras amargas

Ab Video



O didatismo de *Computer Graphics* se perde na tradução inadequada para o público leigo

PARADA

Agosto

Os Mais Alugados

1 Tango & Cash (Warner)
2 Chuva Negra (CIC)
3 De Volta para o Futuro II (CIC)
4 Querida, Encolhi as Crianças (Abril Vídeo)
5 Inferno Vermelho (LK-Tel/Columbia)
6 Kickboxer — O Desafio do Dragão (Top Tape)
7 Conduzindo Miss Daisy (Paris Vídeo)
8 Lua de Cristal (Globo Vídeo)
9 Uma Dupla Quase Perfeita (Abril Vídeo)
10 Henrique V (Paris Vídeo)

Fontes: OMNI, 2001, Rentacom, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo (MG).

Os Mais Selados

1 A Bela Adormecida (Abril Vídeo)
2 Kickboxer — O Desafio do Dragão (Top Tape)
3 Warlock — O Demônio Também Tem Filho (Paris Vídeo)
4 A Revanche Final (Abril Vídeo)
5 Contos de Nova York (Abril Vídeo)
6 Uma Ponte Longe Demais (Warner)
7 Chuva Negra (CIC)
8 Meu Amigo Donald (Abril Vídeo)
9 Nova York — Uma Cidade em Delírio (Warner)
10 Henrique V (Paris Vídeo)

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria da Cultura da Presidência da República

COMPUTER GRAPHICS SPECIAL ●●
(EUA, 1986) Direção: Steve Michelson e Geoffrey de Valois. AB Video.

Esta é a primeira versão brasileira da abrangente série de coletâneas de computação gráfica produzida pela dupla Geoffrey de Valois/Donna Cohen. A fita apresenta uma visão bem ampla e didática das capacidades e múltiplas aplicações dos computadores gráficos, compilando imagens de produtores importantes, como Robert Abel & Associates e Evans & Sutherland. Também procura dar uma idéia básica do funcionamento de equipamentos desse tipo. O problema fica justamente com a versão brasileira. Ninguém parece ter se lembrado de pedir ajuda a um especialista para traduzir os muitos termos técnicos empregados no texto original, procurando assim usar palavras adotadas pelos videodesigners brasileiros ou expressões mais adequadas. A conversão para o português foi tão literal que se torna impossível para alguém leigo no assunto acompanhar o que acontece na tela. Mais grave: chega a faltar texto em alguns trechos. *M.S.*

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

O QUE FALTAVA NAS LOCADORAS DE VÍDEO, AGORA NÃO FALTA MAIS.

CBS FOX VIDEO™

DISTRIBUÍDA NO BRASIL PELA ABRIL VÍDEO.

E para começar, olha o que trouxeram para você:

SEIS FANTÁSTICOS SUCES

ELEITO O MELHOR FILME DE AÇÃO DO ANO.

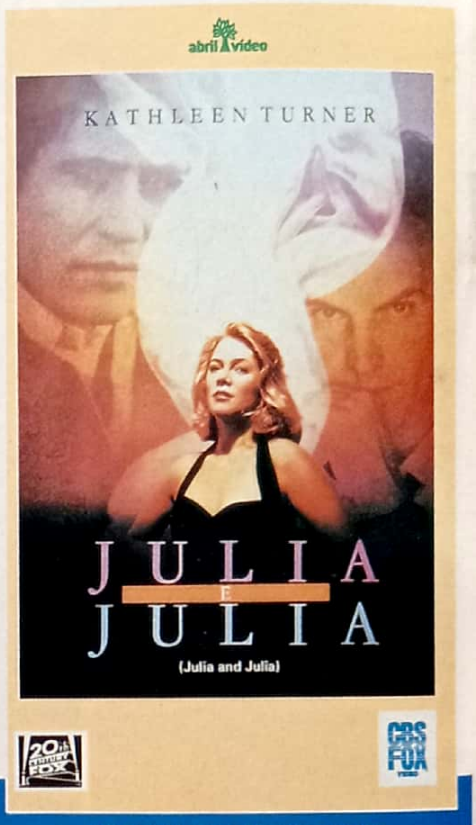
Com BRUCE WILLIS (A Gata e o Rato), ALEXANDER GODUNOV (A Testemunha), BONNIE BEDELIA.
Direção de JOHN McTIERNAN (O Predador).

ELE ERA A ÚNICA ESPERANÇA PARA UM GRUPO DE REFÉNS.

VENCEDOR DE 4 OSCARS.

Com ROY SCHEIDER (Tubarão), JESSICA LANGE (Tootsie).
Direção de BOB FOSSE (Cabaret).

A PAIXÃO DE UM HOMEM PELA SUA ARTE, NUM MUSICAL INESQUECÍVEL.



KATHLEEN TURNER NA SUA MAIS COMOVENTE ATUAÇÃO.

Com KATHLEEN TURNER (A Jóia do Nilo), GABRIEL BYRNE (Excalibur), STING.
Direção de PETER DEL MONTE.

UMA MULHER DIVIDIDA ENTRE DUAS VIDAS.

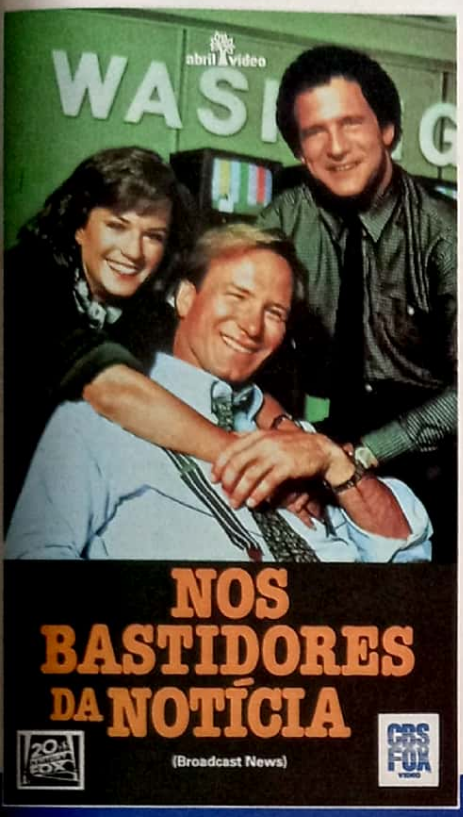
Seus olhos e ouvidos vão ser testemunhas das vantagens que as fitas originais CBS/FOX - ABRIL VÍDEO trazem para você.

Se você assistiu ao filme ***9 1/2 Semanas de Amor*** no vídeo e achou que a KIM BASINGER não estava com essa bola toda, não fique frustrado. Você assistiu uma cópia pirata, onde a imagem e o som ruins não deixam mesmo o talento de nenhuma estrela ou astro aparecer.

Mas agora você vai poder assistir esse e outros grandes sucessos do cinema com a qualidade que só uma fita original pode oferecer. Filmes com legendas nítidas e precisas e com tradução excelente. Com cores sempre perfeitas e imagens impecáveis.

E que nunca vão esconder de você a sensualidade da KIM BASINGER, nem os efeitos especiais de ***Alien,*** nem a magia do brilho e das cores de ***All That Jazz*** e muito menos as fortes cenas de emoção de ***Duro de Matar***.

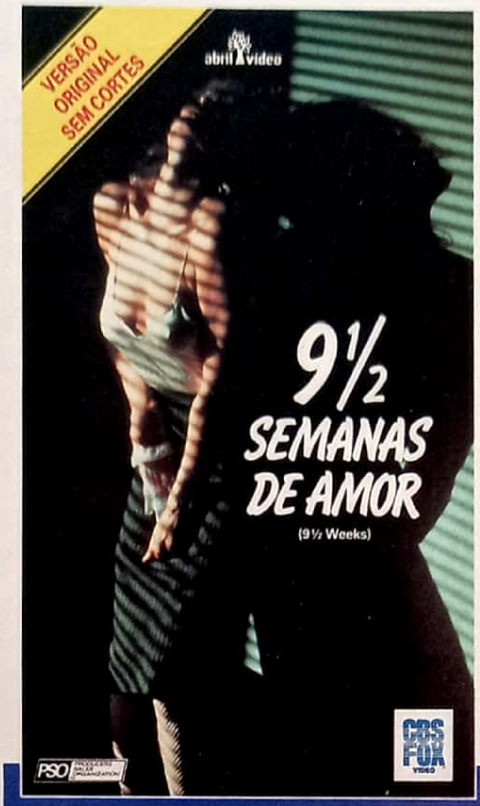
SOS EM VERSÃO ORIGINAL



7 INDICAÇÕES PARA OSCAR.

Com WILLIAM HURT (O Beijo da Mulher Aranha), ALBERT BROOKS, HOLLY HUNTER (Além da Eternidade). Participação especial de JACK NICHOLSON (Batman). Direção de JAMES L. BROOKS (Oscar por Laços de Ternura).

UMA ADORÁVEL COMÉDIA ROMÂNTICA.



MAIS DE 3 ANOS EM CARTAZ NOS CINEMAS.

Com MICKEY ROURKE (Coração Satânico), KIM BASINGER (Batman). Direção de ADRIAN LYNE (Atração Fatal).

ELA SE SUBMETEU AOS DESEJOS DELE COM ENORME PRAZER... E MEDO!

OSCAR DE EFEITOS ESPECIAIS.

Com SIGOURNEY WEAVER (Os Caçafantasmas), HARRY DEAN STANTON (Paris Texas), JOHN HURT (O Homem Elefante). Direção de RIDLEY SCOTT (Blade Runner, O Caçador de Andróides).

UM FILME QUE SUPERA O SEU PESADELO MAIS ASSUSTADOR.

Vá correndo buscá-las nas melhores locadoras do Brasil. (Aquelas que não enganam você com fitas piratas.)

E não perca os próximos espetaculares sucessos:

- ★ GUERRA NAS ESTRELAS
- ★ COCOON
- ★ WALL STREET
- ★ TUCKER
- ★ E MUITO MAIS...

CBS FOX VIDEO

abril vídeo

© 1990 The CBS/FOX Company. Todos os direitos reservados. CBS ℗ é uma marca registrada da CBS, INC. usada sob licença. FOX ℗ é uma marca registrada da Twentieth Century Fox Corporation usada sob licença.

BOM DIA, AFEGA

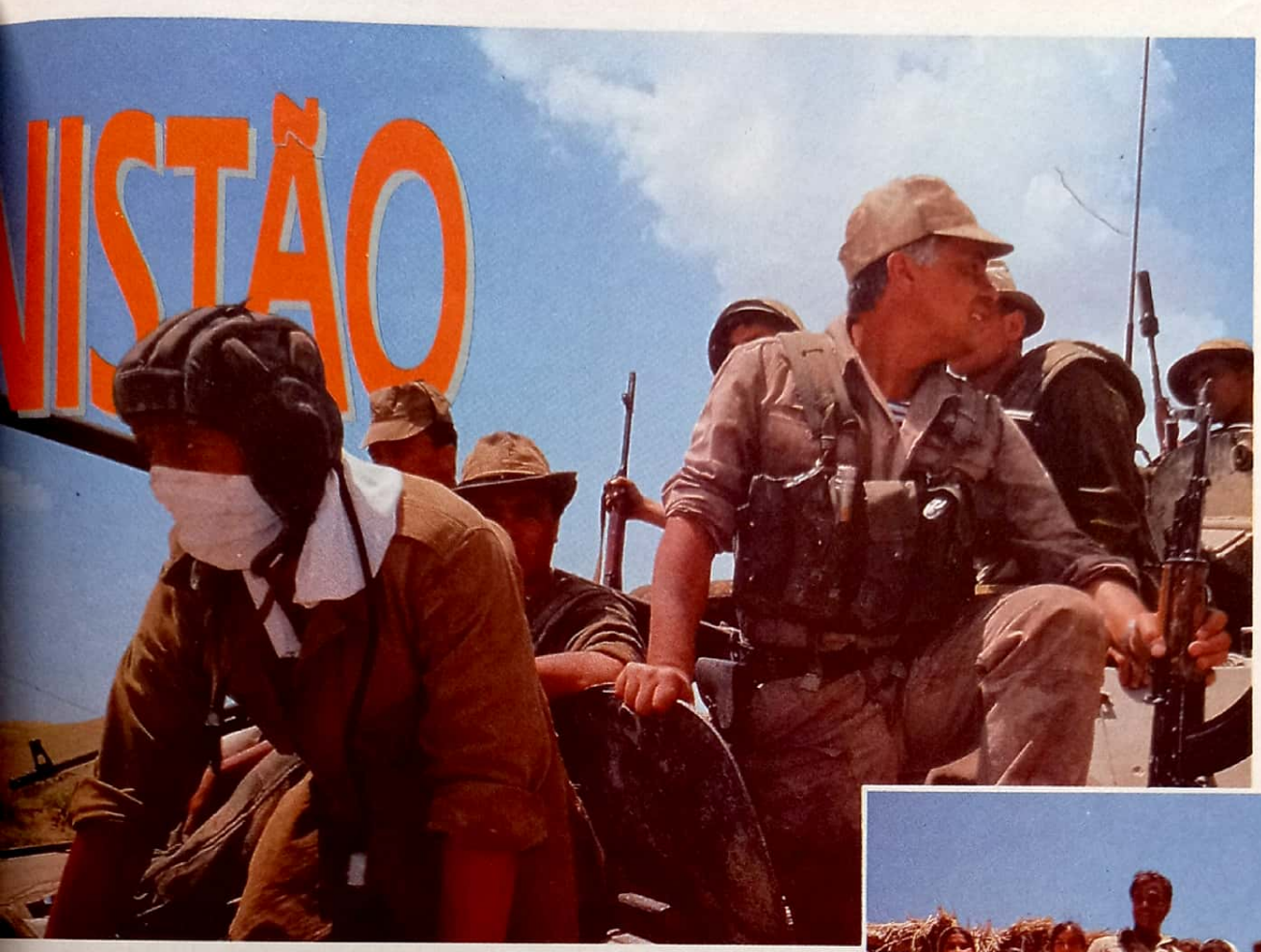
Afghan Breakdown, rodado perto do Afeganistão, busca mostrar, com o apoio da _glasnost_, o desastre que foi a intervenção soviética no país

A mais espetacular operação de perestroika cinematográfica chama-se _Afghan Breakdown_, e está sendo rodada a 200 km da fronteira com o Afeganistão, o palco real do atoleiro em que se meteu a União Soviética no fim de 1979, numa guerra sangrenta no deserto, e do qual só saiu em 88. Esta produção italo-soviética obteve permissão do próprio Gorbachov para botar o dedo na ferida. Como se não bastasse, até o exército soviético aceitou participar como conselheiro militar do filme. Quinhentos soldados que compunham as (verdadeiras) tropas de assalto no Afeganistão atuam na fita, além de 40 helicópteros sob a orientação militar do tenente-coronel Shamase Baksanov, ele mesmo comandante de uma divisão que combateu os mujahdin — os guerrilheiros anticomunistas.

Afghan Breakdown conta a história do oficial de um batalhão de pára-quedistas altruísta e desbocado, de nome Bandura — "bandolim", em russo —, cujos vícios são entrar em conflito com os superiores e se atirar de cabeça na direção do perigo. Graças à sua intransigência com os chefes, jamais consegue ascender na carreira militar, na qual ocupa o posto de major. Pois este cabeça-dura parece indiferente às balas que passam zunindo junto às suas orelhas, enquanto, em volta, jovens soldados — muitas vezes adolescentes — vão morrendo como moscas. Alistados contra a vontade, estes jovens cadáveres retornam à pátria a bordo do avião AN-12, chamado eufemisticamente de "Tulipa Negra". Bandura compreende o absurdo da guerra, mas continua combatendo cegamente. Há espaço, até, para um interlúdio romântico, com nada mais nada menos que uma enfermeira, pretendida, também, pelo comandante do regimento do major. E, pasmem, ela é órfã! Para proteger os soldados soviéticos em retirada, Bandura recebe ordens de negociar com os mujahdin, dando-lhes armas e dinheiro. Aparece um grupo rival de rebeldes que põe a negociação a perder. Morre um filho de general russo e o chefe, de olho na enfermeira, joga a responsabilidade

Fotos Vladimir Bortko

Os combatentes soviéticos no deserto afegão: pintados como catequistas, vítimas, na verdade, de uma guerra inútil



Ao lado, uma investida do Exército Vermelho sob o comando de Bandura (Michele Placido, de metralhadora na mão). Abaixo, o ator junto aos nativos de Dushambé

sobre Bandura. Isso tudo com uma tonelada de defuntos dos dois lados.

INFERNO — *Afghan Breakdown* tem ares de superprodução. Custou, até agora, dez milhões de dólares. Para viver o oficial turrão em conflito com a guerra e seus senhores, a produção conseguiu arrastar o ator italiano Michele Placido, muito popular na TV de seu país e também na televisão soviética, onde uma série estrelada por ele, *La Piovra*, sobre a Máfia, faz tanto sucesso que Gorbachov teve que proibir a exibição dos seus tirambaços nos programas matinais. Placido levou 300 milhões de liras (cerca de 15 milhões de cruzeiros) pelo trabalho, contra a bagatela de 400 mil liras (20 mil cruzeiros) que os atores soviéticos ganharam, trabalhando, pelo visto, como relógios. Placido faz jus ao salário de Primeiro Mundo porque consegue ser famoso até na fronteira com o Afeganistão: quando as filmagens começaram, em fevereiro, sua presença nas ruas de Dushambé — capital da república soviética do Tagikistão e base das operações realizadas a 30 km de distância — quase provocou uma guerra civil entre os muçulmanos locais e os burocratas soviéticos, com mortos e feridos (entre eles o superstar da Itália, no braço)! Tudo pelos autógrafos do ator.

A idéia original de retratar a trapalhada militar soviética, só inferior à surra americana no Vietnã, foi do diretor Vladimir Bortko, um espectador do conflito pela TV e ao vivo (por duas ocasiões). A TV soviética passava a imagem dos soldados do possante Exército Vermelho como verdadeiros missionários, levando alfabetização, mudas de árvores e carinho a crianças e velhos no deserto do afegão. O ponto de vista do front era o de uma guerra inútil. "Senti que chegava o momento de mudar. Uma vez no Afeganistão, conversando com os soldados, entendi que eles não sabiam por que combatiam. Decidi, então, contar a verdadeira história da guerra mais injusta e absurda da União Soviética." Bortko tem 44 anos e faz cinema em Leningrado, a Hollywood soviética, tendo sido premiado em vários festivais europeus. Natural de Moscou, exercita uma espécie de arquétipo da expansividade típica da alma russa: bebe do nascer ao pôr-do-sol, usa um bigodão à la Omar Sharif e dependura o seu par de olhos maliciosos no ouvinte, tudo para dizer que improvisação é a sua lei.

Resta esperar a estréia desta contrição soviética, orando para que ela não produza tantos filhotes bastardos quanto a comiseração americana foi capaz de parir sobre o Vietnã. Que seja, pelo menos, um anti-Rambo — já que o músculo no lugar de cérebro visitou as paragens do Afeganistão em *Rambo III*, alçando os mujahdin à estatura de heróis medievais, e os russos, à de bandidos sem alma. A realidade da guerra não é feita de cores tão simplistas.

Reportagem de Manuela Paixão, em Dushambé
Texto final de Carlos Volpato

Uma história de amor kitsch, gozada, sublime e masoquista

ATA-ME

de Pedro Almodóvar, com Victoria Abril, Antonio Banderas...

Ricki (Antonio Banderas), 23 anos de marginalidade e reformatório psiquiátrico, está arrebentado. Hematomas, crostas de sangue coagulado nas costas e nos lábios, um ou outro corte ainda aberto. Foi espancado por traficantes, num beco de Madrid, de madrugada. Tentava trapaceá-los e levar comprimidos e heroína sem pagar. Seria o bastante para acalmar a ansiedade neurótica de Marina, a atriz pornô que ele acaba de raptar e que mantém cativa, amarrada à cama de um apartamento em tons berrantes. Ricki levou tantos chutes, meteram tantas vezes o seu crânio contra os paralelepípedos que desmaiou. Foi despertado pelos jatos do caminhão-pipa lavando o chão. Junto com seringas, agulhas, papelotes, foi-se na enxurrada a inconsciência do coitado.

Ele está um trapo quando chega ao apartamento. Marina (Victoria Abril), uma atriz pornô de carnes firmes, suada e desesperada dentro de um vestido vermelho justo, colado ao colo, pernas de fora, mal se conforma atada ao leito. Seu raptor não lhe traz remédio. Ela o odeia. Ela arfa. Ela é vulgar.

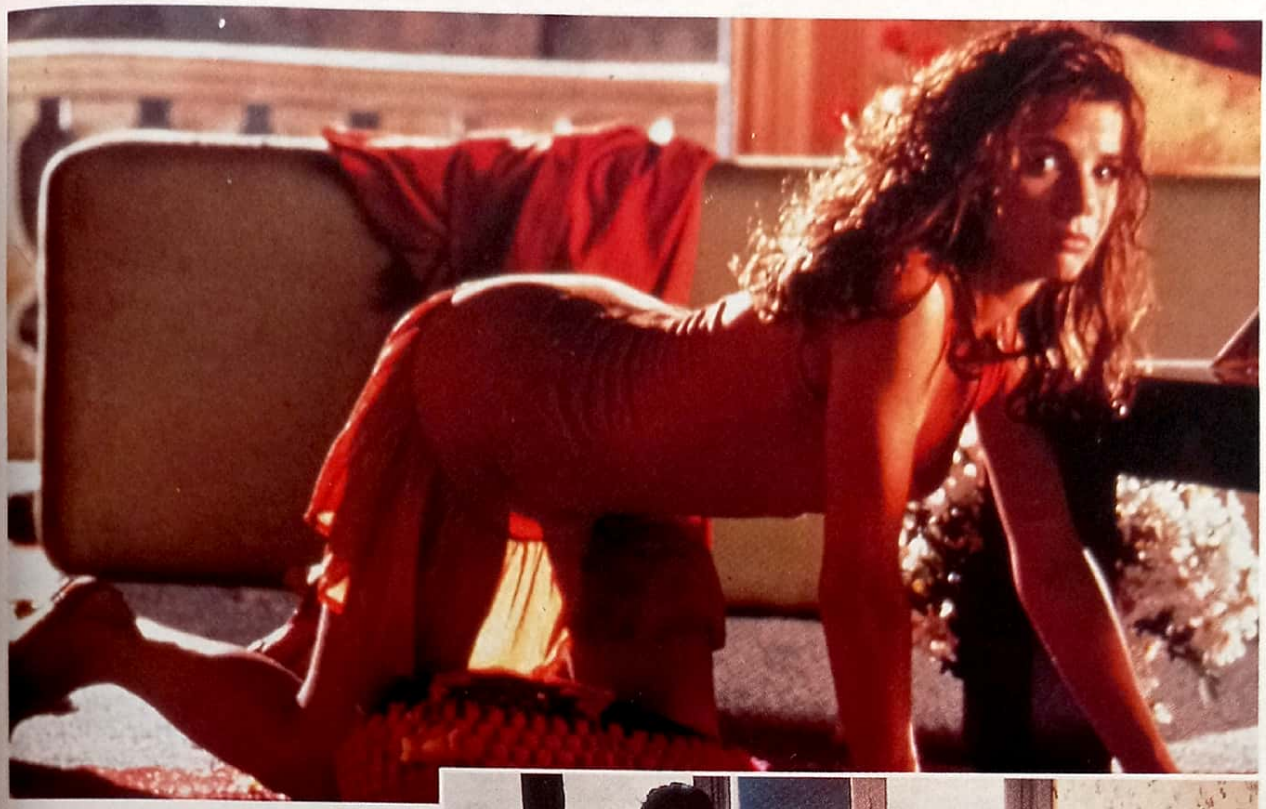
Mas o marginal lhe traz compaixão. Desfaz os nós que a aprisionam e vai até o banheiro onde se senta à frente do espelho. Ele é boçal. Não sabe bem por onde começar a suavizar seus ferimentos. Ela se aproxima, toca suavemente as costas de seu algoz. Nenhum dos dois tem mesmo muito caráter — e se engalfinham, se lambem, se despem e dão início à cena erótica mais polêmica do cinema desde que, em 1972, Marlon Brando usou manteiga em Maria Schneider.

Bem, você vai dizer que este roteiro de sedução é no mínimo cafona. Um sujeito sai do hospício, trancafia uma atriz num apartamento até que ela se renda a deitar-se com ele. Pedro Almodóvar não discordaria de você. O cineasta espanhol de 41 anos capta o excêntrico, o exagerado, o doentio, através das malhas do corriqueiro. Sim, é cafona. Sim, é déjà vu. Eis a matéria-prima de Pedro Almodóvar.

Causa frisson à gente chic o uso de cores gritantes em Almodóvar. Riem nervosamente diante da deselegância — uma estranha harmonia de elementos berrantes —, diante do grosso e do grosseiro, do humor quase genital, que goza o desejo e depois lambe os beiços. Mas há mais. Não são somente as aparências que pululam ridículas nos filmes desse sujeito que usa camisa roxa de bolinhas vermelhas, brilhante, colarinho abotoado, sob blaiser mostardaço. São as relações humanas em si mesmas. Almodóvar conduz as

Fotos Fox

Feito gata, Marina (Victoria) lambe as feridas de Ricki (Banderas)



Feito quadrúpede, ela se deixa atar ao leito e à fantasia do diretor Pedro Almodóvar

tensões afetivas e seus tesões ao paroxismo desvairado. Para ele, a cor da parede, o interruptor, um bibelô, um decote, um homem nu vibram muito mais. Está mais para Van Gogh enquanto todos os outros cineastas não passam de Gauguin. Acontece que tem uma razão para isso: para ele, a vida mesma é uma questão de demência.

Corta. Volta para Ricki e Marina urrando, transando sobre a cama. Pausa. Pequeno e breve suspense. Ricki leva a mão para baixo. Tenta encontrar o caminho. Encontra. Marina explode. Entre suspiros e gemidos vai aos poucos se lembrando de Ricki. Não é possível. Ela já o conhece. Sim, isso mesmo, foi num bordel. Do tempo em que era prostituta. Ela não sabia, mas sentia falta de Ricki. Ela o ama.

Sob protestos veementes, o filme não entrou nos EUA sem levar um "X" na testa. Superproibido para menores de 18, só pôde ser exibido em salas especiais. Curioso este moralismo da América... Comporta uma Jane Fonda da vida que quer comprar os direitos de refilmagem de *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* e comporta a perseguição ao Almodóvar original. Ele está negociando na América a refilmagem de *Ata-me*, para maior ironia da história. Mas não perdeu a chance de achincalhar o pessoal que o censurou na edição de julho da revista francesa *Starfix:* "(sobre Ricki e Marina) não há sistema social que impeça duas pessoas sãs, jovens e amorosas de gozar o prazer que a natureza lhes dá. Felizmente ninguém pode lhes tirar isso, nem mesmo o senhor Jack Valenti com toda a sua Motion Pictures".

Você, que não é americano, tem muitas razões para ver *Ata-me*. Além de Ricki e Marina há diversão, há homenagens ao cinema e há sensualidade transbordante. Este talvez não vá ser o seu Almodóvar predileto, mas é dos bons. Ao som rasgado de Enio Morricone.

Eugênio Bucci SET

Atame, Espanha, 1989 ■ DIREÇÃO: Pedro Almodóvar ■ Com Victoria Abril, Antonio Banderas, Loles Leon, Francisco Rabal, Julieta Serrano, Maria Barranco ■ ROTEIRO: Pedro Almodóvar ■ FOTOGRAFIA: José Luis Alcaine ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ MONTAGEM: José Salcedo ■ PRODUÇÃO: Augustin Almodóvar ■ DURAÇÃO: 102 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes

ALMODÓVAR EM VÍDEO

MATADOR (Espanha, 1986). Jota Home Vídeo ■ MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS (*Mujeres al Borde de Un Ataque de Nervios*, Espanha, 1988). Globo Vídeo

A poesia psicodélica e macabra de Zé do Caixão

O DESPERTAR DA BESTA

de José Mojica Marins, com Mojica, Ítala Nandi...

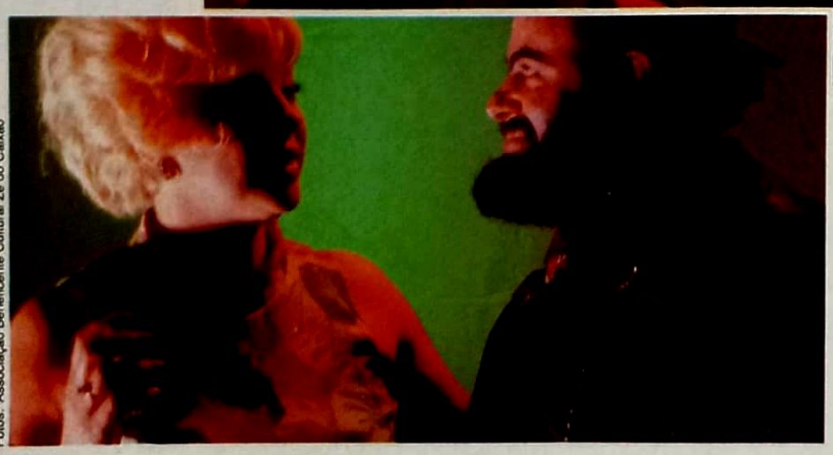
Justamente ele, o cineasta dos excessos inauditos, do kitsch, do delirante horror terceiro-mundista e o mais *naïve* dos diretores experimentais, vem negar, num filme radical, o cinema enquanto discurso da "normalidade". No prólogo dessa experiência desconcertante e descerebralizante que atende pelo nome de *O Despertar da Besta* (ex-*Bacanal dos Sádicos e Ritual dos Sádicos*), seu diretor José Mojica Marins já adverte que "o meu mundo é estranho, mas não mais estranho que você". A partir desse "aviso", ele vai jorrando os seus demônios num dos mais fragmentados, exasperantes e insanos exercícios em celulóide já cometidos aqui. Após ficar muitos anos tentando lançar sua obra, Mojica declara que no ano passado finalmente foi chamado pela Embrafilme para ser indenizado e marcar o lançamento. Mas aí é a Embra inteira que é "pulverizada" pelos atos do novo presidente da República.

Como sabem os surrealistas e os adeptos do realismo fantástico, o absurdo se torna mais exacerbado exatamente pelo excesso de realidade. Realidade é o que não falta em *O Despertar da Besta*. Ele não tem escrúpulos em exibir (em contra-plongée) uma senhorita que senta sorridente em seu penico, ou cenas explícitas de consumo de drogas e viagens de LSD. Tudo no embalo de soturnos gritinhos e da "Marcha Fúnebre". O filme que o cineasta Carlos Reichenbach considerou "macho, pagão e desavergonhado", tira o eixo de qualquer discurso moral num inventário completo de taras, baixarias fetichistas e muita ingenuidade. Mojica confessou ter passado por uma "via-sacra" de expiações: além de assumir a dívida de outros sócios (em 69), a Censura segurou o negativo e ameaçou "queimá-lo". Feito outro negativo, o filme é novamente esquecido na Embrafilme, apesar do prêmio de Melhor Ator e Melhor Roteiro no Rio-Cine Festival de 86.

O que dizer de um filme que começa e termina com uma canção de protesto da cantora De Kalafe e carnavaliza textos religiosos?

Nessa anarquia perversa, ele (narcisisticamente) se exibe julgado pelos "bem-pensantes" e (por tabela) dinamita o discurso dos intelectuais: o homem qualificado por Glauber de "primitivista puro" seria um farsante ou um cineasta? E mais: Mojica põe em cena a própria repressão no papel de... repressão! Acidentalmente, os famigerados policiais Sérgio Fleury e "Fininho" apareceram quando o cineasta filmava imagens de "tochicômanos". Genialmente, ele aproveita e convida-os a "entrar" no filme. Um deles encarna com talento um patrão escroto (ao lado de Ítala Nandi, papel que seria inicialmente de Jô Soares). Fleury e Fininho aparecem prendendo drogados. E tão bem encarnaram seu próprio papel truculento que quebraram a costela de um ator! Nessa poesia psicodélica e macabra, descida suburbana aos infernos do sobrenatural e do inconsciente (influenciada pelos *comics*, pelo circo e pela telenovela), não faltam as "mojiquetes" — as beldades de lingerie, cheias de celulite, manchadas com o sangue artificial do tarado Zé do Caixão. Com tão pouco, e mandando às favas a censura ditatorial, que não pôde assimilá-lo, Mojica realizou uma obra explosiva e absolutamente bestial.

Antonio Querino Neto



Fotos: Associação Beneficente Cultural Zé do Caixão

O estranho Zé do Caixão (ao lado) sorri com sarcasmo para uma de suas "caixetes". Acima, duas delas e seus fisionômicos traseiros

O Despertar da Besta, Brasil, 1970 ■ DIREÇÃO: José Mojica Marins ■ Com Sérgio Hingst, José Mojica Marins, Ozualdo Candeias, Ítala Nandi, Maurice Capovilla, Jairo Ferreira, Carlos Reichenbach ■ ROTEIRO: José Mojica Marins ■ FOTOGRAFIA: Giorgio Attili ■ MÚSICA: Roberto Leme ■ MONTAGEM: Roberto Leme ■ DURAÇÃO: 100 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Associação Beneficente Cultural Zé do Caixão.

PHILIPS

PHILIPS

► FAVOR REBOBINAR OS CONCEITOS.◄

JWT

► UM CONCEITO PODE SER UMA IDÉIA, UMA ABSTRAÇÃO, OPINIÃO OU ATÉ MESMO REPUTAÇÃO. UM CONCEITO PODE SER MUITAS COISAS, SÓ NÃO PODE PARAR NO TEMPO. ► A PHILIPS É UMA EMPRESA QUE LANÇA CONCEITOS NOVOS QUASE TODOS OS DIAS. TRADUZIDOS POR PRODUTOS QUE TÊM TUDO A VER COM A SUA MANEIRA DE PENSAR, COM AS MESMAS COISAS QUE VOCÊ NECESSITA DE IMEDIATO. ► PEGUE UM VIDEOCASSETE VR 6491. USA-SE MELHOR O CONCEITO DE CONFORTO COM O SEU CONTROLE REMOTO COM 53 FUNÇÕES, QUE OPERA O VÍDEO E A TV PHILIPS DE ÚLTIMA GERAÇÃO.* ► VISUALIZA-SE PERFEITAMENTE O PROCESSO COM A INDICAÇÃO DAS FUNÇÕES NA TELA DO TELEVISOR E REGISTRA-SE COM SIMPLICIDADE DE UM ÚNICO TOQUE (OTR). CONSEGUE-SE FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO QUANDO TEMOS QUATRO CABEÇAS PARA NOS AJUDAR. ► É O CONCEITO DE PRODUTO EXTREMAMENTE AVANÇADO, COM RECURSOS QUE PERMITEM MANTER SUA MODERNIDADE E EFICIÊNCIA POR MUITOS ANOS. ► MAS NEM POR ISSO A PHILIPS ESTÁ SATISFEITA. PORQUE A CABEÇA DA PHILIPS NÃO É DIFERENTE DA SUA, ELA TAMBÉM NÃO PÁRA. A PHILIPS TRABALHA CONCEITOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO. QUEM PENSA O CONTRÁRIO, É FAVOR REBOBINAR OS PRECONCEITOS.

* Todos os TVs com controle remoto produzidos a partir de 1987.

► PHILIPS PRODUTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO.◄

Fotos: UIP

Acima, Darkman (Liam Neeson) esconde sua hedionda face feito uma múmia, e recorda os tempos felizes (à direita) junto à sua amada Julie (Frances McDormand)

Terror clássico compõe novo super-herói

DARKMAN: VINGANÇA SEM ROSTO

de Sam Raimi, com Liam Neeson...

Quem diria que aquele garoto de 22 anos, com apenas 350 000 dólares, um grupo de amigos e muita imaginação, sacudiria o conceito de terror em1983? O diretor Sam Raimi não poderia imaginar que *A Morte do Demônio* (Look Vídeo) seria um *cult* na Europa e EUA. Isto lhe permitiu fazer a seqüência do filme. *Uma Noite Alucinante* (Tec Home Vídeo) teve um orçamento um pouco mais generoso de 3,6 milhões de dólares da produtora Dino de Laurentiis, e foi uma perfeita estilização da proposta *B* lançada em *A Morte do Demônio* — o diamante lapidado.

Mas a agradabilíssima surpresa chega mesmo com o último filme de Raimi — *Darkman: Vingança Sem Rosto*. Desta vez os 12 milhões de dólares da Universal levaram-no a fazer uma obra simplesmente magnífica. A linguagem peculiar, o vigor cinematográfico e a batida cardíaca dos excelentes *A Morte do Demônio*, *Uma Noite Alucinante*, e a comédia *Dois Heróis Bem Trapalhões* (Globo Vídeo) estão maduros e burilados em *Darkman*. A começar pelo protagonista.

Dr. Peyton Westlake (Liam Neeson , de *O Preço da Paixão* e *Sob Suspeita* LK-Tel/Columbia) é um jovem cientista que pesquisa a reconstrução da epiderme degenerada através de um processo eletrônico de ponta. Westlake é um sujeito de bom coração. E seu coração pertence à encantadora Julie Hastings (Frances McDormand, de *Gosto de Sangue*, em vídeo pela F.J. Lucas, e *Mississipi em Chamas*), uma talentosa advogada que trabalha para o magnata Louis Strack Jr. (Colin Friels).

Um documento comprometedor de Strack, que deveria estar com Julie, inexplicavelmente aparece no laboratório de Westlake. Este é o pretexto para que uma *gang*, que quer o documento, assalte seu laboratório e desfigure seu rosto num tanque de ácido antes de explodir o local. Dado como morto, Westlake perambula desfigurado por becos sombrios. Qual monstro repugnante, agora ele é Darkman, privado do mundo das pessoas normais e de seu amor a Julie. Amargurado, envolto em bandagens, com um sobretudo esvoaçante e chapéu, ele retoma seu destruído laboratório e conclui a pesquisa de reconstituição da epiderme com relativo êxito. Ele consegue não apenas recompor seu próprio rosto como compor o rosto de quem quiser, assumindo várias faces, por apenas 100 minutos, até o protótipo derreter. Com esta arma, ele parte para o ajuste de contas e o reencontro com Julie.

Darkman é um legítimo super-herói do terror. Mas este é muito mais que um filme de terror. É uma obra sensível para grandes audiências. Darkman possui a nobreza do caráter que nasce do sofrimento, tal como o personagem de Lon Chaney em *O Fantasma da Ópera* (1925) e o de Charles Laughton em *O Corcunda de Notre Dame* (1939). Sam Raimi conseguiu dosar tons clássicos com fortes impressões de quadrinhos. De *A Morte do Demônio* para *Darkman*, Raimi cresceu em requinte e sensibilidade.

Walter de Silva

Darkman, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Sam Raimi ■ Com Liam Neeson, Frances McDormand, Colin Friels, Larry Drake, Nelson Mashita, Jesse Lawrence Ferguson ■ ROTEIRO: Chuck Pfarrer, Sam Raimi, Ivan Raimi, Daniel Goldin e Joshua Goldin, a partir da história de Sam Raimi ■ FOTOGRAFIA: Bill Pope ■ MÚSICA: Danny Elfman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Randy Ser ■ MONTAGEM: David Stiven ■ EFEITOS ESPECIAIS: Introvision Systems International, Inc. ■ PRODUÇÃO: Robert Tapert ■ DURAÇÃO: 95 min ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

HORÁRIO NOBRE NÃO TEM HORA.

PASSE NA SUA LOCADORA E FAÇA O SEU.

Com a infinidade de filmes de todos os gêneros que a
Warner Home Vídeo oferece, você é quem determina a melhor hora
e o programa recorde de audiência na sua preferência.

WARNER HOME VIDEO

© Warner Home Video

Humor corrosivo de fantasma apaixonado

DO OUTRO LADO DA VIDA

de Jerry Zucker, com Patrick Swayze...

Do Outro Lado da Vida era para ter sido o entulho da Paramount. Com todas as fichas apostadas em *Dias de Trovão* com Tom Cruise, e de olho no *The Two Jakes* de Jack Nicholson, o objetivo do estúdio era lançar *Do Outro Lado da Vida* junto com *Dias de Trovão* só para garantir o maior número de telas bloqueadas, todas esperando pelo que acreditavam ser "a atração principal": *The Two Jakes*. A previsão era de que *Dias de Trovão* teria uma vida longa demais para liberar as telas reservadas pela Paramount a tempo de que o filme de Nicholson estreasse sem problemas.

Mas vejam só vocês: *Dias de Trovão* estacionou numa renda respeitável de 80 milhões de dólares mas vem registrando quedas de público correspondentes a 45% semanais — uma pena de morte rápida para qualquer filme. *The Two Jakes* teve destino pior: em três semanas de exibição não passou dos sete milhões de dólares, uma decepção estrondosa. Enquanto isso, *Do Outro Lado da Vida*, o "entulho", é a décima bilheteria de 1990 nos Estados Unidos, com uma renda superior a 100 milhões de dólares.

Tudo isto serve para ilustrar como somente em casos raros as pessoas que fazem parte da indústria cinematográfica podem determinar com precisão o que vai ou não ser sucesso.

A própria química de *Do Outro Lado da Vida* já desequilibra qualquer tentativa de se achar uma "fórmula de sucesso". O filme combina a veia corrosiva de Jerry Zucker — um dos criadores dos delirantes *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu* (CIC Vídeo) e *Corra que a Polícia Vem Aí* (CIC Vídeo), o bonitão (pero mui canastrão, até então) Patrick Swayze, a irregular Whoopi Goldberg e uma história de um fantasma que continua apaixonado mesmo no além. Todos elementos tão fáceis de combinar quanto água e óleo.

No entanto, é uma *história de amor* muito simples e muito bem contada. Swayze se revela pela primeira vez como ator "sério", depois de anos de fama por seu traseiro dançante em *Ritmo Quente*. Zucker — mesmo que numa cena de elevador demonstre que ainda é craque no humor — sai-se bem melhor que a encomenda, ao conseguir fazer o público engolir e gostar da trama que envolve o fantasma de Sam Wheat (Swayze) na tentativa de proteger a mulher Molly (Demi Moore, reduzida a um pudim de lágrimas) do mesmo assassino que tirou-lhe a vida. Sua única aliada é uma vidente, aparentemente de araque, Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), que tem mesmo poderes paranormais.

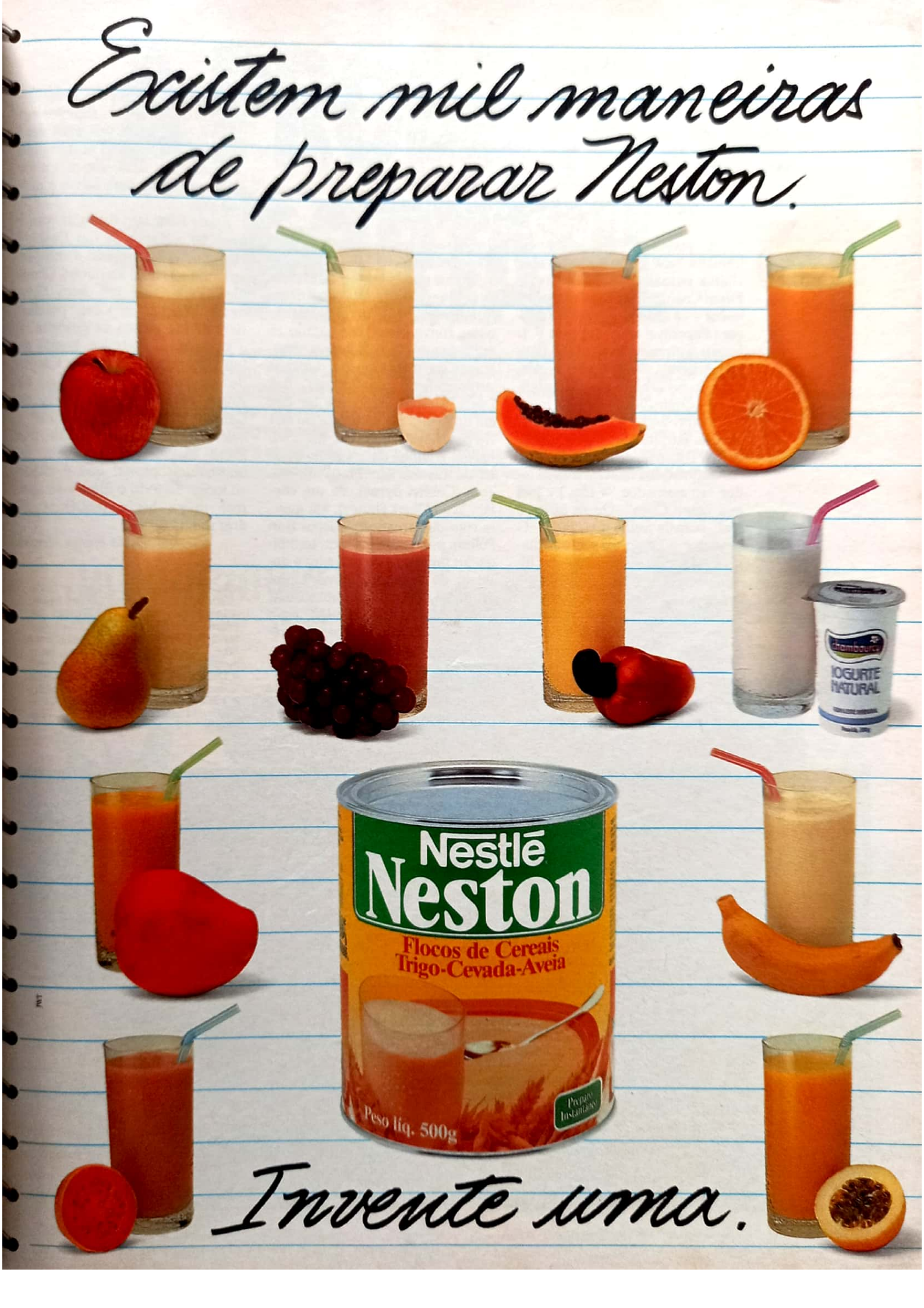
José Emilio Rondeau

Ghost, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Jerry Zucker ■ Com Patrick Swayze, Demi Moore, Whoopi Goldberg, Tony Goldwyn, Rick Aviles, Gail Boggs ■ ROTEIRO: Bruce Joel Rubin ■ FOTOGRAFIA: Adam Greenberg ■ MÚSICA: Maurice Jarre ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jane Musky ■ MONTAGEM: Walter Murch ■ EFEITOS ESPECIAIS: Bruce Nicholson para a Industrial Light & Magic ■ PRODUÇÃO: Lisa Weinstein ■ DURAÇÃO: 127 min ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Fotos UIP

Na tentativa de buscar sua amada, o espectro de Sam Wheat (Patrick Swayze) experimenta seus poderes fantasmagóricos

Existem mil maneiras de preparar Neston.



Invente uma.

Trama combina pesadelo e acento cômico

AJUSTE FINAL

de Joel e Ethan Coen, com Albert Finney...

Um quebra-cabeças de nomes, tramas e tiros: assim é *Ajuste Final*. Última ousadia dos irmãos Joel e Ethan Coen, autores dos rocambolescos — e ótimos — *Gosto de Sangue* (disponível em vídeo pela F. J. Lucas) e *Arizona Nunca Mais* (*Raising Arizona*), os Coen vêm se destacando no cenário cinematográfico pela originalidade de seus roteiros sempre escritos a quatro mãos, sempre intrincados, e pela sofisticação no manejo da câmera.

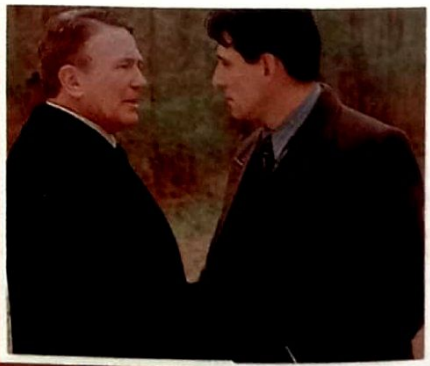
A autoria dos filmes é dupla: todos são assinados "a film by Joel and Ethan Coen". Quem dirige é Joel, o mais velho (35 anos). O produtor é Ethan (32). O resultado desse trabalho afinado são filmes onde se passeia entre o pesadelo e a *gag*. Humor e horror rimam com perfeição e inúmeras vezes se confundem, como na cena de *Gosto de Sangue*, em que o protagonista tem que "matar de novo" o homem que já deveria estar morto. Cena que é uma das mais cruéis do cinema, mas que não deixa de ter, todo o tempo, um leve e quase desconfortável acento cômico.

Sem os malabarismos de câmera e o humor histérico de *Arizona Nunca Mais*, com um argumento quase convencional comparado ao nonsense de *Gosto de Sangue*, *Ajuste Final* é o mais seguro e o menos surpreendente dos filmes dos Coen. Mesmo assim, dá de dez em originalidade na massa do que chega às telas hoje em dia. Seu enredo é difícil de resumir: trata-se da história do braço direito, Tom (Gabriel Byrne), de um chefão, Leo (Albert Finney), em guerra com outro mafioso, Caspar (Jon Polito), por causa de um trambiqueiro protegido do primeiro e desafeto do segundo, Bernie (John Turturro). Bernie tem uma irmã, Verna (Marcia Gay Harden), que seduz o poderoso Leo para proteger o irmão. Paralelamente, Verna tem um caso com Tom. Todo esse imbróglio é tão somente a situação inicial do filme, que vai se complicando à medida que o tempo passa e os cadáveres se acumulam. Tom, o protagonista, repete com freqüência que só se faz algo por um motivo, mas cada vez mais seus próprios motivos vão se tornando obscuros. No final, ele não pode mais agir senão para salvar a própria pele.

Ajuste Final tem diálogos com a precisão cortante de um Dashiell Hammett e seu enredo é complexo como um bom Raymond Chandler. Para fazer um bom filme desse gênero, os Coen precisariam de um elenco de primeira. E o tiveram. O histérico Bernie de John Turturro, o patético Caspar de Jon Polito, o caricato Leo de Albert Finney, o cínico Tom de Gabriel Byrne, chegando até o inacreditável Mink, vivido por Steve Buscemi, personagem de importância capital que é citado ao longo de todo o filme e só aparece numa breve seqüência de dois minutos.

David França Mendes

Miller's Crossing, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Joel Coen ■ Com Gabriel Byrne, Albert Finney, Marcia Gay Harden, Jon Polito, John Turturro, J. E. Freeman, Steve Buscemi ■ ROTEIRO: Joel Coen e Ethan Coen ■ FOTOGRAFIA: Barry Sonnenfeld ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Dennis Gassner ■ MONTAGEM: Michael Miller ■ PRODUÇÃO: Ethan Coen ■ DURAÇÃO: 114 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes



Ao lado, Verna (Marcia Gay Harden) é o vértice do triângulo amoroso entre Tom (Gabriel Byrne) e o mafioso Leo (Albert Finney), acima

Fotos Fox

A PRODUTORA PORTÁTIL

A GR-60U é sem dúvida a mais versátil videomovie do mercado, com incomparável qualidade de imagem, graças ao seu CCD (dispositivo de carga acoplado) de 360.000 pixels com resolução de mais de 400 linhas. Além das características já pertencentes a toda linha de equipamentos JVC, a GR-60U possui um poderoso zoom de 8X com duas velocidades de aproximação e sensibilidade de até 8 lux; possibilita sobrepor quatro imagens de títulos diferentes em sua gravação ao vivo, grava quadro a quadro, faz edição de áudio e revisão do material a ser editado. Tudo isso, num equipamento compacto com apenas 1,2 Kg, faz da GR-60U uma verdadeira produtora portátil.

videomovie
GR-60U VHS C

À venda na Zona Franca de Manaus

GARANTIA 1 UM ANO

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

Receita de obra-prima desanda

QUERO IR PARA CASA

de Alain Resnais, com Gérard Depardieu...

Uma comédia dirigida por Alain Resnais, roteirizada por Jules Feiffer e protagonizada por Gérard Depardieu. Soa como uma receita de obra-prima, certo? Errado. São poucos os momentos realmente divertidos nesta farsa sobre um cartunista americano, Joey Wellman (Adolph Green), que vai a uma exposição de histórias em quadrinhos em Paris.

O argumento é promissor. O provinciano Wellman, que não fala uma palavra de francês, aproveita a viagem para reencontrar a filha intelectualóide, Elsie (Laura Benson), que rompeu com ele há dois anos e foi estudar literatura francesa na Sorbonne. Elsie despreza a atividade do pai, que ela considera vulgar e superficial, especialmente se comparada à grande arte de Racine e Flaubert. O velho confronto entre a rusticidade americana e o refinamento europeu.

Primeira piada: o caipira Wellman, que imagina o mundo à imagem de sua Cleveland, considera a França um clube privado, acessível apenas a iniciados, só porque os franceses usam cartões magnéticos nos telefones públicos e fazem circular diferentes notas com o mesmo valor.

Segunda piada: o ídolo intelectual de Elsie, professor Christian Gauthier, é na verdade um fã dos quadrinhos do Joey Wellman, sobretudo de seu personagem Heppcat. Com a revelação, as relações Europa-América ganham um novo matiz. E acabaram-se as piadas. O que se segue é uma mistura de constrangedoras cenas de pastelão com diálogos piegas sobre tolerância, compreensão e reconciliação familiar.

É difícil acreditar que o mesmo Resnais que fez *Hiroshima Meu Amor* (Sagres Vídeo) e *Meu Tio da América* possa ter cometido um filme tão linear e convencional, onde a própria aparição eventual de um personagem de cartun só serve para sublinhar a falta de imaginação reinante. Com todo o respeito, quem quer ir para casa antes da hora é o público.

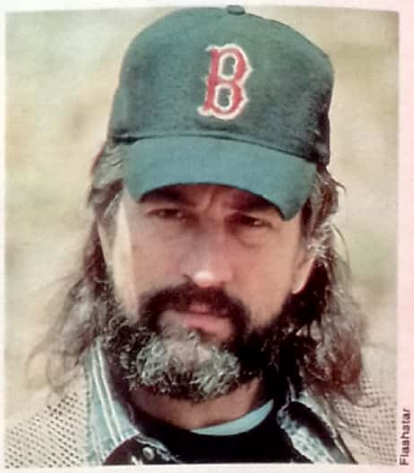
José Geraldo Couto

I Want To Go Home, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Alain Resnais ■ Com Adolph Green, Gérard Depardieu, Linda Lavin, Geraldine Chaplin, Laura Benson ■ ROTEIRO: Jules Feiffer ■ FOTOGRAFIA: Charlie Van Damme ■ MÚSICA: John Kander ■ DIREÇÃO DE ARTE: Jacques Saulnier ■ MONTAGEM: Albert Jurgenson ■ PRODUÇÃO: Marin Karmitz ■ DURAÇÃO: 105 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

O cartunista Joey Wellman (Adolph Green), abaixo, caracteriza-se de seu personagem preferido — o gato Heppcat —, e abraça um conviva numa festa

Fox Filmes

Megessey é um singelo mecânico, mais um personagem do versátil Robert De Niro



Flashstar

JACKNIFE

com Robert De Niro

Pelo jeito, o inventário do conflito vietnamita vai continuar rendendo por muito tempo mesmo. Aqui, o versátil Robert De Niro, que encarna o tema, protagonizando um filme de David Jones (*Nunca Te Vi, Sempre Te Amei*, disponível em vídeo pela LK-Tel / Columbia). De Niro é Megessey (ou simplesmente "Megs" ou "Jacknife"), mecânico simplório e falastrão de Connecticut, que após 15 anos vai encontrar o colega, ex-combatente, Dave (Ed Harris), que mora com a irmã Martha (a ótima Kathy Baker), tímida professora.

Enquanto Megs (apesar das neuras) é extrovertido e bem-humorado, Dave é deprimido e se afoga na bebida. Ele condena as loucuras de Megs, e a corte que este faz à sua reservada irmã. Jones é cuidadoso na direção dos atores; mas inglês demais para transmitir um texto tão americano, como é este do jovem Stephen Metcalfe (baseado em sua peça *Strange Snow*). Artificial em muitas seqüências (sobretudo nos flashbacks da guerra), o filme não envolve, apesar do esforço de De Niro.

Antonio Querino Neto

Jacknife, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: David Jones ■ Com Robert De Niro, Ed Harris, Kathy Baker, Charles Dutton, Loudon Wainwright 3d ■ ROTEIRO: Stephen Metcalfe, a partir de sua peça *Strange Snow* ■ FOTOGRAFIA: Brian West ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Edward Pisoni ■ MONTAGEM: John Bloom ■ PRODUÇÃO: Robert Schaffel e Carol Baum ■ DURAÇÃO: 102 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar

COMO TER UM NEGÓCIO CHEIO DE AVENTURA, ARTE, EMOÇÃO, DRAMA, POLICIAIS, ROMANCE E LUCROS.

VIDEO LESTE

Se você quer tudo isso em um único negócio, você anda pensando em abrir uma videolocadora. Vá em frente. É uma ótima área de investimento.

Mas, se na sua videolocadora você quer deixar os Policiais e o Drama do título aí de cima apenas nas prateleiras, a solução está na **VideoLeste**, onde você encontra tudo que precisa para o seu novo empreendimento.

Para isso, a **VideoLeste** oferece consultoria integral para que sua locadora seja tanto um sucesso de público quanto de lucros. Sem dramas na vida real.

Além disso, a **VideoLeste tem 25 mil fitas**, com todos os lançamentos das melhores distribuidoras, prontas para o acervo da sua locadora. E isso não é tudo: estojos, porta-fitas, fichas para cadastro de clientes, para controle de filmes e comandas, rebobinadores, adesivos para proteção de selo do Concine, sacolas plásticas personalizadas, painéis de informações, computadores e sistemas para gerenciar seu novo negócio, entre outros acessórios, estão à sua disposição.

Se você está preparado para as emoções fortes da caixa registradora tilintando sem parar, entre em contato com a VideoLeste.

Rua 24 de Maio 77 • 14º andar • Tels. (011) 223.3833/221.8809 / 221.7431 / 222.9526 / 221.0440 / 223.2969
Telex: (011) 25395 • Fax: (011) 2207431 • CEP 01041 • São Paulo • SP

Av. do Contorno, 8000 - sala 1302 à 1304 c/ Luiz
Tel. (031) 531-3590 • CEP 30110 • BELO HORIZONTE - MG

Av. Parigot de Souza, 198 - Sala 2 - Tel. (0442) 23-0570
CEP 87013 • MARINGA - PR • c/ Odiney

mesmos preços da matriz de S. Paulo

AS AVENTURAS DE TOM JONES

de Tony Richardson

Foram-se os tempos de Tom Jones. Comédia de costumes bastante apimentada para a época (1963) e muito mais apimentada quando foi escrita (1749) por Henry Fielding, *As Aventuras de Tom Jones* levava à tela um certo perfume dos anos loucos que se seguiram na década de 60.

Dirigida por Tony Richardson (*Um Hotel Muito Louco* - VTI), premida com 4 Oscar (entre eles o de melhor filme e melhor direção), essa história picaresca de um órfão que papava todas fez muito sucesso à época. Nele vemos um Albert Finney (*À Sombra do Vulcão*) no papel-título, incrivelmente belo e rejuvenescido, e uma Susannah York (Sophie Western, a pretendida de Tom) radiante como uma pepita.

Há inegáveis passagens divertidas e uma boa reconstituição do século XVIII, mas, além da duração excessiva (127 min.), que procura ensacar todas as aventuras do herói, a ironia galopante e as passagens eróticas acabam um pouco sensaboronas. Já não parece um espetáculo bom das pernas.

Carlos Volpato

Tom Jones, Inglaterra, 1963 ■ DIREÇÃO: Tony Richardson ■ Com Albert Finney, Susannah York, Hugh Griffith, Edith Evans, Joan Greenwood, Diane Cilento, George Devine ■ ROTEIRO: John Osborne ■ FOTOGRAFIA: Walter Lassally ■ MÚSICA: John Addison ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ralph Brinton ■ MONTAGEM: Antony Gibbs ■ PRODUÇÃO: Tony Richardson ■ DURAÇÃO: 131 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

O *bon vivant* Tom, o então jovem Albert Finney, flagrado em um instante de luxuria

Fotos: Fox Filmes

Uma imagem lendária: o octogenário Billy The Kid (Emilio Estevez) à frente de seu bando

Continuação de *Young Guns* chega primeiro

JOVEM DEMAIS PARA MORRER

Com Emilio Estevez, Kiefer Sutherland...

Billy the Kid não morreu. Está vivo e passa bem seus oitenta e tantos anos no deserto do Novo México. E quer vingança: aborrecido com as mentiras do livro sobre seu "assassino" — o xerife Pat Garrett —, Billy convoca um repórter para contar a sua verdadeira história.

Esta é a premissa básica de *Jovem Demais Para Morrer*, o western prafrentex estrelado por Emilio Estevez — que tem participação dupla no filme, como o jovem the Kid e, debaixo de camadas de latex, como o Billy octogenário. Segundos antes de Billy ser fuzilado, ele faz um acordo com Pat Garrett (William Petersen) e some de vista para sempre. Perde a fama de "príncipe dos pistoleiros", mas ganha a vida.

Melhor do que o *Young Guns*, original, que inexplicavelmente ainda não veio para o Brasil — um pastiche de Sam Peckinpah —, a continuação ainda paga tributo à *MTV* pelo uso de Jon Bon Jovi na trilha sonora. Mas o diretor neozelandês Geoff Murphy e o roteirista John Fusco abandonaram a postura posuda e estilosa do primeiro filme e atualizaram a fórmula de western com uma linguagem mais próxima do público jovem e uma dose bem-vinda de bom humor.

Estevez, Kiefer Sutherland (Doc Scurlock) e Lou Diamond Phillips (o índio Chaves) retornam aos mesmos papéis do original. Dessa vez, porém, o bando de Billy tem uma defecção.

As novas aventuras de Billy e seu bando pretendem — e conseguem — revelar a personalidade do bandido, seus motivos, seu raciocínio. Billy seria mais um rebelde do que um fora-da-lei, um contestador do poder estabelecido corrupto que disputa o futuro estado do Novo México.

O Billy de Fusco e Murphy é o equivalente a um rockstar viciado na própria fama. Num encontro com seus inimigos, a Billy são oferecidos liberdade e dinheiro suficientes para uma confortável aposentadoria caso ele concorde em ficar bem quietinho e bem longe dali, no México. Billy, porém, não concorda, porque no México ele seria "mais um gringo qualquer".

José Emilio Rondeau

Young Guns II, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Geoff Murphy ■ Com Emilio Estevez, Kiefer Sutherland, Lou Diamond Phillips, James Coburn, Christian Slater, William Petersen ■ ROTEIRO: John Fusco ■ FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Rudolf ■ MONTAGEM: Bruce Green ■ PRODUÇÃO: Paul Schiff ■ DURAÇÃO: 103 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes

WARNER HOME VIDEO - CANAL 3 .

A PROGRAMAÇÃO SOB CONTROLE.

Na guerra das audiências, a TV manda sempre as mesmas bombas. E isso acaba explodindo a sua paciência. Mas você pode se refugiar no Canal 3. Onde você vê o filme que quiser, na hora e do jeito que preferir. Sem intervalos comerciais, e nada que possa interromper sua emoção. Sintonize a Warner Home Video - Canal 3. E assista a melhor programação da TV: a que você mesmo faz.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.

© Warner Home Video Inc.

FAST

O ESTRANHO VAMPIRO

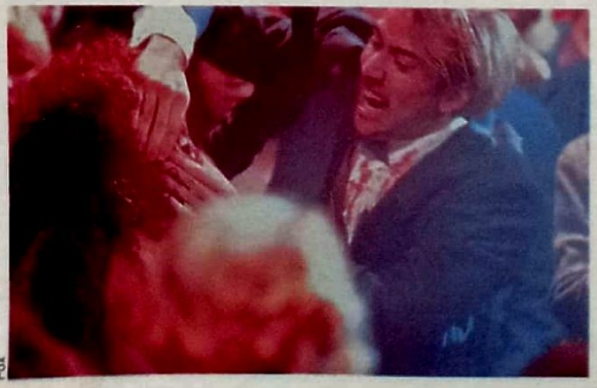
com Nicholas Cage

Muita gente já sugou a veia dos filmes cômicos com vampiros. Muito antes do "terrir" de Ivan Cardoso (*As Sete Vampiras, O Segredo da Múmia*, Globo Vídeo), antes mesmo de *A Hora do Espanto*, Roman Polanski já fizera o seu antológico *A Dança dos Vampiros*. Tudo levaria a acreditar que a fonte estivesse definitivamente seca ou, no mínimo, anêmica. Contrariando tais expectativas, *O Estranho Vampiro* consegue injetar sangue novo no gênero e provocar transbordantes gargalhadas. Tudo se deve ao talento de Nicholas Cage.

Em cena 90 por cento do tempo, na pele de Peter Loew — jovem agente literário que não consegue se livrar da idéia de que teria sido vampirizado por uma bela mulher (Jennifer Beals) —, Cage carrega o filme nas costas, desde o início, como um yuppie arrogante e pretensioso, até embarcar de vez na onda do vampirismo e começar a fugir do sol e dos crucifixos. Cage é perfeito em cada gesto e cada careta. Pelo menos uma cena é irresistível — e seu desempenho impressionante: quando "transformado", Loew dialoga longamente com um sólido pedaço de muro.

David França Mendes

Vampire's Kiss, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Robert Bierman ■ Com Nicholas Cage, Maria Conchita Alonso, Jennifer Beals, Elizabeth Ashley, Kasi Lemmons, Bob Lujan ■ ROTEIRO: Joseph Minion ■ FOTOGRAFIA: Stefan Czapsky ■ MÚSICA: Colin Towns ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Christopher Nowak ■ MONTAGEM: Angus Newton ■ PRODUÇÃO: Barry Shils e Barbara Zitwer ■ DURAÇÃO: 103 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes



Fox

Para o jovem vampiro Peter Loew (Nicholas Cage) qualquer hora é hora de se dar uma boa abocanhada numa apetitosa vítima

O veterano Gene (Mel Gibson) impressiona o idealista Billy (Robert Downey Jr.)

Columbia Tri-Star

Nem thriller político nem filme de aventuras

AIR AMERICA – LOUCOS PELO PERIGO

Com Mel Gibson, Robert Downey Jr. ...

A melhor coisa de *Air America — Loucos pelo Perigo* é o interesse que cria para se conhecer melhor os fatos reais que inspiraram o livro em que o filme se baseia: *Air America* era o nome oficial da linha aérea operada pelo governo americano na época da guerra do Vietnã para transportar munição, pessoas (refugiados, "presuntos" e soldados), alimentos, rebanhos e napalm — não necessariamente nessa ordem e não necessariamente com o consentimento ou o conhecimento do Congresso ou do povo americano. Sob o pretexto de ser uma linha estritamente comercial — e durante sua existência ela foi a maior companhia aérea do mundo, por causa de sua imensa frota —, a *Air America* estava, na verdade, usando bases secretas no Laos para combater o Vietnã do Sul.

Air America — Loucos pelo Perigo se concentra na história de dois dos pilotos americanos contratados para essa operação: o veterano Gene (Mel Gibson), ex-idealista que se viciou na excitação de tentar viajar "invisível" enquanto é bombardeado do ar e da terra, e Billy (Robert Downey Jr.), ex-piloto de helicóptero que dá informações sobre o tráfego para uma rádio de Los Angeles, um idealista que vai parar no Laos depois que uma encrenca no trabalho resulta na suspensão de seu brevê.

Indeciso entre ser um thriller político e um filme de aventuras entre dois parceiros muito diferentes (e muito iguais), *Air America — Loucos pelo Perigo* não consegue ser nenhuma das duas coisas. Mel parece restrito aos mesmos trejeitos de seu personagem na série *Máquina Mortífera* (Warner Home Vídeo) e Robert, mesmo que esta seja a melhor atuação de sua carreira até agora, fica perdido na selva. A própria campanha publicitária do filme nos Estados Unidos refletia bem essa esquizofrenia: vendia uma comédia.

Para os fãs de avião, porém, *Air America — Loucos pelo Perigo* é imperdível: só a aterrissagem forçada de uma nave pilotada por Downey Jr. vale o preço do ingresso.

José Emilio Rondeau

Air America, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Roger Spottiswoode ■ Com Mel Gibson, Robert Downey Jr., Nancy Travis, Ken Jenkins, David Marshall Grant, Lane Smith ■ ROTEIRO: John Eskow e Richard Rush, baseado no livro de Christopher Robbins ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: Charles Gross ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Allan Cameron ■ MONTAGEM: John Bloom e Lois Freeman-Fox ■ PRODUÇÃO: Daniel Melnick ■ DURAÇÃO: 110 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

SIGA A LÍDER!

Se você nunca fez ginástica e se acha incapaz de tal exercício, pode afastar essa idéia e passar para o lado das milhares de mulheres ativas e que se preocupam com a saúde e a beleza do corpo. A Herbert Richers acaba de lançar **Jane Fonda Workout Fácil de Fazer**, indicado para pessoas de qualquer idade e especialmente para você, que nunca praticou ginástica aeróbica.

Com 50 minutos de exercícios mais lentos e calmos, Jane Fonda trabalha o corpo integralmente, tonificando os músculos, desenvolvendo sua flexibilidade e aumentando a resistência do organismo.

Valorize o seu corpo! Entre para essa turma e torne-se também uma mulher mais bonita e ativa!

JANE FONDA WORKOUT

FÁCIL DE FAZER

AERÓBICA DE BAIXO IMPACTO

NOVO LANÇAMENTO!

■ Conheça também as outras fitas da série: **Jane Fonda Workout**, indicada não só para iniciantes, mas também para praticantes de aeróbica; e **Aeróbica de Baixo Impacto**, somente para os que já estão acostumados a exercícios físicos.

■ Não perca mais tempo. Entre num novo ritmo de vida. Adquira a sua fita preenchendo o cupom abaixo e envie para a Herbert Richers, ou então ligue já para (021) 800-2372. A ligação é grátis!

COMPRE PELO TELEFONE!
USE O SEU CARTÃO DE CRÉDITO
CREDICARD MasterCard DINERS CLUB

SIM, quero receber os seguintes videocassetes da série JANE FONDA WORKOUT:

☐ fita(s) **Fácil de Fazer** ☐ fita(s) **Aeróbica de Baixo Impacto** ☐ fita(s) **Jane Fonda Workout**

pelo preço de **Cr$ 5.257,00**, cada uma (válido até **05/12/90**)

FRETE GRÁTIS!

SET-40

Na seguinte forma de pagamento:

☐ Envio cheque anexo, cruzado e nominal a **Herbert Richers S/A**, do Banco _____

☐ Autorizo o débito em meu cartão **Credicard/Diners** N.º _____

Validade ____/____ Data ____/____/____ Assinatura: _____

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CIDADE _____

ESTADO _____ CEP _____ TELEFONE _____

HERBERT RICHERS

Endereçar o cupom a **Herbert Richers S/A** - Rua Conde de Bonfim, 1337 CEP 20.530 Rio de Janeiro.

LIGUE GRÁTIS! 021-800-2372 COMPRE PELO TELEFONE E GANHE UM DESCONTO!

Um advogado levado às barras do tribunal num filme eletrizante

ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

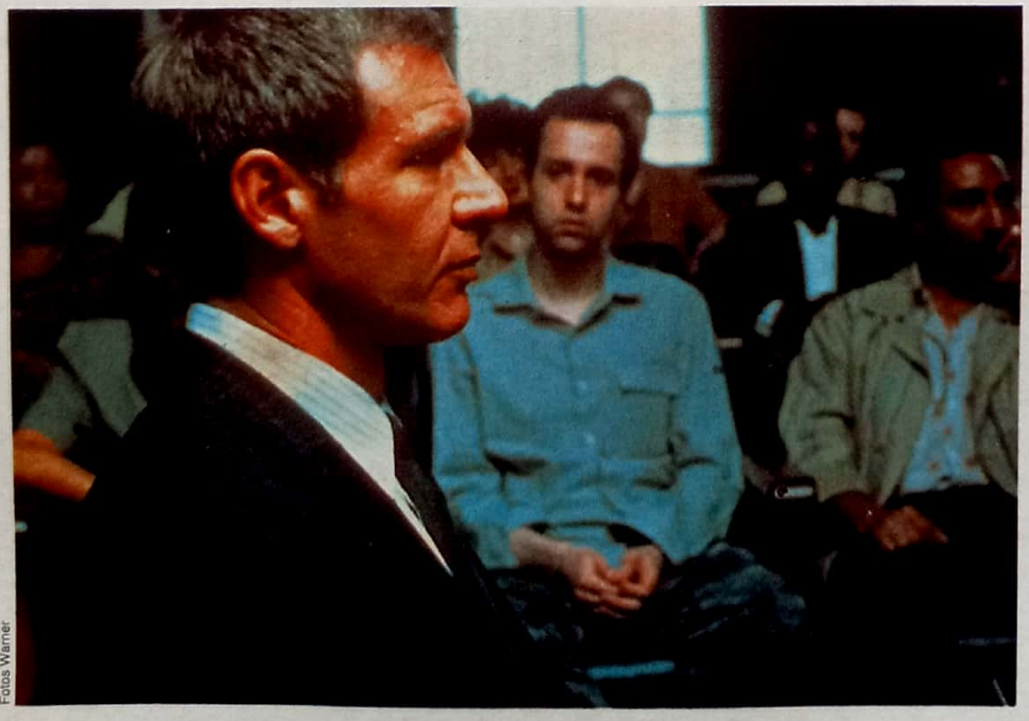
de Alan Pakula, com Harrison Ford, Raul Julia...

No final de 1986, Hollywood estava em chamas, entregue a um dos seus rituais mais comuns: a batalha por direitos autorais. Explique-se a fúria: na exata medida em que, nas últimas duas décadas, tem diminuído o número de roteiros originais de boa qualidade (principalmente os produzidos por encomenda dos famigerados "departamentos de desenvolvimento" dos estúdios, que, dizem as más línguas, são alguns dos maiores e mais gordos cabides de emprego do mundo), tem crescido a demanda por material virgem, de outras fontes, ou seja, direitos autorais de livros, roteiros, idéias e até fatos e gente (lembram-se de Chico Mendes?).

Em 1986, o motivo da disputa era *Presumed Innocent*, manuscrito de Scott Turow, então autor estreante, com uma formação das mais interessantes: advogado graduado na prestigiosa Harvard, ex-funcionário da promotoria de Detroit. Pesos pesados da indústria cinematográfica estavam no jogo, e um deles, o cineasta Alan J. Pakula *(A Escolha de Sofia, Todos os Homens do Presidente)*, estava positivamente apaixonado. "Que história! Que enredo! Comecei a ler o manuscrito e não pude largar mais", ele recorda. "Não eram apenas as questões que ele abordava que eram fascinantes: bem e mal, a danação de um homem perfeitamente normal e controlado que vê sua vida perder o rumo, os meandros do sistema judiciário americano. Era isso, mas, acima de tudo, era a história que prendia, cativava o leitor."

Decidido a transformar *Presumed Innocent* em filme, Pakula procurou um parceiro à altura, o produtor (e também diretor) Sydney Pollack, seu amigo. "Eu virtualmente convenci Sydney a comprar os direitos para mim", ele diz, rindo. Valor da extravagância amistosa: 1 milhão de dólares.

Muito em breve, Pakula poderia perceber que seu instinto estava correto: *Presumed Innocent* tornou-se um dos maiores best-sellers da temporada, permanecendo 44 semanas na lista dos mais vendidos do New York Times e vendendo mais de 5 milhões de cópias nos Estados Unidos apenas. Quando Pakula, afinal, realizou seu projeto, milhões de pessoas pelo mundo afora já sabiam quem havia assassinado Caroline Polhemus (a belíssima ítalo-inglesa-australiana, Greta Scaachi no filme), a sensual e inteligente promotora que enlouquece o corretíssimo Rusty Sabich (Harrison Ford), seu colega de escritório. Mesmo assim, Pakula e a Warner — estúdio distribuidor do filme — decidiram manter a aura de mistério que, sem dúvida, fora um dos pontos de venda do livro.



O advogado Rusty (Harrison Ford) no banco dos réus

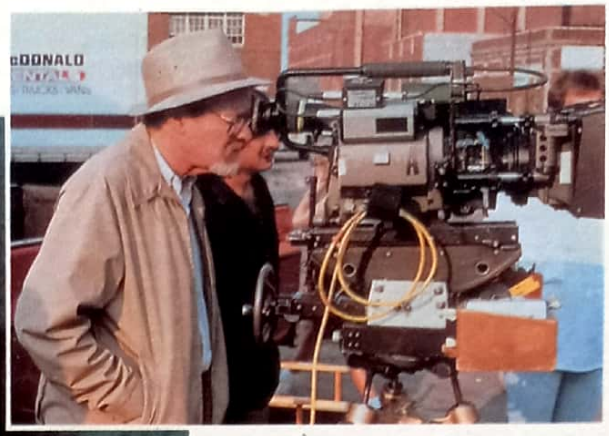
Fotos Warner

VERÃO LOUCO — o personagem central de *Acima de Qualquer Suspeita* é um homem acostumado a administrar os crimes alheios e a participar ativamente "do negócio de julgar, acusar e punir" (como Turow escreve). Rusty se vê preso em sua própria teia, sufocado pelas engrenagens de uma justiça que pensava conhecer e domar tão bem.

Para salvá-lo resta um de seus maiores antagonistas, o experiente advogado de defesa Sandy Stern (Raul Julia). E, quem sabe, a sorte. "O dilema desse personagem é absolutamente fascinante", diz Pakula. "Sempre fui atraído por pessoas que pensam que são civilizadas e têm o controle da situação e se vêem atiradas em espirais fora do seu alcance. No fundo, o que essas histórias querem dizer é que devemos ter mais compaixão — para com os outros e para com nós mesmos."

Lançado no terço final de um verão absolutamente enlouquecido, quando Hollywood gastou montanhas de dinheiro para fazer uma série de filmes parecidos uns

Ao lado, Pakula dirige e, abaixo, Ford e Raul Julia



com os outros — mocinhos viris detonando quantidades industriais de vilões —, *Acima de Qualquer Suspeita* criou um interessante oásis na bilheteria, atraindo todos aqueles adultos que se tinham mantido ao largo das explosões sanguinolentas da temporada: líder de bilheteria nas duas primeiras semanas de seu lançamento, o filme encerrou o verão entre os 5 maiores vendedores de ingressos da temporada, com 60 milhões em caixa. "Acho que é isso que eles chamam de contraprogramação em marketing", diz Pakula. "Ir propositalmente contra a corrente. Não tenho nada contra filmes juvenis, cheios de ação.

"O que me incomoda é que apenas este tipo de filme seja feito, em detrimento de tudo o mais que Hollywood sempre soube fazer tão bem."

Acima de Qualquer Suspeita fez mais do que ser um sucesso de contraprogramação: tornou-se um dos primeiros filmes da temporada a provocar especulações maciças com relação ao Oscar (outros filmes, como *Q & A*, de Sidney Lumet, *Nas Montanhas da Lua*, de Bob Rafelson, e até *Dick Tracy*, pelo lado técnico, já haviam provocado rumores menores, ligados a uma performance ou aspecto).

Tudo parece estar no páreo do Oscar: filme, roteiro, direção e, sobretudo, as atuações de Harrison Ford, Raul Julia e Bonnie Bedelia (que faz Barbara, mulher de Rusty). "O sucesso e o impacto de *Acima de Qualquer Suspeita* ensinam à indústria uma lição importante", escreveu Martin Grove, analista de mercado e colunista do jornal *Hollywood Reporter*. "Que, ao contrário do que se pensa, não são apenas os homens com idade entre 15 e 21 anos que vão ao cinema, hoje em dia."

Ana Maria Bahiana

Presumed Innocent, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Alan J. Pakula ■ Com Harrison Ford, Brian Dennehy, Raul Julia, Bonnie Bedelia, Paul Winfield, Greta Scaachi ■ ROTEIRO: Frank Pierson, baseado no romance de Scott Turow ■ FOTOGRAFIA: Gordon Willis ■ MÚSICA: John Williams ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: George Jenkins ■ MONTAGEM: Evan Lottman ■ PRODUÇÃO: Sydney Pollack ■ DURAÇÃO: 127 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Acima, Brian Dennehy é o chefe de Rusty; ao lado, a vítima, vivida por Greta Scaachi; Bonnie Bedelia é a mulher do advogado incriminado e Jesse Bradford, seu filho (abaixo)

HARRISON FORD

O ator defende com unhas e dentes a sua privacidade e conta como invadiu a vida alheia para compor seu personagem

Não é que Harrison Ford não goste de dar entrevistas — ele abomina todo o processo de pergunta-e-resposta, um jogo de gato e rato em que cada questão mais pessoal é rebatida por monossílabos e murmúrios ininteligíveis.

O mais importante, no entender de Ford, é utilizar a entrevista como ferramenta promocional de um filme e não deixar alguém tecer conjecturas sobre a pessoa detrás da máscara.

Em seu rancho em Wyomming — nos confins do interior norte-americano —, Ford mantém uma vida pacata e normal com sua mulher e os filhos do casal, longe dos olhos invasores da imprensa marrom de Hollywood. Quando precisa vender um filme novo, aí, sim, Harrison concorda com as sabatinas que tanto o amolam.

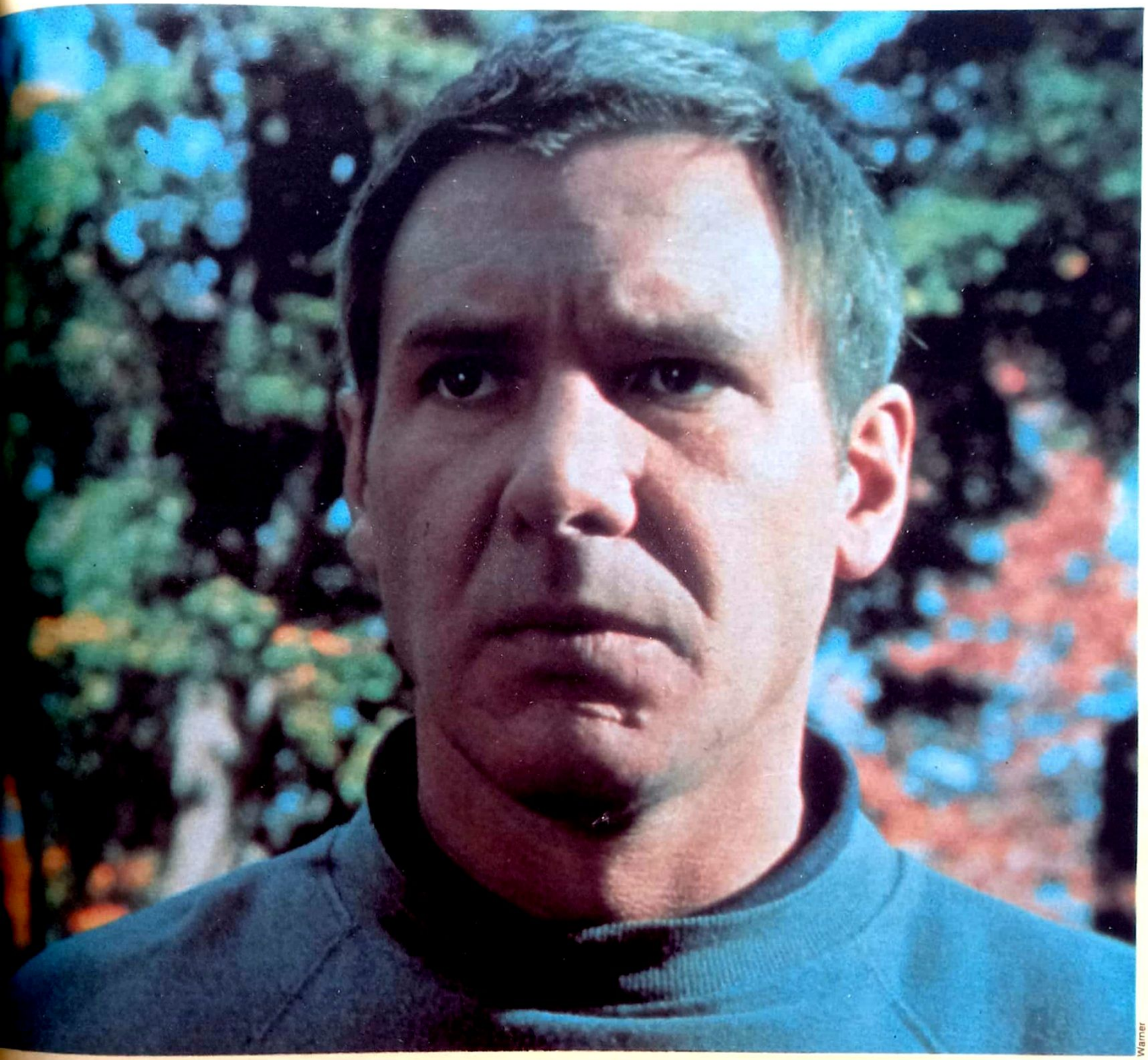
Como agora, numa suíte do hotel Regency, em Nova York, onde Ford e boa parte do elenco de *Acima de Qualquer Suspeita* — filme adaptado pelo diretor Alan Pakula do best-seller homônimo escrito por Scott Turow — estão fazendo o possível para dar luz à intrincada trama em que mergulha Rusty Sabbich (Harrison Ford) depois que é acusado do assassinato de uma colega, Carolyn Polhamus (Greta Sccachi).

Curiosamente, há um semalhança entre Rusty e Harrison: ambos são donos de grande autocontrole e ambos procuram manter suas respectivas vidas sob o máximo controle.

Quando Harrison Ford sentou-se para dar esta entrevista — num elegante terno cor mostarda —, estava nas bancas a mais nova edição da revista *Vanity Fair*, passarela de papel pintado por onde desfilam os ricos, os lindos e os poderosos, com — ooohhh — fotos da casa de Ford, um aparente sacrilégio.

Nada mais compreensível, portanto, do que começar a entrevista pelo caminho mais espinhoso: a quebra da privacidade.

SET — *Chegou às bancas ontem a nova edição da revista* Vanity Fair, *com uma reportagem de capa sobre você, que mostra, pela primeira vez no mundo, fotos de sua casa em Jackson, Wyomming. Esse vislumbre, ainda que rápido, da sua vida pessoal é uma raridade. Sua privacidade sempre foi protegida com unhas e dentes. Por que você concordou com esta reportagem? E como, quando e por que você decidiu proteger tanto sua vida particular?*



Warner

HARRISON FORD — São muitas perguntas de uma vez só *(risos)*. Vamos começar do início. Em primeiro lugar, sempre me pus à disposição da imprensa nas ocasiões em que tinha o que dizer. Geralmente não tenho o que dizer, exceto quando há um filme novo sendo lançado. Acho que o interesse do público é limitado, portanto é melhor motivar esse interesse somente quando você tem alguma coisa a oferecer. Agora, vamos à segunda parte: não convidei a *Vanity Fair* para dentro da minha casa. Meu escritório é do outro lado da rua e, na hora de uma pausa para um café, num ato normal de cortesia, preferi não deixar o repórter na calçada enquanto ia à cozinha pegar um café. Que isso tenha se transformado num convite à revista para conhecer minha casa me parece um exagero infeliz. Sempre consegui delimitar a discussão em torno de minha vida pessoal porque acho que muita informação acaba sendo desvantajosa para um ator. As pessoas tendem a caracterizá-lo a partir do que elas sabem sobre sua vida particular. Essa é minha única objeção. Acho que já falei de tudo. Mais alguma coisa?

SET — *As fotos da revista mostram, pela primeira vez, sua casa.*

HARRISON FORD — Não, não saíram fotos do interior da minha casa. Mostram um pedaço

"As pessoas me param na rua e dizem: 'ouvimos falar que você morava aqui e, por Deus, olha só você aqui — vou pegar a câmera'"

Warner

"Temo não ser fanático por cinema o bastante para discutir com você os dramas judiciários"

da cerca da minha casa. Olha, você nunca verá minha casa numa reportagem da *Architectual Digest*, do tipo "Em casa com Harrison Ford". Simplesmente não é minha natureza.

SET — *Você teve algum problema de invasão de privacidade em Wyomming?*

HARRISON FORD — Não. Sim e não. As pessoas me param na rua e dizem: ouvimos falar que você morava aqui e, por Deus, olha só você aqui — espera um instantinho que vou no carro pegar a câmera. Ou tem gente que estaciona na minha calçada "só pra dizer oi". Então existe um motivo para que eu seja vago a respeito de onde moro, o que me parece bastante razoável.

SET — *Você vai se mudar por causa disso?*

HARRISON FORD — Não, absolutamente. Porque também existe o efeito residual: as pessoas tanto ouvem falar de como você se interessa em manter sua privacidade que aquilo acaba fazendo parte da mitologia. E a maioria das pessoas respeita minha ambição de preservar minha privacidade... Mas vamos parar de falar sobre mim.

SET — *O preocupa, de alguma forma, o fato de que muitas pessoas farão o mesmo tipo de comentário, que em geral se faz, quando um filme é adaptado de um livro: "Ah, o livro era melhor"?*

HARRISON FORD — Bom, certamente isso vai acontecer, de uma maneira ou de outra. Mas não acho que devamos nos preocupar com isso. Infelizmente, não são tantas assim as pessoas que ainda lêem hoje em dia. E por mais que este livro tenha sido um sucesso, o número de pessoas que leram o livro é apenas uma pequena percentagem do que vem a ser o público de um filme.

SET — *Foi sua intenção tentar manter seu personagem o mais fiel possível ao personagem do livro?*

HARRISON FORD — Nos sentimos responsáveis por um material que já era muito bom. Existem diferenças nas construções do que parece ser uma mesma coisa, mas que, na verdade, são dois processos diferentes. Acho que fomos fiéis aos personagens, aos relacionamentos entre os personagens e às preocupações temáticas do livro. Mas a maneira como os fatores de suspeita e suspense são tratados no filme difere da do livro.

SET — *Como você descreveria seu personagem? Já se falou tanto a res-*

peito dele, basicamente que ele seria muito ingênuo...

HARRISON FORD — Não é assim que o vejo, de forma alguma. É um personagem muito complexo, nada que...

SET — *...Mas ele acredita na justiça, mesmo quando...*

HARRISON FORD — Mas isso não parece ser ingenuidade.

SET — *...Um homem honrado?*

HARRISON FORD — Ele é um homem digno que acredita na ordem e na justiça. É um homem responsável. O caso de amor que ele tem é um infortúnio, um raro momento de perda de controle em sua vida. Mas ele — conforme é descrito no livro e como, espero, o filme mostra — tem fé no poder da lei e na necessidade de se ter lei e ordem na vida. Rusty Sabbich resiste à sedução de Carolyn até o momento em que eles começam a trabalhar juntos, e se envolvem emocionalmente no caso de um garoto que é maltratado pela mãe. A atração que ele sente por ela, pelo menos imediatamente, não é baseada nos atributos sexuais (de Carolyn), mas na intimidade que é desenvolvida dentro do contexto do caso jurídico e na intensidade emocional de cada um em relação ao caso. Rusty tem um relacionamento leal e amoroso com sua mulher — é um casamento duradouro, que teve seus altos e baixos, mas é um bom casameno — e este caso extramarital é uma anomalia na vida de Rusty. É a primeira vez que algo desta natureza acontece com ele. E ele fica obcecado, consumido por esse caso de amor, e sofre muita dor e culpa por causa disso.

SET — *Soube que sua pesquisa para o papel envolveu visitas a julgamentos, idas a tribunais.*

HARRISON FORD — Fui a Detroit, onde passei um tempo indo ao escritório da procuradoria pública. Fui a escritórios de advogados, almocei com eles. Ao todo acho que foram dez dias. Não foi tanto para observar o comportamento num tribunal.O que me interessava era o lado mais mundano, digamos assim, da experiência deles. Gostava de ver como os advogados lidavam com toda sua papelada, como falavam ao telefone, como interagiam com seus colegas, tomando um cafezinho. Como conversavam com os juízes fora do tribunal.

SET — *Você teria como comparar* Acima de Qualquer Suspeita (v. matéria à pág.58) *a outros filmes que também apresentam dramas judiciários?*

HARRISON FORD — Ahn, temo não ser fanático por cinema o bastante para discutir com você os dramas judiciários em geral. Não vejo tantos filmes assim. Mas acho muito difícil fazer um filme desses parecer realista. Geralmente o que se faz é injetar uma dose de melodrama para dar a impressão de que o clima num tribunal é mais animado do que realmente é. Se você for a um julgamento vai ver que é uma situação bastante chata. Estou muito satisfeito com a maneira como as cenas de tribunal em *Acima de Qualquer Suspeita* foram realizadas. Conseguimos manter um determinado ritmo, através da seleção de determinados processos e de determinada carga de informação, fazendo cortes rápidos sem prejudicar o tom advocatício das cenas.

SET — *Foram feitas muitas modificações nos diálogos do filme, se formos compará-los aos do livro?*

HARRISON FORD — Qualquer ajuste nos diálogos que me pareça necessário é discutido com o diretor antes da filmagem. E isso faz parte do processo de feitura do roteiro — é quando você procura fazer com que as palavras caibam melhor na sua boca, na busca da expressão mais bem acabada que se possa achar. Mas boa parte do diálogo no filme saiu direto do livro. Scott Turow escreve diálogos muito bem, embora tenha sido necessário fazer alguns ajustes porque existe uma diferença muito grande entre uma palavra quando é escrita e quando é dita.

SET — *Você está para viver um outro advogado na tela, em* Regarding Henry, *dirigido por Mike Nichols. Coincidência?*

HARRISON FORD — É uma coincidência. Os advogados diferem muito entre si, da mesma forma que eu sou diferente de você. O advogado de *Regarding Henry* é um advogado de defesa, e não é uma pessoa muito escrupulosa e agradável. No filme ele é baleado na cabeça durante um assalto a um mercadinho, entra em coma e recupera a consciência mais tarde, sofrendo de amnésia. Daí ele tem a oportunidade de reinventar sua própria vida, seus relacionamentos com a família. Então é um tipo de personagem muito diferente de Rusty Sabbich.

SET — *É mais fácil ou mais difícil fazer papéis como estes se traçarmos um paralelo com os filmes de ação que você fez, como os da série* Indiana Jones?

HARRISON FORD — Eu diria que é tudo a mesma coisa. Me apraz fazer papéis bastante diferentes entre si. Se eu ficasse preso a um tipo determinado de papel perderia toda a graça.

SET — *Isso quer dizer que você se afastará por algum tempo dos filmes de ação e aventura?*

HARRISON FORD — Terei enorme satisfação em trabalhar num filme de ação e aventura, se achar um roteiro que seja ambicioso e que me proporcione algum prazer como ator. Mas, atualmente, não tenho achado nenhum filme deste tipo que me dê vontade de investir meu tempo e minha energia. Eles simples-

HARRISON FORD EM VÍDEO

AMERICAN GRAFFITI — LOUCURAS DE VERÃO (*American Graffiti*, EUA, 1973, de George Lucas). CIC ■ A CONVERSAÇÃO (*The Conversation*, EUA, 1974, de Francis Ford Coppola). CIC ■ HERÓIS SEM CAUSA (*Heroes*, EUA, 1977, de Jeremy Pau Kagan). CIC ■ COMANDO 10 DE NAVARONE (*Force 10 from Navarone*, Inglaterra, 1978, de Guy Hamilton). LK-Tel/Columbia ■ AMOR EM CHAMAS (*Hanover Street*, EUA, 1979, de Peter Hyams). LK-Tel/Columbia ■ APOCALYPSE NOW (EUA, 1979, de Francis Ford Coppola). CIC ■ OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (*Raiders of the Lost Ark*, EUA, 1981, de Steven Spielberg). CIC ■ BLADE RUNNER — O CAÇADOR DE ANDRÓIDES (*Blade Runner*, EUA, 1982, de Ridley Scott). Warner ■ E.T. — O EXTRATERRESTRE (*E.T. — The Extra-Terrestrial*, EUA, 1982, de Steven Spielberg). CIC ■ INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO (*Indiana Jones and the Temple of the Doom*, EUA, 1984, de Steven Spielberg). CIC ■ A TESTEMUNHA (*The Witness*, EUA, 1985, de Peter Weir). CIC ■ BUSCA FRENÉTICA (*Frantic*, EUA, 1988, de Roman Polanski). Warner ■ INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA (*Indiana Jones and the Last Crusade*, EUA, 1989, de Steven Spielberg). CIC.

mente são violentos demais, são muito vulgares e têm baixarias demais, por isso não os faço.

SET — *Então você não deixaria de fazer papéis heróicos, como Indiana Jones?*

HARRISON FORD — Bem, não se faz papel de herói. Não dá para você decidir que "agora vou dar uma de herói" e daí inventar o que viria a ser um comportamento "heróico", porque isso seria feio, desestimulante e impossível. Você faz um personagem que seja real. O interessante, tanto para o ator quanto para a platéia, é viver o papel de uma pessoa comum com a qual o público consegue se identificar e que, devido às circunstâncias, é impelido a se comportar de uma maneira heróica.

SET — *A série* Indiana Jones *terminou de vez?*

Warner

Raul Julia, como o advogado do advogado: o importante é a performance

HARRISON FORD — Assim parece. Pode ser que seja retomada em algum ponto no futuro, mas nada está sendo feito.

SET — *Você se interessaria na volta de Indiana Jones?*

HARRISON FORD — Você acha que eles conseguiriam fazer um novo filme da série sem mim? Mas, sim, me interessaria porque não acho que o assunto tenha se esgotado. Ainda existe potencial. Mas demorou cinco anos até que Steven Spielberg, George Lucas e eu concordássemos com o último que foi feito.

SET — *Por que será que Mike Nichols diz que você é a Ferrari dos atores?*

HARRISON FORD — Porque sou muito caro e de difícil manutenção. Acho que ele está fazendo um elogio quando diz isto. Não sei exatamente o que significa, mas acho que ele estava tentando ser generoso.

por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

JULIA, O DEFENSOR

Na primeira peça teatral de que participou — uma montagem infantil na escola religiosa onde estudava —, Raul Julia fez o papel do diabo. Em *Acima de Qualquer Suspeita* ele é Sandy Stern, um renomado advogado de origem argentina baseado nos Estados Unidos, que é contratado para defender seu oponente mais feroz, o promotor público assistente Rusty Sabich (Harrison Ford), ferrenho defensor da lei que se vê acusado de um homicídio hediondo.

Entre o Bem e o Mal, o porto-riquenho Julia (com o acento tônico no "a", ele faz questão de corrigir) passeia com tranqüilidade entre o tablado e a tela desde 1964. Seu papel de maior destaque foi na versão cinematográfica de *O Beijo da Mulher Aranha*. Julia e o co-astro William Hurt repartiram o prêmio de melhor ator dado pelo National Bord of Review dos Estados Unidos.

O papel de Sandy Stern, porém — que Raul define como sendo uma "máquina de defesa" —, pode resultar numa indicação para um prêmio Oscar: como coadjuvante de uma trama intrincadíssima, Raul rouba o filme todas as vezes que entra em cena.

SET — *Já estaria sendo planejado um segundo filme com seu personagem, o advogado Sandy Stern. Desta vez, baseado num outro livro de Scott Turow,* Burden of Proof.

RAUL JULIA — Eu ouvi falar, mas não sei de nada, oficialmente. Acabei de receber uma cópia do livro, mas ainda não li tudo. Sei que é mais sobre a vida pessoal de Sandy Stern. No primeiro livro esse lado pessoal e os relacionamentos particulares de Stern não são mostrados. O segundo livro revela mais sobre o homem, ao invés do profissional. Ele chega em casa, vindo de uma viagem de negócios, e descobre que a mulher se matou.

SET — *Você já disse que o trabalho dos advogados num tribunal é bem parecido com o trabalho de um ator num palco de teatro.*

RAUL JULIA — Ah, sim, é muito parecido, porque você tem uma platéia — o júri e as demais pessoas que estão acompanhando um julgamento... Então é parecido. Os advogados também precisam ser grandes atores.

SET — *Como você, como ator, se preparou para ser um advogado?*

RAUL JULIA — Conversei com advogados... Um advogado de defesa proeminente aqui em Nova York, Michael Kennedy. Ele me deu algumas dicas — foi ele quem me disse que a performance de um advogado era tudo. Como um advogado, a preocupação principal dele não era com a verdade, mas com a performance.

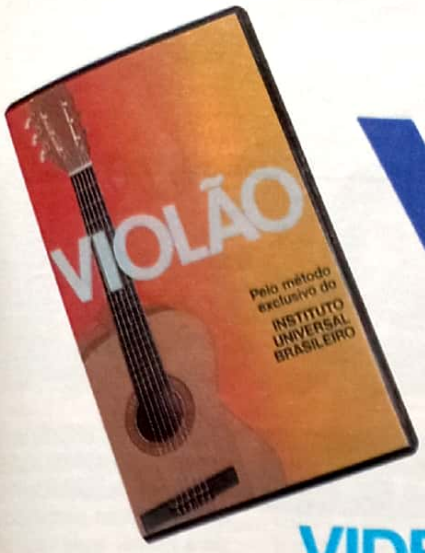
SET — *Em determinado ponto do filme, Sandy Stern pergunta a Rusty Sabich se ele é culpado ou inocente.*

RAUL JULIA — Não, ele nunca faz essa pergunta. A pergunta dele é: "A justiça foi feita?"

SET — *Isso é comum num relacionamento entre advogados e clientes?*

RAUL JULIA — Não. Os advogados de defesa nunca perguntam a seus clientes se eles são culpados. Nunca. E você acha que o cliente vai dizer que ele não é inocente? A função do advogado é evitar que o cliente vá para a cadeia.

J.E.R.



Agora você vai aprender VIOLÃO

COM OS MAIS MODERNOS RECURSOS DIDÁTICOS DO INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

VIDEOCASSETE

Com animação por Computação Gráfica

A Fita de Videocassete é um dos componentes didáticos mais interessantes do Curso.

Elaborada segundo os mais modernos recursos de gravação em vídeo, sonorização e com ilustrações animadas utilizando a técnica da computação gráfica, é apresentada com muito entusiasmo pelo nosso professor, constituindo-se num inédito trabalho didático-musical.

A visão das posições da mão esquerda na elaboração dos acordes, e as batidas da mão direita, é ilustrada passo-a-passo e representada por esquemas feitos por computação gráfica, no momento exato da execução, permitindo tocar e cantar os vários sucessos de ontem e hoje, que fazem o repertório do violão moderno.

APOSTILAS ILUSTRADAS E FITAS K7

A parte literária do Curso é apresentada em apostilas, escritas numa linguagem de fácil assimilação, com atraentes ilustrações técnicas e artísticas, que tornam o estudo interessante e agradável. A História do Violão, a teoria e a prática musical, os sucessos musicais com letras, músicas e acordes, um eficiente dicionário ilustrado musical, exercícios práticos de auto-avaliação e testes remissivos fazem parte das 36 apostilas que compõem o Curso.

As 3 Fitas K7 são responsáveis pela complementação sonora do curso. Gravadas em dois canais de áudio, reproduz um som estereofônico de ótima qualidade, permitindo ainda que você ouça em separado o canto, o acompanhamento ou detalhes rítmicos e sonoros especiais. Chamadas nas apostilas indicam o momento de ouvir a fita e estabelecer o elo de ligação entre o tema estudado e a sua representação sonora.

Mande o Pedido de Informações abaixo HOJE MESMO!

NOSSAS UNIDADES DE ATENDIMENTO

UNIDADES SÃO PAULO: Centro: *Av. Rio Branco, 781 (esq. c/Av. Duque de Caxias).* **Santo Amaro:** *Largo Treze de Maio, 520, 3º andar - conj. 31*
UNIDADE RIO DE JANEIRO: *Rua Riachuelo, 159 (próximo aos Arcos da Lapa)*
UNIDADE BELO HORIZONTE: *Av. Amazonas, 115, 2º and. - Centro - Ed. Caxias*
UNIDADE SALVADOR: *R. Marujos do Brasil, 5-B, Ed. André Luis, Bairro Tororó*

Instituto Universal Brasileiro

A maior e mais perfeita organização de ensino a distância do país!

1940 – 1990

50 anos de experiência dedicados ao ensino

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

Av. Rio Branco, 781 – Caixa Postal 5058 – São Paulo – CEP 01051

PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Senhor Diretor, solicito enviar-me GRÁTIS o Folheto Ilustrado completo sobre o Curso de Violão.

Nome: _____

Rua: _____ Nº _____

CEP: _____ Bairro _____ Cx. Postal _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____ / _____ / _____ _____

Data Assinatura

SB7-40

20 FILMES DE TR

O potencial dramático de uma sessão no tribunal nunca foi desprezado pelos autores de melodramas. Dos escritores de folhetins do século 19 aos atuais roteiristas de telenovelas, todos sabem que o tribunal é um palco privilegiado onde se concentra a tragédia ou a farsa de vidas inteiras, com suas reviravoltas, revelações surpreendentes, expiações de culpa e busca de redenção. Mas um julgamento, ao colocar em confronto muitas vezes o interesse do Estado e o direito do indivíduo, pode servir também como uma exposição condensada dos mecanismos de funcionamento da sociedade, colocando a nu sua estrutura de poder e sua escala de valores éticos e ideológicos.

No cinema, os dramas judiciários sempre ocuparam um lugar de destaque, e os títulos disponíveis em vídeo no Brasil já alcançam várias dezenas, embora caiba lamentar a ausência de alguns clássicos do gênero, como *Fúria*, de Fritz Lang; *A Tortura do Silêncio*, de Hitchcock; *Doze Homens e uma Sentença*, de Sidney Lumet; *Audazes e Malditos*, de John Ford; e *Esse Crime Chamado Justiça*, de Dino Risi. Assim como o *thriller* policial concentra-se fundamentalmente no período que vai do crime à prisão do criminoso e o drama carcerário acompanha o desenrolar da punição do condenado, o filme judiciário interessa-se pelo momento do julgamento, em que o crime já foi cometido, um suspeito foi preso e seu destino está em jogo. Silêncio no tribunal que a sessão vai começar.

POLÍTICA

GIORDANO BRUNO
(Itália/França, 1974)
Direção: Giuliano Montaldo. Com Gian Maria Volonté, Christian Blech, Charlotte Rampling. Globo Vídeo.
No século 16, mexer com os dogmas da religião católica era correr o risco de acabar na fogueira, especialmente se se estivesse na Itália, pertinho do santo-papa. O filósofo e astrônomo Giordano Bruno (Volonté), apresentado no filme como uma espécie de ecologista e bicho-grilo *avant la lettre*, comprovou na carne essa verdade. Quando suas idéias começaram a incomodar as autoridades eclesiásticas de Veneza, estas mandaram-no a Roma, onde caiu nas malhas da Inquisição. Seu julgamento — exposto didaticamente por Montaldo — é uma ilustração perfeita da Justiça medieval católica segundo a qual o réu podia confessar e ser punido, ou negar a culpa e ser igualmente punido.

Globo Vídeo

BUNAL

DANTON — O PROCESSO DA REVOLUÇÃO
(Danton, França/Polônia, 1982)
Direção: Andrzej Wajda. Com Gérard Depardieu, Wojiech Pszoniak, Patrice Chereau. Polevídeo.
Outro filme político marcado pelo didatismo. Com um olho na situação da Polônia dos anos 80, Wajda encenou o julgamento do revolucionário francês Danton (Depardieu) como um embate entre a paixão libertária e o poder burocrático e esclerosado, simbolizado na figura de Robespierre (Pszoniak), ex-companheiro de Danton na insurreição contra a monarquia. Isolado e encurralado num processo de cartas marcadas, Danton faz sua própria defesa, bradando até perder a voz contra a degeneração dos ideais democráticos da Revolução Francesa.

O DELITO MATTEOTTI
(Il Delitto Matteotti, Itália, 1973)
Direção: Florestano Vancini. Com Mario Adorf, Franco Nero, Vittorio De Sica. Transarte.
Mais um julgamento viciado, só que desta vez com o ditador no banco dos réus. Em meados dos anos 20, pouco depois da ascensão do fascismo na Itália, o deputado socialista Giacomo Matteotti (Nero), um dos adversários mais ferrenhos de Mussolini, é assassinado. Todo mundo sabe (ou no mínimo desconfia) quem ordenou o crime. Um juiz incorruptível (De Sica) está disposto a levar o processo até o fim, mas enfrenta todo tipo de obstáculo. O especialista Vancini consegue traçar um convincente painel das forças políticas e sociais envolvidas nesse processo que sacudiu a Itália e deixou às claras a impunidade do regime.

SEÇÃO ESPECIAL DE JUSTIÇA
(Section Speciale, França/Itália/Alemanha, 1975)
Direção: Costa-Gavras. Com Michel Lonsdale, Jacques Perrin, Louis Seignar, Henri Serre. Mundial.
Costa-Gavras é sinônimo de cinema político. A exemplo do que realiza em *A Confissão* (1970) e *Muito Mais que um Crime* (1989), aqui também ele se serve de um processo judicial para questionar o poder e o posicionamento ético dos indivíduos diante dele. Na Paris ocupada pelos nazistas, um oficial da Gestapo é morto por militantes de esquerda. Em represália, o governo colaboracionista francês, para agradar os invasores alemães, decide condenar à guilhotina cinco presos, entre judeus e comunistas. Promulga-se então uma lei antiterrorismo com efeito retroativo, e cria-se a toque de caixa um tribunal extraordinário — a tal Seção Especial. Do início ao fim, uma farsa que fere todos os princípios jurídicos em nome da "razão de Estado".

O CASO DOS IRMÃOS NAVES
(Brasil, 1967)
Direção: Luís Sérgio Person. Com Raul Cortez, Juca de Oliveira, Anselmo Duarte, Lélia Abramo. Globo Vídeo.
Em matéria de prepotência dos poderosos e escândalos judiciários, poucos países se igualam ao Brasil. Um caso típico foi este, ocorrido na cidadezinha mineira de Araguaia em 1937, em plena aurora da ditadura do Estado Novo. Um ladrão foge da cidade levando uma pequena fortuna roubada, e a ira da população e das autoridades volta-se contra os irmãos Naves (Cortez e Oliveira), amigos do fugitivo. Sob todo tipo de coerção e tortura, eles são levados a confessar o que se espera deles. O roteiro esperto do crítico Jean-Claude Bernardet extrai desse fato verídico o máximo de referências à situação do país na época da realização do filme, em que o arbítrio voltava a imperar.

SELEÇÃO DE VÍDEO

PAIXÃO

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
(Witness for the Prosecution, EUA, 1957)
Direção: Billy Wilder. Com Marlene Dietrich, Tyrone Power, Charles Laughton. Warner.
Com base em peça de Agatha Christie, esta preciosidade dirigida por Billy Wilder é um exemplo de intensificação das possibilidades dramáticas e espetaculares de um julgamento. Um advogado brilhante (Laughton), às vésperas da aposentadoria, aceita defender o jovem Leonard Vole (Power) da acusação de assassinato de uma viúva rica. A alemã Christine (Marlene Dietrich), esposa do acusado, pretensamente traída por ele com a viúva, será uma testemunha-chave no tribunal, onde a vida do casal é passada em revista, com reviravoltas desconcertantes.

UM LUGAR AO SOL
(A Place in the Sun, EUA, 1951)
Direção: George Stevens. Com Montgomery Clift, Elizabeth Taylor, Shelley Winters, Raymond Burr. CIC.
O tribunal como palco de paixões sem futuro. O jovem pobre George Eastman (Clift) tem uma namorada operária, Alice (Shelley Winters), mas sua verdadeira amada é a jovem milionária Angela Vickers (Liz Taylor). À medida que sua ligação com Angela se fortalece, Alice torna-se uma pedra cada vez maior no sapato de George. Num passeio de barco com ele, ela morre afogada. O rapaz é culpado ou inocente? O desenrolar do julgamento parece ocorrer no interior da consciência de George, atormentada e dividida entre o amor, a ética e o desejo de ascensão social. Interpretação memorável de Clift, que dois anos depois seria outro réu em apuros, em *A Tortura do Silêncio*, de Hitchcock.

O FIO DA SUSPEITA
(Jagged Edge, EUA, 1985)
Direção: Richard Marquand. Com Glenn Close, Jeff Bridges, Peter Coyote, Robert Loggia. LK-Tel/Columbia.
Quando uma advogada se apaixona por seu cliente, o resultado pode ser explosivo, especialmente se o crime de que este é acusado é o assassinato da própria esposa. Aqui, o marido-réu é o editor de jornal Jack Forrester (Bridges) e sua defensora é a ex-promotora Teddy Barnes (Glenn Close), que morre de remorso por ter levado um inocente à cadeia anos atrás. No processo de Forrester, ela corre o risco de, como diz seu auxiliar Sam Ransom (Loggia), ser guiada "não pela cabeça, mas por outra parte da anatomia". O mesmo problema acomete Robert Redford, o advogado da irresistível Daryl Hannah em *Perigosamente Juntos* (CIC).

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(A Fish Called Wanda, Inglaterra, 1988)
Direção: Charles Crichton. Com John Cleese, Jamie Lee Curtis, Kevin Kline, Tom Georgeson. Vídeo Arte.
Pior ainda acontece quando o advogado se apaixona pela namorada do cliente, que além de tudo quer passar a perna neste e ficar com o produto do roubo que praticaram juntos. O réu é o escroque inglês George (Georgeson), sua namorada é a americana Wanda (Jamie Lee Curtis) e o advogado é o empertigado Archie Leach (John Cleese, do grupo Monty Python). Nesta comédia maluca, em que não falta um macarrônico amante latino (Kline) e um peixe batizado de Wanda, toda a pompa do sistema judiciário inglês é pulverizada por um bombardeio de gags impagáveis. Um recreio entre tantos filmes sisudos e tensos dedicados ao assunto.

MGM

Um Peixe Chamado Wanda

PRECONCEITO

QUERO VIVER!
(I Want to Live!, EUA, 1958)
Direção: Robert Wise. Com Susan Hayward, Simon Oakland, Virginia Vincent. Warner.
A história real da vigarista e prostituta Barbara Graham (Susan Hayward, que ganhou o Oscar pelo papel), acusada de um assassinato que não cometeu, revela até que ponto a Justiça pode ser influenciada pelos preconceitos sociais. O verdadeiro crime pelo qual Barbara não é perdoada é o de não corresponder ao modelo de bom comportamento que a América espera de suas moças. O tarimbado Robert Wise descreve o calvário da ré com uma minúcia de entomologista, sem cair no melodrama e sem deixar a tensão afrouxar nem por um momento. O papel vampiresco da imprensa sensacionalista é um dos alvos preferidos deste manifesto contra a intolerância.

QUEREM ME ENLOUQUECER
(Nuts, EUA, 1987)
Direção: Martin Ritt. Com Barbra Streisand, Richard Dreyfuss, Eli Wallach, Maureen Stapleton. Warner.
Mais uma prostituta no banco dos réus. Só que, ao contrário da Barbara de *Quero Viver!*, Claudia (Barbra Streisand) é uma meretriz de classe média, divorciada, de nível superior. Acusada de assassinar um cliente, ela se torna vítima de um grande acordo — envolvendo seus pais, o promotor e psiquiatras do Estado —, que objetiva declará-la louca e interná-la num hospício. Mas o advogado Aaron Levinsky (Dreyfuss) pensa, ao contrário, que ela é perfeitamente capaz de auxiliar na sua própria defesa, e faz tudo para conquistar-lhe esse direito, incluindo verdadeiras sessões de psicanálise em pleno tribunal.

ACUSADOS
(The Accused, EUA, 1988)
Direção: Jonathan Kaplan. Com Kelly McGillis, Jodie Foster. CIC.
Depois do advogado-psicanalista de *Querem me Enlouquecer*, é a vez da promotora-mãe entrar em ação. É esse o papel que a superprotetora Kelly McGillis assume diante da frágil Jodie Foster, uma "garota fácil" que é estuprada sadicamente por um bando de brutamontes num bar de cidadezinha americana. No processo, quem acaba submetida a julgamento é a moral machista e provinciana ainda reinante na América. Apesar do Oscar conquistado por Jodie Foster, o filme vale mais pelo tema e pelo aspecto sociológico do que propriamente por suas qualidades cinematográficas, que pouco se elevam acima dos melodramas televisivos.

O SOL É PARA TODOS
(To Kill a Mockinbird, EUA, 1962)
Direção: Robert Mulligan. Com Gregory Peck, Mary Badham, Robert Duvall. CIC.
Como em *Audazes e Malditos*, realizado dois anos antes por John Ford, aqui

também o julgamento de um negro revela o preconceito racial profundamente arraigado nos americanos. Em 1932, numa cidadezinha do interior, um negro é acusado de estupro e tem toda a comunidade local contra si, à exceção do advogado branco que faz a sua defesa (Peck, Oscar de melhor ator). Baseado em livro de Harper Lee (ganhador do prêmio Pulitzer), este drama, dirigido no costumeiro estilo delicado de Mulligan (*Houve uma Vez um Verão*), coloca em cena a tradicional figura do advogado como paladino da Justiça e dos direitos humanos. Narrado do ponto de vista dos filhos do advogado, assume uma visão idealista da democracia americana.

M, O VAMPIRO DE DUSSELDORF
(M, Eine Stadt Sucht den Moerder, Alemanha, 1931)
Direção: Fritz Lang. Com Peter Lorre, Otto Wernicke, Theo Lingem. F.J. Lucas.
Um psicopata assassino de crianças (Lorre) é a imagem mais acabada do pária social, desprezado e hostilizado até pelos outros criminosos. São estes, aliás, que improvisam num abrigo subterrâneo o julgamento do assassino, com o objetivo único de "legitimar" o linchamento que já decidiram por antecipação. Situado em Dusseldorf e realizado no limiar da ascensão dos nazistas ao poder, este clássico dos clássicos de Fritz Lang é uma visão sombria de uma sociedade sem lei, sem Justiça e sem respeito pelo indivíduo. Assustadoramente atual, assim como *Fúria* (1934), também de Lang, que volta ao tema do linchamento.

ASSASSINATO A SANGUE-FRIO
(The Onion Field, EUA, 1979)
Direção: Harold Becker. Com John Savage, James Woods, Franklyn Seales, Ted Danson. Globo Vídeo.
Filme policial que se transforma aos poucos em drama judiciário, psicológico e existencial. Tudo começa com o rapto de dois policiais por assaltantes durante uma ronda noturna. Na ação, um dos policiais é morto. O homicida (Woods) e o policial sobrevivente (Savage) enfrentam inquéritos paralelos para apurar o crime, cometido com a arma cedida por Savage ao assaltante. Este resolve realizar a própria defesa no processo, e habilmente põe a nu as brechas e discriminações existentes no sistema jurídico americano. O roteiro é baseado em fato ocorrido em Los Angeles, em 1963.

SENTENÇA FINAL
(L'Affaire Coffin, Canadá, 1987)
Direção: Jean-Claude Labrecque. Com August Shellenberg, Yvon Dufour, Gabriel Arcand. Mundial.
Preconceito e conveniência política confluem para a condenação de um homem em mais um julgamento viciado. Em 1953, na região de Gaspe, no Canadá, três americanos são mortos durante uma caçada a ursos. Há duas hipóteses: ou eles foram mortos por outros americanos que foram vistos na região e depois sumiram; ou o assassino é o canadense Wilbert Coffin (Shellenberg), que com uma mulher e um filho ilegítimo costuma cometer pequenos delitos. Como ao governo canadense (e à coroa britânica, à qual este está sujeito) interessa manter um bom relacionamento com o governo e os turistas americanos, dá para imaginar como foi dura a luta (verídica) de Coffin para tentar escapar da forca.

Justiça para Todos
Columbia

CORRUPÇÃO

MARIE, A VERDADE DE UMA MULHER
(Marie, EUA, 1986)
Direção: Roger Donaldson. Com Sissy Spacek, Jeff Daniels, Fred Thompson. VTI.
A Justiça como instrumento de políticos corruptos. Nesse ninho de cobras vai parar, mais ou menos sem querer, a honesta e provinciana Marie (Sissy Spacek), empregada da comissão de concessão de clemência e liberdade condicional do estado do Tennessee. Ingênua e idealista, Marie demora a perceber que a soltura de presos obedece a critérios e objetivos escusos, e que a rede de envolvidos chega até o governador do Estado. Conduzido com habilidade pelo mesmo diretor de *Sem Saída*, este drama baseado em fatos reais ocorridos nos anos 70 só peca pelo maniqueísmo flagrante e pela excessiva melodramatização dos problemas familiares de Marie.

SOB SUSPEITA
(Suspect, EUA, 1987)
Direção: Peter Yates. Com Cher, Dennis Quaid, Liam Neeson, Joe Mantegna. Warner..
Mais um pária que é levado às barras do tribunal com poucas chances para se defender. Trata-se aqui de um indigente, Carl Anderson (Neeson), acusado de degolar uma moça na periferia de Washington. Para piorar, o réu é surdo-mudo graças a uma meningite contraída num hospital militar, onde foi parar ao voltar do Vietnã. Tudo está contra ele, até que sua advogada, Kathleen Riley (Cher), com a irregular ajuda de um jurado (Quaid), descobre que o pobre diabo está sendo vítima de uma armação que visa acobertar a participação no crime de uma alta figura do poder judiciário com aspirações ao Senado. Apesar de algumas soluções inverossímeis, Yates mistura habilmente suspense e política e mostra que na capital dos EUA também existe muita miséria nas ruas.

OS INTOCÁVEIS
(The Untouchables, EUA, 1987)
Direção: Brian De Palma. Com Kevin Costner, Robert De Niro, Sean Connery. CIC.
Como todos sabem, o gângster Al Capone matou, roubou e contrabandeou, mas o que permitiu à Justiça condená-lo foi a sonegação de impostos. Na versão de De Palma, altamente romanceada, muitos tiros e mortes acontecem, mas a ação conflui para o duelo de Capone (De Niro) e Eliot Ness (Costner) no tribunal de Chicago. O longo processo de Capone é condensado aqui numa única e espetacular sessão, em que acontece de tudo, incluindo uma inédita troca do júri todo, que teria sido subornado pelo réu. Nesta epopéia do Bem triunfante, a corrupção do sistema é derrotada pela determinação de um punhado de homens determinados. Infantil e irresistível.

JUSTIÇA PARA TODOS
(And Justice for All, EUA, 1979)
Direção: Norman Jewison. Com Al Pacino, John Forsythe. LK-Tel/Columbia.
Irônico já a partir do título, extraído da Constituição dos EUA, este é um painel assustador da Justiça americana, revelando até que ponto os indivíduos estão à mercê do arbítrio de homens nem sempre muito bem-intencionados. O condutor dessa constatação é Arthur Kirkland (Pacino), um advogado à beira de um ataque de nervos, de tão cansado de ver inocentes serem punidos e culpados, absolvidos. O ápice de sua crise existencial chega quando seu arquiinimigo, o prepotente juiz Fleming (Forsythe), acusado de estupro, surpreende-o com o convite para ser seu advogado de defesa. O julgamento de Fleming, defendido por Kirkland, é um dos mais eletrizantes do cinema, e um grande momento de Al Pacino.

Seleção e resenhas de José Geraldo Couto. As fitas foram cedidas pelas distribuidoras e pela Hobby Vídeo.

ELIZABETH TAYLOR

A diva recauchutada e seu passado de amores, divórcios, pílulas e fama

Ela não gosta da sua aparência e odeia o som da própria voz. Apesar de ter subido e descido como um ioiô durante sua vida repleta de ligações amorosas curtas e explosivas, não deixou-se consumir como Marilyn Monroe, não se escondeu como Brigitte Bardot e tampouco enlouqueceu como Rita Hayworth. A bordo de seus tantas vezes desejados 1,52 m, Elizabeth Rosemund Taylor, segundo alguns críticos, sempre nutriu três fixações — maridos, doenças e diamantes. Mas, a exemplo dos tantos personagens de ficção que interpretou, Liz Taylor é imprevisível, pois no intervalo de cada uma de suas quedas revelou-se um espelho de incrível resistência, dotada de um enorme senso de paixão pela vida.

MGM

Nasceu em Londres em 27 de fevereiro de 1932, filha de um antiquário e uma ex-atriz. Recebeu uma educação rígida, criada sob os dogmas da seita cientista cristã. Considerada uma criança feia, foi levada pela mãe aos três anos de idade a uma escola de dança para evitar a possibilidade de um complexo de inferioridade. Daí surgiu sua primeira oportunidade no palco, quando dançou no Palácio de Balmoral para a rainha-mãe e para as princesas Elizabeth e Margaret Rose.

Em 1939, aos sete anos, mudou-se com a família para os Estados Unidos, devido a ameaça da Segunda Guerra. Os Taylor estabeleceram-se em Los Angeles, Califórnia, cenário ideal para os objetivos de sua mãe, que desejava torná-la uma atriz à força. Resultado: dois anos depois, através do produtor Samuel Marx, um amigo da família, Elizabeth era contratada pela Metro. Seu primeiro trabalho no cinema foi em *There's One Born Every Minute*, mas não representaria nada de significativo em sua filmografia. Mais tarde, em filmes como *A Força do Coração* e *A Mocidade É Assim Mesmo*, já superestrela mirim, Elizabeth Taylor seria embalada como um produto comercial para rivalizar com outra menina prodígio da época, Shirley Temple.

MGM

Sob a luz de tanta publicidade, tendo amadurecido fisicamente como uma das ninfetas mais cobiçadas de Hollywood, levou muito tempo para aprender a lidar com a vida e seus admiradores. Antes de completar 25 anos, já havia participado de 27 filmes, casado e divorciado do magnata hoteleiro Nicky Hilton, do ator Michael Wilding e enviuvado do produtor Michael Todd. Seu casamento seguinte, com Eddie Fischer, seria um dos mais polêmicos de sua vida amorosa. Foi acusada de "desagregadora de lares" por ter

"roubado" o marido de sua amiga Debbie Reynolds e daí em diante tornou-se um dos alvos preferidos das críticas das Ligas de Proteção da Moral, Bom Comportamento e Boa Ação.

"Horrivelmente tímida", tomava comprimidos com vodca antes de sair de casa. Vítima de profundas crises de depressão, recebia todos os dias uma injeção de Percodan. Demerol, Valium e uísque com soda também faziam parte de sua dieta.

Liz Taylor obedecia religiosamente a um ciclo específico no tocante a matrimônios. Casava-se, ficava doente durante toda a lua-de-mel, internava-se para tratamento de desintoxicação e, após receber alta, declarava-se a mulher mais feliz do mundo. Sua silhueta vivia inchando, desinchando, e diz-se que as mulheres americanas penduravam suas fotos quando gorda nas geladeiras para dominarem o desejo de comer. A própria Liz já confessou ter feito o mesmo.

Cinerama Releasing

LFI

Na página oposta, o preto-e-branco não revela o violeta dos olhos, mas a lingerie de *Disque Butterfield 8* (1960) deixa entrever formas embriagantes

DIVÓRCIOS E AIDS — Em 1963, Elizabeth Taylor encarnou Cleópatra na produção homônima. Apesar do faraônico orçamento de 30 milhões de dólares, o filme não foi grande coisa do ponto de vista cinematográfico, mas marcou profundamente o meio artístico por ter registrado o início de um dos mais turbulentos casos de amor e ódio dentro e fora do cinema. Taylor e Richard Burton passaram a viver juntos desde então, vindo a se casar em 1964. Além de *Cleópatra*, fizeram juntos *Gente Muito Importante*, *Adeus às Ilusões*, *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*, *A Megera Domada* (o segundo grande momento do casal), *Os Farsantes*, *Doutor Fausto*, *O Homem Que Veio de Longe*, *Unidos pelo Mal* (prêmio para Liz no Festival de Berlim), *Under the Milk Wood* (inédito no Brasil) e *Divorce His, Divorce Hers* (série feita para a TV e exibida em compacto no Brasil com o título *Os Divorciados do Século*). Coincidentemente, pouco depois deste filme, realizado em 1973, os dois se divorciaram para voltar a se casar em 1975. Menos de um ano depois estava cada um para o seu lado.

Liz Taylor foi indicada várias vezes para o Oscar. Em 1957, por *A Árvore da Vida* (perdeu para Joanne Woodward por *As Três Máscaras de Eva*), em 1958, por *Gata em Teto de Zinco Quente* (perdeu para Susan Hayward por *Quero Viver*), em 1959, por *De Repente no Último Verão* (perdeu para Simone Signoret com *Almas em Leilão*). Mas a estatueta viria finalmente para as suas mãos em 1960, quando a atriz interpretou a *call-girl* Gloria Wondrous em *Disque Butterfield 8*, e em 1966 por *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*.

Mas além de prêmios e amores, Elizabeth Taylor também colecionou infecções, colapsos nervosos, problemas de coluna e intoxicações por álcool e drogas, chegando a ser submetida a trinta intervenções cirúrgicas pelos mais variados motivos, tendo operado da garganta ao menisco do joelho esquerdo, passando por várias vértebras e muitas plásticas. Hoje, a atriz ocupa a maior parte de seu tempo como presidente da Fundação Americana para Pesquisa sobre a Aids. Liz Taylor diz ter se interessado pela doença porque ninguém estava fazendo nada a respeito, e isto cinco meses antes de saber que seu amigo íntimo, o ator Rock Hudson, estava com o vírus. Depois de mais reviravoltas em sua vida rocambolesca, Elizabeth Taylor está disposta a lutar contra a estigmatização da doença. Existem boatos de que ela esteja portando o vírus, visto que um de seus últimos namorados, o milionário editor americano Malcolm Forbes, teria se matado com uma overdose de cocaína por estar com Aids.

Liz Taylor recebeu alta recentemente de uma internação em conseqüência de uma pneumonia viral, ocasião em que chegou a ficar ligada a aparelhos de respiração artificial. Mas, para quem pensava que uma das últimas divas do cinema estava com seus dias contados, Elizabeth Taylor ressurge novamente das cinzas, glamourosa como nunca aos 58 anos e pronta para nos surpreender mais uma vez.

Moisés Liporage SET

Acima, flor ao sol em *Assim Caminha a Humanidade* (1956), nos intervalos; e, no detalhe, um exemplo para dietas

PARA DESVENDAR O ENIGMA OZU

Com suas obras simples e poéticas, o diretor japonês Yasujiro Ozu revolucionou a história do cinema

A importância da obra do diretor japonês Yasujiro Ozu para o seu país e para o cinema mundial se equivalem. Se para o Japão Ozu revelou-se um esteta do cotidiano e da simplicidade, pondo a nu os processos de desagregação dessa cultura milenar — sem sair de Tokyo, cenário predominante de seus filmes —, para o universo cinematográfico tornou-se um enigma.

Com seu estilo único de filmar, marcado pelo uso da câmera baixa, praticamente imóvel, aliada aos planos fixos tão belos que são chamados de natureza-morta, e pelos *faux raccords*, seqüências de planos que desrespeitam o mandamento máximo do cinema ocidental, a continuidade narrativa — para dar um exemplo —, o mais japonês dos cineastas japoneses desconcertou a crítica e os teóricos por obter um estrondoso sucesso invertendo as leis mais básicas do cinema ocidental.

Conhecido pelo público do lado de cá do mundo somente após sua morte, na década de sessenta, o cinema de Ozu revolucionou tanto os princípios mais básicos de filmar comuns ao olhar ocidental que os críticos passaram a repensar a própria história do cinema mundial através de seus filmes.

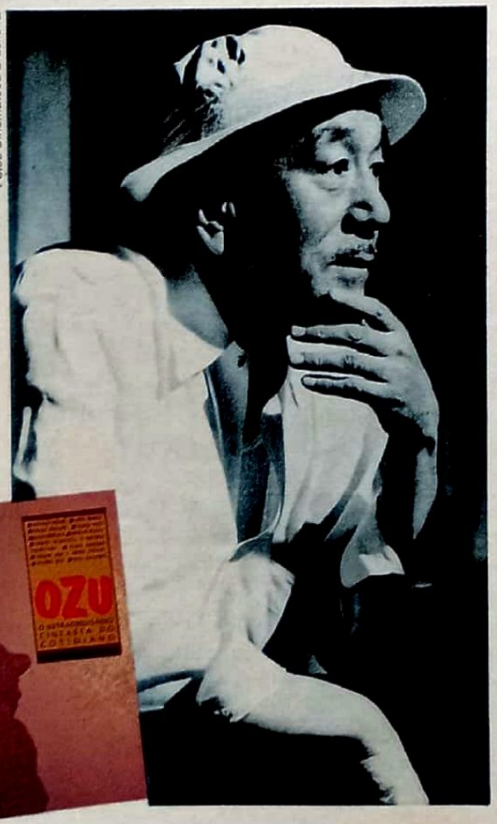
Quem ressalta este fato é a crítica Lúcia Nagib, responsável pela organização da coletânea de textos *Ozu — O Extraordinário Cineasta do Cotidiano*, obra pioneira no Brasil — acostumado às traduções de coletâneas somente — e no mundo, já que existem volumes inteiros destinados a desvendar o estilo de Ozu, mas não a união de textos tão significativos, escritos pelos maiores conhecedores do assunto.

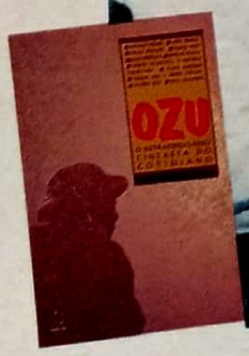
De Donald Richie a Alain Bergala, de Noël Burch a Gilles Deleuze, de Wim Wenders a Ozu, passando pelo texto de Tadao Sato, traduzido diretamente do japonês para a coletânea, em primeira mão para o público de língua ocidental, foi "montado" o livro. Dividido em quatro unidades harmônicas — Ozu em livros, Ozu na imprensa, depoimentos e entrevistas e biografia e filmografia —, abarca os mais variados aspectos do cinema do diretor, proporcionando um mergulho estético nas razões ao seu elaboradíssimo estilo.

Ou seja, há um pouco do que já se fez de melhor sobre a obra de Ozu. Mas a parte final do livro, em que o depoimento emocionado de Crishu Ryu, ator de 50 filmes de autoria do cineasta, unido à admiração respeitosa de Wenders, fecham o livro com sensibilidade e brilho. Se o cinema de Ozu foi considerado arte poética, tal a sua perfeição, a presente ediçao faz jus à sua importância e maravilha. E quem ganha é o leitor. Mergulhe no labirinto da poesia de Ozu.

Celso Cruz

Fotos Cinemateca Brasileira

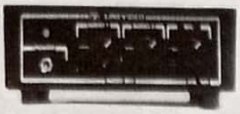




À esquerda, o diretor Ozu. À direita, cena doméstica de *A Rotina Tem Seu Encanto* (1962) e, abaixo, *Eu Nasci, mas...*, comédia de 1932

Ozu — O Extraordinário Cineasta do Cotidiano — org.: Lúcia Nagib — trad. Maria Lucia S. de Almeida e outros — Ed. Marco Zero/Cinemateca Brasileira/Aliança Cultural Brasil Japão-SP-90 págs.

MAIS SOM PARA
O SEU VÍDEO
AUDIO MIX - MISTURADOR DE ÁUDIO



PARA VOCÊ SONORIZAR SUAS GRAVAÇÕES

Possue duas entradas de áudio onde você pode colocar a sua música favorita junto com o som original da fita, e ainda uma entrada de microfone, permitindo a narração. Ajustes de volumes individuais permitindo que se misture os sons nas proporções desejadas.

Temos ainda completa linha de equipamentos para vídeo:

- **V.R. REGENERATOR:** aumenta a definição do vídeo, melhorando o contraste nas cópias.
- **V. SWITCHER:** comuta 4 sinais de vídeo para uma única saída.
- **V. DISTRIBUTOR:** divide um sinal de vídeo em até três saídas.
- **V. MODULATOR:** modula o sinal de vídeo para uma saída em canal 3 ou 4.
- **Efeitos** - V. POSTERIZATION
  - V. SOLARIZATION
  - V. INVERTER

LINEVIDEO EQUIPAMENTOS DE VÍDEO
R. Dr. Elisio de Castro, 671
São Paulo - SP - CEP 04277
TELEFONE: (011) 273 2328

MERCADO DO VÍDEO
COMPRAMOS VÍDEOS E CÂMERAS USADOS

VIDEO-TEC SERVICE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE VÍDEOS E CÂMERAS

ORÇAMENTO E TRANSCODIFICAÇÕES NA HORA

FACILITAMOS PAGAMENTOS

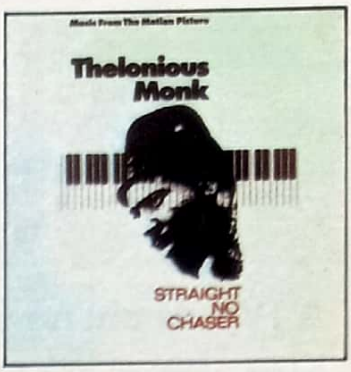
- TRANSCODIFICAMOS FITAS DO SISTEMA EUROPEU (PAL-G) PARA NTSC.

TROCA DE CABEÇA A PARTIR DE 100 BTNS NA HORA

- MANUAIS DE VIDEO E CÂMERAS EM PORTUGUÊS

MOEMA
Av. Pavão, 690
Fones: (011) 241-4062/533-3290 e 533-5909
JARDINS
Rua Batatais, 110
Fones: (011) 887-9130/884-4722

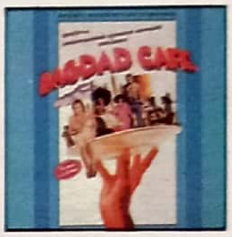
PIANÍSSIMO



Numa leva de poucos lançamentos recomendáveis, surge o brilho incomparável do pianista Thelonious Monk

◆ A grande pedida deste mês é a trilha de um filme ainda inédito (e sem previsão de lançamento) por aqui: *Straight, No Chaser*, documentário dirigido por Charlotte Swerin, focalizando a figura única do pianista/ compositor/arranjador Thelonious Monk (1917-1982). Junto a nomes como Dizzy Gillespie e Charlie Parker, Monk foi um dos responsáveis pela renovação harmônica e rítmica introduzida no jazz pelo *bebop*. Com sua peculiar técnica ao piano — um ataque poderoso, aliado a inusitadas seqüências de acordes e solos — adquirida enquanto autodidata, ele teve seu valor reconhecido tardiamente. Só com trinta anos foi que conseguiu gravar o primeiro disco, e demorou mais de dez até formar um grupo. No entanto, foi fundamentado em seu estilo personalíssimo que Monk, ao longo do tempo, foi se transformando num dos mestres mais cultuados de seu instrumento. Este álbum reúne parcialmente alguns dos momentos mais significativos da trilha sonora do documentário (que contou também com a produção executiva de outro famigerado jazzófilo, Clint Eastwood). São gravações solo de Monk e outras onde é acompanhado por quarteto e octeto, englobando os períodos 56/57 e 67/68. Dentre as várias pérolas apresentadas, com certeza de maior brilho é a gravação de "Trinkle, Tinkle" (57), em que o quarteto de Monk conta com a presença luminosa do sax de John Coltrane. Um raro prazer.

◆ Um resultado muito bom foi obtido pelo trilheiro Alan Silvestri na música de *Back to the Future — Part III* (Varèse Sarabande/Eldorado). Em uma série de temas curtos e ágeis, ele conseguiu transpor sua ambientação musical para a época em que o filme se desenrola sem recorrer absolutamente aos gastos clichês de trilhas de westerns. Destaques para o tema principal, "It's Clara (The Train Part II)" e ao arranjo instrumental para "Doubleback", do ZZ Top. Aliás, o único defeito grave do disco é a omissão da versão original desta última canção, conforme tocada pelo grupo texano na hilária seqüência do *saloon*.



◆ "O menu é diferente!" afirma um selo na capa da trilha de *Bagdad Cafe* (Island/PolyGram). Bem, se depender do repertório do disco, ele não deve ser indicado para diabéticos. Tendo como "carro-chefe" a melosa canção "Calling You" (na versão mais conhecida com a cantora Jevetta Steele e em outra, com o autor Bob Telson), o LP traz no primeiro lado uma sucessão de temas açucarados mal-arrematados . Mas o outro lado ainda é pior: as mesmas canções da face um do disco ao fundo, enquanto o diretor Percy Adlon narra a história do filme em primeiro plano. Dose para elefante!

Celso Pucci

SUPER-VHS POLIVA

A JVC dá um novo salto tecnológico com o modelo Super-VHS HR-SC 1000: além de editar fitas domésticas, o aparelho é compatível com quatro tipos de fitas — VHS standard, VHS-C (compact), S-VHS e S-VHS-C

Fotos Rui Mendes Azul

Todo videocassete que reproduz Super-VHS (isto é, VHS com 400 linhas de resolução) também permite assistir fitas em VHS normal (com 240 linhas). O que a JVC inclui em seu mais recente lançamento, no entanto, vai um pouco além: o aparelho aceita quatro tipos de fitas, ou seja, VHS standard, VHS-C (compacta, até recentemente de uso exclusivo em camcorders do mesmo tipo), Super-VHS e Super-VHS-C. Os consumidores mais visados pela empresa estão entre aqueles que já têm um videocassete e pretendem adquirir um segundo (ou terceiro) com inovações tecnológicas de ponta, ou aqueles que costumam gravar com camcorders Super-VHS, VHS-C e Super-VHS-C. Estes não precisam mais utilizar o adaptador de fita para revê-la no videocassete. Uma bandeja motorizada encaixa as fitas compactas, bem como as de tamanho normal. Automaticamente entra em operação o circuito eletrônico respectivo: o de 400 linhas se a fita for "super" ou de 240 se não for.

O ensaio técnico realizado pela SET atestou qualidade superior de imagem do aparelho, mesmo quando operando em fita comum (VHS). Para usufruir das benesses tecnológicas do HR-SC 1000, no entanto, o comprador terá de desembolsar o equivalente aproximado a dois videocassetes convencionais disponíveis no mercado, ou seja, 120 mil cruzeiros (preço de agosto). E não só — para desfrutar plenamente dos recursos sofisticados oferecidos pelo HR-SC 1000, especialmente a resolução de 400 linhas de imagem que o caracterizam, o consumidor precisa reequipar seu sistema de vídeo doméstico, o que implica em mais alguns investimentos, como a compra de um televisor com entrada para S-VHS (ver box).

REQUINTES — O vídeo dual (ou seja, compatível com S-VHS, VHS e suas versões compactas) já está à venda em Manaus, mas a JVC promete distribuí-lo em todo o Brasil. Ele apresentou um excelente desempenho de som estéreo em ambiente doméstico. Traz até requintes para audiófilos, como, por exemplo, botão de balanço (só para gravações) de som hi-fi. A imagem "super", chega, por exemplo, a definir o brilho de gotas de água na pele de golfinhos. Algumas fitas "zero km" seladas foram usadas para testar a imagem em VHS normal. O cabo super, fornecido com o aparelho, que só pode ser conectado em televisores com esse tipo de entrada, também transmite a imagem VHS, proporcionando uma resolução de qualidade (perceptível por qualquer leigo) incomparável à de vídeos e monitores comuns. O recurso da compatibilidade entre fitas VHS e S-VHS não é o único trunfo do HR-SC 1000. A JVC pretende conquistar os consumidores com outras novidades tecnológicas, como a inclusão de funções de uso semiprofissional no controle remoto, como o botão de *jog*, que movimenta as cenas para frente e para trás; um relógio de

LENTE

O HR-SC 1000 apresenta design sofisticado (ao lado) e recursos semiprofissionais, como botão de *jog* que movimenta cenas para frente e para trás (acima)

cristal líquido que armazena as informações para programação, que uma vez enviadas para o vídeo, podem ser "relembradas" a ele, em caso de corte de energia. Quando se tem uma fita gravada com trechos virgens remanescentes, o controle permite ainda a busca desses trechos; a tecla *zip* salta 30 segundos de gravação, tempo correspondente a um comercial de TV. Entre outras operações permitidas pela máquina estão também edição em "dueto" (com outro videocassete acoplado) — a diferença com relação às máquinas convencionais é que o recurso *local/remoto* permite o sincronismo entre a mestra, que reproduz, e a escrava, que copia; busca em tempo real (a fita "anda" o tempo digitado pelo usuário); áudio *dub* (dublagem de som, na edição de fitas domésticas); e *slow* e *search* através do dial.

Jairo Tadeu Longhi

FICHA TÉCNICA

MARCA/MODELO	JVC/HR-SC.1000
TIPO DE APARELHO	Gravador de videocassete dual (VHS/S-VHS e suas versões compactas)
Nº DE CABEÇAS DE VÍDEO	4 + 1 apagadora
GERAÇÃO TECNOLÓGICA	Super-VHS e Hi-fi
VOLTAGEM	120V
SISTEMA DE CORES	NTSC
CONTAGIROS/ MENSAGEM	Tempo real em hora, minuto e segundo; mensagens na tela
GRAVAÇÃO PROGRAMADA	Oito programas, com 14 dias de antecedência; a um toque programável com 24 horas de antecedência; a um toque normal até nove horas
AUDIO DUB	Sim
QUADRO A QUADRO, SLOW E SEARCH	Todas as possibilidades através do *dial/jog/shuttle*
CIRCUITO REALÇADOR	HQ (*High Quality*), com filtro redutor de ruído no contorno de imagens
ACESSÓRIOS	Cabos S-video, de audio, coaxiais e de antena; balum e pilhas comuns
DIMENSÕES	47x39x11cm
PESO	9,5 kg
MANUAL DO PROPRIETÁRIO	Detalhado, em inglês
PRAZO DE GARANTIA	1 ano
PREÇO APROXIMADO	Cr$ 120 mil (em agosto)

COMO USUFRUIR DA IMAGEM "SUPER"

Ao adquirir um vídeo HR-SC 1000, o comprador não deve ter a ilusão de que seu investimento pára por aí. Para aproveitar seus recursos, é preciso, em primeiro lugar, ter um televisor compatível, isto é, com entrada S-vídeo (para S-VHS). São monitores com dimensões que variam de 21 a 37 polegadas, lançados por três fabricantes — Sony, Philips e Panasonic, à venda em magazines e grandes redes de eletrodomésticos. Seus preços oscilam entre 200 e 300 mil cruzeiros (final de agosto). O tubo de imagens desses monitores exibe mais de 500 linhas, ou seja, acima da resolução proporcionada pelo vídeo S-VHS (400 linhas). Se o usuário quiser utilizar seu televisor normal junto ao HR-SC 1000, assistirá imagens com resolução de no máximo 320 linhas (padrão de transmissão no Brasil), além de ver tudo em preto-e-branco. Isso ocorre porque o HR-SC 1000 não vem transcodificado da fábrica — ou seja, é NTSC puro, incompatível com o sistema Pal-M brasileiro. A alternativa para quem não quer comprar um novo televisor (de alta resolução) é providenciar a instalação de um transcoder externo ao vídeo, especial para o formato S-VHS, cujo preço varia ao redor de 40 mil cruzeiros. A Tecnovídeo, representante da JVC no Brasil, recomenda o uso do transcoder S-8000, fabricado pela própria empresa. Por último, para que o consumidor usufrua plenamente as imagens "super", deve utilizar principalmente fitas S-VHS virgens (entre Cr$ 1 800,00 e Cr$ 2 500,00). É possível também utilizar fitas VHS normais, porém com perda de qualidade de imagem.

J.T.L.

CARTAS

Trilhas Sonoras

Acho que uma revista especializada como SET não pode tratar tão superficialmente o assunto das trilhas sonoras. Em SET n.º 6, ano 4, à página 38 nem se toca no nome de Danny Elfman, responsável pela trilha instrumental de *Dick Tracy*. Um absurdo! Já chega a fama que Prince carregou nas costas pelo filme *Batman*. Espero que as pessoas que trabalham em função do cinema de uma forma ou de outra não sejam levadas pelo entusiasmo de uma febre ou de uma mania.
Silvia Regina Schiess
(São Paulo — SP)

Travolta, Williams e Pernalonga

A edição n.º 7 (ano 4) de SET está conforme manda o figurino. Mas convenhamos que a capa merecia, sem sombra de dúvida, Robin Williams, pelo recente *Cadillac Man*. A entrevista com Williams, apesar de curta, foi bastante objetiva. Nesta mesma edição, o ensaio sobre Pernalonga satisfez o público de 8 a 80 anos.
Charles Pierre Siqueira
(Belo Horizonte — MG)

Excelente a reportagem sobre *Olha Quem Está Falando* (n.º 7, ano 4), com o ator John Travolta, e também pelo ensaio sobre os 50 anos de Pernalonga. Foi demais!
Francisca Jânia de Bessa
(Paus dos Ferros — RN)

Pernalonga

Stô Nlle des Editions du Chêne

Parabenizo-os pela excelente reportagem sobre John Travolta (n.º 7, ano 4). Já estava na hora de alguém se lembrar deste ator.
Ubirajara Abrão David
(Palmas — PR)

Parabenizo SET, sua equipe e correspondentes, pelo excelente nível da revista, e em especial o n.º 7 (ano 4). A reportagem sobre o 43.º Festival de Cannes é um convite ao sonho, e a não menos agradável entrevista com Robin Williams, na qual pude conhecer a repercussão pedagógica no Brasil do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*.
Fábio Gouveia
(Karlsruhe — Alemanha Ocidental)

Dick Tracy

A Matéria de Capa com o filme *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4) está o máximo, pois nos forneceu os mínimos detalhes da realização desse grandioso filme. Não compreendo apenas por que Warren Beatty está sendo preterido na grande maioria das críticas pela atuação, impagável, de Al Pacino, pois a interpretação de Beatty está perfeitíssima e segura no papel de Dick Tracy.
Adriana Del Ré
(São Paulo — SP)

Lamento que algumas Matérias de Capa de SET tenham sido tão decepcionantes como foi a do filme *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4).
Leandro Fernandes da Silva
(São Vicente — SP)

Parabenizo-os pela excelente matéria sobre o filme *Dick Tracy*, com informações interessantes sobre o melhor filme do ano.
José Henrique R. de Paula
(Sorocaba — SP)

Gostei muito da edição n.º 6, ano 4, principalmente a reportagem sobre o filme *Dick Tracy* e a matéria "Bando de Fedelhos".
Frederico C. P. Júnior
(Florianópolis — SC)

Com a matéria "Dick Tracy, Agora Ninguém Escapa" (n.º 6, ano 4), SET extrapolou os limites da mera reportagem. Esta edição, aliás, começa com nota 10 já na capa, que entra para a galeria das melhores já criadas por SET. Uma edição digna de aniversário, que estranhamente passou despercebido pelos maiores interessados.
Márcio Antônio Assunção
(Florianópolis — SC)

Warner

Beatty

Parabenizo-os pela grande matéria sobre o superfilme *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4). Só lamento o pouco espaço dado à maravilhosa Madonna e também ao ator Warren Beatty, que tem um fantástico desempenho no filme.
Ricardo Julio da Silva
(Camaragibe — PE)

A Matéria de Capa da edição n.º 6, ano 4, aborda com destaque o excelente trabalho do desenhista de produção Richard Sylbert, mencionando também a grande atuação de outros profissionais da equipe técnica. Devido a esse enfoque, acredito que os leitores inconformados com a baixa cotação dos filmes considerados divertidos venham a entender que a cotação é baseada na parte técnica, geradora do "cinema de arte", enquanto o entretenimento gera apenas o cinema puramente comercial.
José Carlos F. de Macedo
(Brasília — DF)

Em Cartaz e Videolançamentos

As edições de SET cada vez mais afirmam o caráter sensacionalista e publicitário desta revista. Críticas infundadas, como ao filme *Batman* ou ao plágio que é Tom Cruise, só estimulam a ignorância que gira em torno do cinema mundial. Piedosamente, peço que renovem seu sistema de críticas aos lançamentos, pois é simplesmente intragável ler textos tão retrógrados. Inconcebível a negligência ao trabalho do ator Daniel Day Lewis ou a *Sociedade dos Poetas Mortos*, enquanto piadas como o patético Tom Cruise são alvo de um populismo ridículo.
Flávio R. Dias
(Florianópolis — SC)

Tenho todos os números de SET e sinceramente não gostaria de interromper a coleção por achar que a qualidade da revista está caindo. Acho que as seções Em Cartaz e Videolançamentos mostram críticas muito superficiais — pois os críticos adoram fazer o gênero hermético —, com muito blablablá e pouca profundidade. Outra coisa, poupem papel e acabem com a seção Equipamentos.
Maurício Cavalcanti
(Curitiba — PR)

SET poderia ser mais interessante e inclusive ampliar a faixa etária de seus leitores — fazer que minha filha de 15 anos se interesse pela leitura de suas reportagens e não somente pelas belas fotos — se suas críticas não fossem muito unilaterais. Acho-as muito pessoais e influenciadas pelo pensamento dos críticos americanos. Como leitora assídua, até mesmo obsessiva, sinto-me no direito de alertá-los quanto à intransigência de suas críticas. As opiniões de seus críticos não deveriam ser radicais. Ao contrário, deveriam orientar objetivamente, sem ironias nem excessos de elogios.
Clarice R. da Silva
(Joinville — SC)

Tom Cruise e Rob Lowe

Na edição nº 6, ano 4, o leitor Flávio André reclamou e duvidou da respeitabilidade de SET pela edição nº 3, ano 4. Se ele acha muito a publicação de onze páginas com o ator Tom Cruise, gostaria de saber se ele não quer vendê-la pelo preço da atual em banca. Endereço: Francisco Giuliani, 250.
Marcela Souza
(Restinga Seca — RS)

Discordo totalmente da opinião da leitora Amanda Corrêa, que na edição nº 7, ano 4, em sua carta publicada, se refere a Tom Cruise e Rob Lowe como "atores fabricados pela indústria cinematográfica". Só porque são jovens não quer dizer que não tenham talento. Tom Cruise, por exemplo, vem crescendo, em cada um de seus filmes, cada vez mais. Dou meu apoio a quem sabe reconhecer o talento destes jovens astros.
Aline M. de Matos
(Brasília — DF)

Capas de SET

Acho que as últimas capas de SET andam muito sem criatividade, pois só trazem fotos posadas de atores famosos, como Jack Nicholson (n.º 5, ano 4) e Kevin Costner (n.º 2, ano 4).
Marcelo Tadeu
(Santo Amaro — SP).

Onde estão as grandes estrelas do cinema atual? Madonna, Julia Roberts, Sigourney Weaver... Nas capas de SET é que não estão.
Flávio Pereira Reis
(Rio de Janeiro — RJ)

Sigourney

Fox

Acompanho com interesse a seção Cartas e a polêmica criada em relação às capas de SET e aos pedidos de reportagem com determinados atores e filmes. Sei que é difícil agradar a todos, e, principalmente, atualmente as pessoas desconhecem os grandes atores do cinema e preferem filmes de horror,

pancadarias, músculos e sexo. As revistas e o próprio cinema só divulgam coisas desses gêneros, pois o retorno financeiro é garantido. Mas será que não existe uma alternativa? Teria o "culto ao ídolo" desaparecido?
Sebastião Luz de Brito
(São Paulo — SP)

Filmes Eróticos

Gostaria de saber por que SET discrimina os vídeos eróticos. Por SET não dar dicas dos lançamentos, sou obrigado a procurá-las em outras fontes e preferiria investir em produtos nacionais.
Luiz C. Vieira
(Rio de Janeiro — RJ)

Protesto pela falta de atenção de SET aos videomaníacos de filmes eróticos. Da mesma forma que publicou a reportagem com a Cicciolina (n.º 5, ano 1), SET deveria abordar tais assuntos.
João Michel Alvarez
(Barretos — SP)

Julia Roberts

Não entendo a cisma do correspondente José Emílio Rondeau, em suas críticas muito reduzidas, com os filmes *Flores de Aço* (n.º 4, ano 4) e *Uma Linda Mulher* (n.º 7, ano 4). O ponto comum entre estes filmes é a revelação da supertalentosa e bela Julia Roberts. Não ficaremos surpresos se ela for indicada ao Oscar 91 pela atuação em *Uma Linda Mulher*.
Francisco T. de Oliveira
(Maceió — AL)

Fãs-clubes

Fã-clube Cinema e Vídeo. Endereço: rua Maurício Jacquey, 96, São Bernardo do Campo, São Paulo — SP (CEP 09735)
Jorge Petru

Quero saber se existe algum fã-clube da dupla O Gordo e o Magro. Endereço: rua Mirabela, 424/204, Belo Horizonte — MG (CEP 31080)
Walter Millard

Peço que fãs-clubes, cineclubes e videoclubes entrem em contato comigo. Endereço: rua Tenente Cleto Campelo, 156, Aracaju — SE (CEP 49070)
José Anselmo Júnior

Troco correspondência e material com quem curte John Landis, John Belushi, Dan Aykroyd, Michelle Pfeiffer e Kim Basinger. Endereço: rua Corrêa Dutra, 137, ap. 404, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22210)
Julio Cesar de O. Pinto

Bruce Lee Jun Fan-Club. Endereço: rua Carvalho Pinto, 127, Quatá — SP (CEP 19780)
Aparecido R. Caetano Ferreira

Quero me corresponder com videomaníacos de filmes pornográficos. Endereço: Caixa Postal 421, Botucatu — SP (CEP 18600)
Marta J. França

Quero me corresponder com fãs do ator James Dean. Endereço: S.Q.N. 113 Bl. "E", ap. 205, Brasília — DF (CEP 70763)
Erika Patrícia Sírio

Gostaria de me corresponder com algum fã-clube dos atores Tom Cruise, Ralph Macchio, Mel Gibson e Johnny Depp. Endereço: rua da Imprensa, 250, São José do Rio Preto — SP (CEP 15013)
Thays Leussi Devasio

Gostaria de corresponder-me com leitores para trocar idéias sobre cinema. Endereço: Caixa Postal 1551, Salvador — BA (CEP 40000)
J. Roberto Marques

Fã-clube Rita Hayworth, Jayne Mansfield e James Dean. Endereço: rua Praia de Camboinhas, 9035, Q. 44 CJ, Natal — RN (CEP 59085)
Jorge Harum B. de Araújo

Desejo me corresponder com fãs de Tom Hanks. Endereço: praça da República, 272, São Paulo — SP (CEP 01045)
Carlos Sérgio

Gostaria de me corresponder com pessoas que gostem dos filmes clássicos e seus atores, como Humphrey Bogart, Errol Flynn e Orson Welles. Endereço: rua Mário de Andrade, 52, Mococa — SP (CEP 13730)
Geraldo José Porto

Quero entrar em contato com todas as pessoas que admirem o trabalho de Harrison Ford. Endereço: rua Luís Loureiro, 66, São Paulo — SP (CEP 02225)
Geraldine A. Nakamura

Fã-clube Steven Spielberg. Endereço: rua Central, 484, Três Barras — SC (CEP 89490)
Joe Francisco

Estou tentando localizar alguém que saiba o endereço da atriz Amanda Peterson, de *Namorada de Aluguel*. Endereço: rua Domingos Cordeiro, 610, Campo Largo — PR (CEP 83600)
Adriano Bronholo

Quero me corresponder com quem tenha informações sobre as seguintes atrizes: Kim Richards, Sabrina Siahi, Kelly McGillis, Anne Bancroft. Endereço: rua Alcides Cruz, 465, ap. 36, Porto Alegre — RS (CEP 90610)
Fernanda Tarcila E. Dutra

Sou Fã do ator Michael J. Fox e quero entrar em contato com algum fã-clube. Endereço: rua Marechal Rostimphilo de Moura, 338, Portal do Morumbi F-21A, São Paulo — SP (CEP 05640)
Renata Solano

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 424-1655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante L_____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

SET-10

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson Pedro Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Coordenação de Produção: Marcelo de Castro
Atendimento ao Leitor: Ana Lucia Romanin
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Colaboradores: Críticos - Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Celso Alvez Cruz, Celso Pucci, Daniel Benevides, David França Mendes, Fátima Gigliotti, Felipe Soares, Guilherme Letsz, Isabella Rocha e Silva, Jairo Tadeu Longhi, José Carlos Avellar, Manuela Paixão, Marcos Smirkoff, Moisés Liporage, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani. **Fotografia** - Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes, Thais Helena de Souza Juarez.

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Márcia Leticia L. L. Amaral, José Estevão Favaro
Diretor - RJ: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica: Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, RS, (0482) 33-7622, SC
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia Fone: (031) 222-5594

Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Gerente: José Carlos Boldarine
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 22 de outubro a 24 de novembro.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Quero me corresponder com amantes de Michelle Pfeiffer, Mel Gibson e Meryl Streep. Endereço: rua Guaíra, 230, ap. 12, Belo Horizonte — MG (CEP 30770)
Flávia Roberta de Martins y Miguel

Meryl
Fox

Troco correspondência com leitores que curtem o mundo maravilhoso do cinema. Endereço: rua Augusto Alves, 67, Juiz de Fora — MG (CEP 36050)
Leonardo R. dos Santos

Quero me corresponder com quem saiba tudo a respeito de Maria Conchita Alonso. Endereço: avenida Santos Dumont, 1717, setor aeroviário, Araguaina — TO (CEP 77800)
Mazzola Oliveira

Troco correspondência com cinéfilos que curtem o gênero *noir* da década de 40 e musicais da Metro de 40 e 50. Endereço: rua Tenente Fortuna, 53, Jaboatão — PE (CEP 54120)
Antonio Machado Neto

Procura-se desesperadamente um fã-clube do ator Kevin Costner. Endereço: rua C 4, 10, Serra — ES (CEP 29160)
Natalie Supeletto Gomes

Costner
Orion

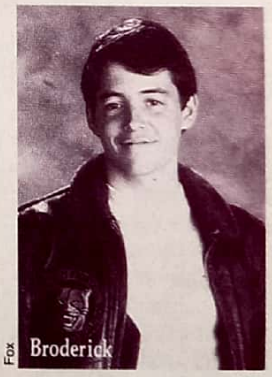
Quero entrar em contato com fãs-clubes de Tom Cruise. Endereço: rua 2 de Novembro, 1184, Viamão B. Tarumã — RS (CEP 94400)
Adriane F. Moreira

Quero trocar correspondência com cinéfilos inveterados. Endereço: rua Desembargador Francisco Luís, 167, Recife — PE (CEP 50711)
Oswaldo Ferreira

Troco correspondência com admiradores da sétima arte. Endereço: rua Nossa Senhora Auxiliadora, 84, Niterói — RJ (CEP 24020)
José Luiz R. Albernaz

Troco correspondência com fãs de Barbra Streisand. Endereço: rua dos Ingleses, 600, 16.º andar, São Paulo — SP (CEP 01329)
Thander Easton

Quero me corresponder com admiradores de Mathew Broderick e Daniel Day Lewis. Endereço: rua Professor Câmara, 684, Campina Grande — PB (CEP 58100)
Elaine G. de Melo


Broderick
Fox

Correio entre os Leitores

Vendo livros e gravações de trilhas sonoras relacionados com cinema. Endereço: rua do Rezende, 103/202, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20231).
José Fernandes de Campos

Compro gravação em VHS da cerimônia do Oscar de 1986. Endereço: S.Q.N. 203, Bl. "G", ap. 402, Brasília — DF (CEP 70833)
Aline M. de Matos

Compro pôsteres das trilogias *Indiana Jones* e *De Volta para o Futuro*. Endereço: rua Luís Silgueira Souto, 287, São Paulo — SP (CEP 05122)
Fernanda Siqueira da Cruz

Compro edição n.º 5, ano 1, de SET em bom estado de conservação com as fichas de cine e vídeo. Endereço: rua Alamanda, 3466, Natal — RN (CEP 59065)
Robson E. C. Medeiros

Troco fotos de atores e atrizes por material sobre Mel Gibson. Endereço: rua Dr. Adolfo B. de Menezes, 155, Taubaté — SP (CEP 12090)
Yara S. Fujikaki

Compro gravações em VHS das cerimônias dos Oscar 1982 e 1988. Endereço: rua Lourenço Dias, 85, Araras — SP (CEP 13600)
Marcelo Celoto

Vendo pôsteres dos filmes *Ases Indomáveis* e *As Bruxas de Eastwick* e cartazes de outros vários filmes. Endereço: rua Joaquim V. S. Camargo, 152, Campinas — SP (CEP 13060)
Alexandre Penteado

Troco materiais sobre cinema por qualquer material de Tom Hanks. Endereço: Vila Militar QD Bl. 04, ap. 101, Salvador — BA (CEP 41600)
Simone Crespo

Coleciono fitas de vídeo com musicais de rock and roll dos anos 50 e 60 e quero trocá-las por outras fitas. Endereço: Caixa Postal 15577, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20230)
Roberto Nunes

Tenho reportagens sobre Madonna e quero trocá-las pelo pôster de *Blade Runner*, *O Grande Dragão Branco* e *RoboCop*. Endereço: rua Independência, 2829, ap. 42, São José do Rio Preto — SP (CEP 15015)
André Brandão de Melo

Cartas para Diretor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

FILMOGRAFIAS

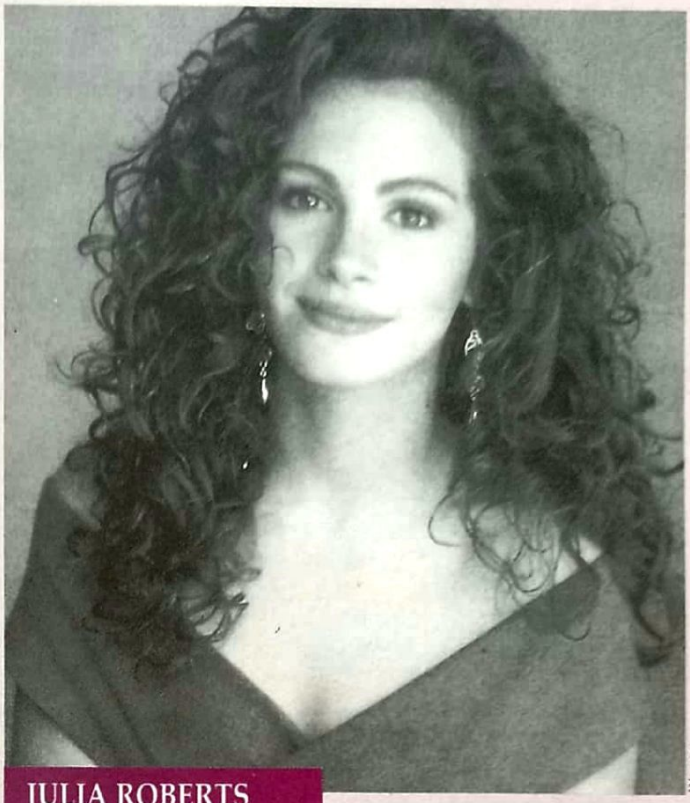
Columbia

ELIZABETH TAYLOR

Elizabeth Rosemond Taylor nasceu em 27 de fevereiro de 1932, em Londres, Inglaterra.

1942: THERE'S ONE BORN EVERY MINUTE (de Harold Young) ■ 1943: A FORÇA DO CORAÇÃO (*Lassie Come Home*, de Fred M. Wilcox) ■ 1944: JANE EYRE (de Robert Stevenson); A MOCIDADE É ASSIM MESMO (*National Velvet*, de Clarence Brown); EVOCAÇÃO (*The White Cliffs of Dover*, de Clarence Brown) ■ 1946: A CORAGEM DE LASSIE (*Courage of Lassie*, de Fred M. Wilcox) ■ 1947: AS DELÍCIAS DA VIDA (*Cynthia*, de Robert E. Leonard); NOSSA VIDA COM PAPAI (*Life with Father*, de Michael Curtiz) ■ 1948: O PRÍNCIPE ENCANTADO (*A Date with Judy*, de Richard Thorpe); AS TRAVESSURAS DE JÚLIA (*Julia Misbehaves*, de Jack Conway) ■ 1949: QUATRO DESTINOS (*Little Women*, de Mervyn LeRoy) ■ 1950: O TRAIDOR (*Conspirator*, de Victor Saville); A VERDADE NÃO SE DIZ (*The Big Hangover*, de Norman Krasna); O PAPAI DA NOIVA (*Father of the Bride*, de Vincent Minnelli) ■ 1951: O NETINHO DO VOVÔ (*Father's Little Dividend*, de Vincent Minnelli); *UM LUGAR AO SOL (*A Place in the Sun*, de George Stevens); QUO VADIS? (de Mervyn LeRoy); ESPERTO CONTRA ESPERTO (*Callaway Went Thataway*, de Norman Panama e Melvin Frank) ■ 1952: É DESTE QUE EU GOSTO (*Love is Better than Ever*, de Stanley Donen); IVANHOÉ (de Richard Thorpe) ■ 1953: A JOVEM QUE TINHA TUDO (*The Girl who Had Everything*, de Richard Thorpe) ■ 1954: RAPSÓDIA (*Rhapsody*, de Charles Vidor); NO CAMINHO DOS ELEFANTES (*Elephant Walk*, de William Dieterle); O BELO BRUMMELL (*Beau Brummell*, de Curtis Bernhardt); *A ÚLTIMA VEZ QUE VI PARIS (*The Last Time I Saw Paris*, de Richard Brooks) ■ 1956: *ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE (*Giant*, de George Stevens) ■ 1957: A ÁRVORE DA VIDA (*Raintree Country*, de Edward Dmytryk) ■ 1958: GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE (*Cat on a Hot Tin Roof*, de Richard Brooks) ■ 1959: DE REPENTE, NO ÚLTIMO VERÃO (*Suddenly Last Summer*, de Joseph L. Mankiewicz) ■ 1960: SCENT OF MYSTERY (de Jack Cardiff); DISQUE BUTTERFIELD 8 (*Butterfield 8*, de Daniel Mann) ■ 1963: CLEÓPATRA (*Cleopatra*, de Joseph L. Mankiewicz); GENTE MUITO IMPORTANTE (*The VIPs*, de Anthony Asquith) ■ 1964: BECKET (de Peter Glenville) ■ 1965: ADEUS ÀS ILUSÕES (*The Sandriper*, de Vincent Minnelli) ■ 1966: QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF? (*Who's Afraid of Virginia Woolf?*, de Mike Nichols) ■ 1967: A MEGERA DOMADA (*The Taming of the Shrew*, de Franco Zefirelli); *O PECADO DE TODOS NÓS (*Reflections in a Golden Eye*, de John Huston); OS FARSANTES (*The Comedians*, de Peter Glenville) ■ 1968: *DOUTOR FAUSTO (*Dr. Faustus*, de Richard Burton e Nevill Coghill); O HOMEM QUE VEIO DE LONGE (*Boom!*, de Joseph Losey); CERIMÔNIA SECRETA (*Secret Ceremony*, de Joseph Losey) ■ 1969: ANA DOS MIL DIAS (*Anne of the Thousand Days*, de Charles Jarrott) ■ 1970: JOGO DE PAIXÕES (*The Only Game in Town*, de George Stevens) ■ 1972: X, Y E Z (*Zee and Company/X, Y and Zee*, de Brian G. Hutton); UNIDOS PELO MAL (*Hammersmith Is Out*, de Peter Ustinov); UNDER MILK WOOD (de Andrew Sinclair) ■ 1973: VIGÍLIA NAS SOMBRAS (*Night Watch*, de Brian G. Hutton); MEU CORPO EM TUAS MÃOS (*Ash Wednesday*, de Larry Peerce) ■ 1974: ERA UMA VEZ EM HOLLYWOOD (*That's Entertainment*, de Jack Haley Jr.); O CASO DE UMA VIDA (*Identikit/The Driver's Seat*, de Giuseppe Patroni Jr.) ■ 1976: O PÁSSARO AZUL (*The Blue Bird*, de George Cukor); *MORTE NO INVERNO (*Winter Kills*, de William Richert) ■ 1978: A LITTLE NIGHT MUSIC (de Harold Prince) ■ 1980: *A MALDIÇÃO DO ESPELHO (*The Mirror Crack'd*, de Guy Hamilton) ■ 1989: YOUNG TOSCANINI (de Franco Zefirelli)

Para a TV: 1963: ELIZABETH TAYLOR IN LONDON (documentário) ■ 1968: AROUND THE WORLD OF MIKE TODD (documentário) ■ 1970: HERE'S LUCY (episódio de 14 de setembro) ■ 1973: *OS DIVORCIADOS DO SÉCULO (*Divorce His, Divorce Hers*, de Warris Hussein) ■ 1976: VITÓRIA EM ENTEBBE (*Victory at Entebbe*, de Marvin Chomsky) ■ 1978: HALLMARK HALL OF FAME (episódio *Return Engagement*, de Joseph Hardy) ■ 1983: BETWEEN FRIENDS (de Lou Antonio) ■ 1984: THE LAUNDROMAT (de Robert Altman) ■ 1985: MALÍCIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS (*Malice in Wonderland*, de Gus Trikonis) ■ 1986: SEMPRE HAVERÁ UM AMANHÃ (*There Must Be a Pony*, de Joseph Sargent) ■ 1987: *POKER ALICE (de Arthur Allan Seidelman)



Warner

JULIA ROBERTS

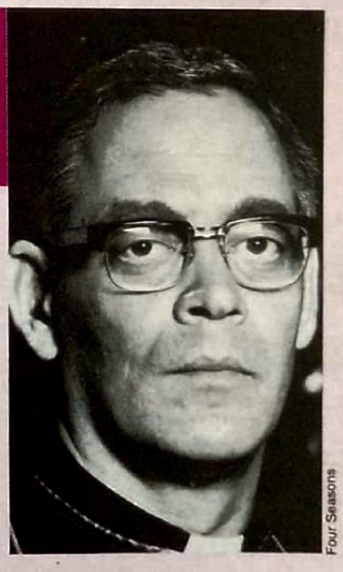
Nasceu em 1967, em Smyrna, Georgia, EUA.

1986: BLOOD RED (não exibido) ■ 1988: SATISFACION (de Joan Freeman); TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES (*Mystic Pizza*, de Donald Petrie) ■ 1989: FLORES DE AÇO (*Steel Magnolias*, de Herbert Ross) ■ 1990: UMA LINDA MULHER (*Pretty Woman*, de Gary Marshall); LINHA MORTAL (*Flatliners*, de Joel Schumacher); SLEEPING WITH THE ENEMY (de Joe Ruben, em filmagem)

Para a TV: 1988: BAJA OKLAHOMA (de Bobby Roth)

RAUL JULIA

Raul Rafael Carlos Julia y Arcelay nasceu em 9 de março de 1940 em San Juan, Porto Rico.



Four Seasons

1971: THE ORGANIZATION (de Don Medford); BEEN DOWN SO LONG IT LOOKS LIKE UP TO ME (de Jeffrey Young); THE PANIC IN NEEDLE PARK (de Jerry Schatzberg) ■ 1976: GUMBALL RALLY (de Chuck Bail) ■ 1978: *OS OLHOS DE LAURA MARS (*The Eyes of Laura Mars*, de Irvin Kershner) ■ 1979: STRONG MEDICINE (de Richard Foreman) ■ 1980: TEMPESTADE (*Tempest*, de Paul Mazursky) ■ 1982: ESCAPE ARTIST (de Caleb Deschanel); O FUNDO DO CORAÇÃO (*One from the Heart*, de Francis Ford Coppola) ■ 1985: *POSIÇÕES COMPROMETEDORAS (*Compromising Positions*, de Frank Perry); O BEIJO DA MULHER ARANHA (*The Kiss of Spider Woman*, de Hector Babenco); *PROJETO CASABLANCA (*Overdrawn at the Memory Bank*, de George Williams) ■ 1986: A MANHÃ SEGUINTE (*The Morning After*, de Sidney Lumet) ■ 1988: THE PENITENT (de Cliff Osmond); *LUAR SOBRE PARADOR (*Moon Over Parador*, de Paul Mazursky); *CONSPIRAÇÃO TEQUILA (*Tequila Sunrise*, de Robert Towne); TANGO BAR (de Marcos Zurinaga) ■ 1989: ROMERO (de John Duigan); MACK, THE KNIFE (de Menahem Golan) ■ 1990: FRANKEINSTEIN — UM MONSTRO DAS TREVAS (*Frankenstein Unbound*, de Roger Corman); ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA (*Presumed Innocent*, de Alan J. Pakula)

Para a TV: 1974: ACES UP (de Sheldon Leonard) ■ 1986: *FUGA DO INFERNO (*Floriaa Straits*, de Mike Hodges)

* Disponível em vídeo

PROMOÇÃO

DE VOLTA PARA O FUTURO PARTE II

RESULTADO

A promoção do filme **De Volta para o Futuro Parte III** veiculada na edição de junho de SET foi um sucesso absoluto. A distribuidora brasileira do filme, a United International Pictures (UIP), recebeu 15 mil cartas e **De Volta para o Futuro Parte III** foi assistido por quase 2 milhões de espectadores. O primeiro prêmio era uma passagem de ida e volta aos Estados Unidos, com direito a um acompanhante e uma visita aos novos estúdios da Universal Studios Flórida. O sorteio, realizado em 24 de agosto, contemplou também mais 50 concorrentes, que receberam uma fita do **De Volta para o Futuro Parte II**, da CIC Vídeo. Os resultados da promoção são os seguintes: a passagem para Miami saiu para o carioca Mário Braga, desenhista de 31 anos. As fitas de vídeo saíram para João Leonardo de Almeida (Rio de Janeiro); Vilma Bretz Costa (Rio de Janeiro); Maria Paula Polidoro (Caxias do Sul/RS); Lírica Gaito (Rio de Janeiro); Endrigo G. Roberto Miceli (Rio de Janeiro); Míriam da Silva (São Paulo); David Moura de Castro (Ilha do Governador/RJ); Igor Pavlichenko (Rio de Janeiro); Giovanni Carlos Berni (Rio de Janeiro); Sabrina Boeing (Rio de Janeiro); Daniel Cordeiro (Rio de Janeiro); Luiz Eugênio Martins (Rio de Janeiro); Rafael G. Guedes (Rio de Janeiro); Nádia E. Costa F. Nunes (Rio de Janeiro); Elaine Gabriel Carneiro (Magé/RJ); Bruno Pauletti (Rio de Janeiro); Maria Odete Pedrosa Veloso (Rio de Janeiro); Alexandre Bertalan Jr. (Rio de Janeiro); Ricardo Malheiros (Rio de Janeiro); Sérgio B. Serraballe (Matatú/BA); Rachel Bull (Rio de Janeiro); Regina C. Rodrigues (Rio de Janeiro); Luciana Ponce L. de Morais (Rio de Janeiro); Nílson da Silva (Castro/PR); Lara D.S. Maida (Florianópolis/SC); Ângelo Bustani Loss (Niterói/RJ); Sheila Maria da S. Machado (Macapá/AP); João Carlos S. Ozzi (Rio de Janeiro); Sônia Rezende (Brasília/DF); Antônio João Dantas (Rio de Janeiro); Cristina Hodge (Rio de Janeiro); Marcus Vinícius R. Moreira (Resende/RJ); Guilherme Bussing (São Paulo); Rita de Cássia Melo da Silva (Rio de Janeiro); Alessandra Aoki (São Paulo); Flávia Ferraz (Rio de Janeiro); Felipe S. Maia da Silva (Rio de Janeiro); Nery A. Nader Jr. (Mafra/SC); Márcio M. Yakabataki (São Paulo); Felipe de Jesus Ferreira Leite (Rio de Janeiro); Marília W. Max (Uberaba/MG); Pedro Rodrigo de Carvalho (Rio de Janeiro); Gabriela Belbach (Fortaleza/CE); Zilton Alencar Jr. (Olinda/PE); Bruna Fanti Jasmim (Petrópolis/RJ); Eduardo Augusto de Souza Rosário (Rio de Janeiro); Lara Lemos de Freitas (Piraí/RJ); Anna Carla dos Santos Rocha (Niterói/RJ); Ketlein T. Amorim (Rio de Janeiro); Marize R. Siqueira Lins (Rio de Janeiro).

UNIVERSAL 75th ANNIVERSARY AN MCA COMPANY
CIC VIDEO
CLUBE TURISMO
UNIVERSAL STUDIOS Florida
RÁDIO CIDADE
JORNAL DO BRASIL

por Guilherme Letsz

O ANJO EXTERMINADOR

(El Angel Exterminador, 1962)

— Quer ir ao cinema?
— Quero. Qual filme?
— *O Anjo Exterminador*... do Buñuel.
— Preto-e-branco! Deste diretor complicado! Será que você não escolhe um outro filme?

Agora já chega! Quarta e última tentativa. Madonna e John Travolta, com certeza, fariam mais sucesso. Também quem manda curtir pérolas cinematográficas!? O jeito é ir sozinho...

Saio de casa. Chove. Tempo propício para sonhar... Bom seria estar acompanhado de Greta Garbo!

Chego adiantado na Cinemateca. Pra passar o tempo, vou até a livraria e procuro um cartão-postal de um filme nacional, que será enviado a uma amiga em Paris, que o pregará num mural de um cineclube do Quartier-Latin. Heróica contribuição para a divulgação do cinema brasileiro!

Subo as escadas, vou até o bar, acendo um cigarro, tomo uma cervejinha e reparo numa menina que eu conheço de um filme do Truffaut (encontrei-a aqui, neste mesmo lugar); tem uma outra, de cabelos encaracolados, que já encontrei duas vezes na fila de *Asas do Desejo;* tem também uma japonesa da mostra do Ozu; se procurasse mais atentamente, encontraria uma russa da mostra do Tarkovski... Já fico imaginando um roteiro: três lindas meninas apaixonadas por filmes antigos vêem, de relance, na saída da Cinemateca, três anjos (Yasujiro, François e Andreï). Enlouquecidas, percorrem os cinemas da cidade em busca dos anjos.

Olho, um pouco, o resto do público: um colegial matando aula, uma simpática senhora sacrificando a hora do chá, um executivo neurótico roendo unhas — todos nós unidos por uma mesma condição: cinematograficamente sós.

O sino toca, o público entra, as luzes se apagam, o filme começa.

Na primeira cena, no portão, um garçom discute com seu chefe (o maître), recusa-se a trabalhar e parte. O maître, um pouco enfurecido, retorna à enorme mansão e continua os preparativos para a festa de logo mais à noite.

Sem nenhuma razão aparente, os empregados da mansão (com exceção do maître) vão indo embora.

Simultaneamente, vão entrando os convidados: riquíssimos burgueses.

O dono da casa os recebe, guarda seus casacos e os leva até a sala de jantar. No primeiro prato, o maître tropeça e o prato se espatifa. Gargalhada geral.

O jantar prossegue, as pessoas conversam animadamente, cada um fala um pouco da vida do outro. Acabado o jantar, todos se encaminham até uma sala, onde ouvirão uma das convidadas tocar piano. Depois do recital, os convivas, cada um por si, manifestam a intenção de ir embora. Todavia, algo estranho (ainda não claramente percebido) os impede de sair; um a um, vão deitando onde lhes parece confortável (a mesa, o chão, o sofá) e acabam dormindo. Amanhece, eles tomam o café improvisadamente preparado, e aí não restam dúvidas, há uma misteriosa barreira que os aprisiona.

Irão ficar dentro da enorme mansão, num processo de decadência até atingir um estágio de putrefação total (dois cadáveres fedem). No final, cogitam em comer carne humana.

O Anjo Exterminador é, também, um filme sobre a solidão. Seus personagens não conseguem conviver entre si por um longo período (quando fazem isso, matam-se uns aos outros) e não conseguem ficar sozinhos. São seres divididos, desunificados, verdadeiros cacos humanos que se misturam para tentar suportar a própria existência.

De outro lado, nós, os solitários da Cinemateca, durante o filme, de um jeito ou de outro, acabamos nos encontrando; nos sentimos plenos, inteiros, recheados com um novo olhar sobre a vida.

Isso me fez pensar em algo que Kurosawa disse, olhando para o monte Fuji: "Não será o cinema, em sua essência, um verdadeiro exercício de amizade?"

Guilherme Letsz é bacharel em Direito, ficcionista e
rato da Cinemateca Brasileira.

Sagres

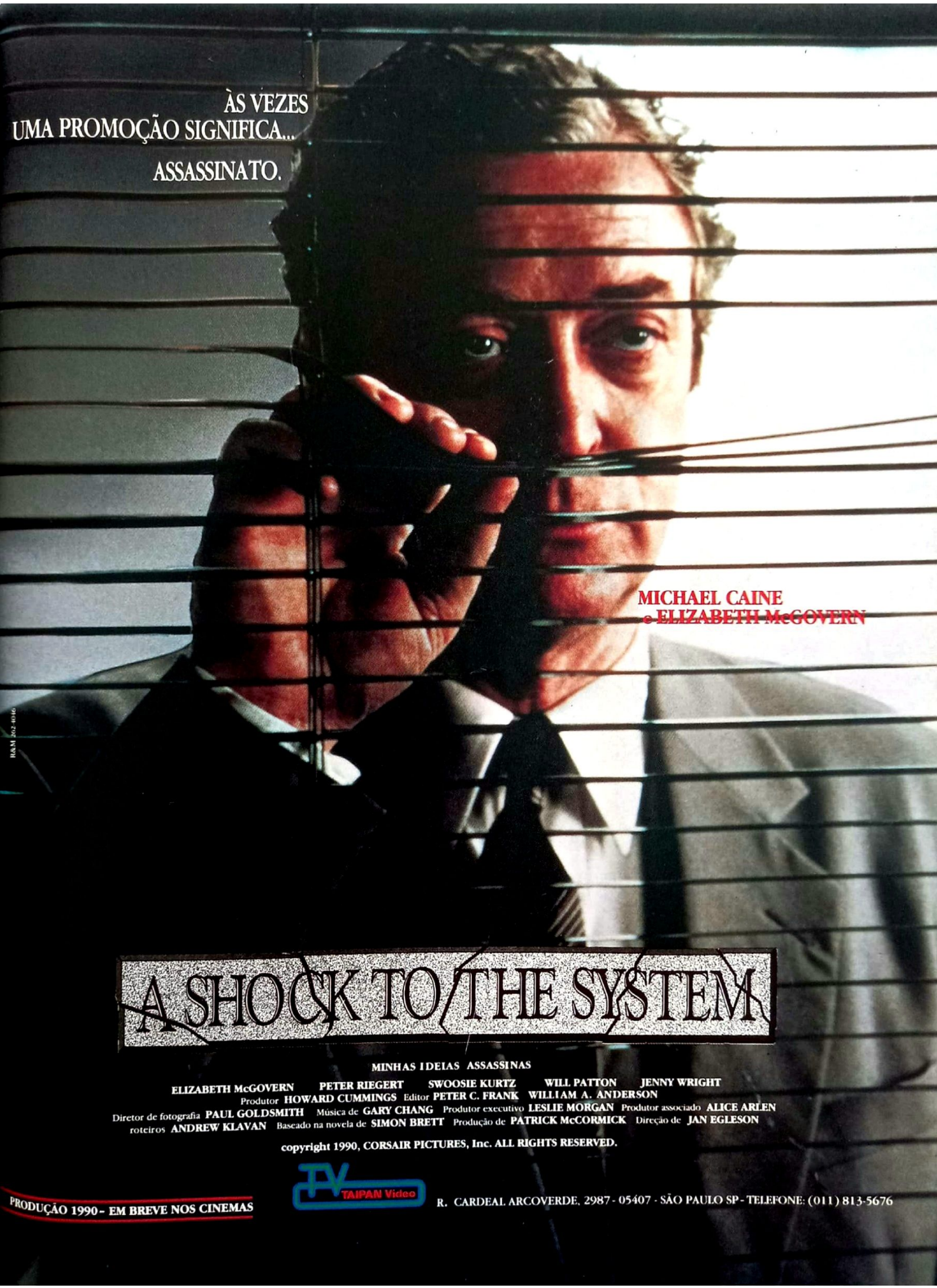
Os convivas relaxam mais do que devem em *O Anjo Exterminador*

O Anjo Exterminador é distribuído em vídeo pela Sagres

Rendam-se, terráqueos!

Vênus em poncho, vulgo Rachel Welch, no filme *Hannie Caulder*, de 1971

Câmera Press/Terry O'Neith (Nostalgia)



MINHAS IDEIAS ASSASSINAS

ELIZABETH McGOVERN PETER RIEGERT SWOOSIE KURTZ WILL PATTON JENNY WRIGHT

Produtor HOWARD CUMMINGS Editor PETER C. FRANK WILLIAM A. ANDERSON

Diretor de fotografia PAUL GOLDSMITH Música de GARY CHANG Produtor executivo LESLIE MORGAN Produtor associado ALICE ARLEN

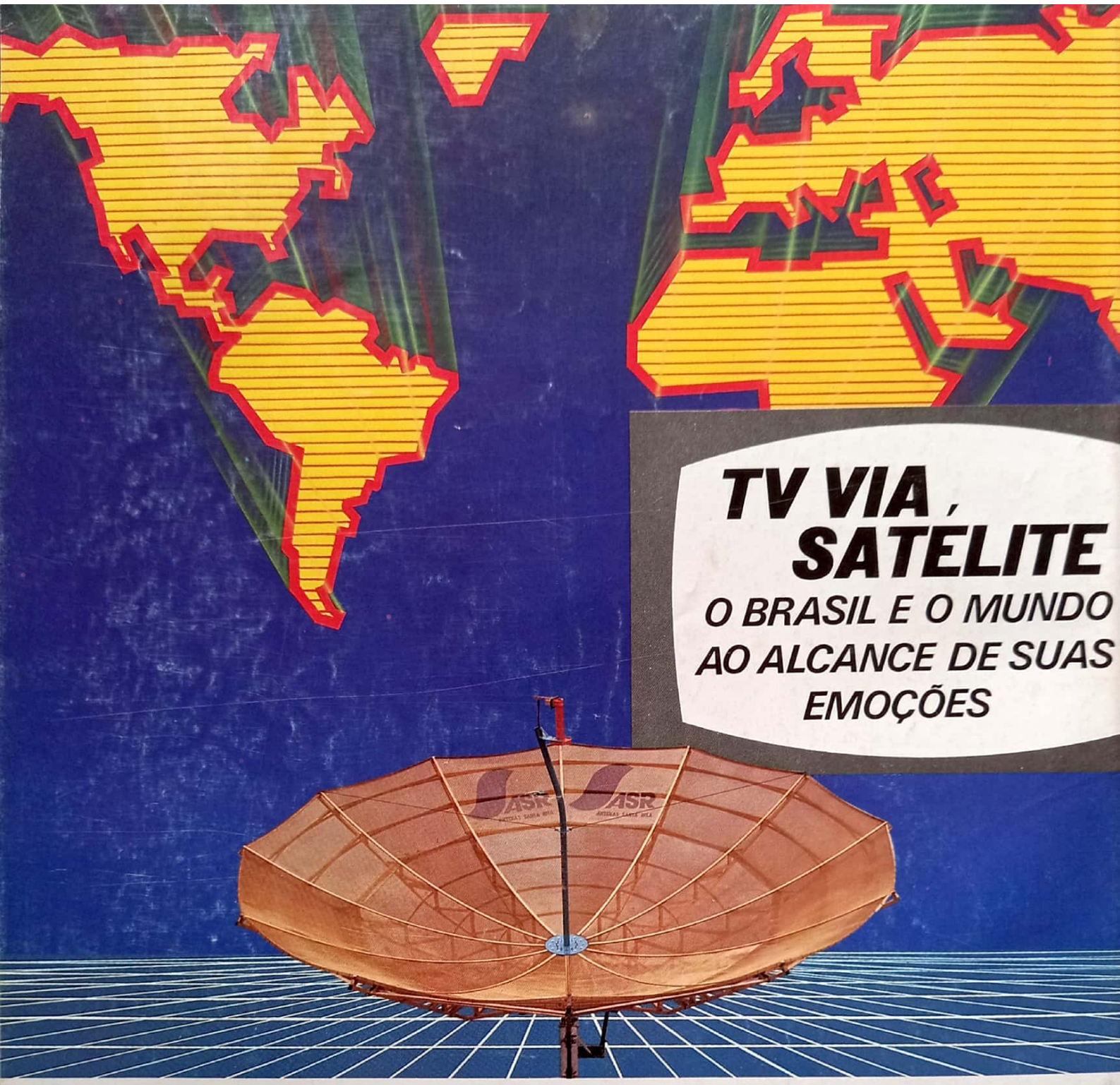
roteiros ANDREW KLAVAN Baseado na novela de SIMON BRETT Produção de PATRICK McCORMICK Direção de JAN EGLESON

copyright 1990, CORSAIR PICTURES, Inc. ALL RIGHTS RESERVED.

PRODUÇÃO 1990 - EM BREVE NOS CINEMAS

TAIPAN Video

R. CARDEAL ARCOVERDE, 2987 - 05407 - SÃO PAULO SP - TELEFONE: (011) 813-5676



Entramos na última década deste milênio completando 33 anos de trabalho sério e honesto, que trouxe para a marca Antenas Santa Rita um nome com confiança e credibilidade no mercado de Antenas Parabólicas, de Telecomunicações e Recepção de TV e FM.

Assim é que, apesar das medidas econômicas geradas pelo Plano Collor, continuamos acreditando no nosso Brasil, mantendo nossos investimentos nas áreas:

TECNOLOGICA (desenvolvimento de novos produtos);

PRODUTIVA (ampliação de nosso parque industrial) e

INSTITUCIONAL (divulgação em ambito nacional da nossa marca), visando um crescimento de nossos produtos nos mercados Nacional e Internacional.

Como resultado deste esforço consciente, ético e profissional, a Antenas Santa Rita:

- Representa com exclusividade no Brasil os receptores UNIDEN, de última geração, fornecidos direto da fábrica com garantia e assitência técnica.
- É a única empresa brasileira a exportar Antenas Parabólicas de Satélite para os Estados Unidos.

A nossa meta maior é a sua satisfação com nossos produtos, a LIDERANÇA é uma consequência.

Exija esta marca

ASR

Antenas Santa Rita

ASR TELECOMUNICAÇÕES S/A

Rua Cidade de Bagdá, 529 - CEP 04377 - São Paulo - SP.

Fone (011) 563-9500 - Telex 11.56203 - Fax (011) 563-411